



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA**

HEIDE MATOS DUARTE

**“DE QUE ÁFRICA VOCÊ VEM?”: UMA ANÁLISE DE ESTEREÓTIPOS A PARTIR
DOS RELATOS DE EXPERIÊNCIA DE ALUNOS AFRICANOS DO PEC-G DA
UFBA**

**Salvador
2019**

HEIDE MATOS DUARTE

**“DE QUE ÁFRICA VOCÊ VEM?”: UMA ANÁLISE DE ESTEREÓTIPOS A PARTIR
DOS RELATOS DE EXPERIÊNCIA DE ALUNOS AFRICANOS DO PEC-G DA
UFBA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia – UFBA, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof. Dra. Lívia Márcia Tiba Rádís Baptista

**Salvador
2019**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA), com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Duarte, Heide Matos
"DE QUE ÁFRICA VOCÊ VEM?": UMA ANÁLISE DE ESTEREÓTIPOS A PARTIR DOS RELATOS DE EXPERIÊNCIA DE ALUNOS AFRICANOS DO PEC-G DA UFBA / Heide Matos Duarte. -- Salvador, 2019.
220 f.

Orientador: Lívia Márcia Tiba Rádis Baptista.
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura) -- Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2019.

1. Estereótipos. 2. África. 3. Identidades. 4. Ensino de Línguas. 5. Políticas de Ensino. I. Tiba Rádis Baptista, Lívia Márcia. II. Título.

HEIDE MATOS DUARTE

**“DE QUE ÁFRICA VOCÊ VEM?”: UMA ANÁLISE DE ESTEREÓTIPOS A PARTIR
DOS RELATOS DE EXPERIÊNCIA DE ALUNOS AFRICANOS DO PEC-G DA
UFBA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia – UFBA, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof. Dra. Lívia Márcia Tiba Rádís Baptista

Aprovado em _____ de _____ de 2019

Banca examinadora

Professora Orientadora: Prof^a Dra. Lívia Márcia Tiba Rádís Baptista

(Titular) Prof.^a Dra. Denise Maria Oliveira Zoghbi (UFBA)

(Titular) Prof.^a Dra. Maria Auxiliadora de Jesus Ferreira (UNEB)

(Suplente) Prof. Dr. Sandro Marcio Drumond Alves Negro (UFMG)

(Suplente) Prof.^a Dra. Suzane Lima Costa (UFBA)

À memória de todas as mulheres e homens africanos que foram escravizados e trazidos à força para as terras brasileiras, e que construíram, junto com outros povos autóctones e imigrantes, a identidade cultural deste país, o Brasil, e que sofreram injustiças raciais e sociais, que foram e ainda são mortos pela ganância, desigualdade e violência de um sistema estruturado no racismo, sendo, desta forma, impedidos de viver a liberdade, que é inata a todos os seres deste mundo e de outros.
Axé!

Dedico, também, esta dissertação aos meus ex-alunos africanos, que agora são amigos, que me ensinaram tanto sobre suas culturas, desconstruíram preconceitos e me levaram para a África sem que eu precisasse sair da sala de aula. Até hoje, foram os quatro anos mais importantes da minha vida pessoal e profissional.
Serei eternamente grata.

AGRADECIMENTOS

A Deus, ao universo, aos meus guias espirituais, meu anjo da guarda e a meus orixás por abrirem os meus caminhos para a realização deste meu sonho pessoal e profissional. Eles estão sempre ao meu lado, me guiando, instruindo, me intuindo. Muito obrigada. Axé!

Em especial, agradeço a Iansã, a quem pedi e roguei diretamente para a conquista do mestrado. *Eparrei, Oya!*

À minha mãe, Janeide, e ao meu pai, Luiz, por terem me proporcionado uma educação pela qual me tornei uma mulher livre para fazer minhas escolhas, uma mulher forte, independente e que busca alcançar os planos profissionais com muita determinação. A vocês, meus pais, obrigada pela base durante a vida escolar, por compreenderem as minhas verdades e decisões, por acreditar em mim e por serem os melhores pais que eu poderia ter. Amo vocês imensuravelmente.

Aos meus avós, Lourdes, João (*in memoriam*), Nicinha (*in memoriam*) e Omar (*in memoriam*), por todo amor a mim ofertado durante a vida de vocês e por nunca terem deixado faltar nada, junto com meus pais, para que eu tivesse uma vida boa. Em especial à minha avó Lourdes, dedico este mestrado a ela, pois é a mulher mais forte que conheci na minha vida e que me ensinou que só o estudo nos leva a algum lugar. Amo vocês.

Aos meus irmãos, João e Lucas (*in memoriam*), pela parceria, amizade, amor e por tanta paciência. João, você é muito generoso comigo, obrigada por ser tão gentil e não me negar pedidos. Amo vocês.

Às minhas irmãs caninas, Luna e Loira, e a Bahia, meu outro irmão canino, pela alegria dos meus dias, principalmente nos dias mais difíceis, lambidas cheias de amor e a melhor companhia do mundo. Para sempre no meu coração. Amo vocês.

Aos meus alunos africanos do PEC-G da UFBA, agradeço imensamente todo o amor e respeito destes quatro anos de PROFICI, agradeço por me ensinarem tanto, por me mostrarem o melhor da África e por terem participado da pesquisa, narrando suas experiências com muita boa vontade e verdade. Vocês foram a melhor experiência da minha vida profissional até hoje. Grata para sempre. Amo vocês.

Às minhas amigas Cíntia e Karol e ao meu amigo Lucas, pela parceria, amizade, incentivo e apoio nesta jornada acadêmica rumo ao título de mestres. Não foi fácil, mas conquistamos, cada um no seu tempo e com a sua jornada, o nosso objetivo final. Lembrar sempre que “o caminho é longo, mas a vitória é certa”. Amo vocês.

Um abraço e agradecimento também especial a Tiago, meu corretor oficial da dissertação e Ximbinha nas horas vagas. Obrigada pela paciência e trabalho, querido.

À minha orientadora Lívia Baptista, pelo apoio, pela liberdade de escolha, pelo respeito, compreensão, paciência, ética e profissionalismo durante todo o trabalho e escrita da dissertação. Obrigada pelos dias de reunião, pelas risadas e por

compreender que somos seres humanos suscetíveis a erros e acertos, assim como, sensíveis, estressados e que merecem sempre uma oportunidade de fazer melhor. Obrigada, Lívia. Gratidão eterna pelo seu tempo disponível em ajudar o outro a crescer, evoluir e conquistar sonhos.

Ao professor Ricardo Gualda, meu coordenador do PROFICI, mas também professor da graduação em PLE, quem me deu a primeira oportunidade de ensinar PLE para os africanos, que acreditou em mim, no meu potencial, na minha paixão pelo projeto e pelos alunos. Mesmo depois do término da experiência do curso, uma pessoa que me guia pelo caminho do sucesso. Obrigada, Ricardo. Muito obrigada.

À minha família como um todo, tios, primos, amigos dos meus pais, em especial, às minhas primas Lívia e Fernanda, parceiras de vários momentos nestes 28 anos, incentivadoras, amigas, irmãs, ouvintes profissionais dos meus dramas, dúvidas e medos. Amo vocês, família. Amo vocês, priminhas.

Às minhas amigas e aos amigos, em especial: Adriele, Heide Xará, Lanuza, Luana Flora, Rafael Damascena, Simon, Alan e Eduardo, pelo apoio psicológico, material, pelo amor, incentivo e amizade de anos, por me ajudarem, também, no caminho espiritual, de mudanças internas, evolução e construção do amor – próprio. Em média, temos 10 anos de amizade, o que é suficiente para desejar a felicidade e o sucesso do outro mesmo que, às vezes, não estejamos tão próximos como gostaríamos. Lembro sempre de vocês e agradeço pelos melhores amigos que Deus me deu. Amo vocês.

;

À minha madrinha Dédé e aos meus padrinhos Duda e Kleber. Obrigada pelo amor, pela amizade, pelos conselhos, por estarem presentes em muitos momentos importantes e especiais da minha vida e com este não seria diferente. Amo vocês e tenho sorte de tê-los como segundos pais e mãe na minha vida.

Agradeço, também, a Catarina, Gustavo, Felipe e Juliana pela parceria nestes quatro anos de PROFICI. Crescemos juntos, construímos conhecimento e fomos parceiros muito um do outro. Obrigada por tudo, não seria tão bom sem vocês.

E, por último, um agradecimento, especial, aos professores e professoras participantes da minha banca, pela participação, colaboração, respeito, ética e profissionalismo. Obrigada.

Mil nações
Moldaram minha cara
Minha voz
Uso pra dizer o que se cala
Ser feliz no vão, no triste, é força que me embala

O meu país
É meu lugar de fala

Pra que separar?
Pra que desunir?
Por que só gritar?
Por que nunca ouvir?
Pra que enganar?
Pra que reprimir?
Por que humilhar?
E tanto mentir?!
Pra que negar
Que o ódio é que te abala?

O meu país
É meu lugar de fala

Mil nações
Moldaram minha cara
Minha voz
Uso pra dizer o que se cala
Ser feliz no vão, no triste, é força que me embala
O meu país
É meu lugar de fala

Pra que explorar?
Pra que destruir?
Por que obrigar?
Por que coagir?
Pra que abusar?
Pra que iludir?
E violentar
Pra nos oprimir?
Pra que sujar o chão da própria sala?

Nosso país
Nosso lugar de fala
O meu país
É meu lugar de fala
Nosso país
Nosso lugar de fala
Nosso país
Nosso lugar de fala

O que se cala - Elza Soares
Álbum "Deus é mulher", ano 2018

RESUMO

Esta dissertação foca-se na análise de estereótipos sobre a(s) cultura(s) africana(s) e também discute os processos de (res)significação das identidades dos alunos africanos do PEC-G (*Programa de Estudantes-Convênio de Graduação*), participantes do curso do PROFICI (*Programa de Proficiência em Língua Estrangeira para Estudantes e Servidores da UFBA*), na UFBA. A partir dos relatos de experiências desses alunos, cujo contato intercultural se dá em Salvador, durante o período de um ano, foram identificados e levantados os estereótipos de outrem sobre a África. Desse modo, dos relatos colhidos, foi realizada a escuta desses alunos quanto a que estereótipos sobre suas culturas africanas e sobre ser africano esses alunos experienciavam em seu contato com brasileiros em Salvador. Assim, analisou-se a presença de estereótipos negativos sobre o africano, de diversos países do continente, e de diversas culturas. A escolha, portanto, desse curso do PROFICI, como lugar para pesquisa, deveu-se ao fato de ter sido o espaço em que haveria um maior contato com alunos estrangeiros africanos, já que o PEC-G proporciona a vinda destes para o Brasil, levando em consideração o objetivo político-educacional deste programa, relacionado ao investimento brasileiro em relações internacionais com países em desenvolvimento, abrindo, deste modo, portas nas universidades brasileiras para estudantes de outros países da América Central e do Sul, Timor Leste e África. O PROEMPLE, curso de português para estrangeiros do PROFICI, desta forma, possibilita uma relação mais próxima com os sujeitos africanos e suas culturas, por isso, a partir deste contato, buscou-se responder à seguinte questão: *Como os estereótipos, construídos por outrem, sobre a África, (res)significam as identidades dos alunos africanos do PEC-G DA UFBA?* Para tanto, foram discutidos conceitos sobre identidade, cultura, racismo, preconceito e, além disso, como as aulas de PLE poderiam ajudar no debate e na desconstrução destes estereótipos negativos sobre a África, de forma a contribuir para uma educação crítica no contexto da contemporaneidade.

Palavras-chave: Estereótipos. Identidades. Língua estrangeira. Política de ensino. África

ABSTRACT

This dissertation focuses on the analysis of stereotypes about the African cultures and also discusses the processes of re-significance of the African students identities of the PEC-G (Student of Program-Graduation Agreement), participants in the UFBA course of PROFICI (Program of Proficiency in Foreign Language for Students and Workers of UFBA) at UFBA. From the reports of the experiences of these students, whose intercultural contact occurs in Salvador, during one year, the stereotypes of others about Africa were identified and raised. Thus, from the collected reports, the students were listened to as to what stereotypes about their African cultures and about being African these students experienced in their contact with Brazilians in Salvador. Thus, we analyzed the presence of negative stereotypes about the African, from several countries of the continent and different cultures. The choice, therefore, of this course of PROFICI as a place for research it was due to the fact that it was the place where there would be greater contact with African foreign students. Since the PEC-G provides the coming of these to Brazil, taking in the educational-political objective of this program, related to investment in international relations with developing countries, opening doors in Brazilian universities for students from other countries of Central and South America, East Timor and Africa. The PROEMPLE, a Portuguese course for foreigners of the PROFICI, thus enables a closer relationship with the African subjects and their cultures, so, from this contact, it was tried to answer the following question: How the stereotypes, constructed by others about Africa to re-signification the identities of the African students of the PEC-G UFBA? In order to do so, we discussed concepts about identity, culture, racism, prejudice and, moreover, how the PLE classes could help in the debate and deconstruction of these negative stereotypes about Africa, in order to contribute to a critical education in the context of contemporaneity.

Key words: Stereotypes. Identities. Foreign language. Teaching policy. Africa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 CULTURA, IDENTIDADE E ESTEREÓTIPOS: DISCUTINDO ALGUNS CONCEITOS ...	22
1.1 Cultura e identidade	22
1.2 A(s) identidade(s) africana(s)	28
1.2.1 Países africanos e um pouco das suas histórias	32
1.2.2 A(s) cultura(s) e identidade(s) africana(s)	35
1.3 Racismo, preconceito, discriminação e estereótipos	48
2 ENSINO DE LÍNGUA E CULTURA	61
2.1 O ensino de PLE/PL2 no Brasil	63
2.2 Ensino de PLE/PL2 no contexto do PROFICI	67
2.2.1 O PEC-G e os programas de intercâmbio e internacionalização da língua portuguesa.....	71
2.2.2 O CELPE-Bras	79
2.2.3 O PROFICI/PROEMPLE	83
3 METODOLOGIA	89
3.1 Problema geral de pesquisa	89
3.2 Problemas específicos de pesquisa	89
3.3 Objetivos	89
3.3.1 Objetivo geral	89
3.3.2 Objetivos específicos	90
3.4 Orientações teórico-metodológicas	90
3.5 Cenário da pesquisa	92
3.6 Sujeitos da pesquisa	93
3.7 Geração dos dados	95
4 “DE QUE ÁFRICA VOCÊ VEM?”: ANÁLISE DOS ESTEREÓTIPOS SOBRE OS ALUNOS AFRICANOS DO PEC-G DA UFBA	97
4.1. Análise de dados: os questionários	98

4.1.1 Análise geral dos questionários	105
4.2 Análise de dados: os relatos de experiências	111
4.2.1 Análise dos relatos de experiência: os estereótipos e a ressignificação das identidades dos alunos africanos.....	113
4.3 Experiências e relações (inter)culturais entre Brasil e África: cruzando os dados....	128
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	138
REFERÊNCIAS	143
ANEXOS	146
APÊNDICES.....	157

INTRODUÇÃO

No filme francês “Bem-vindo a Marly-Gomont”, (título original: *Bienvenue à Marly-Gomont*) baseado em fatos reais, do diretor Julien Rambaldi, do ano de 2016, uma família congoleza vai morar num vilarejo, no interior da França, chamado Marly-Gomont, depois que o pai da família, Seyolo Zantoko, é convidado pelo prefeito da cidade a trabalhar lá. Como Seyolo tinha acabado de terminar sua faculdade de Medicina na França e almejava a naturalização francesa, ele convence sua família e se muda para a cidade. No seio da história, está a experiência intercultural entre essa família congoleza e os moradores da cidade francesa, que são brancos e nunca tinham visto e convivido com negros até a chegada do médico. A família recém-chegada à cidade precisa lidar com o racismo, o choque cultural e preconceito dos novos vizinhos; as crianças sofrem com o *bullying* na escola; a mãe, Anne Zantoko, com a solidão e a saudade da família; ademais, o pai necessita ganhar a confiança dos novos pacientes que não confiam no seu trabalho, por ele ser negro, e assim vão atrás de outro médico numa cidade mais próxima.

Esta história do filme serve de ilustração para contextualizar a proposta deste trabalho, que tem como *corpus* os relatos de experiências de oito alunos africanos, número que foi aleatoriamente determinado, pertencentes aos países de Gana, República Democrática do Congo, Benim, Togo e Gabão, que vieram estudar, no Brasil, português e, posteriormente, diversos cursos de graduação, inclusive medicina, como o personagem Seyolo. Esses alunos africanos enfrentam, como a família congoleza, preconceitos, estereótipos e racismo na sociedade brasileira, assim, a presente dissertação foca-se na análise de estereótipos, fruto do preconceito, sobre a(s) cultura(s) africana(s) e discute os processos de (res)significação das identidades desses alunos africanos do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação, o PEC-G, participantes do curso de português do PROFICI (Programa de Proficiência em Língua Estrangeira para Estudantes e Servidores da UFBA), na UFBA (Universidade Federal da Bahia).

Assim, a partir dos relatos de experiências desses alunos africanos, cujo contato intercultural se dá aqui em Salvador, durante o período de um ano, são identificados e levantados os estereótipos de outrem sobre a África. Ou seja, dos relatos de experiências apresentados, analisaremos quais os estereótipos mais

comuns que estes alunos escutam dos brasileiros sobre suas culturas africanas e sobre ser africano. Neste contexto, percebemos que está em jogo uma tríplice identidade: a nacional, a continental e a racial, como afirma Mungoi (2012). Esta autora insere que “a identidade é uma construção social e dinâmica e que atores sociais utilizam diferentes formas e estratégias de negociação para a construção e reconstrução de suas identidades sociais e étnico-raciais” (MUNGOI, 2012, p.126), por isso, a partir deste trabalho, queremos responder ao problema de pesquisa, baseando-se na hipótese, como estabelece Mungoi (2012), de que:

[...] neste processo de deslocamento, os estudantes africanos enfrentam conflitos e dilemas identitários onde as suas múltiplas identidades (individuais, coletivas, continentais e étnico-raciais) são acionadas e ressignificadas permanentemente em função de diferentes contextos e esferas sociais que se interpenetram. (MUNGOI, 2012, p.126)

A ideia para este trabalho nasceu a partir da minha experiência como professora de PLE (Português Língua Estrangeira), desde 2014, como monitora/professora do programa PROEMPLE (Programa Especial de Monitoria de Português como Língua Estrangeira), que está vinculado ao PROCIFI. Durante os últimos cinco anos, de 2013 a 2018, ministrei aulas para estrangeiros, em cursos privados de Salvador e na UFBA, mas foi no PROFICI que alimentei um maior interesse pela área de ensino de português para estrangeiros, assim como o presente tema. Ademais, também construí laços maiores e pude, enfim, interagir com alunos oriundos de culturas que me interessam muito particularmente.

Por outro lado, como os estudantes do PROFICI são, em sua maioria, de nacionalidades africanas, ouço, constantemente, pessoas fazendo perguntas e declarações estereotipadas sobre esses alunos e suas culturas, são elas: “Estes alunos têm dinheiro para estar aqui?”, “Eles usam aquelas roupas coloridas?”, “Você não tem medo de pegar ebola?”, “Eles vêm da Angola e Moçambique, né?”, “Saíram das tribos e vieram pro Brasil?”, “Lá na África só tem pobreza e selva”, etc. Assim, a partir desses questionamentos e afirmativas, surgiram algumas inquietações pessoais, pois senti a necessidade, a partir da minha experiência em sala de aula com alunos estrangeiros, em especial os africanos, de encontrar caminhos para desmitificar esses pré-conceitos, aprofundando-me nos estudos sobre identidades, culturas e estereótipos, associados ao ensino do PLE. Além disso, o meu interesse pessoal, desde cedo, pelas culturas do continente africano e do Brasil,

principalmente, pelas religiões de matrizes africanas, como o Candomblé, e a Umbanda, que tem origem africana, fez com que eu, como pesquisadora e professora de línguas, sentisse a necessidade de me aprofundar mais nos estudos sobre o continente africano e de trabalhar em função, direta ou indireta, da desconstrução dos estereótipos negativos sobre essas culturas.

A escolha, portanto, do curso do PROFICI/PROEMPLE como *lócus* para pesquisa está relacionada com o fato de ter sido o espaço em que tive, na minha experiência com o ensino de PLE, mais contato com alunos africanos, já que o programa PEC-G proporciona a vinda desses discentes para o Brasil. Além disso, é importante ressaltar o objetivo político-educacional desse programa, o PEC-G, que está relacionado ao investimento em relações internacionais com países em desenvolvimento, proporcionando oportunidades, nas universidades brasileiras, para estudantes de outros países da América Central e do Sul, da Ásia e do continente africano. Ademais, a escolha pelos relatos de experiências, como caminho para a produção de *corpus* desta dissertação, diz respeito ao fato de que podemos conhecer mais de perto as vivências desses alunos africanos, que vão além da sala de aula. Afinal, uma coisa é o que ouvimos falar ou o que julgamos saber sobre o outro; outra coisa é ter o contato direto com os sujeitos, pois nos aproxima mais da realidade, ainda que esta seja, em sua grande parte, interpretativa.

Logo, teve-se como problema geral de pesquisa que norteou este trabalho o seguinte:

- Como os estereótipos, construídos por outrem, sobre a África, (res)significam as identidades dos alunos africanos do PEC-G da UFBA?

Desta forma, o objetivo geral desta investigação é:

- Analisar, a partir dos relatos de experiências de alunos africanos do PEC-G, como as identidades destes são (res)significadas, por eles, a partir da percepção que estes têm dos estereótipos revelados, por outros, sobre eles e sua(s) cultura(s).

Nesse contexto, ainda, pretendeu-se responder às seguintes perguntas de pesquisa:

- Como os alunos africanos compreendiam, em suas experiências, dentro e fora da sala de aula, a construção de suas identidades como africanos a partir do contato com os estereótipos que as pessoas revelavam sobre eles?
- Como esses sujeitos reflexionavam, relacionavam, comparavam e desconstruíam os estereótipos sobre eles e sua(s) cultura(s)?
- Como as aulas de PLE, no contexto do PROFICI, poderiam e podem ser um ambiente favorável para a problematização/ desconstrução desses estereótipos?

As aulas de PLE – que são citadas nos problemas de pesquisas –, nas quais os alunos africanos estão inseridos, surgem, neste caso, como um caminho para perceber, discutir e desconstruir os estereótipos. Afinal, as aulas não se baseiam apenas no ensino da estrutura da língua, muito pelo contrário, é um lugar de encontro dos alunos e de discussão de temas e problemáticas, que vão além das paredes das salas de aula e que fazem parte da vida cotidiana destes discentes no Brasil.

Ademais, a partir do objetivo geral citado anteriormente, evidencio, a seguir, os específicos, quais sejam:

- Identificar e analisar os estereótipos, revelados por outras pessoas, que emergiam dos relatos de experiências de alunos africanos a partir das suas vivências como estrangeiros, no curso de português LE, em Salvador.
- Analisar como os sujeitos percebiam, recebiam esses estereótipos, reflexionavam e comparavam com a identidade que eles constroem sobre o ser “africano”.
- Proporcionar, a partir das aulas de PLE, um ambiente favorável à discussão/problematização/ desconstrução de estereótipos.

Abaixo, encontra-se uma tabela, na qual se estabelece um comparativo entre os problemas de pesquisas e os objetivos específicos, conforme projeto de pesquisa:

Tabela 1 – Problemas de pesquisa e objetivos

PROBLEMA GERAL	OBJETIVO GERAL
Como os estereótipos, construídos por outrem, sobre a África, (res)significam as identidades dos alunos africanos do PEC-G da UFBA?	Analisar, a partir dos relatos de experiências de alunos africanos do PEC-G, como as identidades destes são (res)significadas, por eles, a partir da percepção que estes têm dos estereótipos revelados, por outros, sobre eles e sua(s) cultura(s).
PROBLEMAS DE PESQUISA	OBJETIVOS ESPECÍFICOS
Como os alunos africanos compreendiam, em suas experiências, dentro e fora da sala de aula, a construção de suas identidades como africanos a partir do contato com os estereótipos que as pessoas revelam sobre eles?	Identificar e analisar os estereótipos, revelados por outras pessoas, que emergiam dos relatos de experiências dos alunos africanos a partir das suas vivências como estrangeiros no Brasil.
Como esses sujeitos reflexionavam, relacionavam, comparavam e desconstruíam os estereótipos sobre eles e sua(s) cultura(s)?	Analisar como os sujeitos percebiam, recebiam esses estereótipos, reflexionavam e comparavam com a identidade que eles constroem sobre o ser “africano”.
Como as aulas de PLE, no contexto do PROFICI, poderiam e podem ser um ambiente favorável para a problematização/ desconstrução desses estereótipos?	Proporcionar, a partir das aulas de PLE, um ambiente favorável a discussão/problematização/ desconstrução de estereótipos.

Fonte: autoria própria

Outrossim, pretende-se discutir, nos capítulos desta dissertação, a partir de uma Linguística Aplicada (LA) Indisciplinar, questões culturais relacionadas ao ensino de PLE/PL2 (Português como segunda língua), como, por exemplo, em relação à importância das aulas de PLE/PL2 como lugar para desconstrução e debate sobre os estereótipos, assim como a estrutura do programa do PROFICI/PROEMPLE, conceptualização de conceitos como racismo, discriminação racial, preconceito, identidade e alteridade, identidade africana e estereótipos, além da descrição de programas de internacionalização do Português, especialmente, o

PEC-G, que servirão para embasar teoricamente as análises das narrativas dos discentes africanos.

É necessário salientar também que, por meio esta dissertação de mestrado, pretendo fomentar as discussões sobre racismo no Brasil e preconceito cultural e racial, assim como propor, além de uma reflexão que pode levar a uma (des) ou (re)construção de ideias, aparentemente inflexíveis, caminhos para debater a forma como os africanos ainda são vistos na sociedade brasileira e, principalmente, como os estereótipos negativos são perpetuados pelas escolas e pelas mídias nacionais e internacionais. Por isso, reafirmamos, por meio das narrativas ou relatos de experiências dos alunos, o que sociólogos e movimentos negros no Brasil têm indicado: que há um racismo estrutural e perverso na sociedade brasileira, resultado de anos de escravidão no país e, também, ao fato de o Estado brasileiro ter promovido, tardiamente, políticas públicas que favorecessem a liberdade e o exercício da cidadania dos negros escravizados e seus descendentes. Essas medidas vieram a partir de políticas públicas, que foram conquistadas e postas em prática recentemente, como as cotas raciais, a partir dos anos 2000, e a lei 10.639 (BRASIL, 2003).

Não queremos negar, portanto, que não haja problemas ou dificuldades presentes na sociedade africana. Por ser tratarem de países que, em sua maioria, adquiriram sua independência depois dos anos 60 do século XX, e por ainda estarem ligados cultural e historicamente às nações colonizadoras, a África, assim como o Brasil, apresentam sérios problemas sociais, como a desigualdade, a fome, má estruturação da educação, corrupção, exploração das riquezas naturais, entre outros. Assim, buscamos, por um lado, dar visibilidade à outra África, que não seja a estigmatizada, estereotipada e esquecida pelo dito mundo moderno, tal como foi no período das colonizações. Desta forma, as narrativas são uma forma de mostrar que existe um continente ainda pouco conhecido por nós brasileiros, que tanto buscamos justificar a nossa ancestralidade étnica e pluricultural.

Junto aos estereótipos sobre a África, buscou-se, também, apresentar uma breve análise acerca dos estereótipos dos africanos sobre o Brasil e os brasileiros. Esses dados foram obtidos a partir dos questionários aplicados na primeira etapa da geração de dados, em que os alunos contaram suas impressões acerca do Brasil antes e durante a experiência em terras brasileiras. Assim, com estas respostas, foi

possível extrair e analisar dados para fazer o cruzamento com os outros obtidos a partir das narrativas, que são aqueles sobre os estereótipos sobre a África.

Esta dissertação está organizada em quatro capítulos. O primeiro, *Cultura, Identidade e Estereótipos: discutindo alguns conceitos*, propõe apresentar e discutir conceitos que embasam este trabalho. Assim, os conceitos de cultura, identidade, alteridade, racismo, preconceito racial e estereótipos são tratados a partir de Giddens (2005; 2012), Hall (2006), Bosi (1992), DaMatta (1986), Agier (2001), Munanga (2003), Ribeiro (2018), Batista (2018), Rodrigues (2012) e Moita Lopes (2002). Além disso, a discussão, no referido capítulo, está relacionada especificamente com a cultura africana e com o problema da pesquisa, em volta das questões identitárias dos sujeitos africanos. O capítulo 1 compreende três subcapítulos: *1.1 Cultura e Identidade*, que descreve e analisa os conceitos citados; *1.2 As identidades Africanas*, subcapítulo embasado nos teóricos Mbembe (2014), Ali A. Mazrui e Christophe Wondji (2010), Agier (2001) e Lucchesi (2009), em que discutimos a construção histórica dessas identidades e, além disso, apresento uma descrição dos países dos alunos participantes desta pesquisa.

No segundo capítulo, *Ensino de Língua e Cultura*, relaciono o ensino de PLE com o da cultura, como também enfocamos a relação intercultural que se faz presente nos processos de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras. Assim, o capítulo se subdivide em outros dois tópicos: *2.1 O ensino de PLE/PL2 no Brasil* e *2.2 Ensino de PLE/PL2 no contexto do PROFICI*; o primeiro traz uma contextualização histórica sobre o ensino de PLE no Brasil, bem como uma discussão acerca das nomenclaturas em questão e como está o cenário atual do PLE no mundo e nacionalmente. Depois, no segundo subcapítulo, direciono a discussão sobre o ensino de PLE no contexto do PROFICI/PROEMPLE, curso de português para estrangeiros e, ainda, descrevo os programas de intercâmbio que têm relação com a UFBA, como o PEC-G; ademais, apresento o CELPE-Bras (Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros), como este funciona e se organiza e foco na apresentação do PROFICI/PROEMPLE, na metodologia utilizada e como o curso se estrutura. Ademais, nesse capítulo também discorro sobre as políticas linguísticas de internacionalização e promoção da língua portuguesa no mundo.

O terceiro capítulo é o de *Metodologia*, em que retomo a apresentação das *perguntas de pesquisa e objetivos geral e específicos*, já apresentados na Introdução. No total, subdividi esse capítulo em outros sete subcapítulos, expondo também as *Orientações Teórico-metodológicas* desta pesquisa, baseadas em Moita Lopes (2009), Clandinin e Connelly (2011), Bondía (2002), Denzin e Lincoln (2006) e Freire (1989), o *Cenário da pesquisa*, os *Sujeitos da pesquisa* e a *Geração de dados*, seções que apresentam uma tabela com o perfil dos estudantes participantes da pesquisa, contextualiza o cenário, que é o curso do PROFICI/PROEMPLE e explica as etapas da geração de dados.

O penúltimo capítulo, *4. De que África você vem?: análise dos estereótipos sobre os alunos africanos do PEC-G da UFBA*, como o próprio título sugere, é constituído da análise de dados e que está organizado em três subcapítulos: *4.1 Análise de dados: o questionário; 4.2 Análise de dados: os relatos de experiência; 4.3 Experiências e relações (inter)culturais entre Brasil e África: cruzando os dados*. Estes subcapítulos descrevem e analisam os dados obtidos a partir das entrevistas semiestruturadas que originaram os relatos de experiências dos alunos. Para isso, escolhi quatro tópicos para análise dos dados, diante da quantidade de dados obtidos e de participantes. Assim, focamos a análise em responder às seguintes questões:

1. De que África você vem?
2. Quais os estereótipos sobre a África?
3. Como o outro (brasileiro) vê o africano?
4. O olhar do outro (brasileiro) (re)significa o ser Africano?

Assim, a partir dos relatos, identifiquei e selecionei as respostas que responderam objetivamente a estas questões.

Ademais, a dissertação é finalizada com as *Considerações Finais*, em que faço uma análise geral e conclusiva dos dados obtidos, assim como apresento perspectivas futuras a partir dos resultados desta dissertação, evidenciando a importância de dar continuidade à pesquisa, principalmente focando nas questões e estudos sobre raça e racismo no Brasil. Posterior as *Considerações Finais*, estão as *Referências*, os *Anexos e Apêndices*, em que apresento, respectivamente, as referências dos textos e livros utilizados para a escrita da dissertação, os

documentos utilizados, durante o curso do mestrado, que viabilizaram a realização da pesquisa e os questionários respondidos pelos alunos, juntamente com as transcrições das entrevistas semiestruturadas.

1 CULTURA, IDENTIDADE E ESTEREÓTIPOS: DISCUTINDO ALGUNS CONCEITOS

O processo de ensino e aprendizagem de línguas necessita levar em consideração a(s) cultura(s) e identidade(s) dos sujeitos envolvidos, como afirma Mendes (2010), dando atenção, assim, às marcas de interculturalidade presentes nessa interação. Dessa forma, neste capítulo, pretende-se discutir, mas também relacionar com o ensino de PLE/PL2, alguns conceitos-chave para a análise e discussão do resultado da análise dos dados obtidos para esta dissertação, que tem como pano de fundo o debate sobre os estereótipos em relação à África. Assim, no primeiro subcapítulo *1.1 Cultura e Identidade*, as noções de cultura, alteridade e identidade serão apresentadas, baseando-se em Giddens (2005), Hall (2006), Bosi (1992), DaMatta (1986), Agier (2001) e Moita Lopes (2002); já o segundo subcapítulo, *1.2 Identidades Africanas*, versa sobre alguns países da África, assim como a configuração da identidade cultural africana desde os anos 1935, focando-se numa análise acerca da identidade africana atual, a partir dos estudos de Mbembe (2014), Sow e Abdulaziz (2010), Agier (2001), Tshibangu, Ajayi e Sannch (2010), Harris e Zeghidour (2010), Rodrigues (2012), Kodjo e Chanaiwa (2010); o último subcapítulo, *1.3 Racismo, preconceito, discriminação e estereótipos*, tem como objetivo apresentar a definição destes conceitos, segundo a perspectiva dos autores Ribeiro(2018), Batista (2018), Giddens (2012), Munanga (2003), que serão utilizados, posteriormente, na análise de dados.

No subcapítulo a seguir, serão discutidos os conceitos de *cultura*, *identidade* e, também, *alteridade*, cuja problematização se faz necessária porque, nesta dissertação, busca-se a desconstrução de estereótipos, bem como a análise dos processos de ressignificação das identidades dos alunos africanos envolvidos. Por isso, pontuar a compreensão sobre cultura e identidade que orienta o trabalho é importante, ainda que estes sejam conceitos muito debatidos e de difícil definição.

1.1 Cultura e identidade

O conceito de cultura, segundo Giddens (2005), apresenta-se como:

[...]formas de vida dos membros de uma sociedade ou de grupos dentro da sociedade. Incluem como eles se vestem, seus costumes matrimoniais e

vida familiar, seus padrões de trabalho, cerimônias religiosas e ocupações de lazer. (GIDDENS, 2005, p. 38).

Giddens (2005) também apresenta uma distinção e relação entre os conceitos de “cultura” e “sociedade”, afirmando que a sociedade é um sistema de inter-relações que conecta os indivíduos uns com os outros e que nenhuma cultura poderia existir sem sociedade. Desta forma:

Quando os sociólogos se referem à cultura, estão preocupados com aqueles aspectos da sociedade humana que são antes aprendidos do que herdados. Esses elementos culturais são compartilhados por membros da sociedade e tornam possível a cooperação e a comunicação. [...] A cultura de uma sociedade compreende tanto aspectos intangíveis – as crenças, as ideias e os valores que formam o conteúdo da cultura – como também aspectos tangíveis – os objetos, os símbolos ou a tecnologia que representam esse conteúdo. (GIDDENS, 2005, p. 38)

Sendo assim, é correto afirmar que as variações culturais existentes estão ligadas a diferentes tipos de sociedades e que a cultura exerce dois importantes papéis dentro destas últimas: perpetua os valores e normas, mas também oferece importantes oportunidades para a criatividade e a mudança (GIDDENS, 2005).

Ademais, Bosi (1992) aborda a questão da pluralidade cultural brasileira, quando afirma que não podemos falar em “cultura brasileira”, mas em “culturas brasileiras”, no plural, justamente pela pluralidade que aqui, no Brasil, encontramos, oriunda de um processo de colonização e desenvolvimento que aqui se instauraram. Assim, se antes os antropólogos reduziam a identificação dos tipos de cultura, dividindo-a em critérios raciais, tais como “cultura negra”, “cultura indígena”, “cultura branca”, “culturas mestiças”, ou em apenas “culturas europeias” e “culturas não-europeias”, hoje, segundo o autor, apresenta-se um estudo das culturas a partir da seguinte divisão: “cultura erudita”, “cultura popular”, “cultura de massa” ou também chamada de “cultura de consumo”. Fica evidente, portanto, que a divisão atual dos tipos de culturas carrega marcas de um sistema social desigual no mundo, marcado pelo capitalismo e pela soberania de um grupo ou povo em detrimento de outro.

Partindo dessa ideia de pluralidade cultural, podemos pensar também numa pluralidade identitária, como sugere Mungoi (2012), no contexto dos alunos africanos do PEC-G; esta pluralidade se manifesta, portanto, numa tríplice identidade: a continental, a nacional e a racial. Assim, respondendo a uma das perguntas da

pesquisa – "Como os alunos africanos compreendem, em suas experiências, dentro e fora da sala de aula, a construção de suas identidades como africanos a partir do contato com os estereótipos que as pessoas revelam sobre eles?" –, devemos levar em consideração que essa (re) construção dessas identidades se inicia, segundo Mungoi (2012), no momento em que o aluno africano entra em contato com as autoridades brasileiras e apresentam seus passaportes, indicando seu país de origem e, portanto, sua identidade nacional; posteriormente, quando começam a frequentar o curso de português, nos seus primeiros contatos com os brasileiros e nas suas experiências pessoais, tais alunos são reduzidos e agrupados em "africanos", como uma cultura única, assim, marcando a sua identidade continental.

Ademais, acrescentamos, ainda, a identidade racial, que determina aos alunos africanos fazerem parte, na sociedade brasileira, da raça negra. E especificamente dentro da sociedade brasileira porque esses alunos africanos podem não sentir a necessidade, dentro da sua cultura e país na África, de se inserirem numa raça, como é o caso aqui no Brasil, onde os brasileiros fazem essa marcação étnica, que interfere em outras questões da vida em sociedade. Logo, a identificação por raça, de fato, pode ser algo novo para muitos dos alunos africanos, como eles mesmos indicam isso nos relatos de experiências, quando narram as experiências sobre o racismo, afinal, ele existe porque o conceito de raça determina, pela cor da pele, um grupo como inferior a outro. Neste contexto, os alunos africanos afirmam que tinha conhecimento do racismo, estudaram sobre isso na escola, mas só vivenciaram aqui no Brasil.

Partindo para o conceito de identidade social, DaMatta (1986) afirma que a identidade social é construída por afirmativas e negativas diante de certas questões. Assim, o autor sugere que nos baseemos numa lista com informações e características importantes, como casamento, leis, política, religião, moralidade, artes, comida etc. Dependendo de como as pessoas se comportem ou pensem sobre essas questões, estaremos diante das "identidades sociais", descobrindo um estilo e jeito de cada sistema. Dessa forma, DaMatta (1986, p.17) afirma que "a palavra cultura exprime precisamente um estilo, um modo e um jeito de fazer as coisas".

Já Agier (2001, p.10), por sua parte, assevera que “toda identidade, ou melhor, toda declaração identitária, tanto individual quanto coletiva [...] é então múltipla, inacabada, instável, sempre experimentada mais como uma busca que como um fato”. Além disso, o autor destaca que os “meios urbanos podem ser fatores de encadeamento ou reforço dos processos identitários” (AGIER, 2001, p.9) e assim justifica esta sua ideia:

A cidade multiplica os encontros de indivíduos que trazem consigo pertencimentos étnicos, suas origens regionais ou suas redes de relações familiares ou extrafamiliares. Na cidade, mais que em outra parte, desenvolvem-se, na prática, os relacionamentos entre identidades, e na teoria, a dimensão relacional de identidade. Por sua vez, esses relacionamentos “trabalham”, alterando ou modificando, os referentes dos pertencimentos originais (étnicos, regionais, faccionais etc.). Essa transformação atinge os códigos de conduta, as regras da vida social, os valores morais, até mesmo as línguas, a educação e outras formas culturais que orientam a existência de cada um no mundo. (AGIER, 2001, p. 9-10).

Partindo dessa perspectiva apresentada por esse autor, se pensarmos no contato dos alunos africanos com uma nova cidade e um novo país, neste caso, Salvador e Brasil, chegamos à conclusão de que a relação com um meio urbano novo pode sim ter reforçado os processos de (re) construção identitária de cada aluno. Afinal, aqui em Salvador, há semelhanças culturais com cidades da África, que vão além do acarajé ou capoeira, que não são intrinsecamente africanos, mas são marcas culturais afro-brasileiras. Logo, essa similaridade cultural e identitária, por questões históricas, interferem na relação de pertencimento tanto dos soteropolitanos quanto dos africanos, pois ambos passam a lidar com questionamentos sobre sua origem e história, podendo ressignificar, dessa forma, as identidades individuais e coletivas em questão.

Neste sentido, no que se refere às culturas africanas, podemos afirmar que, de fato, elas são plurais e que esta diversidade influenciou na formação do povo brasileiro e de outros povos no mundo. Contudo, também estas são frutos de contatos com outros povos, não só europeus, mas em um contexto de câmbio cultural dentro da própria África, entre as sociedades do passado e do presente. Assim, nossas vestimentas, nas mais variadas culturas, costumes, vida familiar, padrões de trabalho, religiões e ocupações de lazer, como sugere Giddens (2005), estão inteiramente ligadas às culturas dos povos que entraram em um processo de troca cultural, desde a colonização. Além disso, a cultura permite, na sociedade,

mudanças. Nesse sentido, com o advento da globalização, percebemos uma modificação e influência de outras culturas na formação das identidades mundo a fora, inclusive na africana. Assim, hoje o contato entre culturas diferentes, tendo a globalização moderna como influência, pode promover, ademais de choques culturais, uma construção e desconstrução de estereótipos e preconceitos por meio das mídias, por exemplo. Podemos mencionar, também, a relação do brasileiro com o aluno africano e vice-versa, que, a partir da interação, estão sujeitos a formação de novas identidades.

Moita Lopes (2002) define o conceito de identidade a partir da Análise do Discurso bakhtiniana. Conforme o autor, ao definir discurso como construção social e ação no mundo, afirma que “por meio desse processo de construção de significado [...], as pessoas se tornam conscientes de quem são, construindo suas identidades sociais ao agir no mundo por intermédio da linguagem” (MOITA LOPES, 2002, p.30).

Neste sentido, ainda segundo Moita Lopes (2002, p. 32), “nossas identidades sociais, portanto, são construídas por meio das nossas práticas discursivas com o outro” e estão sempre em processo, pois são complexas, nunca fixas e sempre reposicionadas, podendo as pessoas terem “identidades múltiplas na sociedade” (MOITA LOPES, 2002, p. 36). Práticas discursivas devem ser entendidas, neste contexto, como práticas sociais, processos de interação. Portanto, essas interações entre o “eu” e o “outro” são o que chamamos de alteridade, no sentido de que a percepção que existe um “outro” diferente do “eu” nos faz conviver, entender, respeitar e aceitar as diferenças sociais. A identidade de cada sujeito, então, é formada a partir de contrastes entre mundos diferentes, em que se molda o “eu” a partir da distinção com o “outro”.

A relação do “eu” brasileiro com o “outro” africano, quando entram em “choque”, por meio de preconceitos e estereótipos, influenciam na construção da identidade de cada indivíduo inserido neste processo de interação. Deste modo, esta pesquisa nos mostra que há uma resignificação da identidade dos alunos africanos a partir destas interações e dinâmicas sociais em que eles estão inseridos aqui no Brasil, no curso de português e em Salvador. Ademais, a interação entre estas diferentes culturas não só traz à tona a revelação e construção da identidade africana, mas também da brasileira, pois os brasileiros convivem com as diferenças

dentro do seu próprio país, afinal, este é plural e diverso, mas têm dificuldade de praticar empatia e de perceber a importância da alteridade no seu dia a dia. Assim, lidar com a interação com o “outro” estrangeiro e africano parece ser muito mais intenso, levando em consideração que, neste ponto, estão inseridas não só questões culturais, mas, principalmente, raciais e também as condições sócio históricas, políticas e nas relações de poder que fazem parte da sociedade brasileira.

É importante ressaltar, também, um fator histórico que pode ter contribuído para os questionamentos sobre a ideia de alteridade: as colonizações europeias mundo a fora, em especial, na América e na África, pois proporcionaram o contato entre diferentes culturas e grupos étnicos, o que promoveu, naquele momento, as (des) e (res) construções de identidades e culturas de cada povo colonizado, mas também dos colonizadores. Este contato entre culturas, de forma violenta, gerou os conflitos e os estranhamentos. Como os europeus tinham mais poder, submeteram os colonizados ao processo de aculturação, na intenção de transferir a sua cultura para o outro, promovendo uma tentativa de apagamento cultural dos povos colonizados, por exemplo, através da catequização dos índios. Este conflito e esta falta de reconhecimento da identidade do “outro”, desencadeou nestes anos pós-colonialismo e até hoje, a colocação destes povos em um lugar de minoria e de luta por construção identitária, respeito e reconhecimento cultural.

Para finalizar, apresento o conceito de identidade a partir de Hall (2006), que ratifica o que foi apresentado por Moita Lopes (2002). Assim, Hall define a identidade do sujeito pós-moderno como mutável e não-fixa. As identidades, então, são definidas historicamente e o sujeito “assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” (HALL, 2006, p. 13). Hall (2006), ainda, traz um ponto importante se pensarmos no processo de resignificação das identidades dos alunos africanos, como proposto nesta pesquisa: “Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (HALL, 2006, p. 13).

Desta forma, é importante pensarmos nessa resignificação dentro deste contexto de mudanças e deslocamentos possíveis que sofrem as identidades. Ou seja, os estudantes africanos afirmam que o olhar do “outro” sobre eles não muda o

que eles pensam sobre eles mesmos e suas identidades africanas – como será apresentado nos resultados desta dissertação, no capítulo de Análise de Dados -, mas sabemos que, e como afirma Hall (2006), pela flexibilidade das identidades, de fato, o contato com o “outro” interfere na nossa identidade e ajuda a desconstruir e reconstruir o que pensamos sobre nós mesmos. Também, no sentido positivo, os preconceitos ou estereótipos direcionados aos alunos africanos podem fazer com que eles assumam, a partir do contato, uma posição de maior empoderamento e defesa da sua cultura, como forma de proteção e/ou reafirmação das suas raízes. Se antes eles viviam livremente suas culturas, sem qualquer olhar crítico negativo, agora eles precisam rever suas identidades para consolidá-las.

A discussão sobre identidade cultural também é abordada por Hall (2006), em que o autor afirma que sem um sentimento de identificação nacional, o sujeito pós-moderno experimenta um sentimento de perda da subjetividade. Assim, podemos nos identificar como sujeitos únicos, como indivíduos, mas antes nos identificamos como membros de uma sociedade, de um lugar, de uma nação. Neste sentido, par Hall (2006, p. 47) “ [...] as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural” ; isto é, se afirmo que sou brasileira ou africana, estou afirmando que esta identidade faz “parte da nossa natureza essencial” (HALL, 2006, p. 47). Hall (2006, p. 48) estabelece que “[...] as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*”. Outrossim, Hall (2006, p. 51) infere que as culturas nacionais são características da modernidade, da industrialização e da globalização e que as “culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre ‘a nação’, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades”.

1.2 A(s) identidade(s) africana(s)

Partindo da discussão sobre identidade e cultura no subcapítulo anterior, abordaremos nesse tópico como se configuram as identidades africanas; ou seja, qual o percurso histórico, desde 1935, e como elas se constituem hoje. A ideia é traçar, ao final deste capítulo, um panorama sobre as identidades e culturas nas quais os alunos africanos participantes desta pesquisa estão inseridos ou se

identificam. A história da África é imensurável e secular, levando em conta, principalmente, o processo de colonização dos países e a escravidão dos negros africanos, por isso, preferimos focar a discussão desse capítulo a partir do ano 1935, pois foi o período em que a África já começava a sofrer as consequências da 2ª Guerra Mundial, segundo Mazrui (2010), que só teria início quatro anos depois. Assim, os efeitos desta guerra na África, juntamente com os processos posteriores de independência, interferiram na nova e atual conjuntura política, econômica e cultural do continente.

Ademais, não será uma análise das identidades individuais, mas aquelas coletivas que formam as culturas das quais eles fazem parte, pensando, assim, numa identidade africana que reproduza um pouco da dimensão territorial e cultural do continente, afinal, sabemos que, por serem de países diferentes, os alunos fazem parte de culturas diversas. Ademais, vale ressaltar que não estamos generalizando a África como um só lugar ou cultura - como muito se faz pela falta de conhecimento básico sobre o continente -, pois reconhecemos a pluralidade deste lugar.

Assim, este subcapítulo está organizado em dois tópicos: o primeiro, 1.2.1 *Países africanos e um pouco da sua história*, que descreve objetivamente as características políticas e culturais dos países de onde os alunos participantes deste trabalho fazem parte. No segundo tópico, 1.2.2 *Culturas e identidade africanas*, discuto e apresento as mudanças e interferências sofridas pelo continente com o colonialismo e imperialismo europeu e, também, como este processo interferiu na resignificação e estruturação das culturas africanas hoje. Além disso, apresento o movimento panafricanista e uma contextualização da África desde os anos 2000, com a unificação dos países africanos para uma luta contra preconceitos, racismo e problemas sociais, reconhecimento e visibilidade positiva.

Neste sentido, a revista *Nova Escola*¹ traz uma edição *online* especial sobre a África, por Wellington Soares, e apresenta na reportagem “A história da África e dos africanos”, a seguinte introdução:

Um lugar distante, habitado por povos primitivos sem história e sem conhecimento, vivendo em meio a pobreza, fome e doenças. O imaginário

¹ Disponível em: <<https://novaescola.org.br/arquivo/africa-brasil/historia-da-africa.shtml>>. Acesso em: 24 janeiro 2019.

sobre o continente africano é muito diferente de sua realidade. Os estereótipos negativos formam o que a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie chama de “história única”. [...] “Quando rejeitamos a história única, quando percebemos que nunca há apenas uma história sobre qualquer lugar, reconquistamos uma espécie de paraíso”, afirma a autora. (SOARES, s/d, p.1)

O trecho apresentado anteriormente culmina com o objetivo deste trabalho: apresentar e desconstruir possíveis estereótipos negativos sobre a África, afinal ela é reconhecida como o berço da humanidade, não só pelo vasto conhecimento ali presente, praticado e disseminado, mas porque é o continente que tem os primeiros registros dos hominídeos, os antepassados dos humanos, há cerca de sete milhões de anos. Ademais, o Egito tem uma das mais importantes civilizações no mundo, que influenciou no desenvolvimento da ciência, por meio da medicina, engenharia, política, artes, matemática, arquitetura, literatura, tecnologias para agricultura e muito mais.

Mbembe (2014) aborda, na sua obra *Crítica da razão negra*, uma discussão a respeito deste processo de *efabulação* da África, ou seja, como, historicamente, a África foi inventada, narrada e mantida no imaginário das pessoas no mundo:

Na maneira de pensar, classificar e imaginar os mundos distantes, o discurso europeu, tanto erudito como o popular, foi recorrendo a processos de efabulação. Ao apresentar como reais, certos ou exactos, factos muitas vezes inventados, foi-lhe escapando a coisa que tentava apreender, mantendo com esta uma relação fundamentalmente imaginária, mesmo quando a sua pretensão era desenvolver um conhecimento destinado a dá-la a conhecer objectivamente. As características principais desta relação imaginária estão ainda longe de ser esclarecidas, mas os processos graças aos quais o trabalho de efabulação se avolumou, assim como as consequências da sua violência, são, actualmente, assaz conhecidos. (MBEMBE, 2014, p. 29).

Desta forma, percebemos uma manutenção imaginária e histórica que criaram sobre a África, como consequência de um interesse econômico e político de menosprezo dos negros africanos, já que era importante mantê-los num patamar inferior aos brancos europeus como justificativa para o comércio de escravos e a ascensão das potências mundiais no período das grandes navegações e escravidão, durante os séculos XV a XIX. Acontece que essas “histórias inventadas” sobre a África trouxeram problemas para os países do continente e questões sociais agravadas, desde a abolição da escravatura e independência dos países até a atualidade, que culminaram em diversas lutas entre os negros e os brancos, no mundo, em busca de uma igualdade social, fim do *Apartheid*, e não apagamento da

história e culturas reais do continente; não podemos esquecer, também, das ações políticas de reparação social como, por exemplo, a implementação de cotas raciais, no Brasil, a partir dos anos 2000, afim de consertar o caos causado durante os séculos de escravidão no País.

A diversidade étnica e cultural africana é a principal marca do continente, composto por 54 países – reconhecidos pela ONU – e mais de mil línguas faladas (há estudiosos que falam de mais de duas mil línguas), tendo algumas línguas europeias como oficiais, entre elas o português, o francês e o inglês; ademais, a África é dividida, geopoliticamente, em cinco regiões: África Setentrional, África Ocidental, África Central, África Oriental e África meridional. Porém, a África também está dividida etnicamente, entre a África Branca, que é Islâmica, e a África Subsaariana (abaixo do Deserto do Saara), que é a África Negra, de maior diversidade religiosa e étnica. Vivendo séculos sob domínio europeu, a partir de uma efetiva colonização no continente (africano), que começou no século XIX, com países, territórios e povos explorados devido ao Imperialismo dos países da Europa, a maior parte dos países africanos, exceto o Egito (1922), a Libéria (1847), a África do Sul (1910) e a Etiópia (desde a Antiguidade), conquistou sua independência no século XX, a partir dos anos de 1945, pós Segunda Guerra Mundial, mais especificamente a partir dos anos 60; o último país a conquistar sua independência foi a Namíbia, em 1990.

Os alunos participantes desta pesquisa são oriundos dos seguintes países: Togo, Gana, República Democrática do Congo, Gabão e Benim, que fazem parte da África Subsaariana. Assim, no subcapítulo a seguir, apresento uma breve descrição de cada um desses países. É importante ressaltar que o acesso a fontes confiáveis e específicas sobre a história de cada uma dessas nações foi difícil, podendo os dados apresentados aqui serem diferentes dos oficiais ou daqueles apresentados em outras referências, as quais não tivemos acesso. Também serão apresentados trechos dos relatos² dos alunos africanos participantes da segunda etapa da coleta de dados deste trabalho, os relatos de experiência, em que descrevem os seus países, a partir da seguinte pergunta, retirada do roteiro da

² As falas apresentadas no subcapítulo 1.2.1 foram retiradas das transcrições das entrevistas dos alunos africanos participantes desta pesquisa de dissertação. A transcrição completa dos relatos de experiência de cada aluno encontra-se nos anexos deste trabalho.

entrevista semiestruturada: *"Fale um pouco sobre você, sua experiência como estrangeiro em Salvador e, também, um pouco sobre seu país"*.

1.2.1 Países africanos e um pouco das suas histórias

Togo³ ou, oficialmente, República Togolesa, está localizado na África Ocidental subsaariana, entre Gana e Benim; a capital é Laomé e a língua oficial é o francês, mas uma das línguas maternas em destaque é o Ewe, dos povos Ewe. Além dos Ewe, outra importante nação que fazia parte do território do Togo foi a dos iorubás ou nagôs, que têm grande influência na cultura baiana. O chefe de estado atual é Faure Gnassingbé Essozimna, num tipo de governo republicano. O país, no censo de 2010, indicou uma população estimada em 6,2 milhões de habitantes. No século XVIII, teve domínio dinamarquês em relação ao tráfico de escravos e, a partir do século XIX, a Alemanha impôs trabalho forçado aos nativos. O país conquistou sua independência em 1960, mas ainda manteve relações econômicas com a França. Hoje, a economia de Togo se baseia na cultura alimentar e na exportação de café, cacau e algodão. O país é laico e 50% da população é de religião tradicional, ou seja, animista, de caráter politeísta.

O participante 01 retratou o Togo como *"[...] um dos países mais pequeno da África. E lá a gente é, como aqui, acolhedor, a gente é amável, legal. Tem muitos étnicos lá, a gente fala muitas línguas, várias idiomas. E tem também muitas culturas"*. (Transcrição original)

Já Gana é um país da África ocidental e faz fronteiras com Togo e Costa do Marfim. A capital é Acra e a língua oficial é o inglês. Sua cultura e história estão direta e fortemente ligadas ao Império e ao povo Ashanti (Axânti). O atual presidente, sob um regime republicano, é Nana Akufo-Addo. A economia de Gana se baseia na exportação de ouro, petróleo e cacau. Quanto a outras informações, não foi encontrada fonte em português confiável que apresentasse uma estimativa do número de habitantes atualmente, assim como dados sobre a religião. Porém, algumas fontes falam sobre mais de 20 milhões de habitantes, chegando a 25 milhões no último censo, em 2010. Quanto às religiões, as tradicionais, o

³ Algumas informações estão disponíveis em: <http://www.consuladotogo.org.br/>. Acesso em 12 de fevereiro de 2019.

cristianismo e o islamismo fazem parte da vida da maior parte dos ganenses. Historicamente, Gana, na época chamada de Costa do Ouro, foi dominada, desde o século XV, por vários países europeus, como Portugal e Dinamarca, mas o domínio britânico se fez mais forte no decorrer dos séculos. Em 1957, Gana conquista sua independência.

A República Democrática do Congo, por sua vez, tem como capital Kinshasa e é um país localizado na África Central e faz fronteira com Angola, Tanzânia, Uganda, República do Congo, entre outros países. A língua oficial é o francês, mas existem muitas outras línguas maternas distribuídas nas comunidades pelo seu território; uma dessas línguas é a Lingala. O atual presidente é Félix Tshisekedi, sob um sistema também presidencialista. O cristianismo é uma religião forte no país, assim como outras de seita sincrética. Ademais, o país conquistou a independência dos belgas, pois era uma colônia da Bélgica, em 1960; na verdade, primeiro se deu a independência do Congo, depois fundou-se a República Democrática do Congo. Por ser um país rico em minérios e ter uma posição geográfica privilegiada, vive sob fortes conflitos civis em que há disputa por essas riquezas. Fora isso, o território congolês viveu sob cruel domínio de Leopoldo II, durante a colonização, por isso há marcas negativas políticas e econômicas ainda muito fortes na nação. Novamente, sem fontes seguras e oficiais, a população do Congo está estimada, hoje, em cerca de 87 milhões de habitantes, com a maioria pertencente a uma das maiores tradicionais etnias do país, a Bantu.

O participante 06, oriundo da República Democrática do Congo, descreve seu país da seguinte forma: *“Meu país é como aqui no Brasil. É verdade que o Brasil é mais desenvolvido que o meu país, [...] no sentido da economia. A economia daqui é mais forte do que do meu país. Também o nível de estudo é mais avançado, e a tecnologia também”*. (Transcrição original)

Já o participante 03 focou na educação do Congo em comparação à brasileira e também nas riquezas naturais: *“O meu país é legal, a sistema política é presidencial, nós temos o presidente. Também tem a democracia, mais ou menos. Mas no meu país o sistema de achar um bom emprego é assim, você tem que estudar muito bem nas universidades que são muito conhecidas no país, as universidades que formam bem os estudantes”*. E acrescentou: *“[...] é um país com*

influência da natureza também muito grande como aqui. Nós temos também o segundo floresta maior do mundo depois do floresta Amazônia. Temos rio também, praia, tem o mar, tem as coisas legais no meu país". (Transcrição original)

O Benim, ou República do Benim, está na África Ocidental, entre o Togo e a Nigéria. Este país tem forte ligação com o Brasil, especialmente, com a Bahia, tanto que, em Salvador, no Pelourinho, há o museu *Casa de Benin*⁴, que foi inaugurado em 1988, fruto da cooperação cultural, política e econômica entre os dois países. A *Casa do Benin* tem exposição permanente de esculturas e muito da história dos beninenses e de outras nações da África. Porém, esta forte ligação vem do comércio de africanos escravizados, que foram trazidos ao Brasil, principalmente os povos lorubá e Fon, tanto que o Benim era conhecido por Costa dos escravos. Entre as heranças trazidas pelos povos lorubá e Fon, estão as religiões africanas, entre elas, o Vodum, que deu origem ao Candomblé aqui no Brasil e em outros lugares do Caribe, como a Santería em Cuba. Hoje, no Benim, o Vodum ainda é uma religião praticada, mas não pela maioria da população, que é cristã ou pratica o islamismo.

No século XIX, ex-escravizados africanos retornam a Daomé e formam a comunidade dos “agudás”. Em 1960, Benim, antiga República de Daomé, mantendo este nome até 1975, torna-se independente da dominação francesa. Hoje, Benim tem duas capitais: uma política, Porto Novo, e outra econômica, Cotonou, onde está a sede do governo, tendo como atual presidente Patrice Talon.

Para fomentar a descrição sobre o Benim, apresento o trecho da fala da participante 7, que assim descreve o seu país: *"O Benim é um país da África oeste. Então eu sou de lá. Lá no meu país as pessoas são bem legais e o custo da vida é um pouco melhor, se eu comparo o custo da vida aqui e no meu país. E também lá no meu país tem umas coisas que são um pouco parecida aqui. Algumas comidas como acarajé e alguns cultos tradicionais como candomblé. Mas é um pouco diferente. Eu acho que aqui dentro do candomblé tem muitos deuses e lá no meu país é voodoo e dentro do voodoo tem muitos deuses como lemanjá, Olodum". (Transcrição original).*

⁴ Algumas informações sobre a Casa do Benim estão disponíveis em: <http://www.pelourinhodiaenoite.salvador.ba.gov.br/casa-do-benin/>. Acesso em 12 de fevereiro de 2019.

Para finalizar, descrevo o Gabão, país que fica na África Central e faz fronteira com Guiné Equatorial, Camarões e República do Congo e tem como capital Libreville. Sua independência também foi em 1960, quando deixou de ser colônia francesa. Atualmente, o presidente do país é Ali Bongo e a principal fonte econômica do Gabão é o petróleo, ferro, manganês, além da agricultura, que tem tido grande investimento do governo atual. Entre os povos étnicos que fazem parte do território e cultura do país, a maior parte da população pertence aos fangues e aos bantos. O país é laico e tem como crenças mais presentes o cristianismo e o islamismo, que, antes da colonização, tinha uma importante influência na organização da sociedade. No Gabão, tem muitas línguas diferentes, entre elas: fang, panu, myéné, entre outras. A partir do nome dos gabonenses, é possível saber a árvore genealógica da família, o que é de muita importância para a cultura do país.

O participante 05 assim retratou o seu país: *"O Gabão, eu tenho que falar sobre esse país, que é um país lindo, com uma diversidade cultural. Porque nós temos mais ou menos 16 ao 20 línguas diferentes. E a língua mais falada é o fangue. O fangue tem uma particularidade de ser uma língua que está falada em três países diferentes, que são Gabão, Camarões e a Guiné Equatorial, porque cada língua da África representa um povo. As divisões da África não é o povo que fez isso, mas os colonizadores. Então antes disso, teve um povo com cada território. Podemos dizer que (o Gabão) é um país também da parte negra da África. Porque tem duas partes. A parte onde tem o povo branco e a parte onde tem o povo negro. E esse é um país laico também. Mas com duas principais religiões que são o cristianismo e o islamismo"*. (Transcrição original).

1.2.2 A(s) cultura(s) e identidade(s) africana(s)

Os povos africanos, antes da colonização europeia, já viviam a sua pluralidade cultural em diversos aspectos da vida social: línguas, religiões, organização política, costumes, culinária, educação etc. Com a chegada dos europeus colonizadores, entre os séculos XVI e XIX, a África passa por processos violentos de assimilação cultural europeia, que interferem na formação das identidades africanas até hoje, influenciando, também, na visibilidade da África no mundo, submetendo o continente a uma

estereotipização cruel e negativa, focada, entre outros aspectos, na pobreza, na AIDS e na vida selvagem. Vale lembrar que os países europeus estavam em busca de novos territórios a serem explorados, com matérias primas para fomentar o mercado e economia mundial. Desta forma, com a desculpa da superioridade europeia, embasada pelo darwinismo social e a missão de catequização cultural e religiosa, os europeus partiram para a África e fizeram a partilha territorial do continente a partir da Conferência de Berlim, em 1884 e 1885. Sow e Abdulaziz (2010) descrevem o contexto histórico do período da colonização africana de forma bem pontual, ao lembrar que ela começou durante o século XX:

[...] esta colonização organiza-se e consolida-se na África, no momento histórico durante o qual o mundo e os impérios coloniais foram sacudidos e balançados, em razão das duas sucessivas guerras mundiais, com um intervalo de vinte e um anos, do triunfo da Revolução Socialista de Outubro de 1917, da luta pelos “direitos dos povos de disporem de si mesmos” e, final mas não menos importante, dos movimentos de libertação dos povos colonizados. (SOW; ADBULAZIZ, 2010, p. 632).

Ademais, os autores acrescentam em relação à identidade cultural africana o seguinte:

Ao passo que as grandes mutações sociopolíticas do século XX encontram-se desde antes esboçadas, quanto à África, o continente delas experimenta as graves consequências no que diz respeito à sua identidade cultural. Os autênticos valores do passado que haviam feito as suas provas, encontram-se recriados, ridicularizados e humilhados perante os novos valores das civilizações europeias, “Evoluídos” e “não evoluídos”, “assimilados” e “indígenas”, enfrentam-se e para muitos africanos, a assimilação corresponde a uma reivindicação, um ideal moral sinceramente desejado. Viver como colono, vestir-se como ele, comer e beber como ele, falar e habitar como ele, rir e enraivecêr-se como ele, ter as mesmas referências religiosas, morais e culturais que ele, eis no que consistem as novas aspirações do colonizado. (SOW; ADBULAZIZ, 2010, p. 632).

Agier (2001) pontua na citação a seguir a influência da globalização nas mudanças culturais e identitárias mundo a fora a partir do século XX e XXI. Porém, vale ressaltar que, apesar da ideia de globalização ser recente, o colonialismo, a partir do século XVI, já tratava de “aproximar” as culturas de forma violenta e impondo a cultura do dominador sobre a do dominado:

Por um lado, a mundialização coloca em questão, pelo acesso maciço aos transportes e às comunicações, as fronteiras territoriais locais e a

relação entre lugares e identidades. Por outro, a circulação rápida das informações das ideologias e das imagens acarreta dissociações entre lugares e culturas. Nesse quadro, os sentimentos de perda de identidade são compensados pela procura ou criação de novos contextos e retóricas identitárias. Híbrida ou mestiça, como se diz agora, a cultura encontra-se assim mais dominada do que nunca pela problemática da identidade, que se enuncia cada vez mais como uma “identidade cultural”. (AGIER, 2001, p. 7).

A UNESCO publicou, em 2010, uma coleção chamada *História Geral da África*, dividida em oito volumes; o último volume, VIII, intitulado *África desde 1935*, com edição de Ali A. Mazrui e Christophe Wondji, reúne capítulos de vários autores e traz reflexões acerca das mudanças socioculturais sofridas pela África desde o colonialismo até os dias atuais, mais precisamente a partir do ano de 1935 e pós-segunda guerra mundial. Entre essas mudanças, destaco a seguir as que ocorreram na religião, na língua, nas artes e no advento do Pan-Africanismo.

Segundo Tshibangu, Ajayi e Sannch (2010, p. 605), o africano é, na sua essência, crente e religioso e, assim, para ele, “a religião não é simplesmente um conjunto de crenças, mas um modo de vida, o fundamento da cultura, da identidade e dos valores morais”. Portanto, a sociedade africana está firmada na religião tradicional, mesmo sofrendo influências das religiões eurocristãs e islâmicas. A religião tradicional africana se baseia na exploração das forças da natureza, na relação entre o homem e o extra-físico a partir do culto de várias divindades. Ainda, estas religiões se desenvolveram livre e abertamente, proporcionando espaço para concorrer com outras religiões, enquanto o cristianismo e o islã se apresentam como as únicas a serem donas da verdade e não aceitam coexistir com outras crenças ou práticas religiosas.

Pela apresentação dos países feita anteriormente, podemos constatar que as religiões mais cultuadas hoje na África são, de fato, o cristianismo e o islamismo; mas, não podemos deixar de mencionar o crescimento do número de igrejas evangélicas em alguns países africanos. Até 1935, 80% da população africana se afirmava adepta de ambas religiões, cristianismo e islamismo, com maior vantagem numérica para o islã (TSHIBANGU; AJAYI; SANNCH, 2010). Estes autores apresentam uma análise interessante a respeito da influência

dessas religiões e da perda de poder das religiões tradicionais africanas, proporcionando, assim, uma discussão acerca da identidade do continente:

As atividades conduzidas pelas missões cristãs em toda a África no século XIX no rastro da colonização complicaram a situação religiosa. [...] Com a perda da autonomia devido ao colonialismo, a religião tradicional africana foi relacionada, no espírito de grande número de africanos, a uma África do fracasso e subjugada. Muitos proclamaram então a sua adesão ao cristianismo e ao islã, símbolos para eles, da evolução, do progresso e do porvir, sem necessariamente abandonar a antiga cosmologia ou as suas crenças religiosas profundas. (TSHIBANGU; AJAYI; SANNCH, 2010, p. 608).

Este panorama apresentado pelos autores ajuda a entender o preconceito e a estereotipização que as religiões de origem africana sofrem no Brasil, por exemplo, e até no próprio território africano; a ideia passada, por meio da imposição das religiões cristãs e do islamismo na cultura africana, ganhou força com o discurso de progresso, evolução e poder. As religiões africanas passaram então a ser associadas à bruxaria de forma negativa, assim como involução. Apesar disso, essas religiões tradicionais ainda mantêm força na população da África, pois estão associadas, entre outros fatores, à saúde e à cura, numa relação entre o bem-estar do homem, sua felicidade e saúde mental, que devem estar inteiramente ligadas à saúde física.

Por outro lado, dando ênfase a alguns pontos que podem ter sido positivos, os autores indicam que o Catolicismo levou o desenvolvimento da educação na África, segundo Tshibangu, Ajayi e Sannch (2010), como também o comércio de livros e a construção de livrarias e bibliotecas. Porém, sabemos que essa educação foi pautada em um sistema europeu que, provavelmente, apagou uma história e cultura africanas das escolas, além da imposição linguística, dando espaço para as línguas inglesa, francesa e portuguesa se tornarem oficiais nos países africanos. Além disso, é notório que o conhecimento mundial de obras literárias africanas, no decorrer dos séculos, foi inacessível e desconhecido por grande parte do mundo e que predomina, desde sempre, uma grande valorização do conhecimento ocidental e de autores e cientistas brancos.

Ademais, os referidos autores acrescentam que o cristianismo e o Islamismo influenciaram “na elaboração do arcabouço jurídico africano” e, por ser a maioria das populações adeptas a essas religiões, “os códigos da família e

também dos elementos do código do direito privado” se encontram tomados de princípios islâmicos ou cristãos (TSHIBANGU; AJAYI; SANNCH, 2010, p. 628).

Destarte, Tshibangu, Ajayi e Sannch (2010), a respeito da atual conjuntura religiosa na África, concluem:

A religião tradicional africana, embora enfraquecida pela extensão do islã e do cristianismo, ainda está viva e continua trazendo consigo os seus próprios princípios humanistas e espirituais, os quais sustentaram sucessivas gerações africanas há milênios. Passadas pelo crivo da crítica racional científica e filosófica, estes princípios podem ser valorosamente assumidos e vividos pelo homem africano contemporâneo, tenha ele tornando-se cristão ou muçulmano, ou adepto de uma via espiritual racionalista. Todavia, é preciso notar que, ainda muito frequentemente, certa mentalidade africana de caráter fetichista, mágico e místico, além e em razão disso, irracional, constitui a causa de bloqueios no curso da elaboração de uma ação e de um pensamento construtivos, com vistas ao verdadeiro progresso da sociedade africana. (TSHIBANGU; AJAYI; SANNCH, 2010, p. 628).

Em relação à língua, os autores Sow e Abdulaziz (2010) apresentam um panorama sobre as línguas nacionais, dividindo em três fases. Assim, eles indicam que: de 1935 a 1960, as línguas africanas enfrentaram os processos e perigos da assimilação; já entre 1960 e 1982, constituiu-se uma nova política linguística e cultural e, por fim, entre 1982 e 2000 surgem os grandes desafios. Ademais, vale ressaltar a importante influência das línguas africanas na formação do português brasileiro, a partir do contato dos povos escravizados com o português europeu já no território brasileiro. Os autores anteriores apresentam um quadro com a quantidade de línguas nacionais faladas por país, bem como as línguas dominantes de cada um dele. No caso, apresentamos os números referentes aos cinco países dos alunos africanos participantes desta pesquisa. Assim sendo, em relação ao Benim, este tem 52 línguas nacionais, sendo o iorubá – que também é falado na Nigéria e em Togo -, o fon, o bariba, o yom, o ditammarie e o francês as línguas dominantes. Já em Gana, são 46 línguas presentes, e entre as dominantes estão: ewe - também presente em Togo e Benim - *akan, ga, hauça e inglês*. Togo tem 50 línguas e as dominantes são: *kabye, ewe e francês*. O Gabão tem 43 línguas e predonminan *fang, myene e o francês*. Por último, o Congo, com 15 línguas; entre elas, as principais são *kikongo, lingala e francês*. É importante ressaltar que as línguas estão relacionadas às raízes e bases étnicas de cada família.

Sow e Abdulaziz (2010) afirmam que os colonizadores, cada um da sua forma, introduziram o processo de assimilação linguística na África. Assim, até 1954, os africanos ainda não tinham se desvinculado desse processo. Possivelmente, por uma necessidade de se sentirem menos inferiores e *involuídos*, como assim lhes ensinaram. Desse modo, a emancipação linguística e reconhecimento identitário e cultural, por meio da língua, se deram a partir do ano indicado, sem contar a relação de assimilação literária que contribuiu para a desmoralização africana. Por outro lado, existia uma minoria que mantinha acesa os valores tradicionais e buscava na literatura um refúgio; as literaturas orais africanas demonstravam também um certo descontentamento dos colonizados que imitavam os brancos e falavam a língua sem conhecê-la exatamente, dando mais valor à cultura do outro, o colonizador.

O contato com as línguas europeias, o cristianismo, o islã e com os comerciantes árabes e orientais proporcionou um enriquecimento às línguas africanas no que diz respeito ao léxico e às terminologias relacionadas ao campo religioso, técnico, científico, econômico e social até os dias de hoje. Ademais, as línguas euro-africanas, os crioulos e *pidgins* se desenvolveram e tornaram-se línguas negro-africanas autênticas, principalmente nos países e cidades litorâneos, como Cabo Verde, Guiné-Bissau, Camarões, Serra Leoa e Gâmbia. Em alguns países, como Ilhas Maurício, o crioulo tornou-se a língua mais popular (SOW; ABDULAZIZ, 2010).

No Brasil e em colônias do Caribe, aconteceram processos parecidos de surgimento de crioulos ou *pidings*. No Brasil, em especial, Lucchesi (2009, p. 35) defende que houve, na verdade, uma transmissão linguística irregular⁵, ou seja, o contato entre o português europeu e as línguas africanas resultaram em “uma variedade histórica da língua-alvo que se caracteriza por exibir processos de variação e mudança induzidos pelo contato entre línguas”. Dessa forma, é sabido que a língua portuguesa foi afetada pelo contato com línguas africanas e indígenas, de forma bem representativa, não só na questão lexical, mas também

⁵ Lucchesi (2010, p. 35) define Transmissão Linguística Irregular como o “[...] processo de socialização e nativização de um modelo defectivo de segunda língua adquirida por uma população de indivíduos adultos, de forma precária, em situações de contato linguístico abrupto, massivo e radical”.

na estrutura da língua, no que se refere às variações linguísticas, dividindo o português em dois: a normal culta e a norma popular brasileira. Assim,

A dimensão do contato linguístico na proporção das situações desencadeadas pelo tráfico negreiro pode ser medida pelo fato de que, até meados do século XIX, os portugueses e seus descendentes diretos constituíam apenas um terço da população brasileira. Os outros dois terços eram constituídos por africanos e índios e seus descendentes, com larga predominância dos primeiros na maior parte do território brasileiro. A grande maioria desses indivíduos tinha de aprender o português em condições mais adversas, trabalhando como escravos nas grandes plantações do interior do país, de modo que o conhecimento que adquiriam da língua do colonizador se restringia a um vocabulário reduzido, praticamente desprovido de estrutura gramatical. E as crianças que nasciam nessas condições sub-humanas não tinham, normalmente, acesso à língua nativa dos seus pais [...] tendo aquelas que desenvolver a sua linguagem a partir do modelo altamente defectivo de português falado como segunda língua por estes. (LUCCHESI, 2009, p. 28-29).

Sow e Abdulaziz (2010) declaram que foi a partir de 1920 que começaram a surgir os pesquisadores africanos a fim de estudar mais profundamente a cultura e língua africanas, num viés crítico ao processo de assimilação. Assim, políticas linguísticas foram criadas, como, por exemplo, a reunião do Instituto Internacional das Línguas e Civilizações Africanas, em 1926, que contou com participação de vários representantes de países europeus e apenas dois da África, sendo um do Egito e outro da África do Sul. Esse contexto já indicava o objetivo dessa reunião: manter o plano colonial de aculturação vivo, orientando, assim, “a evolução dos africanos”, nas palavras de Sow e Abdulaziz (2010), a partir da civilização ocidental, produzindo, inclusive, manuais escolares africanos escritos em línguas europeias, para ensinar aos estudantes africanos o pensamento ocidental, os costumes da vida europeia, assim como a História, Geografia, vida social e religião da África. Agora, imaginemos como devem ter sido apresentadas as informações sobre o continente africano nesses manuais. Podemos, aqui, indicar o começo de um apagamento da história real da África e dos seus povos no sistema educacional não só no continente africano, mas no mundo?

Ademais, somente a partir de 1960, com a conquista da independência da maior parte dos países africanos, que as devidas atenções foram dadas à cultura, à língua e à educação locais. Os universitários da época, os mesmos

que foram aos países europeus estudar ou que de lá vieram, juntamente com as mulheres africanas de trabalhadores, a sociedade científica do país e os movimentos estudantis que mobilizaram os dirigentes dos países africanos para inserir e desenvolver programas educativos que tivessem como base as línguas vernáculas. A partir daquele momento, com interferência da população africana, mas também com a ajuda internacional de pesquisadores da área, buscava-se uma tomada de consciência da cultura africana; com isso, as línguas africanas deixaram os títulos de “dialeto” e “línguas tribais”.

A essa discursão, podemos acrescentar, também, segundo Sow e Abdulaziz (2010), um desenvolvimento e investimento nas pesquisas fora da África sobre o próprio continente, no que tange à sua cultura, literatura, línguas, destacando-se como pesquisadores interessados as comunidades africanas e negras nas Américas do Norte, Sul e Central, principalmente, nos Estados Unidos, Caribe e Brasil. Há, ainda, os programas de intercâmbio, como o PEC-G, que promovem, hoje, uma mobilidade, fomentando aspectos de troca em relação à cultura e à língua entre os países da América e da África. É claro que ainda há um caminho grande pela frente para impulsionar a resistência cultural contra a dominação estrangeira e as consequências desta atualmente na vida dos africanos, mas muito já se conquistou em respeito à valorização e à divulgação das culturas africanas, como, esta pesquisa, por exemplo.

De forma mais pontual, Mazrui (2010), com a colaboração de Mário de Andrade, Daniel Kunene, Jan Vansina e M’hamed Abdalaoui, apresenta um panorama mais específico sobre a literatura africana. O referido autor afirma que foi a partir dos anos de 1930 que se deu o mais notável impulso da literatura na África, destacando a influência da Bíblia e do Corão, e contos de louvor, que foram inspirações poéticas para os africanos. Assim:

O desenvolvimento da educação e a expansão da alfabetização, bem como o sensível aumento numérico dos africanos aos quais se abriram as portas para os estudos universitários, este novo quadro criou um ambiente instruído em razão do qual emergiram novos escritores e constitui-se um público crescente de leitores e potenciais auditores de literatura africana. (MAZRUI, 2010, p.663).

Dentre os gêneros mais desenvolvidos na literatura africana, destacam-se: a poesia – que representa a forma literária mais autóctone -, o teatro, o

drama e o romance – que é uma herança europeia. O forte desenvolvimento da poesia está relacionado à tradição africana, que sempre teve poetas, oradores e autores de canções. Não podemos esquecer de mencionar a tradição oral, de origem autóctone, em que “uma proporção relevante de autores e contadores são mulheres, dotadas de formidável domínio sobre a palavra dita e de uma bela virtuosidade, elas ilustram-se tanto na poesia quanto na narrativa” (MAZRUI, 2010, p. 665). Os poetas e escritores africanos, em suas obras, deram voz para o nacionalismo, transformando suas poesias em espaços de militância, de luta política, buscando, também, referências em textos estrangeiros, já que os africanos mantinham um gosto pelos provérbios e, por isso, utilizavam-se de citações, por exemplo, da literatura francesa.

Assim, no decorrer desse período, os escritores africanos focaram a escrita de sua literatura nas seguintes temáticas, segundo Mazrui (2010): oposição entre passado e futuro, tradição e modernidade, mundo autóctone e estrangeiro, conflito entre indivíduo e sociedade, entre capitalismo e socialismo, desenvolvimento e autossuficiência e africanidade e humanidade, ou seja, entre os direitos africanos como membros de uma raça particular ou “habitantes de um continente particular e os deveres dos africanos como membros da espécie humana” (MAZRUI, 2010, p. 678). Nota-se que todas essas temáticas vão ao encontro das questões identitárias, quando, possivelmente, o próprio africano está buscando uma construção e afirmação da sua identidade cultural.

Ademais, o autor conclui que “a poesia, oral ou escrita, em língua autóctone ou estrangeira, continua a representar o mais vivo gênero literário do continente africano”, estando presentes nesses poemas a especificidade africana, gritos de angústia e tristeza, mas também o feminino, as alegrias, tragédia e comédia (MAZRUI, 2010, p. 696).

Em relação às artes, Vansina (2010) afirma que, hoje em dia, elas se manifestam com bastante criatividade e diversidade em todas as camadas sociais, com investimento em cafés, museus, clubes de dança, escolas, com o crescimento do mercado da moda, por causa do aumento do consumo – influência do capitalismo. A arte africana está potencializada em vários meios, sobretudo nas artes visuais, corporais e do espetáculo, como televisão, cinema,

balé, teatro, etc.; e divide-se em: arte tradicional, popular urbana, turística e acadêmica.

A arte tradicional continua em desenvolvimento, viva e está vinculada ao meio rural; a arte turística é aquela direcionada aos estrangeiros, enquanto a arte popular urbana difunde-se principalmente na pintura de grandes murais em casas, igrejas, cafés, por exemplo. Vale destacar a arte corporal, que está conectada à arte tradicional, a partir da pintura da pele, tatuagens, penteados e trajes utilizados. É válido comentar, também, sobre a música e a dança, afinal, são artes representativas do povo africano. Além disso, cabe ressaltar o desenvolvimento da televisão e do cinema, principalmente nos países como Egito e Nigéria.

A diáspora africana ou negra, que começa com o tráfico de negros escravizados para várias colônias europeias no século XVI, toma uma nova configuração a partir dos anos de 1935 na África. A diáspora define-se como a saída dos povos do seu território para outro, seja pela violência da escravidão, seja por questões religiosas, políticas ou econômicas, mas o que está em jogo é sempre uma nação opressora que provoca a saída de pessoas, de forma violenta, do seu país ou local de origem. Porém, o movimento da diáspora tem promovido, durante séculos, um processo de (re)construções identitárias dos povos envolvidos, desencadeando em novas formas de ser e viver o mundo, assim como rupturas de tradições, influenciando, assim, na formação cultural dos colonizadores e das novas nações que vieram a se formar a partir das colonizações, como o Brasil. Este é, sem dúvidas, o resultado da resistência cultural e identitária dos africanos escravizados que vieram para cá, assim como dos índios e de outros imigrantes que aqui encontraram refúgio. Lutar para a manutenção da cultura e da identidade coletiva e individual, nas condições de subalternos, foi uma das mais significativas atitudes dos escravizados.

Rodrigues (2012), ao citar Hall (2003) e Munanga (2004), esclarece-nos algumas relações entre a diáspora e as identidades culturais, quando afirma que os movimentos migratórios influenciaram nas transformações das tradições tanto as dos colonizados, como as dos colonizadores, mas a metrópole não deixa de ser uma referência política, cultural e econômica para os colonizados. É como

se, eternamente, estivéssemos buscando um parâmetro de civilização evoluída e ideal para nos espelharmos. O eurocentrismo, então, direcionou a constituição da identidade nacional brasileira, desconsiderando as culturas dos povos africanos e indígenas, induzindo-nos, assim, a copiar sempre os países que estão do outro lado do oceano. Isso, talvez, seja aquilo que chamamos de “complexo de vira lata”. Assim, para Rodrigues (2012):

Hall (2003), ao pensar a identidade cultural, estabelece um entendimento em que os valores culturais são mantidos como elementos permeáveis às mudanças empreendidas pelas migrações territoriais. O autor considera que as culturas são abertas e compõem-se em meio às diásporas expressando-se como tributo que reinventa as tradições. Essa constatação revela que as culturas não são puras. Isso fornece às tradições um conteúdo sincrético, em que se pode observar a incorporação de outros valores culturais e a manutenção de aspectos às origens étnico-raciais. (RODRIGUES, 2012, p. 3).

Focando na discussão sobre as identidades africanas, Harris e Zeghidour (2010), traz um panorama histórico das diásporas africanas a partir de 1935. Assim, o autor afirma que entre 1935 e 1960, os africanos continuaram a migrar, só que por outros motivos. Nesse contexto, a abolição da escravatura no mundo, inclusive, no Brasil, o último a fazê-lo, já era real e o processo de independência dos países africanos iniciara. Por isso, nestes anos indicados, a ida para o Novo Mundo se justificava por outras motivações, com números superiores de pessoas que migravam e com os destinos diferentes, afinal, até o fim do tráfico, os escravizados viajavam pelo Oceano Atlântico, Índico e Mediterrâneo, levados às colônias europeias nas Américas e na Europa; agora, nos anos de 1935 até 1960, os africanos buscavam fugir da colonização europeia nos países do continente africano, buscando escapar da opressão política e econômica, indo para as capitais da Europa. Um dos objetivos dos africanos, nesses países, era a obtenção do ensino superior, o que proporcionou um aumento no número de estudantes africanos matriculados nas universidades europeias e americanas durante o período indicado.

Com as independências dos países africanos, a partir de 1960, os emigrantes africanos agora eram profissionais, médicos, engenheiros, professores universitários, homens de negócio, entre outros, que buscavam oportunidades em outros destinos, não só na Europa, mas também no Oriente

Médio e no Canadá. Vale destacar a migração das mulheres africanas, que iam para outros países, especialmente, na Europa, em busca, também, de empregos. Homens sem nenhuma instrução igualmente começavam a migrar em busca de empregos e trabalhavam em restaurantes, trabalhos de manutenção e até tráfico de drogas. Não podemos esquecer dos exilados políticos, que fugiam das guerras civis nos seus países. Hoje, existe um retrato ainda muito parecido, se pensarmos na atual realidade de imigrantes africanos que residem na cidade de São Paulo, vindos de países diversos, trabalhando no comércio informal, como cabelereiros e formando comunidades africanas que precisam lidar com o preconceito, racismo e choques culturais. O Brasil já apresenta uma sociedade baseada no racismo estrutural, em que os negros estão à margem da sociedade, então imaginemos os desafios enfrentados por negros imigrantes dentro do território brasileiro.

Com o surgimento do movimento Panafricanista, a partir dos anos 1900, tendo como fundador principal William Edward Burghardt Du Bois, os africanos, juntamente com os negros americanos e europeus que eram descendentes dos povos africanos, organizaram-se a fim de unificar as lutas contra o racismo e o preconceito racial, assim como as desigualdades sociais e a segregação racial sofridas pelos africanos nos seus países de origem, mas também em outras nações do mundo. O movimento tem como objetivo unificar os países da África contra a exploração, o colonialismo, escravidão e apresenta um manifesto de solidariedade e consciência de uma origem comum entre os negros no mundo. A ideia era potencializar a voz dos países africanos no mundo, bem como o reconhecimento e visibilidade dos mesmos. Segundo Kodjo e Chanaiwa (2010, p. 897), “o Pan-Africanismo nasceu no Novo Mundo, nos séculos XVIII e XIX, em favor da luta dos negros pela libertação, contra a dominação e exploração dos brancos”. Assim, o movimento teria, de fato, ganhado força no continente africano depois da invasão da Etiópia pelos fascistas italianos, em 1935, juntamente com o quinto Congresso Panafricano, em 1945. Nesse congresso, estava presente, pela primeira vez, um grupo numeroso de africanos ativistas que estavam lutando pela libertação da colonização da África, buscando o fim da “dominação política e econômica dos imperialismos estrangeiros” (KODJO;

CHANAIWA, 2010, p. 899) como também uma emancipação psicológica e cultural.

Dentre as exigências feitas aos países colonizadores, segundo Kodjo e Chanaiwa (2010), estavam:

1. A emancipação e a total independência dos africanos e dos outros grupos raciais submetidos à dominação das potências europeias, as quais pretendiam exercer, sobre eles, um poder soberano ou um direito de tutela;
2. A revogação imediata de todas as leis raciais e outras leis discriminatórias;
3. A liberdade de expressão, de associação e reunião, bem como a liberdade de imprensa;
4. A abolição do trabalho forçado e a igualdade para um trabalho equivalente;
5. O direito ao voto e à elegibilidade para todo homem ou mulher com idade a partir de vinte e um anos;
6. O acesso de todos os cidadãos à assistência médica, à seguridade social e à educação (KODJO; CHANAIWA, 2010, p. 899).

É notório que muitas dessas reivindicações ainda fazem parte das lutas de movimentos negros pelo mundo, em especial no Brasil, principalmente em relação à exigência feita no que tange ao acesso à educação, à segurança e à assistência médica. Ademais, a igualdade no trabalho ainda é uma luta na sociedade brasileira, sobretudo para mulheres negras que ganham um salário mais baixo em relação às brancas, os homens negros e os homens brancos.

Todo esse panorama histórico, apresentando neste capítulo, tem como objetivo fundamental e delinear a configuração da África no século XXI. Sem que se tenha vivido a experiência de conhecer pessoalmente e profundamente o continente, ficamos com informações e dados encontrados em pesquisas de livros e na *internet*. Todas essas referências reforçam que ainda há uma necessidade de desenvolvimento e mudanças pelos quais os países do continente precisam passar. As questões políticas ainda carecem de resoluções, o machismo precisa ser combatido, assim como as desigualdades sociais, a presença da fome e a mortalidade infantil. Ademais, há uma emergência também em relação ao investimento na educação; não podemos esquecer de mencionar as questões ambientais que também existem na África, resultado de anos de exploração vegetal e mineral nos países, que fez com que gerasse uma grande devastação e falta de investimento na recuperação das matas, florestas e de

áreas agredidas. Obviamente diante dos séculos de colonialismo e imperialismo europeu, o contexto e a realidade da África não poderiam ser diferentes.

Todavia, apesar desse cenário comum apresentado em várias referências sobre a África atual, busca-se nesta pesquisa, apresentar uma outra visão sobre o continente. Por isso, pretendo, a partir dos relatos de experiências dos alunos africanos, mostrar ainda os estereótipos negativos recorrentes sobre a África, mas também identificar, nas falas deles, o que há de positivo e como eles empoderaram-se diante dos preconceitos com os quais convivem aqui no Brasil. Além disso, destaco a influência da globalização que se faz presente na formação da identidade cultural africana, no que diz respeito ainda à influência de países da América e da Europa, os quais ditam moda, ideias e verdades, manipulando, direta ou indiretamente, o desenvolvimento dos países africanos.

A mídia, com advento da globalização moderna, tem mostrado também uma nova África para o mundo, por meio do cinema, do mercado musical e da moda. Percebe-se que os brasileiros negros têm buscado, na cultura africana, o reconhecimento de suas raízes e da sua história, o que estreita as relações, agora de forma consciente, entre Brasil e África. Contudo, é importante ressaltar que a África mudou e que hoje ela se configura de forma diferente da do período da escravidão e colonização, quando os africanos escravizados trouxeram suas culturas para o Brasil. Na verdade, neste caso, há uma necessidade de consolidar uma identidade cultural negra, porém vale ressaltar que, antes de tudo, é preciso se debruçar na história e atualidade da África para conhecer mais sobre esse continente e, de fato, ressignificar as identidades negras no Brasil e no mundo, mas, principalmente, dos próprios africanos, que parecem ainda estar nessa construção identitária devido à violenta aculturação.

1.3 Racismo, preconceito, discriminação e estereótipos

Neste subcapítulo trato da distinção entre três conceitos: *discriminação*, *preconceito* e *racismo*, além de tratar, especialmente, sobre o conceito de *estereótipos*, que está atrelado aos outros conceitos. Para a análise dos dados que é feita neste trabalho, é importante distinguir esses conceitos e defini-los, levando em consideração que, por se tratar de culturas diferentes, a africana e a brasileira, o entendimento de racismo, preconceito ou discriminação pode ser interpretado, vivido

e estruturado de formas diferentes nessas sociedades e culturas. Assim, em alguns momentos, os alunos relataram casos de racismo, preconceito ou discriminação, mas que, normalmente, foram identificados por eles, como racismo. Ademais, é importante pontuar que os casos de racismos ou preconceitos, como são vividos no Brasil, só serão experimentados pelos alunos africanos participantes desta pesquisa quando estes chegaram a solo brasileiro, especificamente em Salvador. Isso se deve ao fato de que, em seus países, pela população de maioria negra e por outras questões históricas, políticas e culturais, alguns alunos não experienciam casos de racismo, mas, talvez, de outros tipos de preconceitos; isto ficou claro em uma das perguntas feitas aos alunos durante as entrevistas e produção das narrativas.

No mais, o conceito de estereótipo é extremamente necessário, pois a base desta pesquisa se faz a partir da discussão desse conceito, afinal, busca-se identificar os estereótipos existentes sobre a África e os africanos, a partir do ponto de vista dos brasileiros.

O conceito de “raça” ainda permeia as discussões atuais dentro do campo político, cultural, educacional e histórico nas sociedades do mundo, especialmente no Brasil e, principalmente, nesta época, em que se discute fortemente questões sobre o empoderamento negro, feminino e igualdade social e, ainda, dentro de um cenário mundial em que as representações políticas tendem a grupos de direita ou extrema direita, que se aproximam das correntes reacionárias e fascistas que estavam "adormecidas". No Brasil, nos habituamos a conviver com a ideia de raça, que já está embutida, internalizada, na nossa mente e nas nossas relações interpessoais devido ao racismo estrutural e à educação social que recebemos, seja da família, da escola ou por meio da mídia.

Por isso, segundo Mungoi (2012), podemos pensar, também, que, para muitos alunos africanos, a ideia de raça ou a ideia de pertencer a uma raça negra nasce aqui na sociedade brasileira, a partir das experiências coletivas e individuais deles, em que estes demarcam e ressignificam suas identidades em torno da “raça”, pois se defrontam com situações de discriminação racial, que são marcadas por estereótipos. Assim, ao passarem por situações racistas, os alunos estão vivenciando os problemas enfrentados pelos negros no Brasil, ou seja, neste momento, eles são vistos, inicialmente, como negros, abandonando sua identidade

nacional ou continental e focando na identidade racial. A partir disso, como afirma Mungoi (2012), estes alunos africanos passam a perceber que:

[...] a cor da sua pele lhes remetia a um lugar pouco prestigiado na sociedade brasileira. Trata-se de um lugar marcado pela exclusão social, discriminação racial, pelos estereótipos que não coincidem com a realidade social vivenciada pelos estudantes africanos nos seus países. (MUNGOI, 2012, p.134).

No texto proferido na palestra do 3º *Seminário Nacional de Relações Raciais e Educação*, Munanga (2003) apresentou uma reflexão interessante sobre a necessidade de se definir, historicamente, o conceito de raça e, além disso, sobre a necessidade de categorização das coisas no mundo. Separar vegetais ou animais por espécie ou categoria não parece ser tão perigoso quanto classificar os humanos por raças. Afinal, o conceito de raça, quando começa a se constituir e determinar não apenas a cor da pele do homem, mas seu passado, presente e futuro dentro de uma sociedade dividida e marcada pela desigualdade social, traz sérios riscos à integridade moral e física dos indivíduos estigmatizados, mas também da sociedade como um todo que, pelo menos no Brasil, ainda não "cicatrizou" nem se "curou" dessa violenta separação racial, vivendo hoje o que chamamos de racismo velado. Assim, Munanga (2003) reflete:

Por que então, classificar a diversidade humana em raças diferentes? A variabilidade humana é um fato empírico incontestável que, como tal, merece uma explicação científica. Os conceitos e as classificações servem de ferramentas para operacionalizar o pensamento. É neste sentido que o conceito de raça e a classificação da diversidade humana em raças teriam servido. Infelizmente, desembocaram numa operação de hierarquização que pavimentou o caminho do racismo. A classificação é um dado da unidade do espírito humano. (MUNANGA, 2003, p. 2).

O autor também nos apresenta o conceito de raça através do tempo. Afirma que se trata de uma palavra que vem, etimologicamente, do italiano *razza* e, conseqüentemente, do latim *ratio*, e que significa "sorte, categoria ou espécie". Além disso, esse conceito de raça foi também usado, na história das Ciências Sociais, Botânica e Zoologia, para "classificar espécies animais e vegetais" (MUNANGA, 2003,p.1) . Já no latim medieval, o conceito passou a determinar "a descendência ou linhagem" (MUNANGA, 2003, p.1), enquanto entre os séculos XVI e XVII, a palavra começou a ser utilizada como é empregada nos dias de hoje: "para classificar a

diversidade humana em grupos fisicamente contrastados” (MUNANGA, 2003, p.1), diretamente relacionado às classes sociais. Assim, Munanga (2003) atesta:

Podemos observar que o conceito de raça tal como o empregamos hoje, nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação. A raça sempre apresentada como categoria biológica, isto é, natural, é de fato uma categoria etno-semântica. De outro modo, o campo semântico do conceito de raça pré-determinado pela estrutura global da sociedade e pelas relações de poder que a governam. Os conceitos de negro, branco e mestiço não significam a mesma coisa nos Estados Unidos, no Brasil, na África do Sul, na Inglaterra, etc. Por isso que o conteúdo dessas palavras é etno-semântico, político-ideológico e não biológico. (MUNANGA, 2003, p. 6).

Ademais, Giddens (2012) afirma que as teorias científicas sobre raça surgiram entre o final do século XVIII e XIX, usadas para justificar a nova ordem social daquele momento, tendo a Inglaterra e outras potências mundiais como mantenedores do imperialismo e colonialismo sobre territórios e populações mundo à fora. Arthur de Gobineau, diplomata francês e filósofo, pode ser considerado, desta forma, “o pai do racismo moderno”, pois propôs a existência de três raças: a branca, ou caucasiana, a negra e a amarela, e o fez a partir da observação de hábitos culturais de povos distintos. Assim,

Segundo de Gobineau, a raça branca possui inteligência, moralidade e força de vontade superiores, e são essas qualidades hereditárias que fundamentam a disseminação da influência ocidental ao redor do mundo. Os negros, em comparação, são os menos capazes, marcados por uma natureza animal, falta de moralidade e instabilidade emocional. (GIDDENS, 2012, p. 451).

Essas ideias teriam influenciado na criação do partido nazista alemão, por Adolf Hitler, por exemplo, entre outros grupos defensores da supremacia branca, como o Ku-Klux-Klan. No Brasil, o racismo é vigente há séculos e se consolidou com o fim da escravidão e tráfico negreiro, quando a abolição da escravatura foi assinada em 1888; de lá para cá, os negros brasileiros têm sofrido as duras consequências de uma sociedade racista e preconceituosa, que não soube se reestruturar com o fim da escravidão, promovendo, direta ou indiretamente, uma nação com altos índices de violência, desemprego, desigualdade racial e de gênero.

Além disso, Giddens (2012) apresenta um histórico sobre a abordagem do conceito de “raça” nas diferentes concepções, tanto com base na Ciência Biológica, quanto na Sociologia. Dessa forma, o autor afirma que “a comunidade científica

praticamente abandonou o conceito de raça” (GIDDENS, 2012, p. 452) e que alguns sociólogos atestam isto, “argumentando que a raça nada mais é do que um construto ideológico” (GIDDENS, 2012, p. 452), enquanto outros dizem que, mesmo que a ciência biológica, após anos de estudo, tenha chegado à conclusão de que não existem raças, ainda assim, este conceito continua tendo significados para muitas pessoas, sendo ainda um “conceito vital” (GIDDENS, 2012, p. 452). Por outro lado, essa discussão genética sobre a raça é recorrente, principalmente quando citamos os casos de investigação policial, em que, nos Estados Unidos, a polícia tende a traçar o perfil ou a tendência de determinados grupos raciais ou étnicos a cometerem crimes. Já para a Sociologia, há divergências sobre o conceito: alguns entendem que “raça” nada mais é do que um construto ideológico e continua sendo um conceito vital para os estudos sociológicos. Assim, conforme Giddens (2012):

As diferenças raciais, portanto, devem ser compreendidas como variações físicas que os membros de uma comunidade ou sociedade identificam como socialmente significativas. As diferenças na cor da pele, por exemplo, são tratadas como socialmente significativas, ao passo que as diferenças de cor de cabelo não são. (GIDDENS, 2012, p. 452).

A raça pode ser compreendida como um conjunto de relações sociais, que permitem que indivíduos e grupos sejam localizados, e vários atributos ou competências sejam designados, com base em aspectos biológicos. As distinções raciais são mais do que maneiras de descrever diferenças humanas – elas também são fatores importantes na reprodução de padrões de poder e desigualdade dentro da sociedade. (GIDDENS, 2012, p. 452).

Além dos conceitos definidos por Giddens e Munanga, convergentes entre si em alguns pontos, Ribeiro (2018) apresenta, em sua obra, *Quem tem medo do Feminismo Negro?*, uma definição sobre racismo, pautada na sua vivência e no seu lugar de fala como mulher negra na sociedade brasileira. Assim, a autora defende que o racismo “é um sistema de opressão que visa negar direitos a um grupo” (RIBEIRO, 2018, p. 39) e que “[...] para haver racismo deve haver relação de poder, e a população negra não está no poder” (RIBEIRO, 2018, p. 43). Desta forma, a autora descontrola a ideia de racismo reverso, já que as relações de poder são estabelecidas, desde o período da colonização, passando pela escravidão, do branco (europeus) para o negro (africanos), configurando, assim, o que chamamos de racismo estrutural:

Não existe racismo de negros contra brancos ou, como gostam de chamar, o tão famigerado racismo reverso. Primeiro, é necessário se ater a conceitos. Racismo é um sistema de opressão e, para haver racismo, deve

haver relações de poder. Negros não possuem poder institucional para ser racistas. A população negra sofre um histórico de opressão e violência que a exclui. (RIBEIRO, 2018, p. 41).

A ideia do racismo reverso é desconstruída por Ribeiro (2018), mas os conceitos de racismo velado e estrutural difundem-se, na sociedade atual, como um reflexo histórico da escravidão. No Brasil, o racismo é estrutural e velado; velado porque as instituições sociais e as pessoas não se reconhecem como racistas, tendo ações discriminatórias silenciosas diariamente, sem se dar conta de que estas ações são, de fato, racistas e excludentes. Ou seja, os brasileiros não se assumem racistas, mas, no seu inconsciente coletivo, se age e se pensa de forma racista. Munanga (2003) afirma que essas hierarquizações raciais e sociais sobreviveram ao tempo e estão, por causa disso, mantidas no imaginário coletivo das novas gerações. Assim, frases reproduzidas numa conversa informal entre amigos, como “ela é uma negra bonita”, “ele é preto de alma branca”, “eu não sou racista, tenho até amigo negro” transparecem o racismo enraizado da população brasileira que, agora, está caminhando para a reconstrução dessas ideias e comportamentos, a partir de ações que fortalecem o movimento negro e lutando pelo respeito e igualdade aos direitos civis, raciais e de gênero.

Portanto, o racismo, no Brasil, é estrutural, pois ele está na base da construção social, política e histórica do país, determinando a desigualdade social presente, podendo ser notado pela violência que mata jovens negros, pela manutenção do tráfico de drogas, pela violência nas comunidades ou favelas das grandes cidades e pela negação de oportunidades aos negros brasileiros; esse conjunto de fatos é herança de três séculos de escravidão no país, sendo este a última nação a abolir a escravatura no mundo. Dessa forma, fazem-se necessárias medidas de inserção social desses grupos excluídos e violentados fisicamente e socialmente. Nesse sentido, é que ações afirmativas, como as cotas, por exemplo, são tão necessárias. Este cenário de desigualdade social pode ser confirmado pela análise de dados estatísticos que mostram a realidade desigual da sociedade brasileira; dito isso, vejamos o que explana o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística):

As estatísticas de cor ou raça produzidas pelo IBGE mostram que o Brasil ainda está muito longe de se tornar uma democracia racial. Em média, os brancos têm os maiores salários, sofrem menos com o desemprego e são

maioria entre os que frequentam o ensino superior, por exemplo. Já os indicadores socioeconômicos da população preta e parda, assim como os dos indígenas, costumam ser bem mais desvantajosos. (IBGE, 2018, s/p).

Batista (2018), em sua resenha sobre a obra *O que é racismo estrutural?*, de Silvio Luiz de Almeida, esclarece questões pertinentes sobre o racismo e sua configuração na sociedade atual brasileira. A autora afirma que Silvio de Almeida apresenta uma distinção entre os três conceitos: preconceito, racismo e discriminação. Para ele, então, segundo Batista (2018, p. 2582), o preconceito “deve ser entendido como a construção e definição de conceito sobre determinada pessoa ou grupo, estabelecida por fatores históricos e sociais”; quanto ao conceito de discriminação, este é definido de maneira muito objetiva: “é dar tratamento diferenciado em razão da raça” (BATISTA 2018, p. 2582). O racismo é definido, então, como

[...] uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios, a depender ao grupo racial ao qual pertençam. (BATISTA, 2018, p. 2582 *apud* ALMEIDA, 2018, p. 25)

A partir disso, Batista (2018) indica que o autor Silvio de Almeida divide o racismo em três concepções: a individualista, a institucional – que “confere privilégios e desvantagens a determinados grupos em razão da raça” (BATISTA, 2018, p. 2583) – e a estrutural, que está ligada à normalização do racismo nas relações sociais, políticas, jurídicas e econômicas, assim como uma violência não de forma direta, mas institucional e culturalmente reproduzida na sociedade. Segundo Batista (2018), o autor afirma que o racismo estrutural está ligado ao funcionamento do Estado e de outras instituições sociais, pois está conectado às decisões dos grupos dominantes, que alimentam comportamentos discriminatórios e dão voz e poder à supremacia branca.

Ademais, Ribeiro (2018) acrescenta:

Ideias racistas devem ser combatidas, e não relativizadas e entendidas como mera opinião, ideologia, imaginário, arte, ponto de vista diferente, divergência teórica. Ideias racistas devem ser reprimidas, e não elogiadas e justificadas. Não adianta dizer que hoje tudo é racismo, mostrando uma explícita ignorância histórica. Este país foi fundado no racismo, não tem nada de novo nisso. A mídia brasileira nem de longe reflete a diversidade do

seu povo. E, para perceber isso, basta ligar a televisão ou folhear uma revista. (RIBEIRO, 2018, p. 39).

Essa discussão supracitada sobre a relação mídia *versus* racismo apresentada por Ribeiro (2018) é extremamente importante quando penso sobre a visibilidade dada a África pela mídia mundial e, especialmente, a brasileira. O que as redes sociais, a televisão e a produção cinematográfica apresentam sobre a cultura africana? Historicamente, o que é escolhido ou produzido para ser posto na mídia é, claramente, selecionado para perpetuar um racismo e preconceito sobre a África e suas culturas. Recentemente, tem havido uma discussão nas redes sociais, por exemplo, sobre o costume de pessoas brancas publicarem fotos com crianças negras africanas, sempre em contexto de ajuda humanitária. O que se critica é o processo de colonização “moderna” que pode estar presente ali, fomentando a ideia de que brancos estão sempre salvando negros africanos da fome, da doença e da miséria.

Há pouco ou quase nenhum interesse das mídias brasileiras e do mundo em apresentar a realidade - tal como ela é - das culturas africanas. Nesse sentido, se fazem extremamente necessários os projetos realizados no PROFICI/PROEMPLE, nas aulas de português, em que os alunos africanos têm espaço para apresentar a sua cultura e identidade como elas realmente são vividas por eles. Se a sala de aula de línguas estrangeiras estiver aberta para este intercâmbio cultural, e se for possível levar estas representações culturais para as salas de aula de escolas brasileiras, públicas e/ou privadas, as questões sobre estereótipos e preconceitos poderão, enfim, serem acessadas, discutidas e, quem sabe, desconstruídas.

Fora isso, vale ressaltar que há uma movimentação cultural muito interessante em relação ao cinema africano. Uma das maiores indústrias cinematográficas do mundo, talvez a segunda maior, é a nigeriana, a famosa Nollywood; projetos como a *Mostra de Cinemas Africanos*, de curadoria de Ana Camila Esteves e Beatriz Leal Riesco, que aconteceu em Salvador no ano de 2018, apresentou filmes da Nigéria, África do Sul, Senegal, Sudão e Quênia, viabilizando, portanto, o acesso às culturas africanas por meio da mídia e, assim, um conhecimento das culturas desses países, ajudando a desconstruir preconceitos sobre essas nações.

Ainda, junto ao conceito de “raça”, Giddens (2012, p. 453) aborda o de “etnicidade”, e afirma que “não existe nada de inato na etnicidade, ela é um fenômeno puramente social, que é produzido e reproduzido ao longo do tempo”, ou seja, “se refere às práticas e perspectivas culturais de uma determinada comunidade de pessoas que as separa das outras”, e que são práticas aprendidas, mutáveis, adaptáveis e fluidas, envolvendo, assim, religião, língua, história, estilo de roupas, etc. Apesar da “etnicidade” ser um atributo a todos os membros da sociedade, como afirma o autor, na prática, ela ainda é associada a grupos minoritários dentro de uma população.

Todavia, quando o autor sugere que a raça é a reprodução de padrões de poderes e desigualdade dentro da sociedade, é notável a relação desta reprodução da desigualdade com a formação e disseminação de estereótipos, principalmente, em relação ao negro no Brasil. A estereotipização, por exemplo, de que todo homem negro sem camisa, de bermuda, chinelo, boné e correndo pela rua é ladrão, é uma amostra do estereótipo sobre o negro e de um ladrão no Brasil, o que se acentua se levarmos em consideração o fato de que a população negra brasileira experiencia a discriminação e as desigualdades no país há séculos.

O preconceito, segundo Giddens (2012), é baseado em estereótipos, que são “características fixas e inflexíveis de um grupo de pessoas” (GIDDENS, 2012, p.455). Nesse contexto, o “preconceito” pode ser definido como:

[...] opiniões e posturas que alguns membros de um grupo mantêm em relação a outros. As visões preconcebidas de uma pessoa preconceituosa muitas vezes baseiam-se em rumores, em vez de evidências diretas, e são resistentes à mudança, mesmo frente a novas informações. As pessoas podem ter preconceitos positivos quanto a grupos com os quais se identificam e preconceitos negativos para com outros. (GIDDENS, 2012, p. 455, grifos meus).

Quanto ao conceito de “discriminação”, Giddens (2012) o difere do conceito de “preconceito”, afirmando que este último diz respeito às posturas e opiniões, enquanto o primeiro são comportamentos adotados em relação a um grupo ou indivíduo. Assim, a discriminação se relaciona a ações e atividades que desqualificam membros de um grupo, como, por exemplo, quando se nega a um negro(a) um emprego por julgá-lo incompetente por causa da cor de sua pele, dando a vaga a um branco, por exemplo. No caso, o preconceito seria uma postura

discursiva, uma opinião pré-concebida, um julgamento pela aparência física, enquanto a discriminação é o ato, a ação, materialização desse preconceito.

A respeito dos “estereótipos”, Giddens (2012) afirma que alguns têm um pouco de verdade, outros representam apenas um mecanismo de *deslocamento* – como é definido pelo autor – em que o sentimento de hostilidade ou raiva são direcionados contra objetos que não são a origem real desses sentimentos; nesse sentido, compreendo “objetos” como um “alvo”, que podem ser pessoas ou seus grupos sociais diversos, mas que, normalmente, representam uma minoria. Assim, os estereótipos “são embutidos em visões culturais e são difíceis de desfazer, mesmo quando são distorções grosseiras da realidade” (GIDDENS, 2012, p. 455).

Quando falam sobre a África, os estereótipos que se manifestam, provavelmente, foram construídos durante anos, por advento da escola e influência da mídia no mundo; desses estereótipos, surgem os preconceitos, que são ideias, pré-conceitos sobre esse continente, e que, normalmente, são disseminados por pessoas que (ou nunca) foram até os países, ou têm objetivos específicos com a manutenção desses estereótipos sobre a cultura e povos africanos, afinal, é necessário que haja um grupo que seja explorado para que uma elite se mantenha viva e enriquecida no mundo. A estes grupos para os quais são direcionados os estereótipos, Giddens (2012) chama de “bode expiatório”, já que são alvos fáceis de estereótipos e/ou preconceitos, pois são os “diferentes e relativamente impotentes” (GIDDENS, 2012, p. 455); estes podem ser os protestantes, os judeus, os ciganos, os muçulmanos, as mulheres e os negros africanos, por exemplo.

Em relação aos estereótipos sobre os negros, isto se deve, entre outros fatores, à escravidão, que deixou marcas nas sociedades do mundo e que contribuíram e contribuem para a construção de estereótipos negativos. O sistema escravocrata, juntamente ao capitalismo e ao colonialismo, resultou em sociedades desiguais, racistas e com manutenção de discursos e estruturas preconceituosas, discriminatórios e estereotipados. Ribeiro (2018) ratifica isto dizendo o seguinte:

Os estudos sobre evolução do século XIX que aplicaram o conceito de racismo biológico marcando a relação de superioridade e inferioridade entre colonizadores e conquistados, mais precisamente na América, legitimaram as relações de dominação europeia ao atribuir aos negros uma “inferioridade natural” devido à cor e ao tamanho do cérebro. (RIBEIRO, 2018, p. 64).

Ademais, a autora acrescenta: “Foram 354 anos de escravidão e, depois, não se criaram mecanismos de inclusão para a população negra, como foram criados para os imigrantes que vieram para cá no processo de industrialização” (RIBEIRO, 2018, p. 64).

Já no programa *Papo de segunda*, do canal GNT (2018), num episódio sobre “Julgamentos por estereótipos”, exibido em abril de 2018, o rapper Emicida, que é um dos apresentadores e debatedores do programa, apresentou a seguinte análise e crítica sobre conceito de estereótipo:

[...] estereótipo é coisa de branco [...] você atrela um certo grupo de hábito a um grupo de pessoa e você tem força social, econômica, política para fazer aquilo se valer dentro daquela cultura e se enraizar [...] e todos os grupos subalternizados, eles não conseguem criar um estereótipo que amaldiçoe a existência branca à altura da mesma maneira que a gente é prejudicado por isso, porque a gente está a vida inteira tentando se livrar desse estereótipo que é atribuído a nós. (EMICIDA, 2018, programa *Papo de Segunda*)

Levando em consideração essa fala do cantor, podemos atestar que, de fato, os estereótipos têm força social, econômica e política quando os escolhemos e/ou determinamos estereótipos para grupos sociais específicos, em especial, com relação a nacionalidades. Há os estereótipos construídos sobre o Brasil e o brasileiro que são disseminados mundo a fora, sempre voltados à formação de uma imagem negativa sobre a violência e corrupção, assim como o enaltecimento das belezas naturais e à erotização da imagem da mulher brasileira.

Outrossim, os estereótipos sobre a África mostram o quanto a história de exploração desse continente influenciou no processo de subalternização da cultura e dos povos africanos, mostrando, de fato, a força política dos países ricos, sobretudo os europeus, mas também daqueles que contribuíram para um processo severo de escravidão, como o Brasil. Assim, estes países que estão numa posição superior no mundo trabalham para manter uma imagem negativa do continente africano, com o fim de manter o poder econômico e político, mesmo após o fim da colonização, escravidão e exploração desses povos. Sabemos que a construção dessa imagem negativa sobre a África tem relações com o poder e o dinheiro conquistados, ainda, pela exploração das riquezas minerais (em especial, o petróleo) em terras africanas. Ou seja, esta imagem negativa construída historicamente sobre os países africanos ajuda a manter os países ricos ainda mais ricos e poderosos.

No Brasil, construir e disseminar uma imagem pobre e de inferioridade da África contribui para a manutenção do racismo e da desigualdade social, afinal, um povo que não conhece sua história e a realidade tal como ela foi ou é jamais poderá se afirmar com dignidade e respeito numa sociedade. Assim, o estereótipo negativo sobre o continente africano alimenta e é justificado pelo longínquo processo de exploração e escravidão vivido por eles, bem como a ganância das grandes nações no mundo. No capítulo 4, da análise de dados, veremos quais são estes estereótipos ouvidos pelos alunos africanos e como eles os desconstroem no seu dia a dia aqui no Brasil. Para concluir, Ribeiro (2018) nos apresenta algumas reflexões interessantes sobre a questão do estereótipo na cultura brasileira. A primeira faz uma relação entre discriminação e estereótipo:

[...] grupos historicamente discriminados – como mulheres, negros e mulheres negras – carregam estigmas e estereótipos criados pelo machismo e pelo racismo. Como diz a historiadora Joan Scott em “O enigma da igualdade”, “como objeto de discriminação, alguém é transformado em estereótipo”. (RIBEIRO, 2018, p. 56).

Na segunda reflexão, a autora define os estereótipos como:

Estereótipos são generalizações impostas a grupos sociais específicos, geralmente aqueles oprimidos. Numa sociedade machista, impõe-se a criação de papéis de gêneros como forma de manutenção de poder, negando-se humanidade às mulheres. Dizer, por exemplo, que mulheres são naturalmente maternais e que devem cuidar de afazeres domésticos naturaliza opressões que são construídas socialmente e que passam a mensagem de que o espaço público não é para elas. O mesmo ocorre com pessoas negras: a ideia de que toda negra sabe sambar ou de que todo negro é bom de bola (desde que não seja goleiro) são estereótipos que têm por finalidade nos manter no lugar que a sociedade racista determina. (RIBEIRO, 2018, p. 56).

Esta última fala de Ribeiro reafirma o que foi dito antes: os estereótipos, em relação à cultura africana, têm por finalidade manter o continente Africano no lugar de inferioridade e subalternidade imposto a ele, desde o século XVI e XVII, a partir do colonialismo, escravidão, imperialismo e, contemporaneamente, pela globalização e pelo capitalismo liberal, alimentando, assim, o racismo nas suas três concepções (como define Silvio de Almeida), preconceito e discriminação sobre estes povos e suas culturas. Rodrigues (2012), ao citar Foucault, assim aponta:

Foucault (2003) nos revela, em seu livro *Em Defesa da Sociedade*, que o racismo é necessário ao estado Liberal de Direito. Ele funciona como um

mecanismo que reintroduz a ordem monárquica do soberano, que detém o “direito da vida e morte sobre o vassalo”. Dessa maneira, a pureza é essencialmente um sonho mortífero, um modo de colocar em movimento o genocídio. Esse é um sonho antigo, que paira sobre nós e que nos acompanha a tempos imemoriais. (RODRIGUES, 2012, p.5-6).

Logo, é interesse político e econômico dessa elite soberana, que é herança da monarquia, anos após anos, manter uma estruturação social, nos países em desenvolvimento, em que as desigualdades sociais e o racismo se façam extremamente cruéis e presentes, promovendo dificuldades para a ascensão e mudança social desses grupos minoritarizados. Ou seja, o poder dos grupos dominantes é mantido historicamente para que haja um outro grupo que se mantenham à margem da sociedade.

2 ENSINO DE LÍNGUA E CULTURA

Neste capítulo, abordo a relação entre o ensino de língua e as culturas dos sujeitos aprendizes e da língua ensinada. Em um contexto de ensino de língua estrangeira, a escolha pelo ensino não mais voltado à estrutura linguística, mas à prática oral e escrita de gêneros utilizados no dia-a-dia dos aprendizes, assim como a apresentação de elementos culturais, a partir de materiais autênticos, faz-se necessário.

Por consequência, o ensino de Português como Língua Estrangeira (PLE) em situação de imersão requer uma metodologia diferenciada, assim como mecanismos de ensinamentos que levem em conta às necessidades comunicativas desses sujeitos. Cada grupo de discentes que objetiva o aprendizado do PLE vai exigir indiretamente (ou diretamente) métodos eficazes para aquele perfil ou para seus objetivos específicos. Neste sentido, ensinar PLE para um grupo de alunos europeus, falantes de italiano, inglês, espanhol ou francês, é diferente de ensinar a um grupo de estudantes latinos que falam espanhol, por exemplo. Nesse processo de ensino e aprendizagem, está em jogo não apenas a assimilação das estruturas gramaticais, mas também como as questões culturais serão tratadas e apreendidas por cada um desses alunos. Ademais, está em jogo as experiências individuais de cada aprendiz, quantas culturas diferentes ele conhece, quantas outras línguas ele já aprendeu, visto que isso interfere no processo de ensino-aprendizagem da língua alvo.

Ademais, não podemos deixar de levar em consideração a formação do professor de PLE. O Brasil, por exemplo, tem poucas universidades que oferecem o curso de graduação na modalidade de Licenciatura em Português como Língua Estrangeira; a Universidade Federal da Bahia (UFBA) e a Universidade de Brasília (UnB), por exemplo, oferecem a licenciatura plena. A existência desses cursos de graduação nas universidades brasileiras fortalece ainda mais as políticas linguísticas a favor do crescimento e da internacionalização do PLE no Brasil e no mundo. Vale ressaltar, ainda, que a formação do professor de PLE é muito importante, pois o ensino e metodologias adotados devem e são diferentes se compararmos o da língua estrangeira com o da língua materna, como explicam Batista e Láscar Alarcón (s/a):

A formação do professor de língua portuguesa como língua estrangeira precisa ser diferenciada da formação do professor de língua portuguesa

como língua materna (LM ou L1), pois o professor de LP não pode trabalhar num contexto específico ensinando o genérico de LM com pressupostos inadequados que indicam, por exemplo, uma análise voltada para a escritura e a leitura de antemão prioritárias, para o léxico e regras gramaticais em frases de pouca contextualização como é frequentemente praticado em sala de aula de LM. (BATISTA; LÁSCAR ALARCÓN, s/a, p. 18-31).

Além da formação dos professores, é importante fazer uma análise crítica dos materiais didáticos que estão presentes nas escolas e cursos de PLE pelo Brasil e pelo mundo. Estes materiais estão, de fato, ajudando a disseminar uma cultura brasileira real, ou estão perpetuando estereótipos essa? São materiais que estão indo além do ensino da estrutura da língua? No curso do PROFICI/PROEMPLE, por exemplo, optamos por produzir o nosso próprio material, com módulos, visando satisfazer às necessidades dos nossos alunos, que é bem específica, mas favorecendo a articulação do ensino da língua e da cultura.

Isso posto, fica claro que o ensino de PLE para alunos africanos envolve questões muito pontuais, que vão além da escolha adequada da metodologia, da prática oral ou escrita, assim como a estruturação de curso preparatório para o CELPE-Bras. Os sujeitos em questão, ao trazer suas experiências individuais como aprendizes natos de várias línguas, precisam lidar, aqui no Brasil, com os choques culturais relacionados às questões identitárias, que envolvem os preconceitos dos brasileiros, o racismo estrutural e os estereótipos negativos sobre seus países e culturas. Neste sentido, Batista e Láscar Alarcón (s/a) afirmam:

A sala de aula de PLE precisa ser considerada, então, como um lugar de cuidadosa e compreensiva interação social e movimentação da língua portuguesa, reconhecendo limitações e estados afetivos muito singulares que a todo momento podem afetar o processo de aquisição e ensino dessa língua-alvo. (BATISTA; LÁSCAR ALARCÓN, s/a, p. 18-31).

Por isso, organizamos este capítulo em três subcapítulos que versam sobre o contexto deste ensino de português para estrangeiros, especialmente, os discentes africanos, em um cenário e público específicos. O primeiro, *2.1 O ensino de PLE/PL2 no Brasil*, apresenta a história do ensino do português como língua estrangeira no Brasil, desde a chegada dos catequizadores, no século XVI, até os dias de hoje. O segundo subcapítulo, *2.2 O ensino de PLE/PL2 no contexto do*

PROFICI, discorre sobre o ensino de PLE no curso do PROFICI, assim descrevendo o curso, os materiais utilizados e a metodologia do ensino por projetos. O terceiro subcapítulo, 2.3 *O PEC-G e os programas de intercâmbio e internacionalização da Língua Portuguesa*, trata das características desses programas de intercâmbio que estão associados à UFBA, especialmente, o PEC-G. Além disso, são apresentadas informações sobre exame o CELPE-Bras, expondo a sua relação com o PEC-G e a UFBA, juntamente com a apresentação dos programas PROFICI e PROEMPLE, que fazem, também, o cenário desta pesquisa.

2.1 O ensino de PLE/PL2 no Brasil

Antes de aprofundar no histórico sobre o ensino de PLE no Brasil, faz-se necessário definir alguns termos. No decorrer do texto da dissertação, utilizo os termos PLE e PL2 para me referir ao Português como Língua Estrangeira. Optei por utilizá-los porque entendo que elas abrangem o contexto de ensino de português no PROFICI/PROEMPLE. PLE, *Português Língua Estrangeira*, porque é uma nomenclatura que simplifica e resume o ensino de português para estrangeiros, e é uma nomenclatura utilizada quando queremos ser objetivos e direcionar a discussão sobre essa nova modalidade. Logo, escolhi PLE para simplificar os estudos e discussão a respeito do tema e PL2, *Português como segunda língua*, porque individualiza o ensino do português em contexto de imersão.

De uma maneira geral, defino PLE, *Português Língua Estrangeira*, ao ensino/aprendizagem do português para estrangeiros fora do contexto de imersão, ou seja, nos países dos próprios alunos, sejam eles jovens ou adultos e, ainda, oriundos de quaisquer nacionalidades. Assim, um colombiano que aprende português em um instituto brasileiro de ensino do PLE na Colômbia estaria aprendendo o PLE. O PL2 é o *Português como segunda língua*, que é o ensino/aprendizagem do português em contexto de imersão; nesse caso, os alunos que participam do curso do PROEMPLE, na UFBA, são aprendizes de português como segunda língua, já que estão aprendendo essa língua no país em que ela é falada. Porém, a terminologia PLA, *Português como língua adicional*, também insere o ensino de português para estes estudantes estrangeiros da UFBA, já que alguns deles podem ser falantes da língua materna ou oficial de seu país e mais uma língua

estrangeira. Assim, é uma língua adicional porque estes alunos vão aprender mais uma língua estrangeira, possivelmente uma terceira língua (L3). Ademais, hoje, há mudanças significativas sobre o ensino PLE, já que é cada vez mais compreendido que não se pode reduzir o ensino de português a uma única metodologia ou concepção, já que os públicos se fazem cada vez mais variados. Por isso, vem crescendo o estudo e investimento no ensino do português também como *Língua de Herança (PLH)* e *Língua de acolhimento*. Os contextos sociais atuais, de migração e busca por refúgio no Brasil, como acontece com os sírios, haitianos, congolezes, nigerianos e haitianos, proporcionam uma reestruturação do ensino de português para imigrantes e refugiados e um investimento em políticas públicas e linguísticas de acolhimento a estes sujeitos aprendizes. Vale salientar, ainda, que os alunos africanos participantes do curso do PROFICI/PROEMPLE não se enquadram no ensino de Língua de Acolhimento, pois eles não são refugiados; são imigrantes, pois não têm a nacionalidade brasileira, mas fazem parte de um programa de intercâmbio oficializado e tem toda a documentação de estudante estrangeiro no país. Por fim, a Língua de Herança está voltada ao ensino do português e também de aspectos da cultura brasileira aos filhos de brasileiros nascidos no exterior, ou àqueles que vão moram no exterior desde pequenos. Feitas as contribuições sobre as terminologias, agora apresentamos o contexto histórico do ensino do PLE no Brasil.

A história do PLE, no Brasil, começa no período da colonização, com a chegada dos portugueses e, mais especificamente, dos jesuítas, que vieram ensinar português aos colonizados - os índios, como eles chamaram - que aqui habitavam. Segundo Almeida Filho (2012), a primeira escola de português no Brasil foi criada em 1550, pelo Padre Vicente Rodrigues, e a segunda, pelos jesuítas, em 1553. Nesses contextos de ensino, os professores eram improvisados: garotos infratores órfãos, por exemplo, vinham de Portugal para auxiliar no ensino do português para os indígenas, enquanto padres católicos eram trazidos também para aprenderem a gramática das línguas indígenas, a fim de facilitar a interpretação do ensino feito em português.

Séculos depois, após a criação de escolas públicas brasileiras, já nos anos de 1980, o ensino de português como língua estrangeira começa a se institucionalizar, criando uma nova especialidade da mesma língua. Assim, segundo Almeida Filho (2012), em 1957, a professora Mercedes Marchand criou um manual didático, O

ensino de português para estrangeiros, para ser utilizado no curso para alunos estrangeiros no sul do Brasil, na Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Já nos anos de 1960, começa a criação do curso de PLE nos Estados Unidos da América (EUA) e, nos anos 70, a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade de Campinas (UNICAMP) abrem, também, cursos de PLE. Já na segunda metade dos anos 80, começam a aparecer artigos acadêmicos sobre o ensino de PLE, sob a coordenação acadêmica de Almeida Filho. Porém, é nos anos 90 que o PLE começa a “tomar forma”.

Em 1993, a SIPLE (Sociedade Internacional para o Português Língua Estrangeira) é organizada e o CELPE-Bras é criado. Nos anos seguintes, há uma maior preocupação com a difusão linguística, a partir de políticas de Estado, congressos nacionais e internacionais, publicações de livros, apresentação de projetos de pesquisa em nível de mestrado e doutorado, cursos de formação continuada de professores de PLE e cursos de licenciatura em PLE em universidades brasileiras, como a UnB e a UFBA, por exemplo, começam a configurar o atual cenário do ensino e estudo do PLE.

Com a difusão do ensino de PLE no Brasil e no mundo, levando em consideração os contextos atuais de ensino de línguas estrangeiras, percebe-se que há uma necessidade de discutir, além dos métodos de ensino/aprendizagem, materiais didáticos utilizados, medidas políticas internacionais e formação de professores, a(s) identidade(s) dos sujeitos aprendizes que participam do processo de ensino/aprendizagem da língua/cultura-alvo, abordando, assim, discussões sobre as identidades desses sujeitos aprendizes, afinal, a própria LA, hoje, procura dar conta dessas discussões, oferecendo espaço para temas sobre gênero, raça, questões sociais, identitárias e, conseqüentemente, questões sobre estereótipos, que surgem do olhar do outro sobre uma determinada cultura e seu povo, e choques culturais. Assim:

Uma vez que aprender uma língua implica o encontro com uma outra cultura, verifica-se que o processo de ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira é, em sua essência, intercultural. Nesta perspectiva, defende-se a valorização do conhecimento cultural do aprendiz durante o processo de aquisição da cultura estrangeira, partindo-se do conhecimento da língua e da cultura maternas. O objetivo da aula de língua estrangeira não é promover a internalização profunda das formas de pensamento e comportamento de outras culturas, e sim de integrar as diversas formas de ver o mundo, sem nenhum tipo de menosprezo ou preferências. (ZOGHBI, 2008, p.2).

Em vista disso, a realização deste trabalho justifica-se para o enriquecimento da discussão sobre o processo de ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras, a partir de uma LA Indisciplinar, que leva em conta os sujeitos e o contexto social e intercultural em que estes estão inseridos. Desta forma, levando em consideração este contexto e sujeitos, que são o curso do PROFICI e os alunos africanos do PEC-G, respectivamente, é esperado que os resultados desta pesquisa possam contribuir para fomentar discussões, mudanças e melhoras na própria estrutura do curso do PROFICI, caso se faça necessário, mas também na estrutura do programa PEC-G e em outros programas políticos internacionais de educação e promoção da língua portuguesa no mundo. Ademais, os estudos sobre estereótipos e identidades e a análise desses podem ser levados para discussões dentro das universidades brasileiras e do exterior, escolas brasileiras públicas e privadas, a fim de cumprir a Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003 (BRASIL, 2003), que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que diz respeito ao ensino da história e cultura africanas e afro-brasileiras. Além disso, pretende-se contribuir, primordialmente, a partir do contexto de ensino/aprendizagem do PLE, com a problematização e desconstrução de estereótipos sobre as culturas dos sujeitos aprendizes. Assim sendo,

Para finalizar, reitero, aqui, a importância de se estudar e de se explorar em sala de aula de LE a relação intercultural. Desta maneira, com certeza, estaremos contribuindo para o desenvolvimento da consciência crítica e da disposição ao diálogo e, conseqüentemente, do compartilhamento de ideias e comportamentos do estudante de línguas. É necessário que aprendamos a conviver com a diferença, com os discursos múltiplos que atravessam a sala de aula de línguas. Por isso, a orientação intercultural tem que ser feita de forma precisa, consciente e fundamentada, para que o estudante de língua estrangeira compreenda toda a essência de um povo e de si próprio. (ZOGHBI, 2008, p. 10)

Partindo do conceito de interculturalidade, Mendes (2010) traz a perspectiva do ensino de língua como cultura, sugerindo a abordagem Intercultural no ensino de língua estrangeira e, mais especificamente, de PLE/L2. Segundo a autora, é necessário, primeiramente, pensar numa LA crítica e que se preocupe com questões sociais, culturais e políticas, levando em consideração que estamos inseridos em ambientes sociais, culturais, históricos e políticos específicos e que estes devem ser pensados no processo de aquisição de uma (nova) língua, considerando o indivíduo aprendiz como um ser multifacetado, múltiplo e multidiscursivo.

Desta forma, Mendes (2010) afirma que escolher abordar a língua como cultura é enxergar o indivíduo, aluno ou professor, dentro de um contexto no qual ele vive, age e interage com os outros e com a forma que estes interpretam o mundo à sua volta. Assim,

É pensando no processo de ensino/aprendizagem de línguas como conjunto de ações engajadas social, cultural e politicamente, e no indivíduo como sujeito atuante e crítico, o qual está imerso em ambientes sociais, históricos e políticos específicos, que destacamos a importância de uma reflexão sobre o que significa ensinar língua como cultura e sobre a eleição da interculturalidade, como modo privilegiado de criação e elaboração de novas perspectivas para se ensinar e aprender línguas. (MENDES, 2010, p. 56).

Partindo-se desse contexto de ensino de língua como cultura, é sabido que as discussões sobre estereótipos, temática central desta dissertação, surgiram das vivências em sala de aula, mas também fora dela, em que os sujeitos viveram experiências individuais, de choques culturais, mas também de relação com estereótipos, tanto no que diz respeito às suas próprias culturas quando à cultura da língua alvo. Por isso, neste trabalho, especificamente, focaremos na análise de estereótipos sobre a(s) cultura(s), a partir do ensino de PLE, no contexto do PROFICI, dos alunos africanos (advindos de diferentes países, culturas e falantes de diversas línguas). Segundo Barros e Costa (2017), os estereótipos reforçam e propagam ideias preconceituosas, influenciando no processo de leitura, inclusive, de mundo, o que dificulta a convivência com as diferenças. Assim, por carregar uma posição ideológica, segundo Zoghbi (2008) entendemos que essas generalizações/representações (estereótipos) passam a definir a realidade de um determinado povo.

2.2 Ensino de PLE/PL2 no contexto do PROFICI

O ensino de PLE/PL2, no PROFICI, principiou em 2014, dois anos após a criação deste programa, que ocorreu em 2012. Em março de 2014, deu-se início a primeira turma do PROEMPLE, que é curso o de português para estrangeiros do PROFICI. No primeiro ano, contava-se com uma estrutura menor: apenas dois monitores e o coordenador e 15 vagas ofertadas para o programa PEC-G. Em 2018, quatro anos depois, o curso já possuía quatro monitores (entre eles, eu, que

particpei entre 2014 e 2018), o coordenador e uma média de 150 alunos participantes por ano, oriundos de diversos países e programas de intercâmbio.

O PROEMPLE é um programa que representa um dos caminhos para a promoção e internacionalização da Língua Portuguesa no mundo. Essa ação é validada, entre outros fatores, por exemplo, pelos programas de intercâmbio que tem vínculo entre a UFBA e outros países, cujo pré-requisito é a proficiência na língua portuguesa, conquistada por meio do CELPE-Bras.

O português se difundiu pelo mundo a partir das grandes navegações e da colonização, quando os portugueses impuseram a língua aos colonizados, os índios e os africanos escravizados. Segundo Gilvan de Oliveira (2013, p. 411), o português é hoje uma língua falada em dez países no mundo, sendo que nove fazem parte da Comunidade dos países de Língua Portuguesa⁶ (CPLP). O CPLP é um instituto autônomo financeiramente, que nasceu em julho de 1996 com o objetivo, dentre outros, de trabalhar em função de projetos que visem à promoção e divulgação da língua portuguesa no mundo. Os nove países participantes da Comunidade são: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné–Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste. Além destes, também Macau, na China. De acordo com Oliveira (2013),

A CPLP inicia, por este canal, um diálogo com as políticas contemporâneas do multilinguístico, e os Estados Membros desenvolvem crescente atenção a estas línguas, vetor de integração dos cidadãos às sociedades nacionais que, no século XXI, vão se configurando de modo cada vez mais plural, tanto cultural como linguisticamente. Desse modo, nossas sociedades lusófonas vão aprendendo com algum atraso a lidar e a ver como oportunidade o fato de termos na CPLP, 5% do número total de línguas no mundo. (OLIVEIRA, 2013, p. 412-413).

Assim, a língua portuguesa ocupa a Europa, Ásia e África e é falada, segundo Oliveira (2013), por mais de 200 milhões de pessoas (mais precisamente entre 221 e 245 milhões), demonstrando um crescimento na Angola e Moçambique.

Ademais, segundo o autor, nota-se que o português é uma língua presente nas diásporas, o que faz com que ela seja, também, uma língua de herança, já que filhos de pais falantes do português aprendem a língua portuguesa quando já nascem fora dos seus países de origem. Ainda, o advento da *internet*, juntamente

⁶ Informações disponíveis em: < <https://www.cplp.org/id-2763.aspx>>. Acesso em 24 de fevereiro de 2019.

com a globalização moderna, produz um número alto de usuários, 83 milhões, e, em 2010, tornou-se a quinta língua mais usada na rede, estando, inclusive, a frente do japonês. O português é, também, uma língua “com estatutos de oficialidade ou estatuto oficial” (OLIVEIRA, 2013, p. 412) em 26 organizações internacionais, entre elas, o MERCOSUL e a UE (União Europeia). Esses blocos econômicos e políticos, segundo Oliveira (2013), são importantes para a promoção da língua. Além dessas organizações internacionais, o português também se faz presente em organizações diplomáticas, como a União Africana, a CPLP – citada anteriormente – e a OEA, que será apresentada no próximo tópico deste subcapítulo.

Consoante Oliveira (2013), historicamente, o período de maior visibilidade e ascensão do português ocorreu após o 11 de setembro, em 2001, depois do ataque às Torres Gêmeas, nos EUA. Se antes, no período posterior a Guerra Fria, a língua inglesa e os EUA saíram em destaque e vencedores, após os ataques, a grande nação norte-americana enfraquece como monopólio político, cultural e linguístico, resultado de uma crise econômica mundial. Assim, a partir de 2001, o português ganha destaque no cenário mundial e os movimentos de internacionalização da língua, unindo os países lusófonos, são retomados com maior força. Em novembro de 1989, os governos dos países lusófonos, Brasil, Portugal e os PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) promovem uma reunião que criou o IILP (Instituto Internacional da Língua Portuguesa), instaurado, oficialmente, nos anos 2000. Em julho de 1996, como mencionado anteriormente, nasce o CPLP, com o intuito de unir política, diplomática e economicamente os países que tem o português como língua oficial. Oliveira (2013) insere que:

O período pós – 2004 [...] tem sido um período virtuoso para o crescimento da língua portuguesa, tanto internamente como externamente. Ampliou-se o letramento da população, a inserção dos países na sociedade internacional, o crescimento da classe média, criando uma produção e um consumo cultural mais sofisticado, mais viagens ao exterior e maior acesso à internet. Estes fatores fomentam um interesse maior pelos países de língua portuguesa e, conseqüentemente, maior disposição para o seu aprendizado como língua estrangeira. (OLIVEIRA, 2013, p. 417).

Neste contexto, pensando língua como cultura, política e “objeto de gestão” (OLIVEIRA, 2013, p.419), as políticas linguísticas, sob responsabilidade dos estados-nação ou países, são encarregadas pelas relações entre língua e poder dentro de uma nação e, por isso, fazem-se necessárias para a promoção e

internacionalização de qualquer língua, em especial, no nosso estudo, o português. Desse modo, estas políticas linguísticas devem aproveitar os “recursos linguísticos e políticos para abrir aos cidadãos, por meio das instituições, possibilidades de interação com outras culturas e economias” (OLIVEIRA, 2013, p. 429). Assim, o referido autor (2013) sugere que haja um investimento, no caso do português, na aliança entre o português e o espanhol, língua oficial nos países da América do Sul, bem como entre o português e o inglês, visando, também, as pesquisas científicas e tecnológicas, objetivando “otimizar os recursos linguísticos brasileiros”, a fim de reconhecer, nas nossas casas, escolas e dia-a-dia, de fato, a nossa língua como “patrimônio cultural imaterial do Brasil e, igualmente, “aumentar o potencial da internacionalização da e via língua portuguesa” (OLIVEIRA, 2013, p. 430) a partir de movimentos da CPLP e da IILP.

Por essa perspectiva, chegamos à conclusão de que os programas de intercâmbio, apresentados posteriormente, se inserem nesses projetos de internacionalização da língua portuguesa e fazem parte de políticas linguísticas para a promoção da língua, mas também para a troca cultural a partir do contato entre o brasileiro e o estrangeiro aprendiz. O investimento em cursos de graduação de PLE, assim como na pós-graduação, constituem um caminho de promoção da língua, afinal, as universidades passam a preparar professores que saem aptos e graduados para exercer a profissão e utilizar de métodos mais eficazes, que diferem do ensino de língua materna.

Ademais, o PEC-G, como programa de intercâmbio entre o Brasil e países da África e América Latina, promove, de fato, o que sugere Oliveira (2013), um contato entre culturas diferentes, mas também entre as línguas espanhola, portuguesa e inglesa; o PROFICI, por exemplo, oferece cursos de várias línguas, inclusive está ligado ao Ciência sem Fronteiras, que é um programa que visa o desenvolvimento, a promoção e internacionalização da ciência e tecnologia a partir do intercâmbio estudantil dos alunos de universidades brasileiras.

Não podemos deixar de acrescentar às sugestões de Oliveira (2013), o investimento do governo brasileiro em abrir mais vagas e investir financeiramente nos programas de intercâmbio já existentes, para que, dessa forma, continuemos a evoluir no sentido da internacionalização da língua portuguesa e do aumento do

interesse sobre ela. Afinal, passada a Copa do Mundo de 2014 e o crescimento econômico do Brasil, que fizeram com que o interesse pela língua e pela cultura também aumentassem, parece-nos que os alunos intercambistas, sejam eles europeus, latinos ou africanos, continuam nutrindo uma relação amigável com o Brasil e, especificamente aos olhos dos latinos e dos africanos, o Brasil aparenta ser um destino que está em constante desenvolvimento, que tem boa educação superior, com uma beleza natural atraente e com uma receptividade nata do povo brasileiro. Estes pontos citados também podem ser interpretados como estereótipos sobre o Brasil e a cultura brasileira, cuja discussão se dará no capítulo 4 dessa dissertação. Assim, é válido refletir sobre essa ideia de que o Brasil é melhor, nos quesitos citados, do que os países de onde vem os africanos ou os latinos, mas, por outro lado, pode também não corresponder a essas expectativas e pré-ideias construídas pelos alunos estrangeiros.

Na subseção a seguir, serão desmembrados e discutidos os programas de intercâmbio que tem vínculo com a UFBA, em especial, o PEC-G.

2.2.1 O PEC-G e os programas de intercâmbio e internacionalização da língua portuguesa

Entre os programas de intercâmbio que possuem vínculo com o PROFICI/ PROEMPLE, na UFBA, estão:

- PAEC-OEA (Programa de Alianças para a Educação e a Capacitação e Organização dos Estados Americanos).
- AAI (Assessoria para Assuntos Internacionais da UFBA).
- ETA (Programa de Assistente de Ensino de Língua Inglesa).
- FIOCRUZ (Fundação Oswaldo Cruz).
- PEC-G (Programa de Estudantes-Convênio de Graduação).

Destacam-se, dentre os programas, o PEC-G, o PAEC-OEA e a AAI, já que maior a parte das vagas do curso é preenchida, anualmente, por alunos intercambistas desses programas. Desde 2014, o Curso recebe, no início do ano, em média, 40 alunos do PEC-G, mas isso depende do número de vagas ofertadas pela coordenação do PROEMPLE por ano; em 2018, foram ofertadas 70 vagas.

Os alunos da AAI são, normalmente, oriundos de países europeus e que estão cursando uma graduação nas universidades dos seus países, mas que cursam um semestre numa universidade aqui no Brasil, em disciplinas que possam equivaler às disciplinas nos cursos das suas faculdades de origem; já os do PAEC-OEA são, em sua maioria, alunos de países da América Latina e Caribe, de cursos de pós-graduação em nível de mestrado e doutorado. Assim, o PROFICI/PROEMPLE recebe, anualmente, perfis diferentes de estudantes e, por isso, propõe uma metodologia de ensino que tente dar conta dessa diversidade não só cultural e linguística, mas também de objetivos e propósitos variados.

A AAI da UFBA oferece duas modalidades de intercâmbio para alunos intercambistas: alunos conveniados e especiais. O PROFICI/PROEMPLE, normalmente, recebe alunos conveniados, que são os estudantes universitários, segundo o *site* oficial do programa e instituição UFBA, que fazem intercâmbio acadêmico internacional a partir de um Acordo de Cooperação entre a sua instituição superior de ensino e a UFBA, por até dois semestres letivos. Assim, os discentes participantes desse programa, geralmente oriundos de países e universidades europeias, participam do curso de português do PROFICI no segundo semestre do ano letivo, comumente, a partir do mês de agosto. Eles não participam do curso preparatório para o CELPE-Bras nem têm a obrigatoriedade de fazer esse exame, como também não fazem parte das mesmas turmas dos alunos do PEC-G ou PAEC-OEA. Assim, uma turma específica para este grupo de alunos da AAI é aberta, já que eles têm objetivos diferentes dos demais e o tempo que ficam no Brasil é distinto, variando de acordo com o edital e suas universidades.

Já o PAEC-OEA, juntos, correspondem a duas instituições: o primeiro é o Programa de Alianças para a Educação e a Capacitação; já o segundo é a Organização dos Estados Americanos. A OEA, segundo *site* oficial do programa, agrega 35 Estados independentes das Américas, entre eles, Brasil, Colômbia, Peru, Canadá, Estados Unidos, Honduras e Uruguai, constituindo, assim, o principal fórum governamental político, jurídico e social do Hemisfério e tem por objetivo manter a união e independência dos países americanos. O PAEC foi lançado em 2011 e é uma importante iniciativa de cooperação no âmbito educacional para o desenvolvimento da América Latina e do Caribe. Tem como principal objetivo contribuir para a integração e o fortalecimento das Américas, concedendo bolsas de

estudos integrais para cursos de pós-graduação *stricto sensu* (Mestrado e/ou Doutorado), oferecidas pelas universidades brasileiras, destinadas a estudantes oriundos dos 34 países-membros da OEA, segundo *site* oficial do GCUB (Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras). Entre as normas e benefícios do Programa, está a oferta de bolsas de mestrado e/ou doutorado e o curso de português para estrangeiros em universidades brasileiras. Os alunos participantes do PAEC-OEA, normalmente, juntam-se aos do PEC-G, nas mesmas turmas, pois iniciam o curso do PROEMPLE no início do primeiro semestre letivo da universidade, podendo permanecer no curso de português até o final do mestrado e/ou doutorado. Eles também precisam prestar a prova do CELPE-Bras, como indicado no edital de inscrição, mas em período diferente dos alunos do PEC-G.

Os alunos que têm vínculo com o ETA (*English Teaching Assistant*) têm aulas de português no PROEMPLE, mas também são monitores do próprio programa, o PROFICI, já que fazem parte do ETA juntamente com a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e a Comissão Fulbright (Comissão para o Intercâmbio Educacional entre os Estados Unidos da América e o Brasil). Esses alunos são dos EUA, falantes nativos de inglês e participam do PROFICI/PROEMI, dando aulas de inglês a estudantes brasileiros da UFBA, inscritos no PROFICI. Já a FIOCRUZ oferece bolsas para estudantes brasileiros e estrangeiros, profissionais e pesquisadores, em programas que abrangem alunos desde o ensino médio até doutores formados em instituições nacionais e internacionais. Desta forma, os alunos estrangeiros, quando matriculados na UFBA, também têm o direito de participar do PROEMPLE.

O PEC-G, por sua vez, foi criado, oficialmente, em 1965, e oferece a estudantes de países em desenvolvimento, segundo informações do *site*⁷ do programa, com os quais o Brasil mantém acordo educacional, cultural ou científico-tecnológico, a oportunidade de estudar um curso de graduação em Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras. Assim, o programa possibilita a estudantes, entre 18 e 23 anos, com ensino médio completo, de diversos países da África, Ásia, América Latina e Caribe, estudar em universidades privadas e públicas brasileiras, sejam elas federal ou estadual (cabe também incluir os institutos federais, como o

⁷ Disponível em: <<http://www.dce.mre.gov.br/PEC/G/historico/introducao.php>>. Acesso em: 06 de dezembro de 2018.

IFBA – Instituto Federal da Bahia). Para isso, segundo o Decreto nº 7.948, os alunos precisam estar aprovados no CELPE-Bras, que é o exame de proficiência na língua portuguesa brasileira. Por isso, discentes de países que não têm o português como língua oficial e/ou materna estudam em universidades credenciadas que possuam o curso de português para estrangeiros, como é o caso da UFBA. Ademais, os candidatos precisam comprovar que têm condições de custear suas despesas no Brasil e, ainda, possuir o certificado de conclusão de ensino médio.

Desta forma, os alunos que foram aprovados na seleção, realizada nas embaixadas ou consulados brasileiros nos seus países de origem, primeiramente, participam do curso de português durante um ano e, após o resultado do exame CELPE-Bras, se aprovados, viajam e se matriculam nas universidades e nos cursos que haviam escolhido durante a inscrição e seleção. Os discentes, de acordo com o edital, só podem fazer o CELPE-Bras uma única vez. Logo, se são reprovados, voltam para seu país de origem. É importante ressaltar que o PEC-G é um programa que está sob responsabilidade dos Ministérios da Educação e das Relações Exteriores, assim como outros programas de intercâmbio mencionados anteriormente. A seguir, está o Decreto⁸ nº 55.613, atualmente regido pelo Decreto nº 7.948, que descreve as normas do programa:

DECRETO Nº 7.948, DE 12 DE MARÇO DE 2013

Dispõe sobre o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação - PEC-G.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA, no uso das atribuições que lhe confere o art. 84, **caput**, inciso VI, alínea “a”, da Constituição,

DECRETA:

CAPÍTULO I

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 1º O Programa de Estudantes-Convênio de Graduação - PEC-G destina-se à formação e qualificação de estudantes estrangeiros por meio de oferta de vagas gratuitas em cursos de graduação em Instituições de Ensino Superior - IES brasileiras.

Parágrafo único. O PEC-G constitui um conjunto de atividades e procedimentos de cooperação educacional internacional, preferencialmente com os países em desenvolvimento, com base em acordos bilaterais vigentes e caracteriza-se pela formação do estudante estrangeiro em curso de graduação no Brasil e seu retorno ao país de origem ao final do curso.

Art. 2º O PEC-G será implementado conjuntamente pelo Ministério das Relações Exteriores e pelo Ministério da Educação, nos termos deste Decreto.

⁸ Decreto disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Decreto/D7948.htm>. Acesso em: 06 de dezembro de 2018.

§ 1º Compete ao Ministério das Relações Exteriores coordenar os procedimentos relativos à implementação do PEC-G junto a governos estrangeiros por intermédio das missões diplomáticas e repartições consulares brasileiras.

§ 2º Compete ao Ministério da Educação coordenar os procedimentos referentes à adesão das IES ao PEC-G, oferta das vagas, seleção e matrícula dos candidatos e acompanhamento do programa.

§ 3º Os Ministérios das Relações Exteriores e da Educação não interferirão em questões de natureza acadêmica, de atribuição exclusiva das IES integrantes do programa.

O PEC-G surgiu a partir de uma necessidade, observada pelo governo brasileiro, nos anos de 1960, de tornar únicas as condições do intercâmbio estudantil, assim como igualar a educação de brasileiros e estrangeiros, já que houve, naquele período, um aumento no número de estrangeiros no Brasil. Ao todo, são 59/60 países que participam do programa, sendo 26 da África, 25 da América Latina e Caribe e 9 da Ásia. Entre os países da África, os mais recorrentes no programa do PROFICI/PROEMPLE são: Benim, Gana, Gabão, República Democrática do Congo, Costa do Marfim, Camarões, Quênia, Namíbia, Togo e Senegal. Quanto à América Latina e Caribe, se destacam: Colômbia, Cuba, Costa Rica, Jamaica, Honduras, Haiti, Guatemala, Equador e El Salvador. Em relação à Ásia, com mais frequência participam alunos do Timor–Leste.

Segundo dados do site oficial – indicado anteriormente na nota de rodapé de número 7 – do PEC-G, as graduações com maior número de vagas estão em Comunicação Social, Administração, Letras, Ciência Biológicas e Pedagogia. Porém, o que se observa entre os alunos do PEC-G, da UFBA, são que buscam oportunidades mais nas áreas de engenharia e saúde, como Engenharia de Petróleo, Odontologia, Medicina, Enfermagem, Engenharia Civil, Engenharia Agrônoma etc. Para o ano de 2018, foram ofertados 291 cursos pelas IES, entre eles: Letras, Música, Zootecnia, Direito, Engenharia de Computação, Engenharia de Energias e Meio Ambiente, Administração, Artes, Medicina, Nutrição, entre outros. Entre os cursos escolhidos pelos alunos africanos do PEC-G que vieram fazer o curso de português na UFBA em 2018 e que participaram desta pesquisa estão: Letras (PUC – Campinas), Engenharia de Telecomunicação (INATEL), Engenharia de Petróleo (UFF), Engenharia Civil (UFPE), Marketing (IFTM). Ciência da Computação (UEM), Matemática Industrial (UEFS), Engenharia da Computação (CEFET-MG), Engenharia Mecatrônica (IFCE), Engenharia Mecânica (CEFET- RJ), Relações Internacionais (UNIFESP). É importante ressaltar que os alunos selecionados para vir para a UFBA não cursam a graduação aqui, mas vão para

outras universidades do Brasil. A UFBA está credenciada como IES que oferece o curso de português e não como um destino para a graduação desses alunos do PEC-G. Diferente, por exemplo, dos alunos de pós-graduação do PAEC-OEA, que fazem o curso de português na UFBA e também cursam o mestrado ou doutorado na mesma instituição.

Fazendo um levantamento a partir das informações presentes no *site* oficial do PEC-G, desde o ano de 2015, houve um aumento no número de cursos ofertados pelas universidades brasileiras. Assim, em 2015, eram 214 cursos; em 2016, foram 247; em 2017, 283; e em 2018 e 2019, foram 291 cursos. Não foi possível fazer um levantamento do número de universidades credenciadas nem do número de vagas por universidade, pois o *site* oferece poucos dados e, também, de forma muito desorganizada. Contudo, dentre as universidades participantes, pelo menos no ano de 2018, ano em que se realiza esta pesquisa, estão: UnB (Universidade de Brasília), USP (Universidade de São Paulo), UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), UNEB (Universidade do Estado da Bahia), UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte), UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana), UNIRIO (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro), UNIVALE (Universidade Vale do Rio Doce), UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas), UFOB (Universidade Federal do Oeste da Bahia), CEFET- RJ (Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio de Janeiro), UFC (Universidade Federal do Ceará), UFS (Universidade Federal de Sergipe), UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), SÃO CAMILO, UFSCar (Universidade Federal de São Carlos), entre outras.

Outra informação também não encontrada de forma clara foi em relação ao número de vagas ofertadas pelo próprio programa desde 2015, já que estaríamos comparando os últimos três anos. Porém, em um levantamento e tabela apresentado pelo próprio *site*, é informado o número de participantes selecionados oriundos do continente africano. Assim, no total, foram 7.373 estudantes entre 2000 e 2017, sendo que o total de selecionados conta com mais de nove mil participantes, levando em consideração os alunos da África, Ásia, Caribe e América Latina. Dos países africanos que mais tiverem pessoas selecionadas se destacam: Angola, Cabo Verde e Guiné-Bissau, com 739, 3059 e 1358 estudantes, respectivamente.

Sabemos que a dinâmica do PEC-G se baseia na vinda de estudantes estrangeiros associados ao programa para o Brasil, com o objetivo de cursar uma graduação em uma universidade brasileira, durante o período do curso, que compreende entre três e cinco anos. Assim, para participar dessa seleção, é necessário ter a proficiência em língua portuguesa comprovada com o exame CELPE-Bras; caso não seja possível realizar o exame na embaixada brasileira dos países participantes, os estudantes podem prestar a prova no Brasil, apenas uma única vez. Por isso, é necessário também que universidades públicas sejam cadastradas para aulas de português, como é o caso da UFBA. Desta forma, o programa PEC-G prevê a possibilidade de estudar português numa determinada universidade brasileira e depois fazer a prova do CELPE-Bras. Se aprovados, os alunos cursam a graduação escolhida. Assim, esses estrangeiros sempre vêm para a UFBA no ano anterior ao que ele vai, de fato, ingressar nas faculdades, já que ficarão durante meses se preparando para o teste de proficiência.

Depois do término, o aluno deve voltar ao seu país para ajudar no desenvolvimento e crescimento social e econômico do mesmo, como acordado e determinado em edital. Somente estudantes estrangeiros que não tenham visto permanente ou qualquer outro tipo de visto temporário no Brasil podem participar da seleção. Além disso, esses estrangeiros devem ter entre 18 e 23 anos completados antes da vinda ao Brasil, no ano do lançamento do edital. Precisam, também, apresentar um *Termo de Responsabilidade*, em que os responsáveis afirmem que podem, mensalmente, custear as despesas dos estudantes, com o valor de US\$ 400,00. Ademais, ter completado o ensino médio é pré-requisito importantíssimo, afinal, segundo as normas e leis brasileiras educacionais, só é possível entrar na universidade comprovando término do ensino médio.

O processo de seleção do programa, segundo o Edital de Convocação nº 46, de 18 de maio de 2017, para ano letivo de 2018, consistiu na apresentação dos seguintes documentos:

- Certificado de conclusão do ensino médio cursado fora do Brasil, ou equivalente;
- Histórico escolar com a relação de disciplinas cursadas e notas obtidas durante todas as séries do ensino médio;

- Certidão de nascimento do candidato e de seus genitores;
- Certificado de aprovação no CELPE-Bras, ou original e cópia do comprovante de inscrição na edição de 2017 do referido exame, para candidato de país onde este seja aplicado – no caso dos alunos do PROFICI, eles se inscrevem para fazer o exame no Brasil, no período que for indicado pelo edital do CELPE-Bras, quando da abertura das inscrições, com prova sempre prevista para o mês de outubro;
- Certificado médico de saúde física e mental – o candidato sofre de doença crônica, ou se está recebendo algum tipo de tratamento;
- Termo de Compromisso;
- Termo de Responsabilidade Financeira acompanhado de comprovante(s) de renda do signatário que ateste(m) sua capacidade de cumprir com o compromisso assumido.

Vale ressaltar que para o processo seletivo de 2019, com o Edital de Convocação nº 48, de 14 de junho de 2018, os documentos e etapas apresentaram-se as mesmas.

A seleção dos candidatos é feita por uma Comissão de Seleção, composta por docentes e técnicos das IES brasileiras participantes do PEC-G, e consiste em análise do histórico escolar e demais documentos do candidato, considerando para a classificação dos candidatos:

1. Média global do ensino médio igual ou superior a 60% (sessenta por cento);
2. Média global do ensino médio no idioma oficial de seu país (francês, inglês, espanhol ou português) igual ou superior a 60% (sessenta por cento);
3. Adequação do currículo do ensino médio ao(s) curso(s) de graduação pretendido(s).

2.2.2 O CELPE-Bras

Segundo o *site* oficial do Ministério da Educação⁹, o programa CELPE-Bras é o único certificado brasileiro de proficiência em português como língua estrangeira reconhecido oficialmente e era aplicado até 2017 duas vezes ano: no primeiro semestre, normalmente, em maio; e, no segundo, no mês de outubro. Ele é conferido em quatro níveis: intermediário, intermediário superior, avançado e avançado superior e é aplicado, segundo o *site* oficial do INEP, anualmente, no Brasil e no exterior pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), com apoio do Ministério da Educação e em parceria com o Ministério das Relações Exteriores. Além disso, as provas são realizadas em Postos Aplicadores, como Instituições de Educação Superior, representações diplomáticas, missões consulares, centros e institutos culturais e outras instituições interessadas na promoção e difusão da língua portuguesa.

Assim, segundo o *site* oficial do Inep¹⁰, “o CELPE-Bras fundamenta-se na ideia de proficiência como uso adequado da língua para desempenhar ações no mundo”. Por isso, o exame considera aspectos textuais e aspectos discursivos, sendo eles: contexto, propósito e interlocutores envolvidos na interação. Além disso, o referido exame baseia-se na premissa de que participantes de todos os níveis certificados são capazes de desempenhar ações em língua portuguesa, variando apenas na qualidade do desempenho, dependendo do nível de proficiência. Dessa forma, o exame, que tem natureza comunicativa, foca no uso da língua por meio de avaliações que são integradas, envolvendo compreensão, produção oral e escrita.

O primeiro teste foi aplicado em 1998 e o exame é aplicado no Brasil e em outros países com o apoio do Ministério das Relações Exteriores, juntamente com o Ministério da Educação. Além disso, o CELPE-Bras é aceito, internacionalmente, em firmas e instituições de ensino como comprovação de competência na língua portuguesa. Já no Brasil, o exame é exigido pelas IES brasileiras para ingresso em cursos de graduação ou pós-graduação. Por isso, a necessidade dos alunos do programa PEC-G fazerem o referido exame para ingressarem nas universidades cadastradas.

⁹ Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/celpe-bras>>. Acesso em: 07 de dezembro de 2018

¹⁰ Disponível em:< <http://portal.inep.gov.br/acoes-internacionais/celpe-bras>>. Acesso em: 07 de dezembro de 2018.

Segundo Schlatter (2014), que foi membro da comissão técnica do CELPE-Bras entre 1993 e 2006, "a Comissão para a Elaboração do Exame de Proficiência de Português para Estrangeiros foi constituída pelo MEC em junho de 1993". As discussões iniciais, durante a primeira reunião, que ocorreu em Brasília, trataram, entre outros assuntos, sobre:

- a) Motivações para um Certificado Oficial do MEC de Proficiência de Português como Língua Estrangeira;
- b) A população-alvo;
- c) A natureza do exame;
- d) O que medir (o significado de "proficiência");
- e) O tratamento estatístico do exame;
- f) O papel da cultura brasileira num exame desta natureza.

Ainda segundo Schlatter (2014, s/p) a motivação principal para a elaboração do CELPE-Bras "[...] foi a necessidade de criar um exame único e padronizado para a seleção de estudantes de intercâmbio, principalmente para os que se candidatavam ao Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G)". Schlatter (2014) afirma que para atender à proposta do PEC-G, a comissão percebeu que era necessário

[...] propor uma certificação de uso da língua portuguesa para participar da vida na universidade, o que envolveria criar um instrumento de avaliação que aferisse o potencial dos candidatos para ler, escrever, ouvir e falar em interações da vida cotidiana e estudantil (SCHLATTER, 2014, s/p)

Estes fatos nos mostram dois pontos importantes. O primeiro é que o CELPE-Bras está inserido nas estratégias para a internacionalização da língua portuguesa, afinal, quando se decide fazer um exame brasileiro, constata-se a existência de diferenças linguísticas, culturais e políticas entre a língua portuguesa falada nos países lusófonos. O segundo ponto, por sua vez, é em relação a, como o próprio exame propõe, que ele nasce como uma ferramenta para avaliar os estudantes estrangeiros, focando, principalmente, na imersão destes na cultura alvo, a brasileira, tanto que a estrutura do exame se volta para este objetivo. Afinal, os alunos precisarão "ler, escrever, ouvir e falar em interações da vida cotidiana e estudantil", aqui no Brasil.

Como já mencionado anteriormente, o exame CELPE-Bras tem uma estrutura diferente se comparada a outros exames de proficiência de outras línguas e em outros países. O referido exame é estruturado em prova escrita e prova oral; a prova escrita é composta por quatro tarefas (como assim o exame denomina), que é a produção de redações a partir de gêneros textuais específicos, que são entendidos como aqueles mais usuais em situações mais práticas do uso da língua portuguesa, entre eles estão: e-mail e carta formal e informal, artigo de opinião, editorial, carta de recomendação, texto para *blog* etc. Já a prova oral é pautada em "elementos provocadores", numa interação face a face, a partir da análise e interpretação de imagens e textos relacionados à cultura brasileira, para que os alunos, baseados na interpretação desses, possam responder a perguntas a partir de um "roteiro de interação", que também é determinado pelo exame.

Ademais, o CELPE-Bras certifica em apenas quatro níveis, como já mencionado: intermediário, intermediário superior, avançado e avançado superior, devendo o candidato alcançar pontuações específicas para cada um desses níveis: de 0 a 1,99 é sem certificação; de 2 a 2,75 é intermediário, de 2,76 a 3,50 é intermediário superior, de 3,51 a 4,25 é avançado e de 4,26 a 5 é avançado superior. Dessa forma, para obter o certificado, é necessário que o candidato alcance, tanto na parte escrita quanto na oral, pelo menos, o nível intermediário. Porém, caso o nível de proficiência de ambas as partes do exame seja diferente, prevalecerá o nível mais baixo. A avaliação é feita partir de um quadro de correção pré-estabelecido para cada tarefa, tanto da prova escrita quanto da oral, e a parte escrita é corrigida por mais de um corretor e, ademais, durante a prova oral há mais de um avaliador na banca. A estrutura do CELPE-Bras, então, permite perceber que o exame procura representar as práticas de uso da língua portuguesa que podem ocorrer no cotidiano de um estrangeiro que pretende interagir em português.

O PROFICI/PROEMPLE, por seu turno, tem o objetivo de preparar os estudantes estrangeiros para o CELPE-Bras. Para isso, apresenta uma estrutura e metodologia para alcançar esse objetivo. Dessa forma, organiza o curso com três aulas semanais, com preparatório para o CELPE-Bras, além das aulas de reforço, monitorias feitas com alunos de graduação do curso de Letras da UFBA e sugestão de participação no Poliglota, que é um grupo de prática de conversação de diversas línguas estrangeiras. As aulas, que acontecem entre os meses de julho e

setembro/outubro, promovem um contato com provas anteriores do exame, prática de escrita diária e prática oral com atividades em grupos ou duplas, assim como simulados dos exames em dias específicos de aula.

A tabela¹¹ abaixo, organizada e compartilhada pelo coordenador do curso, professor doutor Ricardo Gualda, apresenta os resultados de aprovações desde 2014, quando o curso do PROEMPLE começou, até 2018. É importante ressaltar que esses números não foram publicados oficialmente, mas é fruto da análise comparativa e pesquisa a partir de resultados do CELPE-Bras publicados no Diário Oficial da União, nos anos indicados.

Tabela 2: Resultados de aprovações do CELPE-Bras desde 2014 até 2018 de alunos do PROEMPLE

PEC-G	Vagas ofertadas	Número de aprovados
2014	15	100%
2015	30	67%
2016	36	71%
2017	40	73%
2018	70	69%

Fonte: arquivo pessoal do professor e coordenador do PROFICI, Prof. Dr. Ricardo Gualda

Assim, essa tabela nos mostra resultados obtidos pelos alunos do PEC-G, em um comparativo desde 2014, primeiro ano do curso, quando apenas tínhamos 15 vagas ofertadas, até 2018. Vale ressaltar, ainda, que o número de vagas ofertadas não necessariamente condiz com o número de alunos que prestaram o exame. Em 2018, por exemplo, das 70 vagas ofertadas, apenas 49 alunos participaram do curso no Brasil e apenas 45 alunos prestaram o exame em outubro, tendo 14 reprovados e 4 alunos que não se inscreveram para o exame ou desistiram do curso já em Salvador. Destes 31 aprovados, 11 tiveram como certificação o intermediário superior, 18 com o intermediário, 1 com o avançado superior e 1 com o avançado. O resultado obtido no ano de 2018 foi positivo, pois se aproxima da média histórica e

¹¹ Tabela organizada e apresentada em reunião pelo professor e coordenador do curso do PROEMPLE, Prof^o Dr. Ricardo Gualda, que forneceu esses dados para serem utilizados na escrita desta dissertação.

nacional, porém, é válido ratificar a importância da segunda chance que apenas foi dado nos dois últimos anos, em 2016 e 2017; ou seja, os alunos do Brasil que não conseguiram ser aprovados na primeira chance, em outubro, tiveram a oportunidade, promovida pelo MEC, de poder estudar mais alguns meses na UFBA e prestar novamente o exame, no mês de maio. Infelizmente, por questões políticas, no ano de 2018, não foi promovido o exame no primeiro semestre, no mês de maio, tendo apenas uma única data, em outubro, o que prejudicou a oportunidade da segunda chance.

Essa segunda oportunidade oferecida é muito importante, pois sabemos que o aprendizado de uma língua acontece de forma individual e sistemática para cada aprendiz. Apesar do uso de metodologias e estrutura que o PROEMPLE oferece e, que tentam abraçar a diferença e pluralidade do público dos programas de intercâmbio, o resultado positivo nos exames CELPE-Bras nem sempre pode ser alcançado, por isso a segunda chance de fazer a prova oferece uma oportunidade ao aluno que encontrou dificuldades na relação, interação e no caminho percorrido durante o ensino e aprendizagem da língua e cultura alvos, como também com os choques culturais vividos por esses estudantes.

2.2.3 O PROFICI/PROEMPLE

O PROFICI, Programa de Proficiência em Língua Estrangeira para Estudantes e Servidores da UFBA, é um programa criado em 2012 e oferece cursos gratuitos de línguas, como o de alemão, inglês, espanhol, francês e português como língua estrangeira para funcionários, docentes da UFBA e alunos matriculados na universidade, sejam estes de graduação ou de pós-graduação, assim como alunos intercambistas, que são oriundos de variados programas de intercâmbio, como, por exemplo, o PEC-G, como já mencionado.

O PROEMPLE, Programa Especial de Monitoria de Português como Língua Estrangeira, o curso de PLE do PROFICI, foi criado em 2014 e recebe, anual ou semestralmente, alunos estrangeiros intercambistas de cursos de graduação, de pós-graduação, oriundos de programas como PAEC-OEA, AAI, Fiocruz, ETA, PEC-PG e PEC-G. Para cada programa, há regras e estruturas diferentes, como foi apresentado na subseção anterior. Para esta pesquisa, foco apenas nos alunos

africanos do programa PEC-G, pois interessa a análise dos estereótipos sobre a África e os sujeitos africanos. Obviamente, o curso do PROEMPLE recebe alunos de diversos países e línguas, de idades e objetivos diferentes, mas a escolha pelos alunos oriundos do continente africano se deu por questões mais marcantes nesse processo de ensino e aprendizagem de línguas.

Assim sendo, os cursos do PROEMPLE são formados por turmas de, em média, quinze alunos estrangeiros de variadas nacionalidades, línguas e programas de intercâmbio, como já mencionado. No ano de 2018, ano cuja pesquisa foi realizada, 70 vagas foram abertas para alunos do programa PEC-G, além das vagas que foram ofertadas para alunos intercambistas de outros programas; em média, desde 2014, o curso recebe anualmente 150 alunos, o que nos mostra que todos os alunos estrangeiros da UFBA têm vaga no curso de português gratuito oferecido pela universidade.

O curso do PROEMPLE teve, no ano de 2018, quatro turmas regulares, ou seja, preparatórias para o exame CELPE-Bras. Os alunos do curso PROEMPLE, normalmente, têm um primeiro contato entre os meses de dezembro e fevereiro com o português através de vídeo-aulas produzidas pelos monitores, coordenador, Ricardo Gualda, e ex-alunos do PROEMPLE, como também alunos do curso de graduação da UFBA em PLE. Essas vídeo-aulas estão hospedadas em um canal no *Youtube*¹² e o link é compartilhado por *e-mail* aos novos alunos assim que a lista oficial de aprovados é enviada ao coordenador do curso PROEMPLE. Nessas vídeo-aulas, os alunos do PEC-G aprendem estruturas, vocabulário e situações conversacionais básicas do português brasileiro.

Após a chegada a Salvador, entre os meses de fevereiro e março, os alunos iniciam o curso de português na UFBA com o objetivo de fazer o exame CELPE-Bras no mês de outubro, para obter certificação de proficiência, com nível mínimo de intermediário e, assim, poder se matricular e estudar em uma universidade brasileira, a qual já foi escolhida durante o processo de seleção na embaixada brasileira do seu país de origem.

Dessa forma, o curso PROEMPLE é organizado em um ciclo anual de três períodos: o primeiro, que dura cinco meses, entre fevereiro/março a junho; o

¹² Link do canal: <https://www.youtube.com/user/rgualda71>

segundo, de julho a outubro; e o terceiro, pós a prova do CELPE-Bras, entre outubro e dezembro (normalmente, os alunos têm um intervalo de aulas no mês de outubro). Além disso, as aulas acontecem três vezes na semana: segunda-feira, quarta-feira e sexta-feira, para os cursos regulares e segunda-feira e quarta-feira ou terça-feira e quinta-feira para as aulas de reforço e mais produção textual.

No primeiro momento, os alunos têm um curso geral, baseado na abordagem de Ensino por Projetos, em que eles têm um contato mais aprofundado com a língua alvo e a cultura de Salvador e do Brasil. As aulas são ministradas a partir de projetos temáticos, em que os alunos participam e fazem atividades dentro e fora da sala de aula, priorizando o contato cultural e a produção linguística em sua forma mais real possível. A proposta é que os alunos, em grupos ou individualmente, respondam e participem dos projetos temáticos propostos, relacionados às questões culturais de Salvador, do Brasil e também das culturas dos próprios alunos. Os projetos incluem ainda atividades escritas, normalmente, individuais, e as apresentações orais em sala. As temáticas versam sobre festas culturais, culinária, pontos turísticos, religião, profissões, músicas, danças etc. A seguir, tem-se uma tabela¹³, em ordem de aplicação em sala, dos 15 projetos propostos, a partir de um módulo produzido pelos monitores e utilizado no curso durante o ano de 2018:

Tabela 3: Título e descrição dos projetos

1) <u>Gincana em Salvador</u> : os alunos, em grupos, devem fazer uma visita a vários pontos turísticos de Salvador, indicados por sorteio durante as aulas. As fotos dessas visitas devem ser postadas nas redes sociais, com legendas, e apresentadas em sala.
2) <u>Meu país, minha raiz</u> : os alunos devem, individualmente, apresentar as informações, história, cultura, língua e curiosidades do seu país de origem.
3) <u>O que você acha dos serviços públicos de Salvador?</u> os alunos, em duplas, deve fazer uma pesquisa de campo – entrevistas – com moradores de Salvador, que devem responder a um questionário sobre

¹³ Tabela 03: organizada para esta dissertação, a partir dos capítulos (ou título dos projetos) do módulo, utilizado no primeiro semestre de 2018, produzido pelos monitores e com revisão do coordenador do curso do PROEMPLE (PROFICI).

os serviços públicos da cidade. Ao final das entrevistas, os discentes devem levar os resultados para a aula, através de gráficos e porcentagens.
4) <u>Meu amigo brasileiro</u> : os alunos devem fazer uma apresentação, em vídeo, do seu novo amigo brasileiro.
5) <u>As comidas típicas do meu país</u> : os alunos participam de uma feira gastronômica, em que eles devem levar para a aula uma comida típica do país de origem, apresentando-a e indicando os ingredientes. Ao final da apresentação, os alunos compartilham as comidas e experimentam pratos de vários lugares do mundo.
6) <u>Minha profissão no Brasil</u> : os alunos devem fazer uma pesquisa e apresentá-la, individualmente, sobre a profissão que escolheu para cursar a graduação no Brasil.
7) <u>Museus de Salvador</u> : Em grupos, os alunos fazem uma visita a alguns museus de Salvador e gravam entrevistas com alguma pessoa que esteja no museu no momento. Os alunos devem fazer um vídeo que imite os <i>youtubers</i> de viagem.
8) <u>Cinema Brasileiro</u> : são indicados filmes brasileiros para que os alunos assistam e produzam uma resenha crítica. Além disso, os alunos devem produzir um curta-metragem em português sobre gêneros sorteados e apresentá-lo na sala.
9) <u>Festas Populares do meu país</u> : os alunos apresentam uma festa popular do país de origem deles, caracterizando-a, informando sobre música, danças, comidas etc;
10) <u>Família</u> : neste projeto, os alunos apresentam suas famílias, descrevendo cada membro e indicando o que eles gostam de fazer juntos no tempo livre, por exemplo.
11) <u>Choque Cultural</u> : os alunos discutem sobre choques culturais experienciados por eles como estrangeiros. Ao final, devem apresentar uma peça teatral com cenas que representem choques culturais vividas por eles, ou não.
12) <u>Música (e dança) brasileiras/do meu país</u> : após conhecerem alguns ritmos brasileiros e a diversidade da música brasileira, os alunos devem

<p>apresentar, em sala, uma música brasileira escolhida por eles, explicitando o motivo da escolha, o que ela representa e qual mensagem passa.</p>
<p>13) <u>Televisão</u>: este projeto tem como objetivo apresentar a estrutura dos programas e telenovelas brasileiras. Assim, os alunos devem apresentar em sala um programa de televisão, inspirando-se nos brasileiros.</p>
<p>14) <u>A importância da religião em minha vida</u>: o projeto almeja fomentar uma discussão a respeito das religiões na vida dos alunos e como ela ajuda no processo de ensino/aprendizagem do português. Para isso, os alunos devem fazer uma apresentação sobre a religião que segue e a importância dela na vida deles.</p>
<p>15) <u>Minha vida pós-experiência no curso da UFBA</u>: neste último projeto, os alunos vivem uma preparação para a vida pós-curso PROFICI e pós-CELPE-Bras, por isso, eles apresentam, através de montagens de fotos, os planos futuros depois da experiência na UFBA.</p>

Fonte: Tabela elaborada a partir do módulo do curso do PROFICI/PROEMPLE

Como as aulas do projeto são desenvolvidas nos cursos regulares, três vezes na semana, cada projeto/aula utilizava duas aulas; normalmente, às quartas-feiras, os projetos eram apresentados aos alunos, primeiramente, com a "Preparação", que é a explicação do projeto e da temática, depois, são feitas até sete atividades relacionadas ao projeto, sendo que a quantidade dessas atividades dependia do desenvolvimento da aula e da participação dos alunos. Na sexta-feira, os alunos têm uma aula para correção dos seus diários, em que escrevem sua rotina semanal – esta é uma atividade obrigatória. Na aula de segunda, os alunos apresentam seus resultados/respostas aos projetos propostos na quarta-feira.

No segundo momento, entre os meses de julho a outubro, os alunos participam de um curso preparatório para o CELPE-Bras, em que as aulas consistem na produção escrita e oral de textos de diversos gêneros textuais e temáticas relacionadas à cultura brasileira, baseados na estrutura do exame, com quatro tarefas para a parte escrita e os "Elementos Provocadores" para a parte oral.

Assim, o curso, neste período, é mais intensivo, visando à preparação e aprovação final dos alunos no exame. Neste segundo momento, assim como no primeiro, também há um módulo específico em que os monitores se baseiam para ministrar as aulas. Desta forma, toda aula de preparação para o CELPE-Bras constitui-se em: 15 a 20 minutos de prática oral, baseado nos Elementos Provocadores, depois, no estudo de um gênero textual – carta formal e informal, *e-mail*, artigo de opinião, editorial, carta argumentativa, entre outros -, e na produção de um texto, do mesmo gênero textual estudado, a partir de uma tarefa de provas anteriores do CELPE-Bras. Dessa forma, as aulas são estruturadas em: prática oral e escrita. Nesse momento, os alunos continuam tendo aulas três vezes por semana, segunda-feira, quarta-feira e sexta-feira, com aulas de reforço também duas vezes por semana, no turno oposto às aulas regulares preparatórias para o CELPE-Bras.

O terceiro momento se caracteriza por um curso menos intensivo e mais voltado às questões acadêmicas, que podem ser vividas pelos alunos aprovados no CELPE-Bras e que cursarem as faculdades. Assim, os discentes têm aulas voltadas ao conhecimento de alguns gêneros textuais acadêmicos, como uma maior interação e conhecimento dos seus futuros cursos de graduação.

3 METODOLOGIA

A seguir, retomo a apresentação dos problemas e das perguntas de pesquisa bem como dos objetivos gerais e específicos, já feita no capítulo de Introdução. Além disso, descrevo as orientações teórico-metodológicas, na seção 3.4; os cenários e sujeitos da pesquisa, nas seções 3.5 e 3.6 respectivamente e, por fim, detalhamos como se deu a geração e a análise dos dados na seção 3.7. Os resultados das pesquisas são expostos no capítulo 4.

3.1 Problema geral de pesquisa

Como os estereótipos, construídos por outrem, sobre a África, (res)significam as identidades dos alunos africanos do PEC-G da UFBA?

3.2 Problemas específicos de pesquisa

- Como os alunos africanos compreendiam, em suas experiências, dentro e fora da sala de aula, a construção de suas identidades como africanos a partir do contato com os estereótipos que as pessoas revelam sobre eles?
- Como esses sujeitos reflexionam, relacionavam, comparavam e desconstruíam os estereótipos sobre eles e sua(s) cultura(s)?
- Como as aulas de PLE, no contexto do PROFICI, poderiam e podem ser um ambiente favorável para a problematização/ desconstrução desses estereótipos?

3.3 Objetivos

3.3.1 Objetivo geral

Analisar, a partir dos relatos de experiências de alunos africanos do PEC-G, como as identidades destes são (res)significadas, por eles, a partir da percepção que estes têm dos estereótipos revelados, por outros, sobre eles e sua(s) cultura(s).

3.3.2 Objetivos específicos

- Identificar e analisar os estereótipos, revelados por outras pessoas, que emergiam dos relatos de experiências de alunos africanos a partir das suas vivências como estrangeiros, no curso de português LE, em Salvador;
- Analisar como os sujeitos percebiam, recebiam esses estereótipos, reflexionavam e comparavam com a identidade que eles constroem sobre o ser “africano”;
- Proporcionar, a partir das aulas de PLE, um ambiente favorável à discussão/problematização/ desconstrução de estereótipos.

3.4 Orientações teórico-metodológicas

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de base etnográfica, que se fundamenta nos pressupostos teóricos da LA Indisciplinar. Moita Lopes (2009) define a Indisciplinaridade da LA como um caminho para reconhecer a necessidade de não se constituir a LA apenas como disciplina, mas como uma área mestiça e nômade, que deseja pensar, de forma diferente. Sendo assim, para além de paradigmas consagrados, esse viés se abre para outras áreas do saber, como a Sociologia, a Geografia, a Comunicação e os Estudos identitários, evitando limitar-se apenas à Linguística. Desta forma, o autor sugere que o sujeito da LA é heterogêneo, fluido e mutante e que, desta forma, nós “somos os discursos em que circulamos, o que implica dizer que podemos modificá-los no aqui e no agora”. (MOITA LOPES, 2009, p.21). Dessa maneira, esta dissertação, que se pauta na análise de relatos de experiências orais, segue o caminho dessa nova Linguística Aplicada, que surge mais sensível aos sujeitos pesquisadores e investigados, agora muito mais aberta às mudanças sociais e aos próprios indivíduos em ação, o que se justifica nas relações interculturais no processo de ensino de línguas estrangeiras.

Como dito antes, esta pesquisa pretende analisar os relatos orais de experiências de alunos africanos do PEC-G, participantes do curso de português da UFBA, o PROFICI/PROEMPLE. Esses relatos de experiência, segundo Clandinin e Connelly (2011), estão relacionados ao entendimento da experiência como as

histórias que são vividas e narradas pelos indivíduos e, por isso, a pesquisa narrativa tem como objetivo compreender e interpretar as vivências pessoais e humanas além de esquemas fechados, quantificáveis ou recortados. Para tanto, ganha destaque o que seria a experiência, que, conforme Bondía (2002, p.21), que afirma que a “experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Nesse sentido, afirma-se que os relatos de experiência não apresentam a informação sobre algo, um saber simples, informativo, mas sim, vão além e lidam com aquilo que o sujeito experimenta, vive, pois como afirma Bondía:

A palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimental). A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova. O radical é *periri*, que se encontra também em *periculum*, perigo. A raiz indo-européia é *per*, com a qual se relaciona antes de tudo a idéia de travessia, e secundariamente a idéia de prova. (BONDÍA, 2002, p. 25)

O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um1 espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião. A palavra experiência tem o ex de exterior, de estrangeiro, de exílio, de estranho e também o ex de existência. (BONDÍA, 2002, p. 25)

Assim sendo, ratifica-se a utilização de uma metodologia da pesquisa qualitativa que envolve, segundo Denzin e Lincoln (2006), o uso e coleta de uma variedade de materiais empíricos, como estudo de caso, entrevistas, textos observacionais, experiência pessoal, histórias de vida, entre outros, que descrevem significados e momentos rotineiros. Assim, pode-se afirmar que estamos diante de uma pesquisa multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar, sensível ao contexto, aos sujeitos participantes, que aproxima e interliga o pesquisador a sua fonte, sem distanciamento ou impessoalidade, ratificando que:

[...] a pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativista, para o mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus critérios naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem. (DENZIN; LINCON, 2006, p. 17).

A relação "mundo *versus* observador *versus* participante" da pesquisa também é pontuada por Paulo Freire (1989, p. 9), quando esse autor afirma que "a leitura do mundo precede a leitura da palavra [...]". Nesse sentido, para Freire (1989) insere que o conhecimento de mundo, as vivências de cada indivíduo devem ser levadas em consideração no processo de ensino e aprendizagem, logo, entendemos que isso também se aplica ao ensino de línguas, como é o caso do PLE/PL2. Os relatos de experiências, assim, nos levam à compressão das vivências, das leituras de mundos dos alunos dentro do contexto de aprendizagem de uma LE.

3.5 Cenário da pesquisa

Esta pesquisa foi realizada com alunos, exclusivamente, do PROEMPLE, programa de português para estrangeiros do PROFICI, que, como já mencionado no capítulo 2, é um programa que oferece cursos gratuitos de línguas para funcionários, docentes da UFBA e alunos matriculados na instituição, sejam estes de graduação ou pós-graduação, e intercambistas, participantes de programas variados.

O PROEMPLE é um curso que recebe, semestralmente, alunos estrangeiros intercambistas de cursos de graduação, de pós-graduação e/ou oriundos do programa PEC-G. Esse curso é formado por turmas de, em média, quinze alunos estrangeiros, de variadas nacionalidades, línguas e programas de intercâmbio. Para o ano de 2018, a coordenação do PROEMPLE ofertou 70 vagas para o programa PEC-G, sendo que apenas 49 foram selecionados ou se apresentaram, podendo haver mais selecionados, porém desistentes antes mesmo de vir ao Brasil. Estes 49 discentes foram organizados e distribuídos em quatro turmas preparatórias para o exame CELPE-Bras, em dias e horários diferentes, dando preferência a turmas com alunos de diversas línguas e nacionalidades, para que os estudantes não permanecessem em contato apenas com colegas do mesmo país.

Dos alunos que fazem parte do PROEMPLE, entre os intercambistas do programa PAEC-OEA e PEC-G, foco a pesquisa apenas nos discentes do PEC-G, sendo que, dos 49 estudantes aprovados para 2018, 11 foram do Benim, 3 do Gabão, 1 de Togo, 23 de Gana, 1 do Mali e 10 da República Democrática do Congo, como já mencionado anteriormente. Nesta pesquisa, participaram, das duas etapas,

9 alunos, que são desses países citados, exceto do Mali. Na seção seguinte, será apresentado, mais detalhadamente, o perfil desses discentes participantes.

3.6 Sujeitos da pesquisa

Das quatro turmas do curso PROEMPLE ministradas por monitores diferentes, foram convidados para participar, desta pesquisa, todos os alunos africanos, que faziam parte do PEC-G e das minhas turmas, que eram as turmas 1 e 2. A turma 01 tinha, dos 15 alunos totais, 12 eram oriundos do programa PEC-G, já a turma 02 tinha 16 alunos e, destes, 12 eram do PEC-G, como na primeira turma. Assim, para participar da primeira etapa da pesquisa – a aplicação de um questionário de sondagem – um total de 15 alunos, das duas turmas, se voluntariaram. Porém, para a segunda etapa, as produções de narrativas, somente 8 dos 15 alunos optaram por continuar participando da pesquisa. Além disso, estes 8 participantes cumpriram, também, as questões burocráticas da pesquisa de campo.

Abaixo, segue uma tabela de amostra do perfil dos 15 alunos, que está organizada da seguinte forma:

- a) Participante (o número está relacionado à quantidade de alunos participantes da pesquisa) para representar o aluno ou aluna participante, já que a identidade dos mesmos não é revelada;
- b) Idade;
- c) Nacionalidades;
- d) Línguas faladas;
- e) Nível de escolaridade, indicado segundo o sistema educacional brasileiro;
- f) Tempo de chegada ao Brasil, que diz respeito ao período em que os alunos já estavam no país à época da pesquisa, que foi feita no mês de julho/2018.

Destaco, ainda, que os primeiros 8 alunos correspondem aos que participaram das duas etapas da pesquisa.

Tabela 4: Perfil dos estudantes

Nome	Idade	Nacionalidade	Línguas	Nível de escolaridade	Tempo de chegada ao Brasil
Participante 01	19 anos	Togolês	Francês, inglês, português, yomba, mina.	Superior	3 meses
Participante 02	27 anos	Ganense	Inglês	Superior	3 meses
Participante 03	21 anos	Congolês	Português e francês.	Superior	3 meses
Participante 04	23 anos	Beninense	Francês, inglês, português, línguas locais do Benim (não especificou).	Superior incompleto	4 meses
Participante 05	19 anos	Gabonense	Francês	Ensino Médio	4 meses
Participante 06	21 anos	Congolês	Francês, inglês e português.	Ensino médio	5 meses
Participante 07	21 anos	Beninense	Francês	Ensino médio	4 meses
Participante 08	24 anos	Beninense	Francês	Superior	7 meses
Participante 09	24 anos	Congolês	Francês e Português	Ensino Médio	5 meses
Participante 10	19 anos	Beninense	Inglês, francês, português.	Superior	3 meses
Participante 11	22 anos	Congolês	Francês, inglês, português e línguas locais (não especificou).	Superior	3 meses
Participante 12	20 anos	Beninense	Inglês, francês, português e fon.	Superior	3 meses
Participante 13	21 anos	Ganense	Inglês	Ensino Médio	5 meses
Participante 14	26 anos	Ganense	Inglês	HND em Marketing	4 meses
Participante 15	25 anos	Beninense	Francês	(não respondeu)	5 meses

Fonte: Tabela de autoria própria elaborada a partir das informações retiradas das fichas de identificação dos discentes participantes das duas etapas de geração de dados desta pesquisa.

Dos 15 participantes que se voluntariaram, somente dois eram do sexo feminino (participantes 04 e 07, na tabela) e eram oriundos do Benim. De fato, há, nas turmas participantes, uma quantidade de discentes do sexo masculino superior ao do sexo feminino. Todos são originários do programa PEC-G e têm, em média, entre 19 e 27 anos. Os países participantes são vários do continente africano, mas, para esta pesquisa, temos, em sua maioria, como também já mencionado, estudantes do Togo (1 participante), Gana (3 participantes), Congo (4 participantes),

Gabão (1 participante) e Benim (6 participantes). A língua que eles falam, em sua maioria, é o francês, língua oficial em quatro dos cinco países citados anteriormente, exceto Gana, onde a língua oficial é o inglês.

Destes 15 alunos participantes da primeira etapa, apenas 8 participaram da segunda etapa, que foi a da produção oral de relatos de experiências. Para a segunda etapa, então, os participantes de 01 a 08 (na tabela 04) se voluntariaram para participar e responderam às perguntas da entrevista semiestruturada, pautadas em suas experiências aqui no Brasil, buscando identificar os estereótipos presentes e os preconceitos sobre a cultura e sujeitos africanos, gerando, assim, as narrativas das experiências deles. Como apenas oito alunos se voluntariaram para a segunda etapa, foco na análise dos questionários e das narrativas apenas desses alunos participantes das duas etapas, identificados, na tabela apresentada anteriormente, como os participantes de 01 a 08.

3.7 Geração dos dados

Inicialmente, como professora das turmas, obtive os primeiros contatos e aproximação, nos cinco meses iniciais, entre fevereiro e julho de 2018, quando foi feita a geração de dados. A primeira parte da pesquisa de campo consistiu na aplicação do questionário de sondagem sobre o perfil individual desses alunos, focando na relação deles com a cultura brasileira antes de vir ao Brasil e depois da sua chegada, por meio de relatos sobre questões de pré-conceitos e choques culturais, descobertas, dificuldades com a língua e cultura, a rotina em Salvador, entre outras questões. Tal questionário serviu, também, para descrever o perfil desses discentes, o que embasa, incluso, a geração das narrativas e a análise dos dados em geral. As perguntas feitas neste questionário estão apresentadas no capítulo 4, na seção *4.1.1 Os questionários*.

Assim, para esta pesquisa, tive a participação, exclusivamente, de uma amostra composta, inicialmente, por quinze alunos africanos do PEC-G e, depois, a amostra se reduziu a oito. Estes estudantes estrangeiros têm, em média, entre 19 e 27 anos e são falantes, em geral, de inglês e/ou francês, que são línguas oficiais de seus países de origem, e têm o nível de escolaridade que varia entre o ensino médio completo, cursos técnicos e/ou graduação. Decidimos, por se tratar de um estudo de

natureza diagnóstica, qualitativa e interpretativista, que não visa a generalização de dados, operar com um recorte que compreendesse representantes de diferentes países da África e que proporcionasse os dados necessários consoantes aos objetivos desta pesquisa.

Os sujeitos, após terem ciência e concordarem com os objetivos da pesquisa, participaram de forma voluntária e tiveram suas identidades preservadas bem como resguardadas às condições demandadas para levar a cabo esta pesquisa, pois envolve sujeitos e, desse modo, é necessário levar em consideração os preceitos éticos. Os referidos sujeitos, assim, participaram das seguintes etapas da pesquisa: a primeira: aplicação do questionário de sondagem; a segunda: entrevista, em que relataram suas experiências como estrangeiros em Salvador, focando-se na narração de fatos e acontecimentos voltados às questões de choque cultural, preconceitos, tendo em vista as culturas e línguas em contato e, principalmente, nos estereótipos sobre as culturas e identidades africanas desses sujeitos. Esses relatos de experiências foram gravados a partir de uma entrevista oral e semiestruturada. Posteriormente, esses relatos foram transcritos para serem analisados cuidadosamente, com o propósito de identificar os estereótipos que surgiram sobre a África e o africano.

Assim, analisou-se, como se pretendia, como as identidades desses sujeitos/alunos são (res)significadas, por eles, a partir da percepção que têm dos estereótipos revelados, por outros sujeitos, sobre as culturas africanas, em especial. Foram analisados, de forma pontual, o olhar e as construções do outro sobre a África e os sujeitos africanos, levando à conclusão de que “o que nós percebemos da língua e cultura de uma pessoa é aquilo a que estamos condicionados por nossa própria cultura e os modelos estereotipados construídos ao nosso redor” (ZOGHBI, 2008, p. 3).

4 “DE QUE ÁFRICA VOCÊ VEM?”: ANÁLISE DOS ESTEREÓTIPOS SOBRE OS ALUNOS AFRICANOS DO PEC-G DA UFBA

Como descrito no capítulo de metodologia, os dados gerados para este trabalho foram estruturados em dois momentos: no primeiro, ocorreu a aplicação de um questionário para traçar o perfil dos estudantes, com nove perguntas, e no segundo, foram feitas as entrevistas semiestruturadas, que originaram os relatos de experiências dos nove alunos participantes voluntariamente. Assim, neste capítulo, serão analisados os dados provenientes tanto dos questionários quanto dos relatos. Após a análise de cada etapa, os dados foram cruzados, a fim de responder ao problema de pesquisa: "Como os estereótipos, construídos por outrem, sobre a África, (re)significam as identidades dos alunos africanos do PEC-G da UFBA?".

É importante ressaltar que a primeira etapa da geração de dados, os questionários, teve como objetivo o foco na relação Brasil *versus* África e na relação dos brasileiros com os estrangeiros; já a segunda visou aprofundar-se nas experiências para identificar os estereótipos ouvidos pelos alunos, além de outras questões voltadas à cultura africana. Ademais, esta primeira etapa serviu, também, como prática de escrita dos alunos participantes; a segunda, como prática oral para o processo de ensino e aprendizagem do PLE/PL2.

Este capítulo contém três subcapítulos: o primeiro, *4.1 Análise de dados: os questionários*, tem como objetivo apresentar os resultados das respostas do questionário aplicado aos alunos participantes. Dessa maneira, serão apresentadas duas tabelas com as perguntas e respostas de cada aluno, sendo que a *Tabela 5* descreve as perguntas de 1 a 4; enquanto a *Tabela 6*, as perguntas de 5 a 9. No subcapítulo, *4.2 Análise de dados: os relatos de experiências*, será apresentada a análise acerca dos estereótipos presentes nos relatos de experiências dos discentes a partir das entrevistas semiestruturadas. Por fim, no último subcapítulo, *4.3 Experiências e relações (inter)culturais entre Brasil e África: cruzando os dados*, apresento os resultados dos dados tanto do questionário como das narrativas após a triangulação.

4.1. Análise de dados: os questionários

Os questionários, que estão em anexo neste trabalho, foram construídos com nove perguntas, organizadas nas tabelas seguintes, 5 e 6. O objetivo da aplicação destes questionários foi o de levantar o perfil desses estudantes africanos, tendo em conta a nacionalidade, idade, línguas faladas, conforme apresentado na tabela 4, além de também traçar um desenho sobre as relações, experiências e perspectivas desses discentes, inicialmente, considerando sua identidade como aluno estrangeiro intercambista, e não somente como africano.

É importante ressaltar, ainda, que esses questionários foram digitados e impressos, depois entregues a cada aluno participante, que respondeu à mão e individualmente, numa tarde de encontro na Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), em que esses discentes, de forma independente e voluntária, participaram da primeira etapa da geração de dados. Não foi proposto levar o questionário para casa, porque se houvesse dúvidas linguísticas, elas poderiam ser sanadas pela professora no momento da aplicação. Vale ressaltar que, na transcrição para a tabela, a ortografia de algumas palavras foi mantida, assim como a utilização de verbos e estruturas sintáticas, enquanto as mais difíceis de serem compreendidas foram alteradas para a forma correta de acordo com a língua portuguesa. Dos 15 alunos convidados a participar voluntariamente da pesquisa, apenas oito participaram da segunda etapa. Portanto, para melhor e mais pontual análise de dados, utilizo apenas os questionários dos oito participantes das duas etapas. A seguir, primeiramente, exponho, em uma tabela, as perguntas feitas no questionário e, depois, as tabelas formuladas com as respostas.

Tabela 5 – Perguntas utilizadas no Questionário – 1ª fase da geração de dados

Perguntas do Questionário
1) Por que você decidiu fazer um intercâmbio? Qual a importância do programa para você? Indicaria o programa para outra pessoa do seu país?
2) Quais motivos levaram você a escolher o Brasil?
3) Que impressões você tinha sobre o Brasil antes de vir para cá?
4) Como você avalia, de modo geral, sua experiência cultural e de aprendizagem da língua portuguesa no Brasil? Recomendaria para uma pessoa do seu país que visitasse, conhecesse o Brasil? Comente.
5) Como está lidando com as línguas e a cultura daqui do país? Comente.

6) Você acha que os brasileiros têm dificuldade para se relacionar com estrangeiros? Comente.
7) Já sofreu preconceito de algum brasileiro por ser estrangeiro? Comente.
8) Que relações entre a cultura do seu país e a do Brasil você pode fazer?
9) Defina, com uma frase, a sua impressão sobre essa experiência no Brasil.

Fonte: autoria própria

As perguntas "1" e "4" foram apresentadas de forma reduzida na tabela a seguir, retirando a pergunta, "Indicaria o programa para outra pessoa do seu país?" e "Recomendaria para uma pessoa do seu país que visitasse, conhecesse o Brasil?". A opção por retirar estas perguntas deveu-se a necessidade de dar objetividade as respostas e melhor apresentá-las nas tabelas e análises seguintes. As respostas para estas perguntas que foram retiradas, em geral, foram positivas, mas depois notei que não seriam relevantes para a análise de dados desta pesquisa. Ademais, foco, de fato, na análise das respostas das perguntas 6, 7, 8 e 9 (tabela 5), pois elas objetivavam a discussão sobre estereótipos a respeito da África, assim como as relações brasileiros *versus* estrangeiros. As perguntas iniciais, de 1 a 5, são analisadas no subcapítulo 4.3, quando efetuamos o cruzamento de dados e as análises acerca das identidades africanas e brasileiras, juntamente com a dos estereótipos a respeito das duas.

Tabela 6 – Perguntas de 01 a 04 do questionário aplicado

	Pergunta 01: Por que você decidiu fazer um intercâmbio? Qual a importância do programa para você?	Pergunta 02: Quais motivos levaram você a escolher o Brasil?	Pergunta 03: Que impressões você tinha sobre o Brasil antes de vir para cá?	Pergunta 04: Como você avalia, de modo geral, sua experiência cultural e de aprendizagem da língua portuguesa no Brasil? Comente.
Participante 01	"Eu decidi fazer um intercâmbio porque eu quis aprender outras línguas e conhecimentos de outros países. Este programa me permitiu de realizar meu sonho que é de estudar fora do meu país".	"Os motivos são muitos, mas o principal é que o Brasil é um país que eu sonhava de visitar, o mundo das garotas, maravilhoso".	"Achava que o Brasil é um país cujo os habitantes são muito legais, acolhedores e agradáveis, quando <i>chegado, está</i> o que eu vi".	"Do meu lado, minha experiência tá sendo boa; claro que tive algumas dificuldades no início pra me integrar ou adaptar, mas agora tudo tá beleza, os povos daqui me ajuda muito também na minha integração".
Participante	"Para experimentar	"O Brasil é um lindo		

02	um sistema educacional diferente do de Gana. Também me dá a oportunidade de aprender uma nova língua e uma nova cultura”.	país de cultura diversificada. Não só vou adquirir educação formal, mas educação informal através do estilo de vida dos brasileiros”.	“Disseram-me que o Brasil é um lugar violento para se viver”.	“Meu cultural experiência é boa. Aprendendo coisas novas sobre o Brasil me ajudou a entender bem a língua”.
Participante 03	“Eu decidi fazer um intercambio porque eu quis <i>aprender</i> mais a língua portuguesa. Esse programa é importante para mim porque eu posso realizar meu sonho.”	“Eu escolhi o Brasil porque eu achei que aqui eu poderia receber uma formação acadêmica melhor do que no meu país”.	“Eu achava que o Brasil é um país onde não tem <i>muitos</i> pessoas racistas”.	“Eu gosto demais minha experiência de aprendizagem da língua portuguesa porque estou aprendendo naturalmente e facilmente”.
Participante 04	“Intercâmbio: eu estou fazendo para minha carreira futura que é tradutora interprete. Esse programa me permite de ter uma <i>meior</i> educação <i>intellectual</i> e ser mais preparado para minha carreira”.	“Na história da minha família, o Brasil é o país de nos [deu a] origem nos sobrenome GOMEZ. Além disso, a língua portuguesa que se fala aqui é novo para mim. Também, queria <i>aprender</i> sobre a cultura desse país.”	“ Antes de vir aqui, eu achei que o Brasil é perigoso principalmente pra estrangeiros. Mais achei também que tem pessoas brasileiras quem gostam de fazer amizade com estrangeiros. Achei também que o Brasil é mais desenvolvido que as estatísticas dizem”.	“ [...] A <i>apretizagem</i> depende de cada pessoa. É fácil para mim porque já aprendi uma outra língua antes do <i>portuguese</i> . Se a gente gosta das línguas ou do <i>portuguese</i> mesmo, vai ser mais fácil de aprender rápido”.
Participante 05	“Escolhi esse programa porque foi uma oportunidade de viajar, de conhecer o Brasil e a cultura dela. Esse programa tem uma grande importância para mim porque ele me facilita o acesso para aprender aqui no Brasil e ter também a experiência das universidades no Brasil. E também o Brasil vai ser no futuro um dos maiores poderes científicos mundiais”.	“Os motivos que me levaram a escolher o Brasil foram o risco porque aqui estou longe da minha família e devo ser responsável, também a língua, a qualidade das universidades, a cultura e o clima”.	“ Antes de vir aqui como informações do Brasil sabia que aqui tem uma falta da segurança muito grande. Que a cultura estava diferente sobre as roupas, o comportamento das pessoas e a liberdade daqui”.	“ Acho que aqui no Brasil como dentro dos todos os países tem os pontos bons e ruins. Eu <i>fui</i> chocado e estou chocado ainda sobre coisas do Brasil. Porque o maior das pessoas que deixam a África pra estudar fora tem em geral dois comportamentos: seja eles são conversadores ou gostam das festas”.
Participante 06	“Eu decidi fazer um intercâmbio porque, no meu país se alguém estuda fora do país e o país que vai estudar tem um diploma internacional, será fácil para ele conseguir um bom emprego dentro do país. E o programa é muito importante para mim, porque vai	“Desde quando fui criança, sonhava muito de estuda fora do meu país. Também, decidi de vir estudar aqui no Brasil porque no Brasil, o qualidade de ensinamento superior é bom e reconhecido no mundo”.	“Antes de vir para cá, eu pensava que aqui tudo vai ser muito fácil para mim, também pensava que o Brasil está no mesmo nível de desenvolvimento que os países da <i>europa</i> ”.	“Para mim, não achei a cultura brasileira tão diferente do que a cultura brasileira. Porque o Brasil tem uma grande influencia da cultura africana. E para aprender a língua, foi muito fácil para mim. <i>Primeir</i> porque o português é do mesmo origem linguística com a minha língua que é o

	me ajudar a estudar de graça no Brasil”.			francês”.
Participante 07	“Decidi de fazer um intercambio para ter outra experiência de um outro país. O programa é importante para mim porque estou estudando aqui de graça e aprendendo outra língua”.	“Tem muitos. O primeiro é que vou estudar de graça. O Brasil é um país de sonho para mim e também ter outra experiência e uma boa formação”.	“Eu achava que os brasileiros são fechados, e também um país bem seguro”.	“Acho que é uma boa experiência. Descobri uma nova cultura, língua e os novos amigos”.
Participante 08	“Eu decidi fazer um intercâmbio porque o Brasil é um país desenvolvido e tem também as universidades internacionais, porque os diplomas daqui são internacionais, então se você consegue terminar o seu estudo, você pode ir trabalhar no qualquer país que você gostaria de ir”.	“Os motivos que me levaram a escolher o Brasil são muitos, primeiro porque desde minha infância eu sempre sonhava vir no Brasil e <i>sengudo</i> para estudar”.	“Antes de vir para cá, eu impressionei primeiramente porque eu ganhei a bolsa para vir estudar aqui, e segundo porque eu sempre gostava o Brasil desde minha infância”.	“Eu avaliei muito bem porque quando eu cheguei aqui naquele momento eu não sabia falar a língua portuguesa e nem ouvir, mas agora eu falo e <i>ouvir</i> também. De modo geral, eu acho todo é ótimo e minha experiência cultural foi muito legal porque a <i>cultural</i> daqui parece mais ou menos com a <i>cultural</i> do meu país”.
Participante 09	"Decidi fazer intercâmbio ou seja, fazer parte do programa <i>pec-g</i> porque este programa me dá oportunidade primeiro estudar fora do meu país; em seguida, estudar de graça e por fim, receber um treinamento melhor do que meu país”.	“Fui motivado pela vontade de conhecer esse país que tem na história dele uma boa parte da África. Além disso, o acesso no Brasil, acho que é mais fácil do que dos outros países”.	“ A impressão minha estava mais geral, sabia que vou num país da América latina mais desenvolvido do que o meu país. Um país que tem cozinha africana: dai vou me sentir como se fosse no meu país”.	“ Minha experiência aqui no Brasil está sendo bem, apesar de ter recebido alguns choques culturais. O maior é a liberdade do gênero sexual das pessoas. Encontrei mais gays, mais lésbicas aqui em 7 meses do que em 24 anos de existência no meu país, o Benim. Além disso, em esse problema da segurança. Aqui no Brasil percebi que só Deus que me vigia aqui porque todo dia nessa selva estou exposto ao perigo.”

Fonte: autoria própria

Tabela 7 - Perguntas de 05 a 09 do questionário aplicado

Pergunta 05:	Pergunta 06:	Pergunta 07:	Pergunta 08:	Pergunta 09:
Como está lidando com as línguas e a cultura daqui do país? Comente.	Você acha que os brasileiros têm dificuldade para se relacionar com estrangeiros? Comente.	Já sofreu preconceito de algum brasileiro por ser estrangeiro? Comente.	Que relações entre a cultura do seu país e a do Brasil você pode fazer?	Defina com uma frase a sua impressão sobre essa experiência no Brasil.

<p>Participante 01</p>	<p>“Sobre as línguas é muito fácil pra mim pra aprender, escrever e falar só que <i>prefero</i> ficar calado as vezes e não tenho a vontade de falar com as pessoas que não conheço, a cultura parece mais ou menos como no meu país só que não tem muito respeito”.</p>	<p>“Normalmente não porque já <i>tenha</i> uma família brasileira aqui onde eu <i>par</i> jantar todas as noites, mas há algumas pessoas que são racistas ou como eles não conhecem você, eles preferem não se relacionar contigo”.</p>	<p>“Sim já. Estava uma mulher que encontrei no hospital que me perguntou se na Africa temos escolas, carros e disse também que comemos a carne <i>da</i> gente[...]”.</p>	<p>“Posso dizer que a cultura daqui é mais ou menos como no meu país só que na cultura do meu país o respeito é muito pedido”.</p>	<p>“Quando você precisa de ajuda, sempre pedir, os bons brasileiros vão te ajudar”.</p>
<p>Participante 02</p>	<p>“Vindo de um país de língua inglês, é bastante difícil se adaptar à cultura e à língua brasileiras”.</p>	<p>“Eu acho que não. Eles se abrem e estão dispostos a ajudar uma pessoa com qualquer ajuda”.</p>	<p>“Não, eu não tenho sido”.</p>	<p>“Temos festivais semelhantes e também algumas alimentos no Brasil podem ser encontrados em Gana”.</p>	<p>“É uma experiência maravilhosa”.</p>
<p>Participante 03</p>	<p>“Sim, estou lidando com as línguas, mas não com a cultura daqui porque é muito diferente da cultura do meu país”.</p>	<p>“Sim, alguns brasileiros têm muita dificuldade para se relacionar com estrangeiros, alguns têm medo para se relacionar conosco”.</p>	<p>“Não, os brasileiros são gentil comigo”.</p>	<p>“A cultura do Brasil é muito diferente da cultura do meu país. Por exemplo, a maneira de se vestir é muito diferente”.</p>	<p>“Não é fácil viver longe do seu país, mas é possível”.</p>
<p>Participante 04</p>	<p>“Acho que já estou acostumado com a cultura daqui mesmo se tem coisas que não posso fazer. Tento <i>talvez</i> de parecer como uma brasileira. Eu não <i>fica</i> com medo de falar errado. Me <i>explica</i> para pessoas me entender e quando eles falam, eu procuro palavras difícil no dicionário. Eu pergunto para eles de repetir. Só preciso agora ouvi muito da</p>	<p>“ Oh, não! E só estrangeiros quem ficam desconfortável de ser identificar como estrangeiros. Eu também. Ora talvez para não identificado com estrangeira. Eu creio mesmo que os brasileiros gostam dos estrangeiros mas alguns são <i>racistos</i>”.</p>	<p>“Não. Só que talvez eu desejo de falar bem e <i>etendi</i> bem <i>portuguese</i> para que minhas conversações sejam mais fácil”.</p>	<p>“A primeira coisa é sobre a roupa. Meninas se vestem com pequena calça jeans, na rua, na escola e pequenos vestidos na <i>iglejas</i>. No outro lado, a diversidade das religiões se observa no Brasil como no Benim”</p>	<p>“Está um prazer para mim de ser no Brasil, de aprender uma nova língua e conhecer novas pessoas e de aprender a me conhecer mais”.</p>

	língua <i>portuguesa</i> ”.				
Participante 05	<p>“Posso dizer que é bem complicado sobre muitos pontos. Sobre a língua já um pouco acostumado e tomo cuidado com as pessoas das ruas sobre a maneira de falar delas. Porque o francês é perto do Português. Sobre a cultura é um pouco complicado porque eu sou um pouco uma pessoa conservadora e religiosa, mas aprendo a relacionar as coisas”.</p>	<p>“Sobre essa pergunta vou responder que depende porque aqui existe muitos preconceitos raciais e o racismo também no Brasil no geral. Então na região norte acho que eles têm menos dificuldade que no Sul. Aqui no Salvador as pessoas são receptivas mesmo sim no maior parte do tempo só pra saber as coisas da África”.</p>	<p>“Só já cheguei em Salvador. Para Falar só sobre Salvador já sofri algumas vezes preconceitos de uma forma particular. As vezes quando ando na rua, talvez a noite, têm pessoas que <i>atravesam</i> a rua pra me evitar.”</p>	<p>“No meu país tem muitas festas mesmo sim não praia que no Brasil. Também as pessoas do meu país bebem o álcool muito a concentração está mais que a concentração do Brasil. As pessoas também agradáveis e têm comidas que são um pouco parecidas.”</p>	<p>“Minha experiência no Brasil excitante e perigosa também com muitas coisas pra descobrir experimentar”.</p>
Participante 06	<p>“A <i>conexão</i> que está entre a minha língua e o português é somente que as duas são do mesmo origem linguístico. Também, a cultura daqui tem um grande influencia com a cultura africana. Só a maneira de se vestir que é bem diferente”.</p>	<p>“Para mim, acho que não. Porque os brasileiros são os povos muito legais que nunca tinha <i>vido</i> na minha vida. Eles sempre tentam de conhecer e se relacionar com os estrangeiros”.</p>	<p>“Até agora, sofri nada de algum brasileiro por ser estrangeiro”</p>	<p>“No <i>aspecto</i> culinário, a relação cultural do meu país é aquilo do Brasil é; no meu país tem algumas comidas que são feitas com azeite de dendê e isso acontece também no Brasil”.</p>	<p>“O Brasil tem uma grande influência da Cultura Africana e tem povos muito legais e receptivos”.</p>
Participante 07	<p>“Estou lidando bem. Sobre a cultura daqui, estou me adaptando também”.</p>	<p>“Sim, tem outros também e outros quem são bem legais. Às vezes, o relacionamento é difícil por causa da cultura”.</p>	<p>“Não e mesmo se já sofri, não percebi. Porque quando eu cheguei aqui não sabia nada de português”.</p>	<p>“Eu posso dizer que tem algumas culturas que são parecidas e algumas comidas. Mas a maneira da vida é bem diferente, aqui a vida é individual”.</p>	<p>“É uma boa experiência mesmo se foi difícil no início”.</p>
	<p>“Sobre a língua daqui e do meu país, eu posso dizer que não são <i>égua</i>l porque a língua <i>portuguêsa</i> é</p>				

<p>Participante 08</p>	<p>muito complicado que do meu país, mas a cultura daqui é pouco menos que do meu país só que os jeitos de viver que são muitos diferentes”.</p>	<p>“ Eu acho que não porque os brasileiros são muito amável, abordável e social”.</p>	<p>“Ainda não!”.</p>	<p>“Os relações entre a cultura daqui e do meu país é sobre as comidas, as músicas, as religiões, sim, eu posso fazer isso”.</p>	<p>“O Brasil é um país do desenvolvimento”.</p>
<p>Participante 09</p>	<p>“Acho que por enquanto tudo está indo <i>bem bem</i>. Estou me desenvolvendo muito bem. Fiz e continuo fazendo amizade com os brasileiros que eu acham legais e especialmente aqueles de Salvador são muito receptivos. Eles estão com vontade saber mais sobre a África em geral e eu ainda estou com vontade informar. Assim, dum forma isso me ajuda para praticar meu português porque o objetivo meu é falar logo português”.</p>	<p>“Pelo menos que perceba os soteropolitanos são receptivos. Então, não tem dificuldade para eles se relacionar com estrangeiros. Sobre os outros estados não posso falar muito”.</p>	<p>“Isso já aconteceu comigo, no RJ, onde passei 2 semanas, O que houve é o seguinte: entrei no <i>buzu</i> com meu amigo. Esse <i>buzu</i> está cheio, mas consegui achar um lugar do lado de uma mulher branca. Por causa do preconceito racial, ela estava com medo de ser roubada. Então ela levantou e mudou de lugar mas como não tinha mais lugar livre, ela ficou levantada”.</p>	<p>“Posso dizer que entre Benim e o Brasil tem a existência da religião de nossos <i>ancestros</i> (<i>voúdo</i> no <i>Benim</i> e <i>Candomblé</i> no <i>Brasil</i>). <i>Semelheancia</i> na culinária (pratos parecidos). Brasil foi constituído dos <i>decendente</i> de Brasil. Assim no Benim acontece que nós encontramos “ Da Silva”, “Do Santos”, “ De Souza” e “ Do Rego”, etc. A tradição de cumprimentar as pessoas”.</p>	<p>“Ninguém está mais feliz do que em casa”.</p>

Fonte: autoria própria

No tópico seguinte, a análise das respostas apresentadas nas tabelas 5 e 6 será feita a partir de um exame geral desses dados obtidos. É importante destacar que estas perguntas foram elaboradas a partir da experiência como professora-pesquisadora no curso do PROFICI/PROEMPLE, ou seja, o contexto do ensino e aprendizagem de PLE juntamente com o objetivo desta pesquisa influenciaram na elaboração das perguntas. Nesse sentido, busquei transformar aquilo que era discutido, falado em sala de aula do curso em dados para esta dissertação. Os

alunos, em atividades feitas em classe, falavam sobre suas experiências a respeito dos choques culturais, as motivações para vir ao Brasil, a dificuldade com a língua, entre outros. Assim, as respostas foram organizadas em questionários escritos e tabeladas para a análise que será feita posteriormente.

4.1.1 Análise geral dos questionários

De modo geral, as respostas apresentadas nas tabelas anteriores versam sobre a experiência dos informantes como aluno estrangeiro e africano no Brasil, na cidade de Salvador. Assim, para a pergunta 01, *“Por que você decidiu fazer um intercâmbio? Qual a importância do programa para você?”*, esperava-se que os alunos falassem sobre o motivo pelo qual fizeram a seleção e participação no intercâmbio e qual a relevância do programa. Os entrevistados responderam que a decisão de fazer um intercâmbio tem que ver com a vontade de aprender uma nova língua e cultura, com a realização do sonho de estudar fora do país deles e com a futura promoção e desenvolvimento da carreira na área profissional escolhida. Desta forma, a importância do programa é porque este dá a possibilidade de estudo em outro país e que tem uma cultura próxima ao dos países de origem, o que teve influência na escolha.

Quanto à pergunta 02, *“Quais motivos levaram você a escolher o Brasil?”*, esperava-se, com essa pergunta, que os alunos descrevessem os motivos pelos quais levaram eles a escolher o Brasil, e não outro lugar. Assim, os estudantes mencionaram, como causas pela escolha, a qualidade do ensino público do Brasil, em relação ao ensino superior, assim como a relação cultural entre Brasil e África, o que causaria, supostamente, menos problemas ou choques se se compara a outros países. Acima de tudo, os alunos reafirmam a importância de aprender a cultura e língua brasileiras.

A pergunta 03, *“Que impressões você tinha sobre o Brasil antes de vir para cá?”*, traz à tona questões sobre estereótipos. Esperava-se, em relação a esta pergunta, que os alunos trouxessem impressões estereotipadas sobre o Brasil e sua cultura, o que foi confirmado nas respostas. Assim, descreveram o Brasil como um país de pessoas acolhedoras, legais, com mulheres bonitas, mas violento, com pessoas racistas e, aparentemente, mais desenvolvido do que as estatísticas

afirmavam. Em contrapartida, outros afirmaram que achavam que o Brasil fosse mais seguro e que estaria num mesmo nível de países da Europa. Ademais, segundo eles, as marcas culturais entre Brasil e África seriam um ponto relevante, pois proporcionaria uma estadia mais aconchegante.

Em relação à pergunta 04, *“Como você avalia, de modo geral, sua experiência cultural e de aprendizagem da língua portuguesa no Brasil? Comente.”*, aguardava-se que os alunos entrevistados fizessem uma autoavaliação sobre sua experiência cultural e de aprendizagem especificamente em Salvador, a partir do curso do PROFICI, mas também diante de outras relações sociais em que eles estavam submetidos. Então, os estudantes afirmaram que se trata de uma boa experiência, pontuando que o conhecimento de outra língua facilita o processo de aprendizagem da língua portuguesa, e que também aprende coisas novas sobre o Brasil. Além disso, falaram sobre as novas amizades feitas e como os brasileiros ajudam na integração com a língua e cultura alvos. Mas não deixaram de mencionar os choques causados, abordando questões sobre conservadorismo africano e brasileiro, assim como a diferença entre Brasil e África, no que tange à liberdade sexual das pessoas. Porém, reafirmaram as semelhanças culturais, principalmente em relação à comida.

No que se refere à pergunta 05, *“Como está lidando com as línguas e a cultura daqui do país? Comente”*, estimava-se que os entrevistados abordassem, a partir da experiência deles, questões sobre choque cultural e impressões acerca da cultura e língua alvos. Os alunos africanos, assim, apresentaram respostas que desconstroem a ideia de que África e Brasil têm pontos muitos semelhantes culturalmente, no que tangem ao comportamento e conservadorismo, deixando claro que aqui seria mais liberal em relação aos seus países de origem. Dessa forma, os entrevistados afirmaram que a cultura é semelhante, no entanto, no Brasil, existe menos respeito do que nos países deles; disseram, igualmente, que se as línguas oficiais de seus países possuem o mesmo tronco linguístico que o português, como o francês, o aprendizado é mais fácil, porém, se é o inglês, a experiência é difícil. Sempre destacando a cultura como um ponto divergente, alegando que o jeito de viver e vestir são diferentes, mas que o fato de os brasileiros terem curiosidade sobre a África, facilita o processo de aprendizagem do português, asseveraram os informantes.

Com pergunta 06, *“Você acha que os brasileiros têm dificuldade para se relacionar com estrangeiros? Comente.”*, esperava-se que os estudantes apresentassem respostas sobre a relação entre o brasileiro e o estrangeiro, independente da nacionalidade ou origem dos estrangeiros. Sendo assim, as respostas apresentadas foram mais positivas, afirmando que os brasileiros são abertos e estão dispostos a ajudar, são amáveis e adoráveis, mas que são, ao mesmo tempo, racistas e preconceituosos; disseram, também, que alguns brasileiros têm medo de se relacionar com o estrangeiro e que parece que isso pode variar a depender da região em que os brasileiros moram, e que os estrangeiros se sentem, às vezes, desconfortáveis em se identificar como estrangeiro. Essas análises podem ser ratificadas a partir da seguinte fala do participante 05: *“Sobre essa pergunta vou responder que depende porque aqui existem muitos preconceitos raciais e o racismo também no Brasil no geral. Então na região norte acho que eles têm menos dificuldade que no Sul. Aqui no Salvador as pessoas são receptivas mesmo sim no maior parte do tempo só pra saber as coisas da África”*. O aluno faz uma comparação entre o tratamento e receptividade dos brasileiros que moram em lugares diferentes do Brasil, mesma comparação feita pelo participante 09, mas em relação à pergunta 07, que será discutida posteriormente. Vale a partir disto, refletirmos quais seriam as razões que levaram os alunos, em suas experiências individuais, a notarem que o relacionamento do brasileiro com o estrangeiro é diferente na região Norte para região Sul? Neste caso, ele polarizou o país em duas regiões e Salvador estaria inserida na região Norte. A partir disso, vale também refletir sobre os estereótipos quem podem estar em jogo nessa comparação entre os brasileiros que moram no Norte e os que moram no Sul do país. Assim, com estas falas, os alunos nos apresentam um binarismo, de uma oposição, que simplifica as identidades dos brasileiros e recaem nos estereótipos em que aqueles que residem em Salvador são mais afetivos e abertos do que aqueles que moram no sul. Isto pode ser relacionado às respostas dos alunos nos questionários, quando afirmam que o brasileiro é hospitaleiro e sabe receber muito bem os estrangeiros. Por outro lado, vale destacar que as experiências de cada aluno, em lugares variados, não devem reduzir as impressões do momento a estereótipos ou preconceitos determinantes.

Outro ponto a destacar sobre a mesma resposta é que o participante diz que as pessoas são mais receptivas quando querem saber coisas sobre a África, ou seja, isso sugere um jogo de interesse entre brasileiros e estrangeiros, pois, por um lado, mostra que brasileiros querem saber mais sobre a cultura africana, e, por outro lado, aponta para a necessidade de um caminho para uma desconstrução de estereótipos e, também, uma escassez de informações relevantes e reais sobre a África que há nas escolas e mídias televisas e impressas.

No que diz respeito à pergunta 07, “*Já sofreu preconceito de algum brasileiro por ser estrangeiro? Comente*”, percebe-se que esta foi pensada pontualmente em relação ao preconceito quanto ao estrangeiro, independente da nacionalidade do mesmo. Porém, as respostas apresentadas pelos alunos também nos direcionaram às questões sobre preconceito racial ou racismo, já que por eles serem negros e estarem imersos numa sociedade estruturalmente racista, no caso, o Brasil, vivenciam situações que vão além da relação preconceito *versus* estrangeiro. É notório, também, que os estrangeiros, de forma geral, sofrem preconceitos de diversos tipos, que dependem da sua nacionalidade e do país em que estejam visitando. Todavia, quando se trata de um estrangeiro negro, de origem africana, as questões experimentadas por estes sujeitos são diferentes, principalmente, no que tange ao preconceito. Neste sentido, três alunos firmaram já terem sofrido algum tipo de preconceito, os outros sete disseram que não, pois as pessoas são bem gentis e, dentre estes sete, um aluno comentou o fato de ter pouco conhecimento da língua, o que poderia influenciar na identificação de um preconceito realizado por parte de um brasileiro.

O participante 09 afirmou já ter sofrido preconceito em uma experiência que viveu no Rio de Janeiro, mas, em contrapartida, afirma que os brasileiros não têm dificuldade em se relacionar com estrangeiros, porém, esse ratifica que são dois lugares diferentes, Salvador e Rio de Janeiro, alegando que sua maior experiência está no primeiro, e não em outras partes do Brasil, afirmando que aqui em Salvador, os moradores foram gentis com ele. Este posicionamento pode ajudar a compreender a comparação feita pelo participante 05 em relação à pergunta 06, quando ele afirma que a receptividade dos brasileiros que moram no Norte é diferente dos que moram no Sul. Daí, faz-se, segundo a visão dos estudantes, um comparativo entre Salvador e Rio de Janeiro, ambas cidades que recebem grande

quantidade de turistas na alta estação e também tem uma população negra muito presente que convive com o racismo escancarado, seja pela violência, ou seja pela desigualdade presente.

Percebe-se, nas perguntas 07 e 06, que os alunos não as responderam focando no “estrangeiro” de forma geral, sem marcação de nacionalidade, mas sim a partir das suas experiências como estrangeiros africanos, trazendo à tona questões relevantes tais como a do “racismo”. Sendo assim, em seus relatos, notamos que em suas experiências, preconceito e racismo são compreendidos e estruturados dentro da cultura e sociedade brasileiras. Desta forma, a experiência como estrangeiro africano traz questões diferentes a serem analisadas, se comparadas com estrangeiros de outras nacionalidades, pois o que está em jogo, neste contexto, é o fato de os alunos serem negros, o que proporciona a existência de preconceitos específicos.

Ademais, ainda discutindo a pergunta 07, o participante 01 afirmou: “*Sim já. Estava uma mulher que encontrei no hospital que me perguntou se na África temos escolas, carros e disse também que comemos a carne da gente[...]*”. Nota-se que a pergunta feita pela mulher no hospital mostra que ela não tem conhecimento básico sobre a África e que sua ideia sobre a cultura africana se limita à vida na selva e às tribos que praticam canibalismo, o que reafirma o que foi dito nos capítulos anteriores, sobre a presença de estereótipos infundados sobre o continente. Já o participante 5 relatou a seguinte situação: “[...] *Para Falar só sobre Salvador já sofri algumas vezes preconceitos de uma forma particular. As vezes quando ando na rua, talvez a noite, têm pessoas que atravessam a rua pra me evitar*”. Esse tipo de comportamento se inscreve no racismo estrutural e no preconceito racial da sociedade brasileira. Os negros brasileiros, muitas vezes, narram histórias e situações semelhantes a essas e, talvez, nas interações com os alunos africanos, tenha explicado a eles como o racismo se manifesta aqui no Brasil. Afinal, poderia ser apenas uma pessoa que atravessou a rua por outros motivos, mas por que estes discentes identificam isto como um comportamento racista? Será que já viveram situações parecidas nos seus países?

Dessa forma, o aluno africano passa a vivenciar, no seu contato com a cultura brasileira, reações parecidas a dos brasileiros dentro de uma sociedade que é

estruturalmente racista, que veem perigo em quase todo negro, principalmente se ele for homem e estiver andando à noite. Todo negro, neste contexto, se torna suspeito. Imaginemos, então, o quão difícil e corajoso é sair do seu país e, nisso, sofrer racismo, quando apenas se pretendia a liberdade de estudar e viver numa nova sociedade.

Em referência à pergunta 08, “*Que relações entre a cultura do seu país e a do Brasil você pode fazer?*”, esperava-se que os alunos relatassem pontos da cultura que, para eles apontassem para choques culturais, mas, principalmente, que eles apresentassem marcas semelhantes entre a cultura africana e a brasileira, que fossem além daquelas já sabidas por nós, habitantes de Salvador. Com isso, os alunos trouxeram as festas e comidas como pontos semelhantes entre as culturas, assim como a diversidade musical e religiosa. Além disso, apontaram os sobrenomes como Silva, Santos, Rego, marca dos povos agudás, do Benim, como comuns entre Brasil e África, mas pontuaram que, em alguns países exige-se o respeito mais do que no Brasil e a maneira de se vestir é diferente, assim como as pessoas têm aqui uma vida mais individual.

Quanto à pergunta 09, “*Defina, com uma frase, a sua impressão sobre essa experiência no Brasil*”, esperava-se que eles apontassem uma percepção a respeito da experiência individual no Brasil. É importante ressaltar que os alunos, no momento da aplicação dos questionários, tinham entre quatro e cinco meses em Salvador. Desse modo, por se tratar de percepções, cada aluno estrangeiro viveu suas experiências de forma diferente, atribuindo interpretações, sentimentos e significados individuais e variados. De forma geral, apresentaram frases positivas sobre as experiências, mas uma merece destaque, a do participante 09, que diz: “*Ninguém está mais feliz do que em casa*”. Essa frase nos apresenta uma perspectiva interessante sobre a experiência do aluno, pois, apesar das semelhanças culturais, da vivência positiva com a língua e com os brasileiros, as diferenças se tornam mais fortes, seja estas em relação ao racismo, à liberdade dos brasileiros ou à violência e aos choques culturais, já que o mesmo aluno afirma que estar em casa, sem dúvidas, traz mais felicidade. Afinal, a experiência como estrangeiro, em qualquer país, mostra que o nosso país de origem parece ser sempre mais confortável e o melhor lugar para se viver.

O participante 03, consoante a mesma pergunta, também apresenta uma frase semelhante: “Não é fácil viver longe do seu país, mas é possível”. Pensemos em quantas questões pessoais e culturais estão envolvidas nessa assertiva. Ora, viver longe do país não parece ser uma experiência fácil para grande parte das pessoas que escolhem isto, independente do país de origem, língua e motivo que a fez tomar essa decisão. Porém, para o aluno africano, esta experiência se faz mais complexa.

Desta forma, o Brasil, por ser um país racista e ter um imaginário equivocado construído negativamente sobre a África, proporciona mais dificuldades para esses discentes africanos. Desse modo, podemos pensar que um aluno europeu não precisaria lidar, por exemplo, com uma abordagem policial mais violenta, já que o seu fenótipo não apresenta, dentro da cultura racista estrutural brasileira, riscos à sociedade. Contudo, entende-se aqui um determinado perfil de europeu e de uma determinada procedência. Desta forma, ser um estrangeiro negro e africano no Brasil abre a possibilidade de difíceis experiências. Neste sentido, quando o participante 3 afirma que “é possível” viver longe do seu país, mesmo não sendo fácil, ele mostra que, apesar das dificuldades, ainda assim, ele encontrou meios para superar os choques culturais presentes no novo país. Dessa forma, findado o choque cultural, estes alunos alcançam a alegria de cumprir seu intercâmbio.

No subcapítulo seguinte, analisamos os relatos de experiência dos participantes e, sucessivamente, passamos para o cruzamento de dados entre as respostas dos questionários e estes relatos.

4.2 Análise de dados: os relatos de experiências

Neste subcapítulo, retomamos a descrição de como se deu o processo de geração dos relatos de experiências dos alunos africanos participantes da pesquisa e, em seguida, partimos para a análise. Dos 15 participantes iniciais, apenas 8 participaram das duas etapas da pesquisa e nos anexos deste trabalho constam as transcrições das entrevistas dos 8 participantes. A geração dos dados se deu por meio de entrevistas que foram combinadas com cada aluno, individualmente, decidindo por um encontro na Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa, na UFBA, no período oposto às aulas no PROFICI/PROEMPLE, de modo que os

relatos foram gravados e, depois, transcritos. A entrevista, por seu turno, foi semiestruturada, para direcionarmos as respostas a algumas questões pontuais, a fim de responder ao problema e às perguntas desta pesquisa. Porém, durante as conversas e gravações, as perguntas das entrevistas iam sendo reestruturadas, a depender do desenvolvimento de cada aluno e compreensão das perguntas. Para elucidar sobre o teor da entrevista, segue uma tabela com as nove perguntas que serviram de base para as entrevistas.

Tabela 8 – Perguntas para entrevista semiestruturada

Perguntas para a entrevista semiestruturada
1. Fale um pouco sobre você, sua experiência como estrangeiro em Salvador e, também, um pouco sobre seu país.
2. Se alguém te perguntasse de que África você vem, o que você responderia?
3. O que as pessoas costumam perguntar sobre a África para você? Você acha que essas perguntas são preconceituosas?
4. O que é ser africano para você?
5. Com você acha que os brasileiros olham, percebem os africanos?
6. Como este olhar do outro faz você refletir sobre ser africano?
7. Você já viveu alguma situação de preconceito racial em Salvador? Como foi?
8. O que acha do racismo presente no Brasil? Como são as relações raciais no seu país?
9. O Brasil tem uma lei que determina o ensino da história e cultura da África nas escolas públicas e privadas. O que você acha desta lei?

Fonte: autoria própria

A pergunta 01 foi feita para a contextualização da entrevista e, também, para deixar o aluno participante mais à vontade para conversar e poder narrar suas experiências. As respostas dessa pergunta, assim, servem para que se conheça um pouco o aluno, sua experiência como estrangeiro e, principalmente, para que se ouça o aluno falar sobre seu próprio país. Alguns trechos dessas respostas foram apresentados no subcapítulo 1.2 *As identidades africanas*, quando os alunos retrataram um pouco dos seus países de origem.

A pergunta 02 teve como objetivo responder à pergunta do título desta dissertação, “De que África você vem?”. Quando ela foi pensada, a ideia era que a resposta viesse subjetiva, metafórica, bem como a pergunta também. Porém, os alunos responderam de diversas formas, tanto num sentido metafórico, como

também geográfico. Porém, sobretudo, expressaram na resposta como eles veem a África da qual fazem parte e como conseguiam exprimir sua relação com seu país e continente de origem.

Já a pergunta 03 foi ao encontro à discussão sobre os preconceitos acerca África, a fim de delinear os estereótipos que emergissem na fala desses sujeitos. É importante ressaltar que a pergunta não foi feita diretamente, por exemplo, “quais são os estereótipos sobre a África que você costuma ouvir?”, mas sim de forma mais aberta, dando espaço para variadas respostas, baseando-se no conceito de estereótipos, tal como definido por Giddens (2012), no subcapítulo 1.3.

As perguntas 4, 5 e 6, juntas, tinham como objetivo responder ao problema de pesquisa: Como os estereótipos, construídos por outrem, sobre a África, (res)significam as identidades dos alunos africanos do PEC-G da UFBA? E, por último, as perguntas 7, 8 e 9 promoveram uma discussão acerca do racismo e preconceito racial no Brasil, vividos por esses alunos e, além disso, também, era importante ouvir a opinião dos alunos sobre a lei 10.639, que determina o ensino da história e cultura da África e afro-brasileira nas escolas do Brasil.

Destaco que na análise feita no próximo tópico deste capítulo 4, focamos nas perguntas 2 e 3, 4, 5 e 6, sendo que as respostas destas três últimas perguntas serão unidas, pois estas respondiam aos propósitos desta pesquisa. Outro ponto importante a frisar foi a desenvoltura de cada aluno. Alguns responderam às perguntas de maneira muito objetiva, sem desenvolver muito as respostas, sem dar possibilidades para outros questionamentos, enquanto outros participantes se estenderam bastante nas entrevistas, possibilitando gravações que duraram de uma hora ou mais.

4.2.1 Análise dos relatos de experiência: os estereótipos e a resignificação das identidades dos alunos africanos

Os trechos dos relatos de experiências de cada aluno foram agrupados e organizados abaixo, de acordo com os seguintes tópicos: I. De que África você vem? (respondendo à pergunta 02); II. Quais são os estereótipos sobre a África (respondendo à pergunta 03); III. Como o outro (brasileiro) vê o africano? (respondendo à pergunta 5) IV. O olhar do outro (brasileiro) (res)significa o ser

Africano? (respondendo à pergunta 06). É importante destacar, ademais, que os relatos produzidos pelos alunos não se prenderam apenas às perguntas apresentadas anteriormente, mas eles narraram e expuseram o que julgaram necessário. Após a apresentação dos trechos em cada tópico, segue a análise

Tabela 9: Trechos dos relatos de experiência que respondem à pergunta 1

1. DE QUE ÁFRICA VOCÊ VEM?
<p>Participante 06: “Hum, eu posso dizer que eu venho de uma África negra, mas também é uma África que eu amo muito, porque o fato de viver aqui com uma outra cultura, eu percebi a riqueza que eu tenho na minha cultura também. Eu posso dizer que eu venho de uma África rica, uma África querida pra mim. E além disso acho que é a mesma coisa que aqui.[...]”.</p>
<p>Participante 07: “[...] Vou dizer que eu venho dessa África, o berço da humanidade”.</p>
<p>Participante 02: “Ah! (Risos) Gana!”.</p>
<p>Participante 03: “[...] eu poderia responder que eu sou da República democrática do Congo aqui na África central”.</p>
<p>Participante 08: “Eu venho da África que simboliza paz. Porque pra todo mundo, as pessoas aqui acham que a África tem guerra, tem tudo. Só que o meu África, meu país tem paz. Muito paz. Eu venho da terra do Voodoo. Meu país é o berço do Voodoo lá na África. E eu venho do Benim que é um povo de alegria. De compreensão às pessoas, e por isso não tem guerra, nós não temos medo de tudo...”.</p>
<p>Participante 04: “Eu <i>responderria</i> que eu venho de Benim que é um país da África do oeste. Eu vou precisar que África é um continente”.</p>
<p>Participante 01: “África de onde eu venho é África onde a gente é amável, é legal. A gente é muito acolhedor. Quando você precisa de ajuda, você só pede e ele vai te ajudar...”.</p>

Participante 05:

“Vou dizer que a África é um continente, não tem dois tipos de Áfricas diferentes. Então sou da África e a única África que existe”.

Fonte: autoria própria

“De que África você vem?” foi uma pergunta criada com o objetivo de refletirmos sobre essa África que muitos brasileiros dizem pertencer *versus* a África da qual os alunos africanos fazem parte. Assim, seria a mesma África? Quando os discentes descrevem e falam dos seus países, eles apresentam uma África imaginada pelos brasileiros, mesmo aqueles que afirmam ter uma ligação forte com o continente ou nos trazem novas informações e revelações sobre o continente? O participante 05 deixa isso bem claro quando diz que não existe dois tipos de África, mas apenas uma.

Isto posto, analiso, a partir dos trechos destacados anteriormente, que os participantes, ao narrarem suas experiências, responderam à pergunta anterior, afirmando que a África a qual eles pertencem é um continente único, com gente amável, legal e acolhedora, ressaltam que a África não é um país, mas um continente, e que é rica de cultura e de paz. Ademais, acrescentam que são oriundos de uma África negra, pois as pessoas, normalmente, acham que só tem negros no continente, esquecendo que existe a África do Norte, que é, predominantemente, branca. Observei, também, que três dos participantes responderam à pergunta indicando o nome do seu país de origem, quando esperei que fizessem uma reflexão mais subjetiva. Afirmar que pertencem a Gana, Benim ou República Democrática do Congo também é uma forma de marcar a sua identidade nacional, individualizando-se em meio ao coletivo, à identidade continental que lhes é dada pelos brasileiros. Talvez para esses alunos, os seus países de origem representam a África para eles, sendo que as experiências vividas como beninense, ganense e congolês são aquelas que descrevem o continente ao qual pertencem.

Segundo Mungoi (2012, p. 130), esse fato pode ter relação com o fato que, entre os alunos africanos, “o discurso mais enfatizado é o da identidade nacional, ou seja, os estudantes se identificam em função de suas nacionalidades”. Sendo assim, isso mostra que, embora pertencentes ao mesmo continente, eles se diferenciam um dos outros; por isso, marcam seu país de origem, afinal, não pertencem a um único

lugar, de forma generalizada, mas a várias nações. Ademais, a autora também acrescenta e finaliza:

Apesar das diferenciações internas vigentes entre os africanos, por vezes, marcadas por visões estereotipadas, o que se verifica é que na interação com os brasileiros, muitos fazem questão de se identificarem como africanos para serem mais facilmente perceptíveis e marcarem diferenças. Neste contexto, a etnicidade é vista como uma linguagem na medida que permite a comunicação entre os grupos. Muitos acreditam que a condição de africano lhes fornece um status diferenciado e menos desconfiança comparativamente aos negros brasileiros (MUNGOI, 2012, p.131).

Tabela 10: Trechos dos relatos de experiência que respondem à pergunta 2

2. QUAIS SÃO OS ESTERÍOTIPOS SOBRE A ÁFRICA?
<p>Participante 06:</p> <p>“[...]Eu encontrei muita pessoa que acha que a África é como na floresta, todo mundo sem as roupas, sem sapato, caçando os animais, mas não é assim como aqui no Brasil. Então é a mesma coisa”.</p> <p>“[...]Eu fui pra uma igreja e depois do culto eu estava conversando com um irmão dessa igreja e um deles perguntou “lá na África tem leão?” ele disse “quando você tá em casa o leão pode sair da floresta e pegar uma pessoa?” (risos) Eu disse que não, é uma cidade como aqui tem lugares que tem leão como num jardim zoológico, tem também um parque especial para visitar os animais”.</p> <p>“[...] Além disso, quando eu encontro brasileiros eles acham que África tem pobreza, em cada lugar tem pobreza. Então ele acha que não tem carro nas ruas como aqui, não, ele acha que todo mundo é sem roupas, então é como na floresta. Mas não é assim, a África é verdade que tem pobreza, mas não em todo lugar”.</p>
<p>Participante 07:</p> <p>“Tem as vezes eu fico chateada com algumas perguntas. Um dia eu fui para o shopping da barra para fazer as compras com os meus amigos, aí uma pessoa perguntou assim “lá em África tem leões na rua?” Eu fiquei muito chateada”.</p> <p>“Tem uma pessoa que perguntou assim “como você fez para chegar até aqui? Você vem aqui nadando?” Eu falei assim “foi meus pais que comprou a passagem para mim””.</p> <p>“[...] Porque tem mais pessoas que acham que lá na África não tem nada, que as pessoas estão morrendo por causa da fome, não tem dinheiro. Eu acho que é assim”.</p> <p>“[...]As vezes na rua as pessoas perguntam assim, você é de Angola ou você da África? Eu me lembro no sábado passado eu estava lá na Av. Sete para fazer compras e uma pessoa, uma mulher falava assim “Você é do Senegal ou você é da África?”. Eu falei assim para ela “África é um continente como o continente Americano e Ásia também, e dentro desse continente tem muitos países. Então Senegal fica lá, Gana, Nigéria, Benim. Então eu sou do Benim”.</p>

Participante 02:

“[...] Mas as pessoas, muitas pessoas aqui pensam que África é só um país, mas não é verdade, África é um continente que tem muitos países, acho que tem 58 países dentro. E muitas pessoas, como eu já falei, pensam que a África é um país. Mas quando eles me perguntou eu corrigi isso”.

“[...] Você tem internet lá? Você tem carro lá? Eu falo sim, tem! Porque todas as coisas que você tem aqui no Brasil a gente tem lá, porque o mundo está mudando. Não é antes, lá não tem muitas coisas...”.

Participante 03:

“ [...] a maioria das pessoas pensa que lá na África... primeiro a maioria pensa que a África é um país. Segundo as pessoas pensam que é uma floresta. (risos) E que as pessoas estão sempre na miséria...”

Participante 08:

“Eu ouvi várias perguntas, até um dia quando voltava do shopping barra uma mulher me falou “por favor, por favor, diga qual é a diferença entre África e Jamaica?” Eu falei “Porra”. Cara, Jamaica... Eu dei a resposta que a África é um continente de 152/157 países, mas que Jamaica é um país da América. Então isso é continente. Você não pode comparar continente e país”.

“Porque pra ela África, como pra maioria das pessoas, acha que África é um país. Porque já quando eu cheguei primeiro, eu saí, e eu encontrei as pessoas que me falou “você é de onde? você é de África ou de Angola?”. Eles não sabem que Angola faz parte da África. Então falei, expliquei pra ele que Angola faz parte da África. E ele falou “Ah, ta bom, não sabia”. Acho que isso acontece por causa da ignorância das pessoas. A visão que ele teve da África desde criança é a mesma até hoje. Mas ele não sabe que isso já mudou. As pessoas me perguntam “lá tem casa grande?” as pessoas acham que lá na África o meio de transporte é o cavalo. Isso porque eu sei muito pra ir pra festa pra praticar muito o português. Então eu ouvi muitos questões dessa forma”.

Participante 04:

“Tem isso na África? Tem isso na África? Tem isso no seu país? Essa questão sobre comida, sobre coisas que pessoas usam dia-a-dia. Também os vestidos, comida... É, são essa coisa, eles quer conhecer o que a gente comer lá, como a gente... se os vestidos são mais caros aqui ou lá. Tem muitas pessoas acham que a África todo é pobre, mas não é assim. Tem lugares onde tem a *pobredade* (pobreza). Tem lugares onde também as pessoas são ricas.”

Participante 01:

“[...]E quando eu estava esperando eu encontrei uma mulher que é mais ou menos assim velha e ela me perguntou se lá na África, bom a gente conversou que eu venho da África, e ela me perguntou se lá a gente tem escola. (risos) “

“[...] E também eu disse pra ela que a gente faz parte de um programa que chama Pec-g e ela me perguntou depois se a gente vem aqui fugindo.”

“[...]se lá a gente mora com leão, se o meio de transporte da gente é o elefante, essas coisas.”

“[...]a gente daqui acha que África é um país e o capital é Angola, Nigéria, essas coisas.”

Participante 05:

“[...] Se a África só é um país.”

“[...]Como outras perguntas têm, como eu fiz para chegar aqui? Porque tem as pessoas que pensam que se eu estou aqui é por conta da pobreza que tem na África. Por exemplo, quando tem uma informação que tem um país na África onde aconteceu isso, mas essas pessoas pensam que é em toda a África que acontece essa coisa. Por exemplo, no meu país não existe uma pessoa que está sem casa, mas aqui eu já vi muitas vezes...”.

“[...] Para acabar posso dizer também que tem as perguntas sobre se eu estou aqui só para estudar algo ou pra fugir, por exemplo, de uma guerra civil na África.”

Fonte: autoria própria

No que se refere a este tópico, o foco desta dissertação, analiso quais são os estereótipos presentes nos relatos dos alunos africanos. Apresento os estereótipos negativos, pois não encontramos positivos. Ademais, os relatos, de forma geral, foram um desabafo dos alunos a respeito dessa visão negativa dos brasileiros com relação à África e, também, sobre suas experiências com o racismo e preconceitos que eles viveram em terras brasileiras. Contudo, vale ressaltar que a visão dos brasileiros parece estar presa a uma África mítica, antiga, da tradição apenas oral, do enfoque nas tribos, rural e que não tem acesso ao desenvolvimento proporcionado, inclusive, pela globalização moderna no mundo e o advento das novas tecnologias, da *internet*, por meio das quais as pessoas podem conhecer o mundo sem sair de casa.

Destarte, notam-se, nos trechos dos relatos anteriores, os estereótipos agrupados em: a) vida selvagem, na África só tem floresta, as pessoas não usam roupas, ou sapatos e caçam animais, além de conviverem com leões soltos nas cidades e casas. É uma visão da África selvagem e rural, que remonta às tribos, a um continente sem desenvolvimento, fazendo as pessoas pensarem que lá o meio de transporte é cavalo ou leão; b) a África da pobreza, da miséria, sem escola e sem acesso a bens básicos e culturais, advindos da globalização moderna, como carro, *internet*, entre outros. Assim, todos viveriam com fome e sem dinheiro. É interessante como os alunos fazem, em suas respostas, um comparativo ao Brasil, dizendo às pessoas que tudo que há no Brasil há também lá na África.

Ademais, as pessoas criam uma imagem curiosa sobre a rotina africana, as comidas, as roupas, a cultura do dia-a-dia, se existe lá costumes parecidos com os que há aqui no Brasil; c) a redução da África a um país, e não a um continente, sendo Angola ou Nigéria – os países mais conhecidos – a suposta capital do "país África". Além disso, existe a comparação entre a Jamaica e o continente africano e a "dúvida eterna" dos brasileiros se a Jamaica fica na África ou se são a mesma coisa; por fim, d) a associação de todo africano a refugiado, o que é expresso nas perguntas e falas dos brasileiros sobre como foi que os alunos africanos vieram para Salvador, se foi nadando ou fugindo de alguma guerra civil. Ou seja, se você é africano, você não pode ser turista no Brasil, nem um possível intercambista, pois sua condição identitária se resume a refugiado, o que reitera o discurso de miséria, pobreza e abandono.

Considerando o exposto, os estereótipos que surgiram reafirmam o que já foi discutido nos capítulos anteriores, e demonstram que o imaginário brasileiro sobre o continente africano ainda está muito ligado ao processo de imposição cultural das culturas colonizadoras, apagando, assim, a realidade cultural e identitária próprias desses países da África. Não estamos, com isso, negando que não exista desigualdade ou pobreza no continente, assim como há no Brasil também e em muitos países da América Latina pela mesma história de exploração e escravidão vividas, mas se pretende, aqui, desconstruir essa imagem como a única verdade sobre a África. Mais que isso, acreditamos que a manutenção desse discurso estereotipado pode interferir na questão identitária dos alunos e, quem sabe, no processo de ensino e aprendizagem da língua estrangeira, afinal, como os próprios assumem nos relatos, não é fácil viver rodeado de preconceitos culturais e racismo, é preciso ser muito forte para não ficar triste e nem se abater. A vinda desses alunos africanos do PEC-G para o Brasil é, acima de tudo, um ato de coragem e realização de sonhos pessoais, pois, como afirma o participante 01, em um trecho do seu relato:

[...] Recentemente, também meu irmão, um irmão do Rio de Janeiro ele veio aqui pra visitar a gente, ele falou pra gente que ele também viveu essa experiência, e que a gente tem que ser forte e seja corajoso também porque não é fácil de escutar essas coisas. Você pode entrar em depressão. (Participante 01)

É importante ressaltar que a forma como os discursos dos alunos é apresentada nos relatos, aponta para uma desconstrução dos estereótipos sobre a África, ou seja, o fato de, indiretamente, criticar o posicionamento do brasileiro e o olhar dele sobre a identidade cultural africana, é um caminho para reivindicar a mudança de pensamento sobre a África. Em outros momentos da entrevista, foi perguntado aos alunos se eles acham que essa visão dos brasileiros sobre a África seria preconceituosa. A maioria respondeu que se tratava da falta de conhecimento mesmo sobre o continente e que os brasileiros são curiosos, querem saber mais sobre a cultura, por isso perguntavam tanto e também manifestavam discursos estereotipados e preconceituosos. Os participantes 05 e 03 afirmaram, respectivamente, que esta visão negativa da África pode ser sim um preconceito sobre o continente, como apresentado nas falas abaixo:

Posso dizer sim. Porque a verdade que não tem muitas pessoas que tem os conhecimentos sobre a África. Então essas pessoas pensam que a África só é uma floresta grande onde tem as pessoas que se vestem de tanga. Porque uma vez já falei com uma amiga que me disse que estava o pensamento que ela tinha sobre a África porque não tem muitas informações sobre a África, por exemplo, nos documentários. Se tem, as informações vão ser sobre o turismo onde tem essas florestas, os animais. Esses documentários vão dizer, por exemplo, que num país da África tem uma reserva natural, só esse tipo de informações que nós encontramos nas mídias. Então posso dizer que é uma forma de preconceito, porque essas pessoas não conhecem a África. Elas não têm essa chance de conhecer esse continente maravilhoso. (Participante 05)

Então, depende. E também pergunta preconceituosa, mas também o brasileiro é uma pessoa, que é muito curioso, gosta de aprender. Então quando eu converso com os brasileiros eu já percebi que quando eles fazem pergunta não é para xingar, não. Isso é porque ele tem uma imagem da África e ele quer saber se é verdade ou não. Então quando eu converso com ele, eu fico muito calmo, converso, diz "não é verdade, isso é verdade". Então acho que não é muito preconceituoso, mas só pra aprender mais. (Participante 03)

Assim, para solucionar a questão da falta de conhecimento sobre o continente, perguntei se eles conheciam e se achavam importante a implantação da lei¹⁴ 10.639 (BRASIL, 2003), que altera a lei 9.394, de 1996, que torna obrigatório, nas escolas públicas e privadas, o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira, assim como o estudo da História da África e dos africanos, bem como a luta dos negros no Brasil. Todos foram unânimes em dizer que sim, pois essa lei facilita o acesso às informações e história sobre a África e faz com que as pessoas tenham

¹⁴ Acesso à Lei: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>

conhecimento mais próximo da realidade. Assim, os participantes 03, 02 e 08, respectivamente, expuseram suas opiniões, conforme o seguinte relato:

Eu acho que essa lei pode ser importante porque eu já encontrei alguns brasileiros que são brancos mas quando eu converso com ele, eles me dizem “nós somos africanos, porque nós temos o sangue dos africanos”. Então acho que seria uma boa coisa de fazer isso, com essa lei de ensino porque quando essas pessoas... essa pessoa quer ser reconhecido como africano, acho que é uma boa coisa deixar de ele fazer o que ele quer, né? Eu fui uma vez visitar um amigo do meu país e depois eu queria voltar pra casa, mas eu não tinha o aplicativo de Uber. Eu encontrei uma pessoa que disse “Venha, eu vou te levar” eu fui no carro dele, e quando nós estávamos indo pra minha casa ele disse “sou africano” (risos) “eu tenho o sangue dos africanos, então aqui em Salvador você está em casa, está bem vindo”. Então eu acho que tem muitos brasileiros negros que se sentem da mesma família que os africanos da África. Eu acho que essa lei é importante pra eles. (Participante 03).

Sim, é muito, muito importante, porque eles precisam saber o que África é sobre, e o que tá acontecendo lá. Eu acho que quando eles tem conhecimento sobre África eles vão viajar pra lá e também encontrar as pessoas que vivem lá e aprender o... ter conhecimento sobre o que eles fazem lá. (Participante 02).

[...] É por isso que eu acho muito importante, daqui vinte, trinta anos novos alunos que vão chegar aqui pelo Pec-G não vai encontrar esse fenômeno. (Participante 08).

De fato, o exercício da lei 10.639, porque ela já está vigente no país, ajuda a desconstruir muitos preconceitos e estereótipos sobre o continente, junto, também, o ensino de PLE/PL2 pode subsidiar na desconstrução e na aplicabilidade dessa lei. Por exemplo, no ano de 2018, convidei alguns alunos meus do PEC-G e PROFICI para participarem de uma roda de conversa dentro de um projeto sobre a África, em uma escola para brasileiros, privada, de Salvador. Este encontro foi superinteressante e importante para ambos os lados. Primeiro, porque contribuiu para reforçar as práticas sugeridas pela lei em vigor, segundo, porque os alunos brasileiros, pela primeira vez, tiveram contato com alunos africanos e aprenderam muito sobre e com eles, através de apresentações que estes fizeram sobre os seus países, apresentações estas que foram inspiradas no projeto “Meu país, minha raiz”, desenvolvido nas aulas do PROFICI/PROEMPLE. Além disso, o curso do PROFICI, juntamente com o PEC-G, promove a vinda dos alunos africanos para Salvador, dentro de um contexto de ensino e aprendizagem de PLE/PL2, portanto, para esses alunos da África, este encontro com os brasileiros também foi ademais de uma atividade de intercâmbio cultural, possibilitou incrementar a prática da oralidade e da

escuta da língua portuguesa. Dessa forma, proporcionamos um diálogo de desconstrução e empoderamento africano dentro de um ambiente escolar, ajudando, conseqüentemente, a problematizar e reconhecer as feridas do racismo e preconceitos cultural e racial no Brasil e no mundo.

Apesar do contato com os estereótipos negativos, não podemos negar a importância da experiência intercultural a que os alunos africanos estrangeiros estão submetidos. Vir ao Brasil, ou a qualquer outro lugar do mundo, para estudar é sempre uma oportunidade de conhecer também o outro desconhecido e desconstruir estereótipos e preconceitos que também eles possam ter sobre outros povos e suas culturas. Para além disso, a oportunidade de estudar em outro país sempre vai abrir a nossa visão de mundo e aprenderemos a apreciá-lo de forma diferente, saindo de nossa zona de conforto. Então, passa a ser uma experiência de mão dupla, em que vários sujeitos estão envolvidos nas trocas, aprendendo bastante, tanto os discentes africanos quanto os brasileiros e brasileiras com os quais eles convivem durante o curso de português e, depois, na graduação, e ainda todas as outras pessoas que aparecem nos seus variados ciclos de interação e amizade no Brasil. Essa riqueza no intercâmbio cultural e experiência como estudante pode ser comprovada a partir da fala do participante 03:

Acho que essa experiência de estudar longe do meu país é uma experiência muito rica pra mim, porque eu aprendi muitas coisas diferentes. Às vezes eu converso com o meu pai e eu pergunto “porque na África nós fazemos assim, ou assim?” Eu...eu percebi que mesmo a religião é adaptada na cultura. Porque quando eu encontro uma pessoa da mesma religião que eu, mas que são brasileiros você vai perceber algumas diferenças na maneira de praticar a religião. Eu já conversei sobre isso com o meu pai. Então acho que é muito importante porque depois dessa experiência eu tenho uma visão diferente do mundo. Acho que é uma visão melhor do que eu tinha quando eu tava no meu país porque agora já posso dizer que eu já tenho duas culturas, a cultura do meu país e a cultura brasileira. Então eu acho que isso vai me ajudar muito na minha vida. É só isso. (Participante 03).

Tabela 11: Trechos dos relatos de experiência que respondem à pergunta 3

3. COMO O OUTRO (BRASILEIRO) VÊ O AFRICANO?
Participante 06: “Muitos brasileiros acham que o africano são pobres então eles precisam de ser acompanhados. Você pode estar conversando com uma pessoa, ele ta comendo, ele vai dizer “você quer comer?” quando você [...] Mesmo quando você não está com fome eles acham que você... ele olha você como uma pessoa fraca. Mas eu já estou acostumado com isso”.

<p>Participante 07:</p> <p>“Às vezes, ela pensa que lá na África as pessoas não são muito inteligentes. Que lá a gente não conhece nada”.</p>
<p>Participante 01:</p> <p>“Pra mim posso dizer que os brasileiros olham as pessoas que são da África como as pessoas que não sabem fazer nada”.</p>
<p>Participantes 05:</p> <p>“Tem dois tipos de visão. Tem as pessoas que sabem ver a África sobre o aspecto cultural. Mas têm também outras pessoas que só ver a África sobre o aspecto da pobreza, e do subdesenvolvimento”.</p>
<p>Participante 03:</p> <p>“Normalmente quando os brasileiros enxergam os africanos eles olham os africanos com o olho, como se diz? Está se preocupando com ele, os africanos são as pessoas miseráveis (risos)”.</p>
<p>Participante 02:</p> <p>“Oh, ok. Eu acho que às vezes, aqui no Salvador tem mais pessoas que é preto, então eles pensam que a gente são juntos, sim. Mas quando você vai pra outras cidades como Rio, São Paulo, eles não tem muitas pessoas... muitas negros lá, então eles tem vêem como uma pessoa que não é humano. Eu acho que isso é ruim”.</p>
<p>Participante 08:</p> <p>“Ele vê o africano, eu acho como uma porra.[...] eu já tive uma conversa com uma amigo, e ele me falou uma coisa que eu não gostei. Eu falei “não, não é isso, não aconteceu assim, as coisas não acontecem assim” e ele falou “não, é assim. Você não vai chegar aqui, volta pra seu país da merda, pobre pa porra”. Eu fiquei muito chateado, mas não falei nada”.</p>
<p>Participante 04:</p> <p>“Acho que as pessoas que eu já encontrei têm diferentes pensamentos sobre os africanos. Tem pessoas que acham que quando você vem da África você é pobre. Tem pessoas que não sabem que na África tem brancos e tem negros. Eles acham que só tem negros. Tem pessoas que, mais perto de mim, na minha igreja que me falam que falar uma africana, cuidar de uma africana como eu é como se... é porque elas que consideram pessoas que deixam o país delas para outro país precisam de compaixão, precisam de amor...”.</p>

Fonte: autoria própria

Essa pergunta, além de apresentar também estereótipos sobre a África, inicia a discussão sobre a resignificação das identidades africanas a partir do olhar do outro (o brasileiro). Assim, os alunos apresentaram, nos relatos, a seguinte visão do

brasileiro sobre o africano: os africanos são pobres miseráveis, fracos e estão sempre precisando de ajuda, de compaixão; os africanos não são muito inteligentes, não conhecem e não sabem fazer nada; os brasileiros podem ver o africano sob o aspecto cultural, mas, principalmente, pelo lado da pobreza e subdesenvolvimento, ou seja, os africanos são lembrados e ovacionados pela sua cultura, pelas cores, diversidade e beleza, mas também são marcados pela miserabilidade, aparentemente, inata ao continente. Ademais, aparece, também, a visão de que, por serem negros, os brasileiros veem os africanos como não humanos. Esta visão se destaca dentre as outras, pois ela reflete o que foi pontuado no capítulo 1, quando Mungoi (2012), aponta para uma identidade racial. Neste sentido, os africanos passam a se enquadrar numa realidade brasileira do racismo estrutural: assim, se são negros, não são humanos e não merecem respeito e nem compartilham de uma igualdade racial e social.

É importante perceber também, que, estas visões identificadas pelos alunos parecem pertencer a vários momentos de sua interação social, que se realizam em distintos espaços, seja nas na universidade, na igreja, sejam nas festas das quais participam, nos *shoppings*, no dia a dia, até para comprar algo na farmácia, ou no Restaurante Universitário, por exemplo. Essa questão da compaixão se faz bem presente nas relações dos alunos com seus grupos da igreja, em que esta instituição abraça e cuida dos alunos africanos, oferecendo conforto emocional e psicológico diante dos choques culturais e da distância da família.

Assim, concluímos que, como esperado, a visão que o brasileiro tem do africano, a forma como marca a identidade africana é negativa, sempre os colocando em um patamar de inferioridade.

Tabela 12: Trechos dos relatos de experiência que respondem à pergunta 4

4. O OLHAR DO OUTRO (BRASILEIRO) (RES)SIGNIFICA O SER AFRICANO?
<p>Participante 06:</p> <p>“Eu sou uma pessoa muito forte, porque eu já encontrei muitas pessoas que tentou de fazer muitas coisas para me machucar, mas eu tinha um costume de me adaptar. Quando estou com pessoas, se eles são boa pra mim eu também vou ser assim. E se eu vejo que uma pessoa é racista, eu vou deixar ele. Porque a minha vida não depende dele. Eu tava no meu país, eu viajei até aqui, eu não sabia falar português, eu aprendi. Então, eu sou muito forte pra viver com os brasileiros mesmo se eles são racistas, porque aqui não é meu país. Eu to aqui só pra estudar. Vou estudar, depois vou voltar. Eu tenho minha família, com eles eu tenho tudo, no meu país tenho tudo. Eu não vou me sentir embaixo dele, menor que ele não. Eu penso que cada um deve respeitar os outros. Então se uma pessoa não me respeita eu vou me afastar dela”.</p>
<p>Participante 07:</p> <p>“A maneira de olhar e também algumas vezes para fazer amizade com algumas pessoas, isso é muito difícil. Por exemplo, às vezes eu vou lá na biblioteca. Quando eu cumprimento alguma pessoa elas não me olham. Às vezes eu fico muito chateada, mas não posso fazer nada”.</p> <p><i>A participante não compreendeu a pergunta, portanto não deu uma resposta coerente. Ela compreendeu olhar, como o verbo “ver”, e relatou que quando elas cumprimentam as pessoas na biblioteca, as pessoas não olham para ela.</i></p>
<p>Participante 03:</p> <p>“Eu não me importo com isso, quando se faz... Eu acho normal porque é como as pessoas pensam disso. Eu acho normal porque os outros também são mal informados sobre a África”.</p>
<p>Participante 02:</p> <p>“Não, não, não. Eu sou africano, isso não vai mudar nada”.</p> <p>“[...]Porque no meu país eu sou mais importante. Se você pensa que eu não é importante aqui, quando eu voltar para o meu país sou importante”.</p>
<p>Participante 08:</p> <p>“Não, essa forma de olhar deles, me leva pra mostrar... me dá determinação pra mostrar pra ele que nós não somos o que eles estão passando. Então quando na primeira vez vou ficar chateado, mas eu digo que ele não sabia, e é por isso que ele ta falando assim. E no dia que ele vai saber ele vai parar de falar assim. É assim, então eu acho que isso é missão pra mim dá informações sobre o meu país”.</p>
<p>Participante 01:</p> <p>“Rapaz, pra mim isso não influencia porque eu sou uma pessoa muito que tem sabedoria e também eu passo a maioria do meu tempo meditando. E quando a gente me olha assim, eu me digo dentro que eu sou mais inteligente que ele, ou tenho mais conhecimento que ele. E ser um africano tem algumas pessoas, tem algumas brancas que também querem ser africanos. Eles querem mudar a cor dele, eu já vi esse tipo de vídeo pelo Youtube. E pra mim ser africano, ter a cor preta, é a melhor coisa que pode me acontecer, e aí eu não tenho vergonha de ser humano. Mas, muito pelo contrário eu sou muito feliz”.</p>

Participante 05:

“Acho que sim, porque quando estava lá na África, tinha as coisas que nunca pensava que um dia poderia refletir sobre essas coisas. Mas quando você muda de lugar isso provoca uma mudança de pensamento, porque você pode ver outros tipos de pensamentos. [...] Então isso afetou a minha maneira de ver as coisas, de me considerar como africano. Eu vi que ser africano pra mim tem uma mais grande importância, porque pra mim é uma origem, pra mim é um modo de vida, pra mim é o que eu sou. Africano. [...]E aí a coisa que eu me penso é que eu tenho duas escolhas: seja eu desisto pra dizer que eu não sou africano para me acostumar com essa pessoa que tem um pensamento negativo sobre os africanos, ao eu me esforço sobre o meu pensamento que eu sou africano, que eu tenho um valor. Então, tenho que mostrar mais, quando tenho um ataque, que os africanos são assim. Eu tenho que mostrar as vantagens de ser africano”.

Fonte: autoria própria

Os relatos anteriores traçam um caminho para responder ao problema de pesquisa desta dissertação. Assim sendo, por um lado, os alunos africanos inferem que os estereótipos construídos por outrem sobre a África não os afetam emocionalmente ou psicologicamente, não os desestabilizam ou os colocam no lugar de inferioridade ou menos importante, muito pelo contrário, eles entendem esse olhar do outro como uma oportunidade de ensinar, explicar ou mostrar a verdadeira África, positiva e com habitantes que são o contrário do que os brasileiros pensam. Por outro lado, parece que este olhar do outro (res)significa suas identidades, pois os fazem repensar sobre o que é ser africano, de maneira que a mudança de lugar de referência física, cultural e social fizeram com que eles refletissem sobre a importância de marcar a sua identidade, as suas crenças e cultura, o que os torna fortes e prontos para combater qualquer tipo de preconceito ou estereótipo. Isto pode ser interpretado também como um processo de empoderamento africano, em que estes alunos decidem se vestir de poder e luta indireta para defender quem eles realmente são diante da sua realidade nacional e territorial. O participante 05 deixa isso bem claro quando diz:

[...] Então isso afetou a minha maneira de ver as coisas, de me considerar como africano. Eu vi que ser africano pra mim tem uma mais grande importância, porque pra mim é uma origem, pra mim é um modo de vida, pra mim é o que eu sou. Africano. [...] eu me esforço sobre o meu pensamento que eu sou africano, que eu tenho um valor. (Participante 05)

Assim, fica perceptível que os alunos africanos compreendem, em suas experiências, dentro e fora da sala de aula, que as suas identidades como africanos

precisam ser, na experiência no Brasil, diariamente, (re)construídas, pois a todo momento, sejam através de perguntas desinformadas e preconceituosas, ou pelo racismo – mesmo que eles não percebam – eles precisam desconstruir os estereótipos, por meio da conversa, respondendo às perguntas, pacientemente, sobre eles e suas culturas e seu povo. Se aqui no Brasil, os negros precisam, diariamente, lutar por reconhecimento do seu valor como ser humano, os africanos negros também lidam com essa realidade, pois, se antes, nos seus países, as suas questões identitárias estavam resolvidas, eles sabiam quem eram e viviam sua africanidade livremente, aqui no Brasil, chocam-se com a realidade de que eles são vistos como habitantes de um continente imerso na pobreza, guerras, subdesenvolvimento e fome. O participante 08 traz um discurso belíssimo que demonstra esse empoderamento africano: “[...] *E pra mim ser africano, ter a cor preta, é a melhor coisa que pode me acontecer, e aí eu não tenho vergonha de ser humano. Mas, muito pelo contrário eu sou muito feliz*”.

Assim, ressignificar a identidade, para esses alunos, é manter características culturais sempre visíveis ao outro, seja através da língua, da vestimenta, do sotaque diferente, seja através do cabelo, dos seus costumes individuais e coletivos, aqueles que os identificam como africanos ou pertencentes a seus países especificamente. No curso de português, por exemplo, eles sempre vão vestidos com suas roupas tradicionais e quando passeiam pela universidade estão "marcando território", então dizendo quem são e de onde vem. Em relação a isso, Mungoi (2012) apresenta a seguinte interpretação sobre o conceito de “africano”, segundo o pensamento do filósofo ganês Kwame Anthony Appiah:

[...] ser “africano” implica necessariamente considerar que africano pode ser uma identidade utilizável desde que se considere que todos pertencem a comunidades diferentes com trajetórias, costumes, línguas e hábitos culturais diferenciados e não como pertencentes a um único Estado. Para este autor, não existe uma identidade africana final, visto que a mesma está em processo de formação e envolve “um certo sentido e contexto”. É uma identidade que é atribuída e reconhecida pelos africanos, mas que deve ser reconstruída continuamente de forma não substancializada de modo a evitar a reificação destes grupos. (MUNGOI, 2012, p.128).

Ademais, destaco que os projetos propostos no curso de português do PROFICI apoiam esse resgate identitário, quando os alunos estão sempre apresentando suas culturas, festas populares, músicas, comidas, família, planos. O

ensino de português estabelece, então, uma forma de fortalecer os sujeitos africanos e, junto a eles, suas identidades, sejam elas individuais ou coletivas.

4.3 Experiências e relações (inter)culturais entre Brasil e África: cruzando os dados

As respostas apresentadas, nas tabelas 6 e 7, descrevem das experiências vividas pelos alunos africanos no Brasil, experiências, que, neste caso, que são de cunho intercultural, pois representam os sentimentos e vivências entre duas culturas diferentes, mas também interligadas e próximas, a saber, as africanas e as brasileiras. Nesse sentido, Hall (2006) afirma que o sujeito pós-moderno é aquele que não tem uma identidade “fixa, essencial ou permanente” e que “assume identidades diferentes, em diferentes momentos”. Levando essa assertiva e consideração, podemos pensar nessas experiências e relações interculturais como uma troca entre diferentes culturas, permitindo-se viver a cultura do outro, sendo *sujeito pós-moderno*, sem anular as diversidades presentes, mostrando sua cultura ao outro e conhecendo a dele, como uma espécie de compartilhamento, intercâmbio cultural. Isto pode ser reafirmado por Candau (2008, p. 51), quando apresenta algumas das características do interculturalismo, sendo elas: “a promoção deliberada da inter-relação entre diferentes grupos culturais presentes em uma determinada sociedade” e o fato de que “nas sociedades em que vivemos os processos de hibridização cultural são intensos e mobilizadores da construção de identidades abertas, em construção permanente[...]”.

Essas relações interculturais são e foram historicamente construídas, pois sabemos que o Brasil foi um país composto por variadas culturas, entre elas, a europeia, a indígena e a africana, como afirma Ortiz (1985, p. 19): “ [...] o Brasil se constituiu através da fusão de três raças fundamentais: o branco, o negro e o índio”. Em contextos diferentes de processos e experiências interculturais, a cultura africana, então, foi trazida e introduzida no Brasil, a partir do século XVI, pelos homens e mulheres escravizados, transportados nos navios negreiros para o Brasil, oriundos de diversas regiões do continente africano, como a chamada África Atlântica, que diz respeito a Costa da Guiné, Costa do Marfim, Nigéria, Moçambique, Angola, atualmente etc. Assim,

Não se sabe ao certo quando os primeiros escravos africanos foram introduzidos no Brasil. Na ausência de informações precisas, Prado Jr.

(1974, p.37) alude a referências de sua vinda já na primeira expedição oficial de povoadores, em 1532. Oficialmente, o tráfico negreiro para o Brasil é autorizado por um alvará de D, João III, datado de 29 de março de 1549, facultando aos donos de engenho do Brasil o resgate de escravos da Costa da Guiné e da Ilha de São Tomé, por sua própria conta, até o limite de cento e vinte “peças” para cada engenho montado (RAIMUNDO, 1933, P. 26-27). A partir daí a importação de escravos africanos para o Brasil cresce vertiginosamente, principalmente em Pernambuco e na Bahia, onde, já no final do século XVI, os africanos ocupavam majoritariamente a base da sociedade colonial brasileira; situação que iria se acentuar no século XVII. (LUCCHESI, 2009, p. 45).

Assim, é factual que há diversas marcas das culturas africanas no Brasil, mais comumente percebidas e citadas na culinária, nas músicas, nas religiões de matrizes africanas, no vestuário, no jeito de se expressar, nas estruturas matriarcais familiares e, também, na língua portuguesa, com sua variante brasileira, afinal, foi construída não apenas pelo português europeu, mas pela influência do contato entre as línguas indígenas e africanas com o português, as quais teriam formado o português brasileiro. Essa variedade cultural brasileira, com influência dos povos africanos, compõe a identidade do povo brasileiro e tem suas marcas iniciais no processo escravagista do século XVI, tanto dos índios como dos africanos, deixando influências até hoje na cultura, política e estrutura da sociedade brasileira, como afirma Freyre (2003), em *Casa Grande e Senzala*:

Formou-se na América tropical uma sociedade agrária na estrutura, escravocrata na técnica de exploração econômica, híbrida de índio – e mais tarde de negro – na composição. Sociedade que se desenvolveria defendida menos pela consciência de raça [...] (FREYRE, 2003, p.64).

No caso do Brasil, que foi um fenômeno do século XVII, o português trazia mais a seu favor, e a favor da nova colônia, toda a riqueza e extraordinária variedade de experiências acumuladas durante o século XV, na Ásia e na África, na Madeira e em Cabo Verde. Entre tais experiências, o conhecimento de plantas úteis, alimentares e de gozo que para aqui seriam transplantadas com êxito, o de certas vantagens do sistema de construção asiático, adaptáveis ao trópico americano, o da capacidade do negro para trabalho agrícola. (FREYRE, 2003, p.74).

Séculos depois do violento comércio dos africanos escravizados para o Brasil, os estudantes africanos trazem à tona, através dos questionários e dos relatos de experiências apresentados anteriormente, as relações culturais marcantes a partir desse novo contato entre Brasil e África, agora vivido por eles numa outra realidade, perspectiva e experiência, não mais dentro de um sistema escravocrata, nem de situações de refúgio político, mas como alunos intercambistas, oriundos de

programas internacionais de cunho educativo, agora, numa nova conjuntura social, política, econômica, intelectual e intercultural. Dessa forma, nas respostas apresentadas nos questionários, por esses estudantes, percebi marcas da consequência de anos de escravidão e presença do colonizador europeu no Brasil, demarcados por estereótipos tanto sobre o Brasil, mas, principalmente, sobre a África, assim como o racismo e preconceito racial. O que pode ser justificado por Ortiz (1985), em sua obra *Cultura brasileira e identidade nacional*, em que afirma que o período escravocrata foi longo e silencioso em relação às etnias negras que povoaram o Brasil e que a abolição marcou um início de uma nova ordem social e política para o negro, em que este deixa de ser mão-de-obra e se transforma em trabalhador livre, sendo considerado pela sociedade como cidadão de segunda categoria. Assim, como cidadão de “segunda categoria”, o negro africano escravizado ou o negro já nascido no Brasil, pós-abolição, sofre as consequências de uma sociedade construída estruturalmente racista, que impossibilita pensar e tratar “a identidade nacional diante da disparidade racial” (ORTIZ, 1985, p. 20).

A partir disso, a seguir, apresentamos, na tabela 13, frases e trechos extraídos das respostas dos alunos nos questionários e nos relatos de experiências, e que representam essas relações identitárias entre o Brasil e a África. Essas frases ou trechos foram agrupados nos seguintes tópicos temáticos: 1. Relações identitárias entre Brasil e África, 2. Choque Cultural e 3. Semelhanças e diferenças entre Brasil e África. O objetivo foi identificar, no discurso dos alunos, falas que se encaixassem nestes tópicos, organizá-las na tabela e analisá-las, cruzando dados dos dois momentos da pesquisa. Ademais, pretendo, com este cruzamento, focar também na construção da identidade brasileira, como ela é ou foi imaginada, percebida e vivida pelos alunos africanos a partir da interação com os brasileiros em diversos contextos sociais.

Tabela 13: Relações identitárias entre Brasil e África

RELAÇÕES IDENTITÁRIAS ENTRE BRASIL E ÁFRICA
<i>1. O Brasil como um país rico por suas belezas</i>
“[...] o Brasil é um país que eu sonhava de visitar, o mundo das garotas, maravilhoso”. (Participante 01- Questionário)
“[...] O Brasil é um lindo país de cultura diversificada”. (Participante 02 - Questionário)

2. O Brasil como um país acolhedor, solidário
“[...] o Brasil é um país cujo os habitantes são muito legais, acolhedores e agradáveis”.(Participante 01- Questionário)
“[...] os povos daqui me ajuda muito também na minha integração”. (Participante 01- Questionário)
“[...] tem pessoas <u>brasileiras</u> quem gostam de fazer amizade com estrangeiros”. (Participante 04 - Questionário)
“[...]Hum. O que eu quero dizer, eu gosto de Salvador, as pessoas são bem legais, agradável, muito obrigada”. (Participante 07 – Relatos)
“Hum, a coisa que eu posso dizer que eu achei nos povos brasileiros são as pessoas, aqui no Salvador porque ainda não andei no Brasil, tenho que falar da experiência que eu tenho aqui no Salvador, achei as pessoas muito legais, elas são receptivas. Quando você tem um problema e tenta de pedir ajuda, se é possível pra eles de ajudar eles ajudam”. (Participante 06 – Relatos)
3. O Brasil como um país violento e racista
“Disseram-me que o Brasil é um lugar violento para se viver”. (Participante 02 - Questionário)
“Eu achava que o Brasil é um país onde não tem <i>muitos</i> pessoas racistas”. (Participante 03 - Questionário)
“Eu achava que os brasileiros são fechados, e também um país bem seguro” (Participante 07 – Questionário)
“[...] algumas pessoas que são racistas ou como eles não conhecem você, eles preferem não se relacionar contigo”. (Participante 01- Questionário)
“Sim. Um dia nós fomos com os meus amigos numa festa de o dono da casa onde eu moro. Nós estávamos ouvindo as músicas brasileiras e nós pedimos também se é possível pra nós colocarmos as músicas africanas e as pessoas aceitavam. Mas lá dentro teve um menino que se retou “nada da música, que porra da África aqui, aqui é Brasil, nós estamos muitos brasileiros aqui, por que ouvir a música brasileira” e quando um dos meus amigos tentou responder para ele foi uma briga entre eles. E eles teve armas, mas nós estávamos sem nada. Isso foi muito pior esse dia, nós tentamos de escapar disso, foi assim”. (Participante 06 – Relatos)
“Sim, sim. Sim, foi uma vez que eu foi pra passear e uma mulher me viu e ela chama outra pessoa e falou com ele que eu sou ladrão. E eu fui pra ela e perguntei “por que você vai achar que eu sou ladrão, eu sou estrangeiro aqui, mas é por causa que eu sou preto?”E ela falou que não mas ela pensou que eu sou. Mas se você não sabe eu, você não conhece a pessoa não pense que ela ou ele é outra pessoa. Você precisa encontrar ele e falar com ele. E ela me falou “desculpe” e tudo acabou”. (Participante 02 – Relatos)
“Claro! (risos) No rio de Janeiro, eu passei duas semanas lá. Eu tava no ônibus, e tinha uma branca, e tinha um espaço para sentar. Então eu peguei esse lugar. O problema é que esse lugar fosse perto dela. Então ela ficou com medo quando eu sentei. Ficou com medo, olhando assim. Depois de alguns minutos ela levantou e

ficou levantada. Eu pensei que ela tava chegando no lugar onde ela vai, mas não é isso. Ela ficar levantada, esperando alguém sair pra pegar lugar dele. Então falei “porra, o que ela acha? Com certeza ela acha que eu sou um ladrão” eu sou um negro então ela tem medo. A ideia que ela tem de preto, um negro é ruim. Por isso ela se levantou”. (Participante 08 – Relatos)

“Lá no restaurante da UFBA (Universidade Federal da Bahia), estava comendo e tem um colega da África que chegou e sentar perto de mim. Então as pessoas que era na frente de nós eles se mudaram. No mesmo lugar e só puxaram um pouquinho. Olhava estranho, de uma maneira estranha. Então eu fiquei desconfortável. Eu digo a minha colega que eu vou então eu me levantei e fui embora”. (Participante 08 – Relatos)

4. A relação entre brasileiro e estrangeiro

“Aqui no Salvador as pessoas são receptivas mesmo sim no maior parte do tempo só pra saber as coisas da África”. (Participante 09 - Questionário)

“Sim, alguns brasileiros têm muita dificuldade para se relacionar com estrangeiros, alguns têm medo para se relacionar conosco”. (Participante 03 - Questionário)

“Eu creio mesmo que os brasileiros gostam dos estrangeiros mas alguns são *racistas*”. (Participante 04 - Questionário)

CHOQUE CULTURAL

“O maior é a liberdade do gênero sexual das pessoas. Encontrei mais gays, mais lésbicas aqui em 7 meses do que em 24 anos de existência no meu país, o Benim”. (Participante 09- Questionário)

“Que a cultura estava diferente sobre as roupas, o comportamento das pessoas e a liberdade daqui”. (Participante 05 - Questionário)

“Eu *fui* chocado e estou chocado ainda sobre coisas do Brasil. Porque o maior das pessoas que deixam a África pra estudar fora tem em geral dois comportamentos: seja eles são conversadores ou gostam das festas”. (Participante 05 – Questionário)

“Ponto de vista, relacionamento, as pessoas. O que me chocou muito é a liberdade de ser gays, lésbicas, tudo isso em totalidade, liberdade”. (Participante 08– Relatos)

“Eu estou fazendo um curso da língua portuguesa, então ser um estrangeiro não é tão fácil porque é uma nova vida. Você tem que criar relacionamento com novas pessoas e isso é uma fase muito difícil. Ela foi muito difícil pra mim, porque sou uma pessoa que gosto muito de conversar, ter amigos. Quando eu cheguei aqui, senti muito sozinho, porque eu não tinha amigos. Mas com o tempo eu me acostumei e consegui fazer amigos”. (Participante 03 – relatos)

“E uma vez também eu fui no shopping, shopping do salvador... E por isso eu não gosto de me vestir com as roupas tradicionais. Porque esse dia a gente se vestiu nessas roupas tradicionais da África e quando as pessoas olharam para nós eles estão falando que “essas pessoas são da Nigéria”... A maioria das pessoas, a maioria das brasileiras, a maioria dos brasileiros só conhecem Nigéria, Angola, Cabo Verde e eles tavam dizendo que nós certamente somos da Nigéria e também que nós sabemos como falar português”. (Participante 01– Relatos)

SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE BRASIL E ÁFRICA
“Temos festivais semelhantes e também algumas alimentos no Brasil podem ser encontrados em Gana”. (Participante 02 - Questionário)
“Posso dizer que a cultura daqui é mais ou menos como no meu país só que na cultura do meu país o respeito é muito pedido”. (Participante 01 - Questionário)
“A cultura do Brasil é muito diferente da cultura do meu país. Por exemplo, a maneira de se vestir é muito diferente”. (Participante 03 - Questionário)
“ A primeira coisa é sobre a roupa. Meninas se vestem com pequena calça jeans, na rua, na escola e pequenos vestidos na <i>iglejas</i> . No outro lado, a diversidade das religiões se observa no Brasil como no Benim”. (Participante 04 - Questionário)
“No outro lado, a diversidade das religiões se observa no Brasil como no Benim”. (Participante 04 - Questionário)
“No <i>aspecto</i> culinário, a relação cultural do meu país é aquilo do Brasil é; no meu país tem algumas comidas que são feitas com azeite de dendê e isso acontece também no Brasil”. (Participante 06 - Questionário)
“[...] Mas a maneira da vida é bem diferente, aqui a vida é individual...” (Participante 07- Questionário)
“Os relações entre a cultura daqui e do meu país é sobre as comidas, as músicas, as religiões...”. (Participante 08 - Questionário)
“[...] Em meu país, especificamente em minha cidade é como aqui em Salvador, tem ruas, tem edifícios, tem tudo isso. Então quando eu tava no meu país eu tava fazendo negocio pra chegar aqui, eu penso “vou no Brasil, vou ver tudo o que eu nunca vi na minha vida”. Mas quando eu cheguei, eu cheguei em São Paulo, na noite e depois eu fui pra Curitiba. Eu olhei e não tem nada de estranho, tem pessoas, as casas, como no meu país. Então eu conversei com meu pai e diz “nada de estranho, tudo como no meu país”. (Participante 03 – Relatos)

Fonte: autoria própria

O primeiro tópico, *Relações identitárias entre Brasil e África*, apresentou a percepção dos alunos no que se refere ao Brasil como um país rico por suas belezas, acolhedor e solidário, mas também racista e violento, sendo estes reflexos da relação brasileiro *versus* estrangeiro. Assim, constata-se que o estudante africano identifica o Brasil como um país que tem mulheres bonitas e de rica diversidade cultural, além de ser um país com pessoas muito gentis, alegres e que ajudam o estrangeiro. Diante disso, nota-se, também, uma estereotipização sobre o Brasil, que tem fama internacional por ser um país de mulheres belas. Interessante que nenhum dos alunos cita o futebol ou o samba como atrativos da cultura brasileira para eles, talvez porque em suas culturas o futebol seja também um esporte bem atrativo e familiar, pois as seleções africanas apresentam ótimos

jogadores e, ainda, pelo fato de existirem muitos ritmos africanos dançantes. O que identifiquei foi que o real atrativo dos alunos para vir ao Brasil é, sem dúvidas, a boa educação brasileira no nível superior, se comparada à africana, e também o interesse por aprender uma nova língua.

No que se refere à violência e ao racismo, apenas dois alunos disseram não ter vivido quaisquer situações de racismo, um aluno disse que sofreu racismo leve e os outros cinco confirmaram que vivenciaram o racismo no Brasil, especificamente em Salvador e no Rio de Janeiro. Nos casos narrados, eles disseram que estavam no ônibus, na rua, numa festa com outros brasileiros, lugares em que os negros brasileiros também descrevem como típicos para manifestações de racismo ou discriminação racial. Interessante é como um dos alunos classifica o racismo como do “tipo leve”. Quando questionado sobre se existia graus de racismo, ele contou a história e pôde concluir que se tratava, de fato, de um ato racista. Ademais, os discentes citam a violência no Brasil como um marco identitário, mas não preponderante para impedi-los de vir para cá. Quanto ao racismo, quando perguntados se existe isso no país deles, eles são unânimes em dizer que não, que apenas eles estudam sobre isso, sabiam que existia, mas nunca tinham vivenciado, somente quando chegaram ao solo brasileiro. Disseram, ademais, que existem formas de preconceitos em seus países, talvez como de classe social, mas de racismo não, até porque todos são moradores de países predominantemente de população negra.

Essa última questão foi um ponto que chamou bastante atenção, pois imagina-se o quão forte é sair do seu lugar de origem e experienciar o racismo em outro país, com todas as questões que o envolve. Nesta direção, em um dos relatos, o participante conta que, uma vez, um dos alunos teve seu celular roubado, um aparelho caríssimo, um *iphone* de última geração e, quando foram dar queixa na polícia, esta não acreditou neles, suspeitando que eles mesmos fossem os ladrões e não aqueles que possuiriam o celular caro. Foi, então, que eles resolveram falar em francês e os policiais perceberam que eles não eram brasileiros e entenderam a situação. Percebe-se, assim, que a liberdade e a dignidade desses alunos africanos são testadas devido a sua identidade racial, que é reconstruída nesse momento, quando precisam falar sua língua para poder mostrar a inocência e se livrar de ato de racismo, atitude que o negro brasileiro não pode ter, infelizmente. Vê-se, então,

como as identidades desses alunos são ressignificadas nesse momento, quando precisam assumir uma identidade continental, precisam mostrar que pertencem a uma outra cultura e país para que possam usufruir da sua liberdade de ir e vir.

Outrossim, estas questões apresentadas no primeiro tópico, sobre a identidade brasileira, estão relacionadas a uma pergunta que foi feita no questionário: “Quais motivos levaram você a escolher o Brasil?”. As respostas correspondem, justamente, aos estereótipos dos alunos africanos sobre o Brasil, ou seja, aquilo que os discentes pensavam sobre o país de destino antes de conhecê-lo. Silva e Amado (S/A), confirmam isto, quando dizem que os sujeitos do discurso, no caso os alunos africanos, inicialmente mostraram um desejo de conhecer o Brasil pela imagem que já tinham de uma “identidade brasileira”. Porém, quando chegam ao Brasil e durante o longo processo de aprendizagem da língua alvo e de troca de experiências, notaram a complexidade das identidades brasileiras, que se revelaram, por exemplo, por meio da diversidade cultural, de choques culturais e da pluralidade linguística aqui encontradas.

Na relação estrangeiro e brasileiro, que não leva em consideração a nacionalidade do aluno, as respostas foram divididas: alguns disseram que os brasileiros têm dificuldades para se relacionar com estrangeiros, outro afirmou que os brasileiros são muito receptivos e um outro expôs que os brasileiros se relacionam com os estrangeiros mais por interesse em quererem saber sobre a cultura do outro, no caso, os africanos.

No tópico sobre choque cultural, o que mais se destacou foi a questão do respeito, do tradicionalismo e conservadorismo africano, que foi expressa na reação dos alunos ante à liberdade que encontraram aqui, em vários âmbitos sociais, mas, principalmente, em relação à diversidade de gênero, como também às roupas das pessoas. Para os alunos, é um choque muito grande ver homossexuais vivendo livremente na universidade, usando saias, maquiagens, roupas, que, para eles, são apenas para mulheres. Além disso, os alunos têm dificuldade inicial de se adaptarem à comida do Brasil, principalmente o arroz com feijão, do que eles sempre se queixam. Outro relato que chamou a atenção foi de um participante que diz que não gosta muito de andar com as roupas tradicionais do seu país, porque as pessoas, quando olham, ficam falando e apontando-lhes como africanos, mas

perguntando se são da Nigéria ou Angola, ou seja, reduzindo e/ou simplificando todo o continente a um único país. Nesse sentido, para os alunos, há uma perda das suas identidades nacionais, pois, apesar das pessoas terem conhecimento de que a África é pluricultural, reduzem o continente a um lugar homogêneo, onde todos são um. Diante desses choques identitários, os alunos concluem que é uma fase de adaptação e compreensão muito difícil, mas depois que ela é superada, tudo flui.

Para concluir, o último tópico traz as semelhanças entre ambas as culturas, a brasileira e a africana. Essa questão se faz muito importante porque, na Bahia, principalmente em Salvador, constrói-se o discurso de que também somos África, não só pelas heranças culturais que aqui foram deixadas pelos africanos, mas também porque somos a cidade mais negra do Brasil, ficando atrás apenas do próprio continente. Contudo, faz-se necessário pensar sobre que África é essa que queremos e que estamos construindo esta ligação secular. Seria a África moderna, do século XXI, pós-independência e descolonização cultural e intelectual ou ainda uma África que foi trazida pelos escravizados e congelada no tempo? Diante disso, vale pensar que, de fato, temos muito da África na nossa cultura, ancestralidade e identidade brasileira, como afirmam os alunos, mas também, já construímos uma identidade genuinamente brasileira, que precisa ser mais estudada e compreendida, inclusive, remontando ao seu passado, e, acima de tudo, respeitada pelos próprios brasileiros. Dessa forma, os alunos africanos apontam a comida, os ritmos musicais, as festas populares e a diversidade religiosa como pontos comuns entre as duas culturas, mas também apresentam as roupas, a questão do respeito e da coletividade como pontos divergentes. A comparação entre o brasileiro individual e a África coletiva é muito interessante, pois nos faz refletir a respeito de quais os motivos levam o brasileiro ser individualista em relação ao africano. Quais seriam os aspectos sociais e históricos que moldaram, pelo olhar do africano, o povo brasileiro como aquele que vive mais individualmente? E quais fatores fizeram o africano viver mais coletivamente?

Por fim, concluímos que quando se cruza os dados, sai-se um pouco da linha de concentrar a análise apenas sobre o olhar do brasileiro em relação ao africano, e coloca-se em jogo, também, as percepções, o olhar do africano sobre o brasileiro. Esse olhar reafirma a ideia de que não existe só um lado neste processo de (re) construção identitária, visto que os sujeitos das duas culturas em questão vivem a

experiência de estar sempre revendo sua identidade tanto como ser individual, como coletivo, Deste modo, conheço sobre mim, quando entro em contato ou em choque com o outro, ou seja, me enxergo como africano porque aquilo que o brasileiro tem eu não possuo na minha cultura e no meio jeito,e, por isso que ele é brasileiro e eu, africano, já que há um grupo de características culturais que determinam essas diferenças. Por outro lado, o processo de colonização proporcionou esses câmbios culturais, o que fez com que as identidades se misturassem e precisassem ser remarcadas, revistas e (re) significadas.

É importante evidenciar que a marcação identitária do sujeito brasileiro, opondo-se a do africano, por exemplo, não pode ser feita de forma radical, que intensifique um binarismo, uma polarização, alimentando a ideia de uma cultural superior a outra; mas, sim, fomentar a valorização da diversidade cultural em quaisquer sociedades, pois seres diferentes podem e devem conviver socialmente, respeitando as individualidades e enaltecendo a heterogeneidade em que todos estamos inseridos, proporcionando assim numa convivência pacífica entre as diversas individualidades que formam o coletivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hall (2003), em sua obra *Da diáspora: identidades e mediações culturais*, faz uma análise acerca dos povos caribenhos e suas identidades após a diáspora com destino à Grã-Bretanha, em 1998. Hall (2003) propõe, então, discutir a construção dessa identidade dos caribenhos a partir de um contexto de crescente globalização, analisando como as nações caribenhas são imaginadas pós-independência e como os sujeitos pertencentes a esses países lidam com essas mudanças e como estas repercutem na (re)construção de suas identidades como caribenhos, mesmo que não estejam mais vivendo no seu lugar de origem.

Análogo ao trabalho de Hall (2003), a discussão feita nesta dissertação mostrou como as identidades dos alunos africanos são (re)significadas a partir do contato deles com os estereótipos que os brasileiros apresentam sobre eles e suas culturas africanas, seja em nível coletivo ou individual. Nesse caso, não estou falando de uma diáspora provocada diretamente por motivos geopolíticos, econômico ou guerras, mas de um contexto de migração estudantil, em que jovens africanos passam pela experiência de estudar, no Brasil, a língua portuguesa, durante seis meses e, logo depois, uma graduação numa universidade brasileira pública ou privada.

Diante disso, entra em jogo, neste contexto, contatos culturais entre os brasileiros e os alunos africanos, o que proporciona uma reflexão acerca das identidades culturais, quer seja em um viés nacional, quer seja em um continental dos sujeitos africanos envolvidos, que precisam repensar o “ser africano” diante dos estereótipos e preconceitos que surgem sobre ele e a África em que vive. Afinal, quem sou eu, quando saio do meu território e entro em contato com novos povos e culturas diferentes da minha? Como as pessoas me veem, como eu passo a me enxergar e como reflito sobre o olhar do outro acerca de mim? Dessa forma, os alunos africanos precisam lidar com o olhar negativo do outro sobre suas culturas, suas origens que, até pouco tempo, eram questões resolvidas, voltando, assim, o que Hall (2003, p. 28) chama de ligação à “terra de origem”, às raízes, ao “elo umbilical” para reafirmar as suas identidades e torná-las mais resistentes.

Dessa maneira, como os próprios alunos africanos deixam claro nos seus relatos, conviver com preconceitos negativos sobre a África ou os estereótipos, fez

com que repensassem a importância da valorização das suas culturas, que estão conectadas às identidades individuais e coletivas de cada um, assim também como compreenderam que os posicionamentos do brasileiro têm a ver com a falta de informação que lhes foi negada ou manipulada. Por isso, apesar dos alunos africanos se abalarem com os estereótipos, eles passam a ressignificar uma identidade que, até entrar em contato com o outro, estava estabelecida, resolvida por eles. Mas, como afirma Mungoi (2012), são nos processos de deslocamento que as identidades são testadas e entra em jogo a ressignificação, a desconstrução e reconstrução dessas identidades, porque estas são inacabadas, mutáveis e estão sempre em mudança, como afirmam Agier (2001) e Hall(2006).

Conclui-se, também, que os sujeitos percebem essa construção identitária sobre eles, fazem uma reflexão sobre e concluem que os brasileiros, com os quais eles entraram em contato, têm acesso a informações estereotipadas sobre a África e fazem uma relação com a educação nas escolas deles, na África, em que além de aprenderem sobre os países do próprio continente, também aprendem sobre a Europa, a América e o Brasil. Sendo assim, segundo os alunos, os brasileiros também deveriam buscar e aprender mais informações sobre o continente africano, contribuindo, dessa forma, para a desconstrução desses estereótipos sobre a cultura africana, visto que os próprios alunos, nos processos de interação, dão a conhecer a história e cultura do seu lugar de origem.

Ademais, indicou-se como as aulas de PLE, no contexto do PROFICI, podem ser um ambiente favorável para a problematização/desconstrução desses estereótipos, através de uma metodologia de Ensino por Projetos que permite apresentações e debates, bem como podem favorecer a manutenção das culturas e história dos alunos africanos e dos países dos quais eles fazem parte. Além disso, outros processos de interação, como o Poliglota, as monitorias, as novas redes de amigos brasileiros, que possibilitam a prática oral e escrita da língua alvo, também podem ajudar no caminho para repensar os preconceitos existentes sobre a África, de modo que os alunos passam a perceber o olhar do outro sobre eles e começam a repensar suas questões identitárias. Acrescento, também, que as aulas de português oferecem o ensino da estrutura linguística e discursiva para que os alunos, no contato com o outro, possam compreender o que é falado, interpretar, analisar, comparar, refletir e responder, em português, a fim de desconstruir os

estereótipos sobre eles que emergem das interações das suas rotinas como estudante estrangeiro. Logo, o ensino de PLE/PL2, se bem estruturado e aplicado, possibilita que os alunos estrangeiros tenham arsenal linguístico para garantir o respeito e o debate sobre suas identidades, quando estas são questionadas.

Não posso deixar de mencionar o racismo como ponto marcante nos relatos dos alunos africanos, que revelam, como afirma Mungoi (2012, p. 131), “um sentimento de surpresa e decepção no que tange à discriminação racial no Brasil”, principalmente por meio das experiências que eles contam nos relatos, que mexem com sua autoestima e com a ressignificação de suas identidades ou, especificamente, da identidade racial de cada um. Ademais, as narrativas mostraram, também, um reconhecimento dos alunos em relação àqueles brasileiros que também se reconhecem como negros e africanos, pois buscam, na África, uma reafirmação da sua identidade racial e brasileira. O participante 03, quando questionado sobre isso, nos presenteou com a seguinte fala:

***Heide:** Mas você acha que quando o brasileiro fala “eu sou africano” e ele quer manter essa ligação com a África, você acha que há uma compreensão do que realmente é a África, ou ele está falando isso só por uma questão de reconhecimento mesmo, sendo branco ou negro, pela cor da pele, mas você acha que ele sabe, de fato, que está falando? Do tipo “eu sou africano, no meu sangue corre africano” mas que africano é esse? Ele tá falando de um africano que está lá na África nesse momento ou ele está pensando em um africano que foi escravo e veio pro Brasil? O que você pensa sobre isso?*

***Participante 03:** Eu acho que essa coisa nasce com o racismo. Porque quando uma pessoa se sente rejeitado, ele vai querer ser reconhecido em um lugar. Como na história os escravos vinham da África pra cá e aqui tem o racismo, quando uma pessoa se sente mal ele vai dizer “eu tenho ancestrais que são africanos, então sou africano”. Acho que também só pra ser reconhecido, porque quando você vai conversar com ele você vai perceber que ele tem uma imagem da África antiga. Ele não conhece o que é a África agora. Então ele fala só isso para ser reconhecido*

Diante disso, percebo, cada vez mais, a importância de colocar em prática, nas instituições públicas e privadas de ensino no Brasil, a Lei 10.639 (BRASIL, 2003), para que os brasileiros tenham acesso à história da África e das relações culturais, históricas, sociais, econômicas e políticas entre o continente africano e o Brasil e, assim, poder compreender seu passado, a sua ancestralidade, para firmar sua ligação com a cultura africana. Pois, de fato, os brasileiros não são africanos, como muitos dizem, mas eles assumem esta identidade como uma reafirmação

racial e identitária dentro de um estado racista, mas que, na maioria das vezes, não conhece a história do lugar de onde os seus antepassados vieram. É o que Hall (2003) aborda na sua análise a partir da diáspora caribenha, em que os caribenhos precisam reconhecer este lugar de origem para poder ressignificar suas identidades no presente, diante também dos processos de globalização modernos. Ademais, fica claro, como o próprio Participante 03 fala, que essa busca dos brasileiros por uma identidade africana tem como fundo o racismo perverso da sociedade brasileira; ou seja, se no Brasil o sujeito tem dificuldades de viver livremente a sua identidade racial, se ele sofre discriminação racial, ele vai buscar em algum lugar o fortalecimento da sua identidade individual e coletiva, em algum lugar que, provavelmente, é o seu lugar de origem, o “cordão umbilical” da humanidade, que é a África, onde as pessoas negras parecem viver num contexto de liberdade, igualdade e valorização étnico-racial melhor do que no Brasil.

No cruzamento de dados, foram postas duas identidades em confronto, a africana e a brasileira, mostrando que as questões dos preconceitos e estereótipos existem nas duas culturas e que, infelizmente, estamos sujeitos a construir e manter estereótipos sobre o outro nas nossas mais variadas relações sociais, já que eles são oriundos da nossa falta de conhecimento e estranhamento sobre o que é diferente do que estamos habituados. Nesse contexto, chego à conclusão de que há, também, uma ideia estereotipada dos africanos em relação aos brasileiros, mas também as diferenças perceptíveis entre as culturas proporcionam a marcação e reflexão acerca das identidades de cada um, mas, especialmente, a dos africanos, que é o estrangeiro no novo território. Assim, a identidade africana é ressignificada quando entra em choque com o novo, com a identidade brasileira e com o diferente.

Isso posto, considero que este trabalho foi muito positivo, enriquecedor e trouxe muito aprendizado pessoal. Afinal, uma pesquisa se torna válida quando o pesquisador produz também conhecimento para si e realiza um trabalho com amor e por motivos e inquietações pessoais, além de poder proporcionar conhecimento à comunidade acadêmica e à sociedade como um todo. A pesquisa respondeu às expectativas iniciais e confirmou as hipóteses de que ainda há, nos discursos dos brasileiros, muitos estereótipos negativos em relação aos africanos e que ainda temos muito que desconstruir preconceitos e aprender sobre a cultura do outro e, inclusive, sobre a nossa. Ademais, esta pesquisa pode contribuir para o

enriquecimento dos estudos antropológicos e sociológicos sobre a África e a cultura afro-brasileira, como também para o ensino e aprendizado de línguas estrangeiras, pois sugere que as aulas de PLE/PL2 sejam espaços onde se possa discutir questões sobre preconceitos e identidades culturais.

Foi percebido, também, que se poderia ter explorado mais os aspectos positivos da África por meio dos relatos dos alunos, ou seja, ter feito, na entrevista semiestruturada, perguntas que os alunos apresentassem mais objetivamente os lados positivos, as belezas não só naturais, mas culturais e identitárias dos seus países. Concluo, por fim, que cada relato de experiência feito, cada questionário respondido, merecia uma análise especial e individual, quem sabe uma dissertação ou a publicação de artigos para cada um desses materiais coletado e gerados, pois eles são ricos em informações, detalhes e narrativas que merecem ser analisadas minuciosamente e que enriqueceriam muitos campos do conhecimento dos Estudos Sociais e Linguísticos.

Ademais, após ler as narrativas, percebi a necessidade de dar continuidade à discussão iniciada nesta dissertação, possivelmente em uma tese de doutorado, mas focando na questão do racismo no Brasil, que não pôde ser aprofundada devido aos objetivos desta pesquisa. Assim, como desdobramento da pesquisa, poderíamos focar na análise das experiências dos alunos africanos pós-CELPE-Bras, já estudando nas universidades brasileiras, e como eles convivem, no seu dia-a-dia, com o racismo estrutural presente na sociedade brasileira. Isso poderia fomentar as discussões acerca de identidades raciais, racismo no Brasil e estratégias de sobrevivência dos alunos africanos do PEC-G.

REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. Distúrbios identitários em tempos de globalização. **Mana**, v. 7, n. 2, p. 7-33, 2001.

ALMEIDA FILHO, João Carlos. Ensino de Português Língua estrangeira/EPL: a emergência de uma especialidade no Brasil. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., RIBEIRO, S. **Rosae**: linguística histórica, história das línguas e outras histórias. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 723-728.

Assessoria para Assuntos Internacionais. Apresentação. Disponível em: <<https://aai.ufba.br/pt-br/apresentacao-0>>. Acesso em: 12 janeiro 2019

Assessoria para Assuntos Internacionais. Mobilidade/Estudantes Estrangeiros. Disponível em:<<https://aai.ufba.br/pt-br/mobilidadeestudantes-estrangeiros>>. Acesso em: 12 janeiro 2019.

BACCEGA, Maria Aparecida. O estereótipo e as diversidades. **Comunicação & educação**, n. 13, p. 7-14, 1998. Acesso em 12 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i13p7-14>

BARROS, Walter Vieira; COSTA, Marco Antônio Margarido. Letramento crítico e uso de imagens em aulas de língua inglesa: desconstruindo estereótipos. **Entrepalavras**, v. 7, n. 1, p. 550-570, 2017.

BATISTA, Miguel Waleska. A inferiorização dos negros a partir do racismo estrutural. **Rev. Direito Práxis**, Rio de Janeiro, Vol. 9, n. 4, 2018, p. 2581-2589. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rdp/v9n4/2179-8966-rdp-9-4-2581.pdf>. Acesso em 19 janeiro 2019.

BAXTER, Alan; LUCCHESI, Dante; RIBEIRO, Ilza. **O português Afro-Brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.** n.19, p.20-28, 2002.

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRASIL. **República do Benim**. Ministérios das relações exteriores. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/ficha-pais/4866-republica-do-benim>>. Acesso em 24 janeiro 2019.

CANDAU, VERA MARIA. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. In: **Revista Brasileira de Educação**. v. 13 n. 37 jan./abr. 2008.

CELPE-BRAS. **Apresentação**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/celpe-bras>>. Acesso em: 22 janeiro 2019.

CELPE-BRAS. **Ações internacionais**: CELPE-Bras. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/acoes-internacionais/celpe-bras>>. Acesso em 12 janeiro de 2019.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa**: experiência e história em pesquisa qualitativa. Uberlândia: EDUFU, 2011.

COLTURATO, Priscila. **África: divisão territorial – Geografia ENEM.** Disponível em: <<https://blogdoenem.com.br/africa-divisao-territorial/>>. Acesso em 24 janeiro 2019.

CULTURA MIX. **Cultura do Benim.** Disponível em: <<http://cultura.culturamix.com/regional/africa/cultura-de-benim>>. Acesso em: 24 janeiro 2019.

DA LUZ, Natália. **República Democrática do Congo: a independência do país que viveu um dos mais cruéis regimes coloniais da África.** 2014. Disponível em: <<http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/republica-democratica-congo-54-anos-de-independencia-pais-que-viveu-um-dos-mais-cruéis-regimes-coloniais-da-africa>>. Acesso em 24 janeiro 2019.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Y. **Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** Porto Alegre: ARTMED, 2006.

EDITAL DE CONVOCAÇÃO PEC-G 2018. Disponível em: <http://www.dce.mre.gov.br/PEC/G/2018/Edital_PEC-G_2018.pdf>. Acesso em: 23 janeiro 2019.

EDITAL DE CONVOCAÇÃO PEC-G 2019. Disponível em: <http://www.dce.mre.gov.br/PEC/G/2019/Edital_PEC-G_2019.pdf>. Acesso em 23 janeiro 2019.

ETA. **Programa Capes/Fulbright de English Teaching Assistant (ETA) para Projetos Institucionais.** Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/cooperacao-internacional/estados-unidos/programa-de-assistente-de-ensino-de-lingua-inglesa-para-projetos-institucionais-capes-fulbright>>. Acesso em: 13 janeiro 2019.

FIOCRUZ. **Pesquisa e ensino.** Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/bolsas>>. Acesso em: 22 de janeiro de 2019.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados Cortez, 1989.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala:** formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2003.

G1BA. **Salvador recebe Mostra de Cinemas Africanos.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2018/11/18/salvador-recebe-mostra-de-cinemas-africanos-veja-programacao.ghtml>>. Acesso em: 21 fevereiro 2019.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia.** Porto Alegre: Artmed, 2005.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia.** Porto Alegre: Penso, 2012.

GOMES, Irene; MARLI, Mônica. **IBGE mostra as cores da desigualdade.** Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21206-ibge-mostra-as-cores-da-desigualdade>>. Acesso em: 14 janeiro 2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HARRIS, Joseph E.; ZEGHIDOUR, Slimane. A África e a diáspora negra. In: MAZRUI, Ali A.; WONDJI, Christophe. **História geral da África, VIII: África desde 1935**. Brasília: UNESCO, 2010. p. 849-872.

KODJO, Edem e CHANAIWA. David. Pan-africanismo e Libertação. In: MAZRUI, Ali A.; WONDJI, Christophe. **História geral da África, VIII: África desde 1935**. Brasília: UNESCO, 2010. P 897- 924.

LÁSCAR Alarcón, Yeris Gerardo; BATISTA Marília Carvalho. Especificidade do Ensino de PLE. **Revista SIPLE**, v. 4, p.1 s/a. Disponível em: <http://www.siple.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=235:6-especificidades-do-ensino-de-ple&catid=64:edicao-4&Itemid=109>. Acesso em: 18 janeiro 2019

M' BOKOLO, Elikia. **África Negra: História e Civilizações**. Trad. Manuel Resende. Salvador: EDUFBA, 2011.

MAZRUI, Ali A.; WONDJI, Christophe. **História geral da África, VIII: África desde 1935**. Brasília: UNESCO, 2010.

MENDES, Edleise. **Diálogos Interculturais: Ensino e formação em português língua estrangeira**. São Paulo: Pontes Editora, 2011.

MENDES, Edleise. Por que ensinar língua como cultura? In: ÁLVAREZ, Maria Luisa; SANTOS, Percília. **Língua e cultura: no contexto de português como Língua Estrangeira**. São Paulo: Pontes Editores, 2010.

MOITA LOPES, L. P. Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, Regina Celi; ROCA, Pilar. **Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

MOITA LOPES, L. P. **Identidades Fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

MOITA LOPES, L. P. Pesquisa interpretativista em Linguística Aplicada: a linguagem como condição e solução. In: **D.E.L.T.A.**, n. 10, 1994, p. 329-338.

MUNANGA, Kabengele. Diversidade, identidade, etnicidade e cidadania. In: **Cadernos Anped**. São Paulo, 2003.

MUNGOI, Dulce Maria Domingos Chale João. Resignificando Identidades: um estudo antropológico sobre experiências migratórias dos estudantes africanos no Brasil. **Rev. Inter. Mob. Hum.**, Brasília, Ano 20, nº 38, p. 125-139, jan./jun. 2012.

OEA. **Sobre OEA. Quem Somos?** Disponível em <http://www.oas.org/pt/sobre/quem_somos.asp>. Acesso em 12 janeiro de 2019.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. Política linguística e internacionalização: a língua portuguesa no mundo globalizado do século XXI. **Trab. linguist. apl.** v.52, n.2, 2013. p.409-433.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

PAEC. **Programa de Alianças para a Educação e a Capacitação**. Disponível em: <<http://www.grupocoimbra.org.br/Programas/PaginaProgramas.aspx?programaID=1>>. Acesso em: 12 janeiro de 2019.

PAEC/OAE. **Programa de Alianças para a Educação e a Capacitação (PAEC) da OEA.** Disponível em: <<http://www.dce.mre.gov.br/oportunidades/OI/OEA/PAEC.php>>. Acesso em 12 janeiro 2019.

PECG. **Programa de Estudantes-Convênio de Graduação - PEC-G.** Disponível em: <<http://www.dce.mre.gov.br/PEC/PECG.php>>. Acesso em: 12 janeiro 2019.

PROFICI. **PROFICI:** uma breve apresentação. Disponível em: <<https://profici.ufba.br/>>. Acesso em: 22 janeiro 2019.

RAJAGOPALAN, K. Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética. In: RAJAGOPALAN, K. **Perspectivas para uma pedagogia crítica.** Parábola Editorial: São Paulo, 2003.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RODRIGUES, Ricardo Santos. Entre o passado e o agora: Diáspora Negra e Identidade Cultural. **Revista EPOS**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, jul/dez, 2012.

SCHLATTER, Margarete. **Celpe-Bras: avaliação, ensino e formação de professores de português como língua adicional.** 2014. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/acervocelpebras/um-pouco-de-historia>>. Acesso em 25 janeiro 2019.

SILVA, Denilson; AMADO, Rosane de Sá. **Aprendizagem de uma segunda língua e identidades: uma abordagem discursiva das identidades de haitianos aprendentes do português como língua acolhimento.** Disponível em: <http://www.siple.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=367:aprendizagem-de-uma-segunda-lingua-e-identidades-uma-abordagem-discursiva-das-identidades-de-haitianos-aprendentes-do-portugues-como-lingua-acolhimento&catid=79:edicao-9&Itemid=117>. Acesso em 25 fevereiro 2019.

SOARES, Wellington. **A história da África e os africanos.** Disponível em: <<https://novaescola.org.br/arquivo/africa-brasil/historia-da-africa.shtml>>. Acesso em: 24 janeiro 2019.

SOW, Alfa I; ABDULAZIZ., Mohamed H. Língua e Evolução Social. In: In: MAZRUI, Ali A.; WONDJI, Christophe. **História geral da África, VIII: África desde 1935.** Brasília: UNESCO, 2010.

STOLLER, Fredricka L. Project Work: A Means to Promote Language and Content. In: RICHARDS, Jack C.; RENANDYA, Willy A. **Methodology in Language Teaching.** New York: Cambridge University Press, 2010.

TSHISHIKU Tshibangu; AJAYI, J. F. Ade; SANNEH, Lemim. Religião e evolução social. In: MAZRUI, Ali A.; WONDJI, Christophe. **História geral da África, VIII: África desde 1935.** Brasília: UNESCO, 2010.

VANSINA, Jan. As artes e a sociedade após 1935. In: In: MAZRUI, Ali A.; WONDJI, Christophe. **História geral da África, VIII: África desde 1935.** Brasília: UNESCO, 2010.

ZOGHBI, Denise Maria Oliveira. O professor de línguas e a construção de identidades. In: SCHEYERL, Denise e RAMOS, Elizabeth (Orgs.). **Vozes olhares silêncios:** diálogos transdisciplinares entre linguística aplicada e a tradução. Salvador: EDUFBA, 2008. 250p. Disponível em:

<http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/Vozes_Olhares_Silencios_Anais/Linguistica/Denise%20Zoghbi%20Pronto.pdf>. Acesso em: 10 dezembro 2018.

ANEXOS

ANEXO 1 – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA

UFBA - ESCOLA DE
ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: "DE QUE ÁFRICA VOCÊ VEM?": UMA ANÁLISE DE ESTEREÓTIPOS A PARTIR DOS RELATOS DE EXPERIÊNCIA DE ALUNOS AFRICANOS DO PEC-G DA UFBA

Pesquisador: HEIDE MATOS DUARTE

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 89654418.0.0000.5531

Instituição Proponente: Instituto de Letras

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.776.592

Apresentação do Projeto:

O presente projeto de dissertação foca-se na análise de estereótipos sobre a(s) cultura(s) africana(s) e também discute os processos de (res)significação das identidades dos alunos africanos do PEC-G (Programa de Estudantes-Convênio de Graduação), participantes do curso do PROFICI (Programa de Proficiência em Língua Estrangeira para Estudantes e Servidores da UFBA), na UFBA. A partir dos relatos de experiências desses alunos, cujo contato intercultural se dá aqui em Salvador, durante o período de um ano, serão identificados e levantados os estereótipos de outrem sobre a África.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar, a partir dos relatos de experiências de alunos africanos do PEC-G, como as identidades destes são (res)significadas, por eles, a partir da percepção que estes têm dos estereótipos revelados, por outros, sobre eles e sua(s) cultura(s).

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Compreende-se que qualquer pesquisa que implica seres humanos envolve risco em maior ou menor grau. Ademais, pode haver risco de disponibilidade de dados com risco mínimo, porém o mesmo não prejudicará os sujeitos envolvidos na pesquisa. Sendo assim, é importante

Endereço: Rua Augusto Vieira S/N 3º Andar
Bairro: Carreta CEP: 41.110-060
UF: BA Município: SALVADOR
Telefone: (71)3283-7615 Fax: (71)3283-7615 E-mail: cepes.ufba@ufba.br

Página 01 de 04

Continuação do Parecer: 2.770.592

ressaltar que maiores devem ser os cuidados para minimizar estes riscos, levando em consideração a proteção oferecida pelo Sistema CEP/CONEP aos participantes. Por isso, devem ser analisadas possibilidades de danos Imediatos ou posteriores, no plano Individual ou coletivo. Por isso, segundo a resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, o pesquisador responsável, ao perceber qualquer risco ou dano significativos ao participante da pesquisa, previstos, ou não, no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, deve comunicar o fato, Imediatamente, ao Sistema CEP/CONEP. Além disso, é relevante a confidencialidade dos dados já que as informações da pesquisa não poderão ser divulgadas, para isso não iremos disponibilizar os dados da pesquisa para terceiros durante o processo e nem os dados dos participantes.

Benefícios:

Como benefícios da realização deste trabalho vê-se o enriquecimento da discussão sobre o processo de ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras, a partir de uma LA Interdisciplinar, além de uma contribuição para fomentar discussões, mudanças, melhoras na própria estrutura do curso do PROFICI e na estrutura do programa PEC-G, e em outros programas políticos Internacionais de educação e promoção da Língua Portuguesa no mundo. Ademais, os estudos sobre estereótipos e Identidades, e a análise dos mesmos podem ser levados para discussões dentro das universidades brasileiras e do exterior, escolas públicas e privadas brasileiras, a fim de cumprir a Lei 10.639, que diz respeito ao ensino da história e cultura africanas e afro-brasileiras. Além disso, pretende-se contribuir, primordialmente, a partir do contexto de ensino/aprendizagem do Português como Língua Estrangeira, com a problematização e desconstrução de estereótipos sobre as culturas dos sujeitos aprendizes.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Analisar como as Identidades destes sujeitos/alunos africanos são (re)significadas, por eles, a partir da percepção que estes têm dos estereótipos revelados, por outros sujeitos, sobre as culturas africanas, em especial. Serão analisados, de forma pontual, o olhar e as construções do outro sobre a África e os sujeitos africanos, afirmando, desta forma, que "O que nós percebemos da língua e cultura de uma pessoa é aquilo a que estamos condicionados por nossa própria cultura e os modelos estereotipados construídos ao nosso redor"

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos foram apresentados.

Recomendações:

Apresentar os Relatórios e promover a devolutiva dos resultados.

Endereço: Rua Augusto Vieira S/N 3º Andar
Bairro: Cidade
UF: BA Município: SALVADOR CEP: 41.110-080
Telefone: (71)3283-7815 Fax: (71)3283-7815 E-mail: cepes.ufba@ufba.br

Continuação do Parecer: 2.776.562

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Atendidas as pendências e os princípios éticos e bioéticos, opino pela aprovação.

Considerações Finais a critério do CEP:

Colegiado homologa parecer de aprovação emitido pelo relator.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB INFORMACOES BÁSICAS DO PROJETO_1123656.pdf	05/06/2018 22:01:44		Aceito
Outros	Questionario_Heide.pdf	05/06/2018 22:01:07	HEIDE MATOS DUARTE	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_HeideDuarte.pdf	05/06/2018 21:56:05	HEIDE MATOS DUARTE	Aceito
TCE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_de_consentimento_livre_esclarecido.pdf	05/06/2018 21:53:22	HEIDE MATOS DUARTE	Aceito
Outros	declaracaodadossecundarios.pdf	15/05/2018 23:31:19	HEIDE MATOS DUARTE	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	15/05/2018 23:13:50	HEIDE MATOS DUARTE	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	14/05/2018 21:39:30	HEIDE MATOS DUARTE	Aceito
Outros	Reso466.pdf	11/05/2018 08:53:00	Patricia Santiago Viana Teixeira deSouza	Aceito
Outros	Reso510.pdf	11/05/2018 08:52:46	Patricia Santiago Viana Teixeira deSouza	Aceito
Outros	MODELO DOS TERMOS COMUNS_A TODOS OS PROJETOS.doc	11/05/2018 08:52:25	Patricia Santiago Viana Teixeira deSouza	Aceito
Outros	Checklist.docx	11/05/2018 08:52:09	Patricia Santiago Viana Teixeira deSouza	Aceito
Outros	instituicaooparticipante.pdf	10/05/2018 23:07:57	HEIDE MATOS DUARTE	Aceito
Outros	termo_de_concordancia.pdf	10/05/2018 23:04:08	HEIDE MATOS DUARTE	Aceito
Outros	termo_de_confidencialidade.pdf	10/05/2018 22:49:54	HEIDE MATOS DUARTE	Aceito

Endereço: Rua Augusto Viana S/N 3º Andar
 Bairro: Cidade Nova CEP: 41.110-060
 UF: BA Município: SALVADOR
 Telefone: (71)3283-7615 Fax: (71)3283-7615 E-mail: cepes.ufba@ufba.br

Continuação do Parecer: 2.776.592

Outros	declaracao_pos_aprovacao.pdf	10/05/2018 22:47:22	HEIDE MATOS DUARTE	Aceito
Outros	solicitacao_de_campo.pdf	10/05/2018 22:44:35	HEIDE MATOS DUARTE	Aceito
Outros	Anuencia_do_campo.pdf	10/05/2018 22:44:09	HEIDE MATOS DUARTE	Aceito
Declaração de Pesquisadores	termo_de_compromissopesquisador.pdf	10/05/2018 22:42:59	HEIDE MATOS DUARTE	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	termo_instituicaoproponente.pdf	10/05/2018 22:39:11	HEIDE MATOS DUARTE	Aceito
Folha de Rosto	documento_folhaderosto.pdf	10/05/2018 22:22:07	HEIDE MATOS DUARTE	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 19 de Julho de 2018

Assinado por:

Daniela Gomes dos Santos Biscarde
(Coordenador)

ANEXO 2 – TCLE



**Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras**

Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura

Rua Barão de Jeremoabo, nº147 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA. CEP: 40170-115
Tel: (71) 3283 - 6256 – Site: www.ppglinc.lettras.ufba.br - E-mail: ppglinc@gmail.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr.(a) está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa **“DE QUE ÁFRICA VOCÊ VEM?”: UMA ANÁLISE DE ESTEREÓTIPOS A PARTIR DOS RELATOS DE EXPERIÊNCIA DE ALUNOS AFRICANOS DO PEC-G DA UFBA**, a ser desenvolvida por mim, Heide Matos Duarte, sob orientação da Prof^ª. Dr^ª. Lívia Márcia Tiba Rádis Baptista, junto ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia. Esta pesquisa foca-se na análise de estereótipos sobre a(s) cultura(s) africana(s) e, especialmente, as referidas aos alunos africanos do PEC-G (*Programa de Estudantes-Convênio de Graduação*), participantes do curso do PROFICI (*Programa de Proficiência em Língua Estrangeira para Estudantes e Servidores da UFBA*), na UFBA. Com esse fim, serão considerados os relatos de experiências desses alunos, considerando o contato intercultural desses em Salvador, durante o período de um ano, para identificar e levantar os estereótipos veiculados. Nos relatos de experiências apresentados, serão analisados os estereótipos que estes alunos escutam dos brasileiros sobre suas culturas africanas e sobre ser africano. Assim, pretende-se analisar a presença ou não de estereótipos, positivos ou negativos, sobre o africano, de diversos países do continente, e de diversas culturas. A razão de estudar esse objeto nasce a partir da experiência da pesquisadora que, desde 2014, atua como monitora/professora do programa PROEMPLE (*Programa Especial de Monitoria de Português como Língua Estrangeira*), que está veiculado ao PROCIFI. Pelo fato da maioria dos alunos serem de nacionalidades africanas, a monitora tem escutado, constantemente, pessoas fazendo perguntas e declarações estereotipadas sobre estes alunos e suas culturas. Assim, surgiu a necessidade, a partir da vivência e experiência em sala de aula com esses alunos estrangeiros, de encontrar caminhos

para desmitificar essas ideias, aprofundando os estudos sobre identidades, culturas e estereótipos, associados ao ensino do português como língua estrangeira.

Para esta pesquisa serão adotados os seguintes procedimentos: observação das aulas, um questionário de sondagem e entrevistas orais, semiestruturadas, procedimentos utilizados para conhecer o perfil destes alunos africanos e para identificar e analisar os estereótipos de outrem sobre eles.

As observações, gravações e transcrição das entrevistas serão para verificar identificar o perfil dos alunos africanos. Já o questionário de sondagem visa obter informações sobre o perfil destes alunos, relação destes com a cultura brasileira antes de vir ao Brasil e depois da sua chegada, relatando questões de pré-conceitos e choques culturais, descobertas, dificuldades com a língua e cultura, a rotina em Salvador, entre outras. As entrevistas orais e semiestruturadas têm como objetivo gerar relatos de experiências dos alunos como estrangeiros em Salvador, focando-se na narração de fatos e acontecimentos voltados às questões de choque cultural, tendo em vista as culturas e línguas em contato e, principalmente, com os estereótipos sobre as culturas e identidades desses sujeitos. A partir disso, então, pretende-se identificar os estereótipos sobre a África, que surgirão dos relatos de experiências dos alunos africanos, estudantes do curso de português, o PROEMPLE, da UFBA. Os objetivos pautam-se em analisar, problematizar e desconstruir determinados estereótipos, a partir das experiências deles dentro e fora da sala de aula, mas também nas comunidades com as quais possam interagir.

Espera-se como benefícios desta investigação a contribuição para fomentar discussões, mudanças, melhoras na própria estrutura do curso do PROFICI, mas também, na estrutura do programa PEC-G. Ademais, os estudos sobre estereótipos e identidades, e a análise dos mesmos podem ser levados para discussões dentro das universidades brasileiras e do exterior, escolas públicas e privadas brasileiras, a fim de cumprir a Lei 10.639, que diz respeito ao ensino da história e cultura africanas e afro-brasileiras. Além disso, pretende-se contribuir, primordialmente, a partir do contexto de ensino/aprendizagem do Português como Língua Estrangeira, com a problematização e desconstrução de estereótipos sobre as culturas dos sujeitos aprendizes.

Compreende-se que qualquer pesquisa que implica seres humanos envolve risco em maior ou menor grau. Ademais, pode haver risco de disponibilidade de dados com risco mínimo, porém o mesmo não prejudicará os sujeitos envolvidos na pesquisa. Sendo assim, é importante ressaltar que maiores devem ser os cuidados para minimizar estes riscos, levando em consideração a proteção oferecida pelo Sistema CEP/CONEP aos participantes. Por isso, devem ser analisadas possibilidades de danos imediatos ou posteriores, no plano individual ou coletivo. Por isso, segundo a resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, o pesquisador responsável, ao perceber qualquer risco ou dano significativos ao participante da pesquisa, previstos, ou não, no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, deve comunicar o fato, imediatamente, ao Sistema CEP/CONEP. Além disso, é relevante a confidencialidade dos dados já que as informações da pesquisa não poderão ser divulgadas. Para isso não iremos disponibilizar os dados da pesquisa para terceiros durante o processo e nem os dados dos participantes.

Os benefícios são contribuições para o enriquecimento da discussão sobre o processo de ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras, a partir de uma LA Indisciplinar, que leva em conta os sujeitos e o contexto social e intercultural em que estes estão inseridos. Busca-se igualmente fomentar as discussões sobre estereótipos, especificamente, sobre a cultura africana. Não haverá ressarcimento, já que a pesquisa não terá nenhum ônus.

Para participar deste estudo o(a) Sr.(a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso seja identificado e comprovado danos provenientes desta pesquisa, o(a) Sr.(a) tem assegurado o direito a indenização. O Sr.(a) terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

No caso de interrupção do estudo, o participante de pesquisa receberá a assistência que for adequada, de forma gratuita, pelo tempo que for necessário. O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um colegiado interdisciplinar e independente, que deve requerer nas instituições que desenvolvem pesquisas envolvendo seres

humanos no Brasil, criado para proteger os interesses dos sujeitos em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro dos padrões éticos (Normas e Diretrizes Regulamentadoras da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – Resolução CNS 196/96, II.4). O Comitê de Ética em Pesquisa de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, da Rua Augusto Viana, s/n, Sala 435 - Canela – Salvador/Bahia, telefone (71) 32837615, supervisionará esta pesquisa, o atendimento ao público realizado de segunda a sexta das 9h às 17h. O participante de pesquisa receberá uma via do documento Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinada pelo participante de pesquisa (ou seu representante legal) e pelo pesquisador, e rubricada em todas as páginas por ambos.

Caso o(a) Sr.(a) tenha alguma dúvida ou necessite de qualquer esclarecimento ou ainda deseje retirar-se da pesquisa, por favor, entre em contato com a pesquisadora listada a seguir a qualquer tempo.

Pesquisador – Heide Matos Duarte, Rua das Ursulinas, 38 E, Dom Avelar. CEP: 41315080, Salvador – BA, (71) 986582921/ 993694420. Horários de atendimento: Segunda – feira, Quarta- feira e Sexta-feira das 14hrs às 21:00.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O(a) Sr.(a) não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador, na **Universidade Federal da Bahia (UFBA)** e a outra será fornecida o(a) Sr.(a). Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador por um período de cinco (5) anos, e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____, portador do documento de Identidade _____ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa **“DE QUE ÁFRICA VOCÊ VEM?”: UMA ANÁLISE DE ESTEREÓTIPOS A PARTIR**

DOS RELATOS DE EXPERIÊNCIA DE ALUNOS AFRICANOS DO PEC-G DA UFBA, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar. Recebi uma via deste documento Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Salvador, _____ de _____ de 20_____

Nome completo (participante de pesquisa/responsável legal)

Data

Nome completo (pesquisador)

Data

Nome completo (testemunha)

Data

Em caso de minha desistência em permanecer na pesquisa, autorizo que os meus dados já coletados referentes a resultados de exames, questionários respondidos e similares ainda sejam utilizados na pesquisa, com os mesmos propósitos já apresentados neste TCLE.

Nome completo (participante de pesquisa/responsável legal)

Data

APÊNDICES

APÊNDICE 1- Questionário aplicado – 1ª fase geração de dados



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
MESTRADO EM LÍNGUA E CULTURA

PESQUISA DE CAMPO PARTE 01 - QUESTIONÁRIO

Este questionário tem como objetivo investigar sobre suas relações iniciais e posteriores com a cultura brasileira e a língua portuguesa. Suas respostas fornecerão dados para a realização da pesquisa de Mestrado em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (PPGLINC), intitulada ***“DE QUE ÁFRICA VOCÊ VEM?”: UMA ANÁLISE DE ESTEREÓTIPOS A PARTIR DOS RELATOS DE EXPERIÊNCIA DE ALUNOS AFRICANOS DO PEC-G DA UFBA***, conduzida por mim, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPG-LINC-UFBA), Heide Matos Duarte, sob orientação da Profa Dra Lívia Márcia Tiba Rádis Baptista. Os dados aqui dispostos terão total sigilo, não havendo identificação dos sujeitos e serão utilizados apenas para a finalidade mencionada.

- ***QUESTIONÁRIO***

Fique à vontade para responder às perguntas a seguir. Obrigada pela sua participação!

1) Preencha com seus dados pessoais:

Nome: _____

Idade: _____

Nacionalidade: _____

Línguas: _____

Nível de escolaridade: _____

Quanto tempo está no Brasil: _____

Qual o programa de intercâmbio: _____

2) Responda às perguntas a seguir:

- a) Por que você decidiu fazer um intercâmbio? Qual a importância do programa para você? Indicaria o programa para outra pessoa do seu país?
- b) Quais motivos levaram você a escolher o Brasil?
- c) Que impressões você tinha sobre o Brasil antes de vir para cá?
- d) Como você avalia, de modo geral, sua experiência cultural e de aprendizagem da língua portuguesa no Brasil? Recomendaria para uma pessoa do seu país que visitasse, conhecesse o Brasil? Comente.
- e) Como está lidando com as línguas e a cultura daqui do país? Comente.
- f) Você acha que os brasileiros têm dificuldade para se relacionar com estrangeiros? Comente.
- g) Já sofreu preconceito de algum brasileiro por ser estrangeiro? Comente.
- h) Que relações entre a cultura do seu país e a do Brasil você pode fazer?
- i) Defina com uma frase a sua impressão sobre essa experiência no Brasil.

APÊNDICE 2 - Questionários respondidos – 1ª fase geração de dados: respostas



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
MESTRADO EM LÍNGUA E CULTURA

PESQUISA DE CAMPO PARTE 01 - QUESTIONÁRIO

Este questionário tem como objetivo investigar sobre suas relações iniciais e posteriores com a cultura brasileira e a língua portuguesa. Suas respostas fornecerão dados para a realização da pesquisa de Mestrado em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (PPGLINC), intitulada **“DE QUE ÁFRICA VOCÊ VEM?”: UMA ANÁLISE DE ESTEREÓTIPOS A PARTIR DOS RELATOS DE EXPERIÊNCIA DE ALUNOS AFRICANOS DO PEC-G DA UFBA**, conduzida por mim, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPG-LINC-UFBA), Heide Matos Duarte, sob orientação da Profa Dra Livia Márcia Tiba Rádis Baptista. Os dados aqui dispostos terão total sigilo, não havendo identificação dos sujeitos e serão utilizados apenas para a finalidade mencionada.

• QUESTIONÁRIO

Fique à vontade para responder às perguntas a seguir. Obrigada pela sua participação!

1) Preencha com seus dados pessoais:

Nome: _____
Idade: 21 anos
Nacionalidade: Beninense
Línguas: Fransês
Nível de escolaridade: Ensino médio
Quanto tempo está no Brasil: 4 meses
Qual o programa de intercâmbio: PEC-G

participante
07

2) Responda às perguntas a seguir:

a) Por que você decidiu fazer um intercâmbio? Qual a importância do programa para você?
Indicaria o programa para outra pessoa do seu país?

Eu decidi de fazer um intercâmbio para ter
outra experiência de um outro país. O programa
é importante para mim porque estou estudando
aqui de graça e aprendendo outra língua.
Eu indicaria esse programa para outra
pessoa do meu país.

b) Quais motivos levaram você a escolher o Brasil?

tem muitos. O primeiro é que vou estudar de graça. O Brasil é um país de sonho para mim e também ter outra experiência e uma boa formação.

c) Que impressões você tinha sobre o Brasil antes de vir para cá?

Eu achava que os brasileiros são fechados, e também um país bem seguro.

d) Como você avalia, de modo geral, sua experiência cultural e de aprendizagem da língua portuguesa no Brasil? Recomendaria para uma pessoa do seu país que visitasse, conhecesse o Brasil? Comente.

Acho que é uma boa experiência. descobri uma cultura, nova cultura, língua e os novos amigos. Sim recomendaria porque o Brasil é um país maravilhoso que tem algumas culturas africanas.

e) Como está lidando com as línguas e a cultura daqui do país? Comente.

estou lidando bem. Às vezes antes de falar eu falo na minha língua e em português sobre a cultura daqui estou me adaptando também.

f) Você acha que os brasileiros têm dificuldade para se relacionar com estrangeiros? Comente.

Sim tem outros e também outros quem são bem legais. Às vezes o relacionamento é difícil por causa da cultura.

g) Já sofreu preconceito de algum brasileiro por ser estrangeiro? Comente.

Não e mesmo se eu já sofri não percebi. Porque quando eu cheguei aqui não sabia nada de português.

h) Que relações entre a cultura do seu país e a do Brasil você pode fazer?

Eu posso dizer que tem algumas culturas que são parecidas e algumas comidas. Mas a maneira da vida é bem diferente aqui a vida é individual.

i) Defina com uma frase a sua impressão sobre essa experiência no Brasil.

É uma boa experiência mesmo se foi difícil no início.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
MESTRADO EM LÍNGUA E CULTURA

PESQUISA DE CAMPO
PARTE 01 - QUESTIONÁRIO

Este questionário tem como objetivo investigar sobre suas relações iniciais e posteriores com a cultura brasileira e a língua portuguesa. Suas respostas fornecerão dados para a realização da pesquisa de Mestrado em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (PPGLINC), intitulada **“DE QUE ÁFRICA VOCÊ VEM?”: UMA ANÁLISE DE ESTEREÓTIPOS A PARTIR DOS RELATOS DE EXPERIÊNCIA DE ALUNOS AFRICANOS DO PEC-G DA UFBA**, conduzida por mim, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPG-LINC-UFBA), Heide Matos Duarte, sob orientação da Profa Dra Lívica Márcia Tiba Rádis Baptista. Os dados aqui dispostos terão total sigilo, não havendo identificação dos sujeitos e serão utilizados apenas para a finalidade mencionada.

• **QUESTIONÁRIO**

Fique à vontade para responder às perguntas a seguir. Obrigada pela sua participação!

1) Preencha com seus dados pessoais:

Nome: _____
Idade: 24 anos
Nacionalidade: Benin
Línguas: Francês
Nível de escolaridade: Licenciatura
Quanto tempo está no Brasil: 7 meses
Qual o programa de intercâmbio: PEC-G

2) Responda às perguntas a seguir:

a) Por que você decidiu fazer um intercâmbio? Qual a importância do programa para você? Indicaria o programa para outra pessoa do seu país?

Decidi fazer intercâmbio ou seja fazer parte do programa pec-g porque este programa me dá oportunidade primeiro estudar fora do meu país; em seguida, estudar de graça e por fim receber um treinamento melhor do que meu país.

b.) Fui motivado pela vontade de conhecer esse país que tem ~~uma~~ história dele uma boa parte da África. Além disso, o acesso no Brasil, acho que é mais fácil do que ~~dos~~ outros países

c.) A impressão minha ~~era~~ estava mais geral, sabia que ~~vou~~ ir num país da América Latina, mais desenvolvido do que o meu país. Um país que tem raízes africanas: daí vou me sentir como se fosse no meu país.

d.) Minha experiência aqui no Brasil está sendo bem apesar de ter recebido alguns choques culturais. O maior é a liberdade do gênero sexual das pessoas. Encontrei mais gays, mais lésbicas aqui em 7 meses do que em 24 anos da existência no meu país, Benin. Além disso, tem esse problema de segurança que tem aqui. Aqui no Brasil percebi que só tem que me vigiar aqui porque todo dia nessa selva estou exposto no perigo.

Pela questão de convidar ou recomendar o Brasil para visitar ou conhecer o país, diria posso ou não posso; vai depender de se essas pessoas estão prontas para viver a realidade aqui. Também antes de mais nada eu sugeria, à ela assistir o filme "Tropa de Elite". Kkk... Ai depois ler assistido esse filme, se quiser vir para cá, ele pode ficar com vontade.

e.) Acho que por enquanto tudo está indo bem bem. Estou me desenvolvendo muito bem. ~~Fiz~~ Fiz e continua fazendo amizade com os brasileiros que eu acho legais e especialmente aqueles de Salvador são muito receptivos. Eles estão com vontade de saber mais sobre África em geral e eu ainda estou com vontade de informar. Assim numa alguma forma ~~me~~ me ajuda para praticar meu português, porque o objetivo meu é falar logo português.

- b) Quais motivos levaram você a escolher o Brasil?
- c) Que impressões você tinha sobre o Brasil antes de vir para cá?
- d) Como você avalia, de modo geral, sua experiência cultural e de aprendizagem da língua portuguesa no Brasil? Recomendaria para uma pessoa do seu país que visitasse, conhecesse o Brasil? Comente.
- e) Como está lidando com as línguas e a cultura daqui do país? Comente.
- f) Você acha que os brasileiros têm dificuldade para se relacionar com estrangeiros? Comente.
- g) Já sofreu preconceito de algum brasileiro por ser estrangeiro? Comente.
- h) Que relações entre a cultura do seu país e a do Brasil você pode fazer?
- i) Defina com uma frase a sua impressão sobre essa experiência no Brasil.

b) Pelo menos - que pertença, os solteiros pelitanos são receptivos. Então, não tem tanto preconceito para eles se relacionar com estrangeiros. Sobre o outros estados não posso falar muito.

g) Isto já aconteceu comigo, no RJ, onde parti 2 semanas e o que que houve é seguinte: Estava entrei no Buzú com meu amigo. Achei esse Buzú está cheio, mas consegui achar um lugar ao lado de uma mulher branca. Por causa de preconceito racial ela estava com medo de ser roubado. Então ela levantou e mudou de lugar mas como não tinha mais lugar se ela ficou levantada.

h) Posso dizer que o Benin entre o Benin e o Brasil tem

- * Existência da religião de nossos ancestrais (Vódoos no Benin) e (Candomblé no Brasil)
- * Semelhança na culinária (Pratos parecidos)
- * Brasil foi constituído dos descendente de Brasil. Assim no Benin acontece que nós encontramos "da Silva"; "do Santos"; "de Souza" e "do Rego" etc.
- * A tradição de cumprimentar as pessoas

i) A frase:

«Ninguém está mais feliz do que em casa».



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
MESTRADO EM LÍNGUA E CULTURA

PESQUISA DE CAMPO
PARTE 01 - QUESTIONÁRIO

Este questionário tem como objetivo investigar sobre suas relações iniciais e posteriores com a cultura brasileira e a língua portuguesa. Suas respostas fornecerão dados para a realização da pesquisa de Mestrado em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (PPGLINC), intitulada **“DE QUE ÁFRICA VOCÊ VEM?”: UMA ANÁLISE DE ESTEREÓTIPOS A PARTIR DOS RELATOS DE EXPERIÊNCIA DE ALUNOS AFRICANOS DO PEC-G DA UFBA**, conduzida por mim, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPG-LINC-UFBA), Heide Matos Duarte, sob orientação da Profa Dra Lívya Márcia Tiba Rádís Baptista. Os dados aqui dispostos terão total sigilo, não havendo identificação dos sujeitos e serão utilizados apenas para a finalidade mencionada.

• **QUESTIONÁRIO**

Fique à vontade para responder às perguntas a seguir. Obrigada pela sua participação!

1) Preencha com seus dados pessoais:

Participante 04

Nome: _____
Idade: 23
Nacionalidade: Beninense
Línguas: Frances, Inglês, línguas locais do Benim e Portuguesa
Nível de escolaridade: Superior incompleto
Quanto tempo está no Brasil: Quatro (04) meses
Qual o programa de intercâmbio: PEC-G

2) Responda às perguntas a seguir:

a) Por que você decidiu fazer um intercâmbio? Qual a importância do programa para você?

Indicaria o programa para outra pessoa do seu país?

Intercâmbio; eu estou o fazendo para minha carreira futura que é tradutora interprete. Esse programa me permite de ter uma melhor educação intelectual e ser mais preparado para minha carreira.
Sim, Indico essa programa para outras pessoas do meu país.
Eu decidi de fazer um intercâmbio também porque preciso de expandir minha rede de contatos.

b) Quais motivos levaram você a escolher o Brasil?

Na história da minha família, o Brasil é o país de nas origens, concorda com nas sobrenome GONZES. Além disso, a língua Portuguesa que se fala aqui é nova para mim. Também, queria aprender sobre a cultura desse país.

c) Que impressões você tinha sobre o Brasil antes de vir para cá?

Antes de vir aqui, eu achei que o Brasil é perigoso principalmente para estrangeiros. Mas achei também que tem pessoas brasileiras quem gostam de fazer amizade com estrangeiros. Achei também que o Brasil é mais desenvolvendo que as estatísticas dizem.

d) Como você avalia, de modo geral, sua experiência cultural e de aprendizagem da língua portuguesa no Brasil? Recomendaria para uma pessoa do seu país que visitasse, conhecesse o Brasil? Comente.

Estou uma pessoa aberta para outras mais acho que concorda com sua cultura, brasileiros fazem coisas que eu acho que quando eles vão de cá, o Brasil vai ser mais desenvolvendo. A aprendizagem depende de cada pessoa. É fácil para mim porque já aprendi uma outra língua antes do português. Se a gente gosta das línguas ou de português mesmo, vai ser mais fácil de aprender rápido.

e) Como está lidando com as línguas e a cultura daqui do país? Comente.

Acho que já estou acostumando com a cultura daqui mesmo se tem coisas que não posso fazer. Tento talvez de parecer como uma brasileira. Eu não fico com medo de falar errado. Me explica para pessoas me entender e quando eles falam, eu procuro palavras difícil no dicionário. Eu pergunto para eles de repetir. Só preciso agora ouvi muito da língua portuguesa.

f) Você acha que os brasileiros têm dificuldade para se relacionar com estrangeiros? Comente.

Oh não! É só estrangeiros quem ficam descontentável de ser identificar como estrangeiros. Eu também. Ora talvez para não ser identificado com estrangeira. Eu creio mesmo que os brasileiros gostam dos estrangeiros mas alguns são racistas.

g) Já sofreu preconceito de algum brasileiro por ser estrangeiro? Comente.

Não. Só que talvez eu desejo de falar bem e entendi bem português para que minhas conversações sejam mais fácil.

h) Que relações entre a cultura do seu país e a do Brasil você pode fazer?

A primeira coisa é sobre a roupa. Meninas se vestem com pequena calças jeans, na rua, na escola e pequenas vestidas na igrejas. No outro lado, a diversidade das religiões se observa no Brasil como no Benim.

i) Defina com uma frase a sua impressão sobre essa experiência no Brasil.

Está um prazer para mim de ser no Brasil e de aprender uma nova língua e conhecer novas pessoas e de aprender a me conhecer mais.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
MESTRADO EM LÍNGUA E CULTURA

PESQUISA DE CAMPO
PARTE 01 - QUESTIONÁRIO

Este questionário tem como objetivo investigar sobre suas relações iniciais e posteriores com a cultura brasileira e a língua portuguesa. Suas respostas fornecerão dados para a realização da pesquisa de Mestrado em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (PPGLINC), intitulada **"DE QUE ÁFRICA VOCÊ VEM?": UMA ANÁLISE DE ESTEREÓTIPOS A PARTIR DOS RELATOS DE EXPERIÊNCIA DE ALUNOS AFRICANOS DO PEC-G DA UFBA**, conduzida por mim, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPG-LINC-UFBA), Heide Matos Duarte, sob orientação da Profa Dra Livia Márcia Tiba Rádis Baptista. Os dados aqui dispostos terão total sigilo, não havendo identificação dos sujeitos e serão utilizados apenas para a finalidade mencionada.

• **QUESTIONÁRIO**

Fique à vontade para responder às perguntas a seguir. Obrigada pela sua participação!

1) Preencha com seus dados pessoais:

Nome: _____
Idade: 19 anos
Nacionalidade: Gabonense
Línguas: Francês
Nível de escolaridade: Ensino Médio
Quanto tempo está no Brasil: 4 meses
Qual o programa de intercâmbio: PEG-G

Participante
65

2) Responda às perguntas a seguir:

- a) Por que você decidiu fazer um intercâmbio? Qual a importância do programa para você?
Indicaria o programa para outra pessoa do seu país?

Escolhi esse programa porque foi uma oportunidade de viajar, de conhecer o Brasil e a cultura dele. Esse programa tem uma grande importância para mim porque ele me facilita o acesso para aprender aqui no Brasil e ter também a experiência das universidades no Brasil. E também o Brasil vai ser no futuro um dos maiores poderes científicos mundiais. Posso indicar esse programa.

1

b) Quais motivos levaram você a escolher o Brasil?

Os motivos que me levaram a escolher o Brasil foram o risco porque aqui estou longe da minha família e devo ser responsável, também a língua, a qualidade das universidades, a cultura e o clima.

c) Que impressões você tinha sobre o Brasil antes de vir para cá?

Antes de vir aqui como informações do Brasil sabia que aqui tem uma falta de segurança muito grande. Que a cultura estava diferente sobre as roupas, o comportamento das pessoas e a liberdade daqui.

d) Como você avalia, de modo geral, sua experiência cultural e de aprendizagem da língua portuguesa no Brasil? Recomendaria para uma pessoa do seu país que visitasse, conhecesse o Brasil? Comente.

Acho que aqui no Brasil como dentro dos todos os países tem os pontos bons e ruim. Eu fui chocado e estou chocado ainda sobre muitas coisas do Brasil. Porque a maior das pessoas que deixam a África pra estudar fora tem um geral dois comportamentos seja das são conservadoras ou gostam das festas. Mas aqui para as pessoas que poderia recomendar o Brasil dizerei de tomar cuidado e bem

e) Como está lidando com as línguas e a cultura daqui do país? Comente. escolher a cidade e lugares

Passo dizer que é bem complicado sobre muitos pontos. Sobre daqui a língua já um pouco acostumado e tome cuidado com as pessoas da rua sobre a maneira de falar delas. Porque o francês é perto do Português. Sobre a cultura é um pouco complicado porque eu sou um pouco uma pessoa conservadora e religiosa mas aprendo a relacionar

f) Você acha que os brasileiros têm dificuldade para se relacionar com estrangeiros? Comente. as coisas

Sobre essa pergunta vou responder que depende porque aqui existe muitos preconceitos raciais e o racismo também no Brasil no geral. Então na região norte acho que eles têm menos dificuldade que no Sul. Aqui no Salvador as pessoas são receptivas mesmo sim no maior parte do tempo só pra saber as coisas da África e tem também

g) Já sofreu preconceito de algum brasileiro por ser estrangeiro? Comente.

Só já cheguei em Salvador. Para falar só sobre Salvador já sofri algumas vezes preconceitos mas de uma forma particular. As vezes quando ando na rua, talvez a noite, tem as pessoas que travessam a rua pra me evitar.

h) Que relações entre a cultura do seu país e a do Brasil você pode fazer?

No meu país tem muitas festas mesmo sim não mais que no Brasil. Também as pessoas do meu país bebem o álcool muito a concentração está mais que a concentração do Brasil. As pessoas são também agradáveis e têm comidas que são um pouco parecidas

i) Defina com uma frase a sua impressão sobre essa experiência no Brasil.

Minha experiência no Brasil excitante e perigosa também com muitas coisas pra descobrir experimentar.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
MESTRADO EM LÍNGUA E CULTURA

PESQUISA DE CAMPO
PARTE 01 - QUESTIONÁRIO

Este questionário tem como objetivo investigar sobre suas relações iniciais e posteriores com a cultura brasileira e a língua portuguesa. Suas respostas fornecerão dados para a realização da pesquisa de Mestrado em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (PPGLINC), intitulada "**DE QUE ÁFRICA VOCÊ VEM?**": **UMA ANÁLISE DE ESTEREÓTIPOS A PARTIR DOS RELATOS DE EXPERIÊNCIA DE ALUNOS AFRICANOS DO PEC-G DA UFBA**, conduzida por mim, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPG-LINC-UFBA), Heide Matos Duarte, sob orientação da Profa Dra Livia Márcia Tiba Rádis Baptista. Os dados aqui dispostos terão total sigilo, não havendo identificação dos sujeitos e serão utilizados apenas para a finalidade mencionada.

• **QUESTIONÁRIO**

Fique à vontade para responder às perguntas a seguir. Obrigada pela sua participação!

1) Preencha com seus dados pessoais:

Nome: _____
Idade: 21 anos
Nacionalidade: Congolês
Línguas: Francês, inglês e português
Nível de escolaridade: Ensino médio
Quanto tempo está no Brasil: Cinco meses
Qual o programa de intercâmbio: PEC-G

Participante
06

2) Responda às perguntas a seguir:

- ① a) Por que você decidiu fazer um intercâmbio? Qual a importância do programa para você?
Indicaria o programa para outra pessoa do seu país?

Eu decidi fazer um intercâmbio porque, no meu país se ninguém estuda fora do país e o país que vai estudar tem um diploma internacional, será fácil para ele conseguir um bom emprego dentro do país. E o programa é muito importante para mim, porque vai me ajudar a estudar de graça no Brasil. Também, gostaria de indicar o programa para meus amigos e país.

- b) Quais motivos levaram você a escolher o Brasil?
 Desde quando fui criança, sonhava muito de estudar fora de meu país. Também, de lá de vir estudar aqui no Brasil porque no Brasil, a qualidade de ensino superior é boa e reconhecido no mundo.
- c) Que impressões você tinha sobre o Brasil antes de vir para cá?
 Antes de vir para cá, eu pensava que aqui tudo vai ser muito fácil para mim, também pensava que o Brasil está no mesmo nível de desenvolvimento que os países da Europa.
- d) Como você avalia, de modo geral, sua experiência cultural e de aprendizagem da língua portuguesa no Brasil? Recomendaria para uma pessoa do seu país que visitasse, conhecesse o Brasil? Comente.
 Para mim, não acho a cultura Brasileira tão diferente de que a cultura Brasileira. Porque o Brasil tem uma grande influência da cultura Africana. E para aprender o português, foi muito fácil para mim. Primeiro porque o português é da mesma origem linguística com a minha língua que é o francês. Além disso gostaria de que a minha família venha para cá, conhecer o Brasil também.
- e) Como está lidando com as línguas e a cultura daqui do país? Comente.
 A conexão que está entre a minha língua e o português é somente que as duas são da mesma origem linguística. Também, a cultura daqui tem um grande influência com a cultura Africana. Só a maneira de se vestir que é bem diferente.
- f) Você acha que os brasileiros têm dificuldade para se relacionar com estrangeiros? Comente.
 Para mim acho que não. Porque os brasileiros são os povos muito legais que nunca tinha visto na minha vida. Eles sempre tentam de conhecer e se relacionar com os estrangeiros.
- g) Já sofreu preconceito de algum brasileiro por ser estrangeiro? Comente.
 Até agora, não sofri nada de algum brasileiro por ser estrangeiro.
- h) Que relações entre a cultura do seu país e a do Brasil você pode fazer?
 No aspecto culinário, a relação cultural do meu país e aqui do Brasil é; no meu país tem algumas comidas que são feitas com azeite de dendê, e isso acontece também no Brasil.
- i) Defina com uma frase a sua impressão sobre essa experiência no Brasil.
 O Brasil tem uma grande influência da cultura Africana, e tem povos muito legais e receptivos.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
MESTRADO EM LÍNGUA E CULTURA

PESQUISA DE CAMPO
PARTE 01 - QUESTIONÁRIO

Este questionário tem como objetivo investigar sobre suas relações iniciais e posteriores com a cultura brasileira e a língua portuguesa. Suas respostas fornecerão dados para a realização da pesquisa de Mestrado em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (PPGLINC), intitulada **“DE QUE ÁFRICA VOCÊ VEM?”: UMA ANÁLISE DE ESTEREÓTIPOS A PARTIR DOS RELATOS DE EXPERIÊNCIA DE ALUNOS AFRICANOS DO PEC-G DA UFBA**, conduzida por mim, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPG-LINC-UFBA), Heide Matos Duarte, sob orientação da Profa Dra Livia Márcia Tiba Rádis Baptista. Os dados aqui dispostos terão total sigilo, não havendo identificação dos sujeitos e serão utilizados apenas para a finalidade mencionada.

• **QUESTIONÁRIO**

Fique à vontade para responder às perguntas a seguir. Obrigada pela sua participação!

1) Preencha com seus dados pessoais:

Nome: _____ *Participante 03*
Idade: 21 anos
Nacionalidade: Congoleis
Línguas: PORTUGUESA, FRANCES
Nível de escolaridade: Superior
Quanto tempo está no Brasil: Três meses
Qual o programa de intercâmbio: Pec - G

2) Responda às perguntas a seguir:

a) Por que você decidiu fazer um intercâmbio? Qual a importância do programa para você?
Indicaria o programa para outra pessoa do seu país?

*Eu decidi fazer um intercâmbio porque eu queria aprender mais a língua portuguesa. Este programa é importante para mim porque eu posso realizar três meses.
Eu já indiquei o programa para um amigo*

b) Quais motivos levaram você a escolher o Brasil?

Eu escolhi o Brasil porque eu achei que aqui eu poderia receber uma formação acadêmica melhor que no meu país.

c) Que impressões você tinha sobre o Brasil antes de vir para cá?

Eu achava que o Brasil é um país onde não tem muitas pessoas ricas.

d) Como você avalia, de modo geral, sua experiência cultural e de aprendizagem da língua portuguesa no Brasil? Recomendaria para uma pessoa do seu país que visitasse, conhecesse o Brasil? Comente.

Eu gosto demais minha experiência de aprendizagem da língua portuguesa porque estou aprendendo naturalmente e facilmente.

e) Como está lidando com as línguas e a cultura daqui do país? Comente.

Sim, estou lidando com as línguas mas não com a cultura daqui porque é muito diferente da cultura do meu país.

f) Você acha que os brasileiros têm dificuldade para se relacionar com estrangeiros? Comente.

Sim, alguns brasileiros têm muita dificuldade para se relacionar com estrangeiros, alguns têm medo para se relacionar com eles.

g) Já sofreu preconceito de algum brasileiro por ser estrangeiro? Comente.

Não, os brasileiros são gentils conosco.

h) Que relações entre a cultura do seu país e a do Brasil você pode fazer?

A cultura de Brasil é muito diferente da cultura do meu país. Por exemplo a maneira de se vestir é muito diferente.

i) Defina com uma frase a sua impressão sobre essa experiência no Brasil.

Não é fácil de viver longe do seu país mas é possível.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
MESTRADO EM LÍNGUA E CULTURA

PESQUISA DE CAMPO
PARTE 01 - QUESTIONÁRIO

Este questionário tem como objetivo investigar sobre suas relações iniciais e posteriores com a cultura brasileira e a língua portuguesa. Suas respostas fornecerão dados para a realização da pesquisa de Mestrado em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (PPGLINC), intitulada **“DE QUE ÁFRICA VOCÊ VEM?”: UMA ANÁLISE DE ESTEREÓTIPOS A PARTIR DOS RELATOS DE EXPERIÊNCIA DE ALUNOS AFRICANOS DO PEC-G DA UFBA**, conduzida por mim, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPG-LINC-UFBA), Heide Matos Duarte, sob orientação da Profa Dra Livia Márcia Tiba Rádis Baptista. Os dados aqui dispostos terão total sigilo, não havendo identificação dos sujeitos e serão utilizados apenas para a finalidade mencionada.

• **QUESTIONÁRIO**

Fique à vontade para responder às perguntas a seguir. Obrigada pela sua participação!

1) Preencha com seus dados pessoais:

Participante 02

Nome: _____
Idade: 27 anos
Nacionalidade: Ganes
Línguas: Inglês
Nível de escolaridade: Graduação
Quanto tempo está no Brasil: 3 meses
Qual o programa de intercâmbio: PEC-G

2) Responda às perguntas a seguir:

a) Por que você decidiu fazer um intercâmbio? Qual a importância do programa para você?

Indicaria o programa para outra pessoa do seu país?

Para experimentar um sistema educacional diferente do de Gana. Também me dá a oportunidade de aprender uma nova língua e uma nova cultura.

b) Quais motivos levaram você a escolher o Brasil?

O Brasil é um lindo país de cultura diversificada. Não só vou adquirir educação formal, mas educação informal através do estilo de vida dos brasileiros.

c) Que impressões você tinha sobre o Brasil antes de vir para cá?

Disseram-me que o Brasil é um lugar violento para se viver.

d) Como você avalia, de modo geral, sua experiência cultural e de aprendizagem da língua portuguesa no Brasil? Recomendaria para uma pessoa do seu país que visitasse, conhecesse o Brasil? Comente.

Minha cultural experiência é boa. Aprendendo coisas novas sobre o Brasil me ajudou a entender bem a língua. Sim vou recomendar pessoas para visitar o Brasil. É um país adorável com pessoas amigáveis.

e) Como está lidando com as línguas e a cultura daqui do país? Comente.

~~Sim vou recomendar pessoas para visitar o Brasil. É um país adorável com pessoas amigáveis.~~
Viado de um país de língua inglesa, é bastante difícil se adaptar à cultura e à língua brasileira.

f) Você acha que os brasileiros têm dificuldade para se relacionar com estrangeiros? Comente.

Eu acho que não. Eles se abrem e estão dispostos a ajudar uma pessoa com qualquer ajuda.

g) Já sofreu preconceito de algum brasileiro por ser estrangeiro? Comente.

Não, eu não tenho sido

h) Que relações entre a cultura do seu país e a do Brasil você pode fazer?

Temos festivais semelhantes e também alguns alimentos no Brasil podem ser encontrados em Gangá

i) Defina com uma frase a sua impressão sobre essa experiência no Brasil.

É uma experiência maravilhosa.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
MESTRADO EM LÍNGUA E CULTURA

PESQUISA DE CAMPO
PARTE 01 - QUESTIONÁRIO

Este questionário tem como objetivo investigar sobre suas relações iniciais e posteriores com a cultura brasileira e a língua portuguesa. Suas respostas fornecerão dados para a realização da pesquisa de Mestrado em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (PPGLINC), intitulada **“DE QUE ÁFRICA VOCÊ VEM?”: UMA ANÁLISE DE ESTEREÓTIPOS A PARTIR DOS RELATOS DE EXPERIÊNCIA DE ALUNOS AFRICANOS DO PEC-G DA UFBA**, conduzida por mim, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPG-LINC-UFBA), Heide Matos Duarte, sob orientação da Profa Dra Livia Márcia Tiba Rádís Baptista. Os dados aqui dispostos terão total sigilo, não havendo identificação dos sujeitos e serão utilizados apenas para a finalidade mencionada.

• **QUESTIONÁRIO**

Fique à vontade para responder às perguntas a seguir. Obrigada pela sua participação!

1) Preencha com seus dados pessoais:

Nome: _____
Idade: 19 anos
Nacionalidade: Togolesa
Línguas: Francês, Inglês, Português, yombá, mina
Nível de escolaridade: superior
Quanto tempo está no Brasil: 3 meses
Qual o programa de intercâmbio: PEC-G

Participante 01 ^{OK!}

2) Responda às perguntas a seguir:

a) Por que você decidiu fazer um intercâmbio? Qual a importância do programa para você?

Indicaria o programa para outra pessoa do seu país?

Eu decidi fazer um intercâmbio porque eu quis aprender outras línguas e conhecimentos de outros países. Este programa me permitiu realizar meu sonho que é de estudar fora do meu país. Já recomendei o programa pra 2 amigos e uma amiga do meu país.

b) Quais motivos levaram você a escolher o Brasil?

Os motivos são muitos, mas o ~~Brasil~~ principal é que o Brasil é um país que eu sonhava de visitar, o mundo das garotas, maravilhosas.

c) Que impressões você tinha sobre o Brasil antes de vir para cá?

Achava que o Brasil é um país cujo os habitantes são muito legais, acolhedores e agradáveis, quando chegado, está o que eu vi.

d) Como você avalia, de modo geral, sua experiência cultural e de aprendizagem da língua portuguesa no Brasil? Recomendaria para uma pessoa do seu país que visitasse, conhecesse o Brasil? Comente.

Do meu lado, minha experiência tá ~~tão~~ ^{sendo} boa; claro que tive algumas dificuldades no início pra me integrar ou adaptar mas agora tudo tá beleza, os povos daqui me ajuda muito também na minha integração.

e) Como está lidando com as línguas e a cultura daqui do país? Comente.

Sobre as línguas é muito fácil pra mim pra aprender, escrever e falar só que prefero ficar calado, às vezes não tenho a vontade de falar com as pessoas que não conheço, a cultura parece mais ou menos como no meu país só que não tem muito respeito.

f) Você acha que os brasileiros têm dificuldade para se relacionar com estrangeiros? Comente.

Normalmente não porque já tenha uma família brasileira, aqui onde eu vou pra jantar todas as noites, mas há algumas pessoas que são racistas ou como eles não conhecem você, eles preferem não se relacionar contigo.

g) Já sofreu preconceito de algum brasileiro por ser estrangeiro? Comente.

Sim já. Estava uma mulher que encontrei no hospital que me perguntou se na África temos escolas, casas, e disse também que comemos a carne da gente, mas sabe que sou ^{antes} estudante e ~~isto~~ viajei pra aqui pra fazer a graduação.

h) Que relações entre a cultura do seu país e a do Brasil você pode fazer?

Logo dizer que a cultura daqui é mais ou menos como ~~que~~ ^é no meu país só que na cultura do meu país o respeito é muito pedido.

i) Defina com uma frase a sua impressão sobre essa experiência no Brasil.

Quando você precisa ajuda, sempre pedir, os brasileiros não te ajudar.
↓
bons

APÊNDICE 3 - Relatos de experiências transcritos (nomes fictícios)

TRANSCRIÇÃO DO ÁUDIO – PARTICIPANTE 04

HEIDE: Oi, Participante 04, nós vamos fazer uma entrevista para o meu projeto de mestrado, é a segunda parte do projeto, certo? E aí eu vou fazer umas perguntas sobre a sua experiência aqui no Brasil como estrangeira e como africana e você pode responder pra mim, por favor. E saiba que o seu nome não vai ser revelado na escrita, apenas o que você responder para mim, que vai servir como fonte de pesquisa. Então, eu gostaria que você falasse um pouco sobre a sua experiência aqui no Brasil, o que vocês faz, de onde você veio (o seu país). O que você tem feito em salvador? O que você tem estudado? Faça um resumo.

PARTICIPANTE 04: Mais ou menos o que eu estava fazendo desde o dia em que eu cheguei aqui... Hum... Eu cheguei aqui com dois outros amigos do meu país que é o Benim, um país da Oeste da África. *Agorra* (Agora) estou no... já fiz seis meses aqui. Nos dois primeiros meses *erra* (era) difícil porque eu quase sabia nada sobre a língua português. Eu tenho uma amiga do meu país que *morrava*(morava) aqui antes de mim, *erra* (era) ela que me ajudava *parra* (para) ir para lugar, pra pegar ônibus, todo isso. Desde quando eu cheguei aqui eu já mudei de casa três vezes

HEIDE: E, por que essa mudança de casa?

PARTICIPANTE 04: Pela primeira vez foi no apartamento, o dono da casa é um homem, e teve também outro homem. Conviver com homem não foi legal, então teve que mudar. Onde eu fui depois o preço de aluguel aumentou todos meses, cada meses a dona da casa aumentou então eu desisti, eu saí de lá. Eu achei um lugar mais *barrato* (barato), foi as pessoas da minha igreja que me ajudava *parra* (para) achar esse lugar.

HEIDE: E agora você está morando onde?

PARTICIPANTE 04: Eu estou *morrando* (morando) no lugar onde o aluguel, o preço, é mais *barrato* (barato).

HEIDE: O bairro.

PARTICIPANTE 04: O bairro é Dique do Torrorró (tororó).

HEIDE: Ah, no dique, massa, legal. E se alguém te perguntasse de que África você vem, o que você responderia para essa pessoa?

PARTICIPANTE 04: De que África?

HEIDE: É de que África você vem? O que você responderia pra ela?

PARTICIPANTE 04: Eu *responderria* (responderia) que eu venho de Benim que é um país da África do oeste. Eu vou precisar que África é um continente. Porque a maioria das pessoas que eu encontrei acham que África é um país só, como o Brasil, mas não é isso.

HEIDE: E você diria o que para essas pessoas o que sobre essa África? Qual a impressão, qual o sentimento que você tem diante dessa África que você vem?

PARTICIPANTE 04: África é um continente muito grande, e como aqui no Brasil tem pessoas brancas, tem negros. A mesma coisa na África no norte, por exemplo no Marroco no Egito as pessoas são brancas. No África do sul tem também pessoas brancas, mas também países onde as pessoas são totalmente negros. Então todo mundo tem que saber disso.

HEIDE: E o que as pessoas costumam perguntar pra você sobre a África?

PARTICIPANTE 04: Tem isso na África? Tem isso na África? Tem isso no seu país? Essa questão sobre comida, sobre coisas que pessoas usam dia-a-dia. Também os vestidos, comida... É, são essa coisa, eles quer conhecer o que a gente comer lá, como a gente... se os vestidos são mais caros aqui ou lá. Tem muitas pessoas acham que a África todo é pobre, mas não é assim. Tem lugares onde tem a *pobredade* (pobreza). Tem lugares onde também as pessoas são ricas.

HEIDE: E você acha que essas perguntas são perguntas preconceituosas?

PARTICIPANTE 04: Não, eu acho que é para descobrir, pra saber o que está do outro lado. Porque eles nunca viajaram, então eles precisam saber o que está lá. Têm pessoas que me falam que eles fazem essas perguntas para saber como eles seriam quando eles seriam nesses países da África.

HEIDE: Ah, muito bem. E o que é ser Africano pra você?

PARTICIPANTE 04: Hum... Ser africana... (Risos) Não sei realmente como responder essa questão, mas ser africana... O símbolo da África, primeiro, é pessoas negros. Eu sou negra. Além disso, ser africana é ser do continente mais rico em *material primeiras*... Matéria primas! Ser africana também é ser de um continente rico em muitas coisas, como a diversidade dos animais. Pessoas pensam muito sobre animais, leões... Já tem pessoas que me perguntam se tem tal tipo de animal na África. Eu falo sim, sim, claro. (Ser da África) É fazer parte de um continente muito rico em matéria prima e outras coisas que faz da África um continente diferente dos outros continentes.

HEIDE: Como você acha que os Brasileiros olham, percebem o africano? Qual o olhar do brasileiro para o africano?

PARTICIPANTE 04: Acho que as pessoas que eu já encontrei têm diferentes pensamentos sobre os africanos. Tem pessoas que acham que quando você vem da África você é pobre. Tem pessoas que não sabem que na África tem brancos e tem negros. Eles acham que só tem negros. Tem pessoas que, mais perto de mim, na minha igreja que me falam que falar uma africana, cuidar de uma africana como eu é como se... é porque elas que consideram pessoas que deixam o país delas para outro país precisam de compaixão, precisam de amor, porque a gente... Porque eu deixei meu país, meus pais também, para estar aqui. Então eles têm que me acolher, fazer o que eles puder fazer para mim. Tem pessoas muito legais, tem pessoas amáveis aqui no Brasil, e que eu já encontrei que eu não vou nunca me esquecer. Mas tem pessoas que você encontra-los, mas é como se você não significa nada.

HEIDE: E você acha que essa forma como as pessoas olham para o africano modifica a forma como você se vê como africana?

PARTICIPANTE 04: : Depende da pessoa. Depende das emoções da pessoa. No meu caso, eu sou uma pessoa mais ou menos triste, uma pessoa sensível. Mesmo quando uma criança me fala coisas estranhas eu posso chorar. Então, eu já encontrei pessoas que manifestavam um pouquinho de racismo. Eu falei com uma colega do meu país, ele falou que isso depende do seu pensamento. Se uma pessoa me diz uma coisa eu sempre penso sobre essa coisa e isso me faz mal. Mas ele me disse que eu tenho que ser forte, que o assunto de racismo vai ser em todo lugar, depende da pessoa. Mas eu não tenho que guardar isso na minha cabeça. Nós somos humanos como todos os outros. Não é porque eu sou do Benim, da África que eu sou diferente de uma pessoa brasileira. Se uma pessoa me considera como menor, se eu também não me considerar assim, não vai dar problema. Mas eu acho que eu vou ter que ser forte, porque isso eu não consigo.

HEIDE: Ok, muito bem. E você já viveu alguma situação de preconceito racial direto?

PARTICIPANTE 04: Não foi tão grave. Mas... (risos)

HEIDE: Existe preconceito racial grave e não grave? Todo preconceito racial é grave! Mas conte como foi.

PARTICIPANTE 04: Lá no restaurante da UFBA (Universidade Federal da Bahia), estava comendo e tem um colega da África que chegou e sentar perto de mim. Então as pessoas que era na frente de nós eles se mudaram. No mesmo lugar e só puxaram um pouquinho. Olhava estranho, de uma maneira estranha. Então eu fiquei desconfortável. Eu digo a minha colega que eu vou então eu me levantei e fui embora.

HEIDE: Você acha que o racismo no Brasil é muito forte?

PARTICIPANTE 04: Não...

HEIDE: Existe lugares mais forte do que o Brasil?

PARTICIPANTE 04: Acho que depende de cada pessoa. Tem pessoas que na educação delas eles não são acostumadas para acolher pessoas negras. Eles vêem pessoas negras como pessoas diferentes deles, pessoas menor que eles, então eles não podem aceitar os negros como eles mesmo. Mas tem outras pessoas que os negros, estrangeiros, são como pessoas que eles tem que descobrir. Então eu acho isso das pessoas que fazem muitas perguntas, querem saber disso e disso.

HEIDE: E como são as relações raciais no seu país, o Benim?

PARTICIPANTE 04: No Benim, se uma pessoa branca passa quase todo mundo olha “que maravilha”. Os estrangeiros negros como branco são bem acolhidos. As vezes pessoas do meu país acolhem mais pessoas estrangeiros, mais do que pessoas de nosso país mesmo. Se eu me levanto e pedir uma coisa uma pessoa do meu país pode não me dar. Mas quando um estrangeiro, a pessoa seja negro ou branco, vai pedir a mesma coisa, ele vai dar. Mas nós somos muito amável com os estrangeiros. Nós gostamos conhecer também o que está do outro lado, como são os outros. É isso.

HEIDE: Muito bem, tem mais alguma coisa que você queira falar?

PARTICIPANTE 04: Vou dizer que ser *noutro* país, outro continente não é fácil. As vezes você tem a vontade de voltar. Se você achar a passagem de avião para voltar um dia mesmo você teria viajar para retornar ao seu país. Só para ver seus pais, irmã, irmãos, tudo isso, seus amigos. Você vai se lembrar do que você estava fazendo no seu país. Tudo que você teve no seu país que você não tem aqui. Mas se você tem pessoas aqui que te acolham você vai se sentir melhor. Um pouquinho melhor.

TRANSCRIÇÃO DO ÁUDIO – PARTICIPANTE 01

HEIDE: Então, essa é uma segunda parte do trabalho de pesquisa de campo do mestrado para o projeto “De que África você vem: uma análise de estereótipos a partir de narrativas de alunos africanos do PEC-G”. E agora eu vou fazer algumas perguntas a você em relação a sua vivência em Salvador, mas também a relação cultural que existe entre o seu continente, o seu país especificamente e Salvador e o Brasil. Eu queria que você falasse um pouco de onde você vêm, como é o seu país, o que você costuma fazer lá. E depois você falasse um pouco sobre a sua rotina aqui em Salvador.

Participante 01- Eu venho do Togo, sou do Togo. Meu país é um dos países mais pequenos da África. E estou aqui em Salvador pra aprender a língua portuguesa esse ano. Ano que vem eu vou pra Rio de Janeiro pra continuar em graduação em engenharia mecânica e minha experiência aqui no Salvador quando desde eu cheguei aqui é mais ou menos boa. Eu posso falar mais ou menos, mas não foi fácil de me acostumar, se adaptar a coisas daqui. Foi mais ou menos difícil.

HEIDE: Você pode falar um pouco sobre o seu país? Como é o Togo? Pra quem nunca viu o Togo o que você diria sobre o seu país?

Participante 01- Como eu falei é um dos países mais pequenos da África. E lá a gente é, como aqui, acolhedor, a gente é amável, legal. Tem muitos étnicos lá, a gente fala muitas línguas, várias idiomas. E tem também muitas culturas.

HEIDE: Você gosta do seu país?

Participante 01- Claro que eu gosto do meu país. (Risos)

HEIDE: Não, porque as vezes tem muitos brasileiros que mora aqui mas morre de vontade de ir embora do Brasil. Tem gente que quer fugir, principalmente por causa da questão política.

Participante 01- Sim, no meu país também tem às vezes as lutas, as revoluções contra o governo que não fez coisas boas. E também o governo corrupto e por isso que a gente tem muito vontade de viajar para estudar, porque a gente pode acabar seus estudos lá no Togo, mas não vai achar um trabalho.

HEIDE: Por causa da corrupção?

Participante 01- Sim. Além de que não merecem esse trabalho. Vai achar, mas você quer mais qualificado para... (imcompreensível)

HEIDE: Entendi. Eu acho que aqui no Brasil acontece a mesma coisa. Você precisa estudar mais e mais e mais para poder ter um emprego garantido. Porque não é garantia ter apenas uma graduação. E se alguém te perguntasse de que África você vem, o que você responderia?

Participante 01- África de onde eu venho é África onde a gente é amável, é legal. A gente é muito acolhedor. Quando você precisa de ajuda, você só pede e ele vai te ajudar e aí tem também as pessoas ruim, né? É você que tem que tomar cuidado para não encontrar esse tipo de pessoas.

HEIDE: E quais são os tipos de perguntas que as pessoas fazem pra você sobre a África? O que elas costumam perguntar?

Participante 01- Pra mim já aconteceu, mas só uma vez. Quando eu fui na UPA (Unidade de Pronto Atendimento), eu peguei a dengue. (Risos) Eu tava, eu *quiqueu* (?) vou morrer porque meu nariz estava fluindo, eu tenho dor de cabeça, eu tinha dores no corpo. E quando eu fui lá, eu cheguei desde 15h e eu fui atendido às 20h. Eu achava que eu vou morrer mas graças a deus eu tô vivo. E quando eu estava esperando eu encontrei uma mulher que é mais ou menos assim velha e ela me perguntou se lá na África, bom a gente conversou que eu venho da África, e ela me perguntou se lá a gente tem escola. (risos) E a primeira reação é que eu respondi sim, mas eu gostaria de responder pra ela que se não tem escola lá como é que a gente pode viajar para aqui e continuar a universidade se a gente não estuda lá? E aí, essas pessoas que me perguntou essa questão a gente pode constatar que ela não reflete muito bem. Porque uma pessoa não pode perguntar essas questão para uma pessoa que está aqui para fazer a graduação. E também eu disse pra ela que a gente faz parte de um programa que chama Pec-g e ela me perguntou depois se a gente vem aqui fugindo.

HEIDE: Fugindo? De quem?

Participante 01- Não sei. Não sei se ela achava que tem guerra lá e a gente é como um refugiado mas não é isso porque eu já esclareci pra ela que a gente é um estudante, a gente vem aqui pra estudar e essas coisas.

HEIDE: Ok, muito bem. Quer falar mais? Pode falar. Porque você teve essa experiência lá na UPA, mas algum amigo seu, os meninos aqui, seus colegas, já comentou também de algo que já ouviu sobre África?

Participante 01- Sim, eu moro com seis pessoas do Benim e alguns deles me diz que ele já foi perguntado que se lá a gente mora com leão, se o meio de transporte da gente é o elefante, essas coisas. Mas a mim, eu disse pra ele que se fosse eu que foi perguntado, não sei, não vou xingar mas vou fazer uma lição pra essas pessoas porque já ouvi falar também que aqui tem as escolas públicas e as escolas privado. Nas escolas públicas a gente não tem muito conhecimento sobre África. Mas lá nas escolas privadas a gente tenta ensinar essas coisas para os alunos. E recentemente porque é um programa novo, né?

HEIDE: Sim, na verdade, é uma lei que obriga o ensino sobre a África, a história da África, mas também a história afro-brasileira aqui nas escolas do Brasil. O problema é que na teoria isso existe, mas na prática é totalmente diferente. E a questão é também de que forma essa África ela é ensinada nas escolas. Porque não é somente ensinar sobre o continente africano, mas é o que estão ensinando sobre o continente africano. E eu acho que é um grande perigo.

Participante 01- Outros me falou que a gente daqui acha que África é um país e o capital é Angola, Nigéria, essas coisas mas não sei. Recentemente também meu irmão, um irmão do Rio de Janeiro ele veio aqui pra visitar a gente, ele falou pra gente que ele também viveu essa experiência, e que a gente tem que ser forte e seja corajoso também porque não é fácil de escutar essas coisas. Você pode cair num estado de depressão.

HEIDE: E você já sofreu algum preconceito, primeiro, por ser estrangeiro?

Participante 01- Por ser estrangeiro, sim. Uma vez eu fui num restaurante para comer. A gente tem um...

HEIDE: Que restaurante? O RU (restaurante universitário)?

Participante 01- Sim, RU. Ele não sabia que eu sei falar português, ele tá falando com os amigos deles, eu tava com 3 amigos também. Essa pessoa tava falando com outros amigos dele que “esses africanos só vem todo dia pra comer no RU”. Mas primeiro o que ele falou não é a verdade, porque eu não tenho costume de comer no RU. Toda vez eu tenho costume de cozinhar em casa, então eu só como no RU quando a gente quer se encontrar pra falar, só isso. E eu disse pros outros que a gente pode fechar o olho no que ele falou mas...

HEIDE: Você não respondeu no dia?

Participante 01- Eu não, mas outro amigo respondeu pra ele. E ele... (risos) ele xingou. Ele tava em francês... Mas eu achava que não foi importante pra responder pra ele porque quando você responde você tem uma consideração pra ele.

HEIDE: É, você dá importância para o que ele falou, não é verdade? Engraçado seria se vocês falassem pra ele “*a gente entendeu o que o senhor falou*”, né? E desse as costas e fosse caminhando só pra ele ficar sem graça com isso, mas enfim.

Participante 01- E uma vez também eu fui no shopping, shopping do Salvador... E por isso eu não gosto de me vestir com as roupas tradicionais. Porque esse dia a gente se vestiu nessas roupas tradicionais da África e quando as pessoas olharam para nós eles estão falando que “essas pessoas são da Nigéria”... A maioria das pessoas, a maioria das brasileiras, a maioria dos brasileiros só conhecem Nigéria, Angola, Cabo Verde e eles tavam dizendo que nós certamente somos da Nigéria e também que nós sabemos como falar português.

HEIDE: Mas na Nigéria fala Inglês, né?

Participante 01- Sim, inglês, e português um pouco mas não muito.

HEIDE: Fala português na Nigéria?

Participante 01- A gente ensina.

HEIDE: Ah o ensino do português. Ah tá, mas como língua oficial é o inglês, né?

Participante 01- Sim.

HEIDE: Ah, que legal, então nas escolas ensinam português? Massa. Mas acontece em Togo isso?

Participante 01- Não, só alemão, espanhol e inglês. E quando ele falou... Porque eu não tenho costume de falar, e também eu sou uma pessoa mais tranquila eu não gosto de brigar e aí eu disse pra meu amigo que a gente vai embora, mas ele recusou e ele respondeu, foi um casal, e ele respondeu pra eles. A gente brigou um pouco, mas a gente se acalmou depois.

HEIDE: E por que, de fato, isso incomoda pra vocês? Serem colocados dentro de um grupo único? Por exemplo, é como se todo mundo que viesse do continente africano pertencesse a esses países que você falou, certo? E por que isso incomoda vocês?

Participante 01- Não sei, mas uma coisa... lá na África quando você tá no colégio, você já vai começar a aprender as coisas sobre a Europa, Brasil... Europa, América do Norte, América do Sul, que contém Brasil também. E aí eu acho que é normal que o povo do Brasil também conheça África um pouco mais. Mas a gente não pode achar que só tem lá na África só quatro país que são Nigéria, essas coisas, ou que África é um país e a capital é Angola. Pra mim essa coisa incomoda e se a gente te perguntar essas coisas você vai ficar um pouco nervosa, você vai se indignar.

HEIDE: Compreendo que sim. Você falou sobre o preconceito por ser estrangeiro. E você já sofreu preconceito por ser negro no Brasil? Já sofreu algum preconceito racial com isso?

Participante 01- Aqui não, porque eu não tenho costume de sair na rua. Quando vou sair só vou no shopping. Acho que só isso. Também saio pra comprar algumas coisas no mercado. Eu não gosto de ir na praia.

HEIDE: Mas você não gosta de sair com receio do preconceito ou você não gosta de sair porque você não gosta?

Participante 01- Não, isso também. Tem as duas coisas. Porque eu sou uma pessoa também reservada e aqui eu... Mas tem algumas vezes que a gente sente tédio queria dançar, ir pra festa. Mas por coisa que você vai assumir essas coisas de racismo, preconceito. a gente prefere ficar em casa. E já aconteceu pra muitos amigos do Congo que

foi pra uma festa organizada pra o dono da casa deles. Quando eles chegaram lá, a gente tava conversando com os brasileiros, e quando eles pediram a gente pode botar uma música da África pra que eles dancem, os brasileiros que estavam lá recusaram, eles não podem botar uma música da África, eles não têm direito de botar essa música aqui, que aqui é o Brasil. A gente começou a brigar e... não bater, mas um brasileiro pegou a garrafa da bebida e quebrou pra apunhalar um dos meninos. Mas como eu disse eles estavam cinco, que estavam na festa, e outros vêm pra ajudar ele e depois ele foi embora.

HEIDE: Pra segurar no caso né? Pra segurar pra ele ir embora? Isso foi onde? Não entendi, numa festa pública, numa casa numa festa de alguém?

Participante 01- : Na casa do dono da casa deles. O dono da casa dele convidou ele pra ir na festa na casa dele. E quando eles foram lá tem também os povo brasileiro e aí quando começou essas coisas..

HEIDE: E aí teve a confusão. É, difícil.

Participante 01- E aí quando eu escutei, por isso não vou pra festa do povo brasileiro. Mas eu mesmo, as vezes organizo a festa na minha casa e convido as pessoas.

HEIDE: Mas você também convida brasileiros ou você só convida os seus amigos africanos?

Participante 01- Não, eu convido os brasileiros que eu conheço bem.

HEIDE: Sim, que você sabe que não vai ter esse problema.

Participante 01: Sim, e também os outros amigos africanos.

HEIDE: E deixa eu te fazer uma pergunta, você sabe que aqui no Brasil, as pessoas elas marcam uma identidade muito forte de relação entre a África e o Brasil. Então há um discurso de que o Brasil tem muito da África por causa da herança dos escravos africanos quando vieram pro Brasil. Então tem essa marca muito forte, né? E há também o discurso de empoderamento africano, em que as pessoas acham que pra ser negro no Brasil precisa se vestir como um africano, ou viver a cultura de fato africana. Você acha que nós podemos conseguir isso? Ser como um africano, diante de todo esse contato e toda essa realidade?

Participante 01- Tem algumas pessoas que conseguem, mas pra mim eu não posso. Mas, pois é, pode acontecer um dia isso vai dar certo. Isso pode acontecer. Mas agora eu acho que não, porque aqui tem os povos que são negros, não como dizer, moreno?

HEIDE: É pode ser moreno. Normalmente pelo IBGE você vai ser classificado como branco, pardo ou negro.

Participante 01- Sim, mas tem também os negros do Brasil também que são racista. E aí eu não acho que a gente pode conseguir o que você falou. Vai ser muito difícil.

HEIDE: Vai ser difícil. Porque nesse caso ser africano não é apenas dizer que é da África ou que tem ligação com a África, ou que simplesmente vestir uma roupa tradicional da África, acredito que é muito mais que isso. Não é simplesmente dizer “*Ah, mas a minha origem é africana, uhul, vamos ali estudar percussão*” porque a percussão vem dos escravos, vamos comer acarajé porque o acarajé veio do Benim, e vamos fazer adoração ao candomblé porque é de origem africana. Não é só isso. É muito mais que isso. Primeiro que é o nascer na África, é diferente de nascer no Brasil e ter descendência africana. E em relação as relações raciais no seu país, como é? Aqui no Brasil a gente tem o problema sério do preconceito racial, né? E também do racismo, e porque temos uma estrutura muito mal dividida economicamente, politicamente, em termos de educação. Então há um grande preconceito. E o sistema do Brasil ele é organizado para que um grupo tenha menos benefícios do que o outro. E esse grupo que tem menos benefício no Brasil vai ser o negro. E o branco está sempre no topo. Principalmente o homem branco a mulher negra. A mulher negra ainda tem muitos mais problemas que a mulher branca também no Brasil. Agora, como são essas relações raciais no Togo?

Participante 01- Quando você fala relações raciais, lá no Togo todo mundo é negro. Aí não sei como explicar as relações raciais. Mas não tem como a gente vai te indignar... Lá todo mundo é negro e as relações raciais pode ser ao fato que você é mais rico que outro. E aí quando você está vendo os pobres você vai ter um comportamento de racismo com ele. Às vezes são as pessoas que estão no governo que fazem isso. Eles passam na rua sem se preocupar da vida dos povos dele. Ele tem o dever de cuidar do povo dele porque foi esse povo que votaram para ele, mas quando ele foi votado ele esqueceu as promessas que eles fizeram pra esses povo.

HEIDE: Ok, a última pergunta. Teve um aluno uma vez que me falou assim, que ele só conheceu o racismo quando ele desceu no aeroporto de Salvador. Que o primeiro contato com isso foi quando ele desceu no aeroporto de Salvador. Você concorda com isso?

Participante 01 - Não entendi bem.

HEIDE: Tá, ele falou assim pra mim: até então ele não tinha conhecido o racismo nas experiências de vida dele. Mas que isso mudou quando ele desceu do avião no aeroporto de Salvador. Você concorda, você acha que a sua primeira experiência com o racismo foi aqui em Salvador?

Participante 01- Sim, claro. Porque quando a gente estava no meu país, a gente estudou muito sobre essas coisas, mas nunca viveu. Eu também posso dizer que é aqui que eu vivi essa experiência, e foi muito desmoralizante. E se essas pessoas não têm uma compreensão, ele não é corajoso, ele pode cair numa depressão. E também sobre o que você falou de por causa que você é negro você vai assumir os preconceito. Meu irmão, que tá lá no Rio de Janeiro, ele me diz que quando você é negro lá no Rio, quando você tá andando na rua como aqui no Salvador você pode andar, lá você está andando e a polícia vai te *acostar* (encostar), a polícia vai te seguir. E quando você vai tentar fugir, você está fugindo da polícia mas você vai encontrar os bandidos que vão também te roubar. E aí você não em jeito. Só ficar em casa. Você pode sair, ir pra escola e depois voltar pra casa. E não é como aqui, você pode ir no shopping e sair, esperar fora e chamar o Uber pra ir pra casa. Quando você está na frente do shopping a polícia vai te pegar achando que você está preparando uma coisa pra roubar alguém. E depois eu vou no Rio de Janeiro, mas quando eu estou ouvindo essas coisas, eu já está decepcionado. E eu não tenho mais vontade de ir lá.

HEIDE: Mas você não acha que Salvador é assim também, não?

Participante 01- Salvador é melhor. Desde meu país a gente me falou que o estado mais legal que você pode viver mais tranquilo como no seu país é Salvador. E isso que me encorajou. Mas mesmo quando eu chegou aqui, a mesma coisa que a gente falou, mas parece.

HEIDE: Nós ouvimos falar que a polícia é muito preconceituosa, e racista. Aqui em Salvador isso também acontece?

Participante 01- A polícia, mas não é todos. Tem a gente boa e a gente ruim. Quando você encontrar a polícia que é uma pessoa ruim você vai ser mal revistado.

HEIDE: E você já foi revistado alguma vez aqui?

Participante 01- Nunca. Mas meus amigos sim. Eles foi no tempo do carnaval, quando eles estavam voltando e foi revistado pela polícia.

HEIDE: Muito bem, obrigada.

ÁUDIO 2 - Participante 01

Participante 01- Sobre o que você falou que a gente pode superar ou movimentar essa coisa de racismo, pra mim acho eu isso vai acontecer o dia que os pneus do carro não vai ser negro. E quando você quer lavar as suas roupas, a gente tem costume de lavar as brancas antes de lavar os outros, até aquelas que são pretas. E também aqui eu já constatei que as pessoas que fazem o trabalho de lixo, os garis, os garçons, esses trabalhos que não tem muito consideração, as pessoas que eu já vi são negros. Eu nunca vi um branco que está fazendo esse trabalho, e aí se estas coisas estão persistindo o racismo nunca vai acabar. A gente deve ter uma pessoa pra reivindicar os direitos de negros. Eu sei que a gente já começou a fazer, mas tem algumas coisas muito importante pra mudar primeiro. E quando essas coisas vão acontecer a gente pode achar a pensar no acabamento do racismo. Pra mim, isso não vai acabar hoje nem amanhã, nem nunca. (risos) Mas, pois é.

HEIDE: Por que você acha que aqui no Brasil os garçons e os garis são negros?

Participante 01- Porque, como você sabe, eu sou uma pessoa um pouco observadora, e eu tenho o costume de observar essas coisas. E o que eu observei é que todas as pessoas que fazem esses trabalhos são negros.

HEIDE: Você acha que isso tem a ver com a questão da escravidão?

Participante 01- Sim, claro.

HEIDE: Ok, muito bem, obrigada.

TRANSCRIÇÃO DO ÁUDIO

PARTICIPANTE 05

HEIDE: Então, essa é a segunda parte da pesquisa. A primeira parte você respondeu um questionário, e essa segunda parte é uma entrevista semi-estruturada, direcionando algumas perguntas pra você falar um pouco da sua experiência como estudante africano, estrangeiro aqui em Salvador, certo? Então vou fazer algumas perguntas e você pode falar o que você quiser, livre. E não se preocupe que não vou utilizar o seu nome nas pesquisas mas somente as suas respostas. Vamos lá, eu queria que você falasse um pouco sobre de onde você vem, o que você está fazendo aqui, pra onde você vai depois de Salvador e falar um pouco do seu país.

Participante 05: Ok. Oi, eu sou do Gabão. O Gabão é um país da África central, com uma população mais ou menos 2 milhões de pessoas. É um país que tem muitas riquezas, tipo o petróleo e etc. É por isso que eu escolhi estudar a petroquímica aqui no Brasil. Então agora eu sou no programa que se chama Pec-g, onde eu passo um ano para aprender o português aqui na UFBA (universidade federal da Bahia), depois eu vou para Niterói, no estado do Rio de Janeiro, para fazer o meu curso que é a petroquímica.

HEIDE: Você quer falar um pouco sobre o Gabão? Como é o seu país?

Participante 05: O Gabão, eu tenho que falar sobre esse país, que é um país lindo, com uma diversidade cultural. Porque nós temos mais ou menos 16 a 20 línguas diferentes. E a língua mais falada é o Fangue. O fangue tem uma particularidade de ser uma língua que está falada em três países diferentes, que são Gabão, Camarões e a Guiné Equatorial, porque cada língua da África representa um povo. As divisões da África não é o povo que fez isso, mas os colonizadores. Então antes disso, teve um povo com cada território. Podemos dizer que (o Gabão) é um país também da parte negra da África. Porque tem duas partes. A parte onde tem o povo branco e a parte onde tem o povo negro. E esse é um país láico também. Mas com duas principais religiões que são o cristianismo e o islamismo.

HEIDE: Se as pessoas perguntassem pra você, de que África você vem? O que você responderia pra elas?

Participante 05: Vou dizer que a África é um continente, não tem dois tipos de Áfricas diferentes. Então sou da África e a única África que existe.

HEIDE: Certo. O que as pessoas costumam perguntar pra você sobre a África?

Participante 05: Se a África só é um país. Uma coisa que até hoje não consigo entender, como as pessoas vão pedir se a África é um país, porque é um continente que tem mais de 40 países diferentes. Como outras perguntas têm, como eu fiz para chegar aqui? Porque tem as pessoas que pensam que se eu estou aqui é por conta da pobreza que tem na África. Por exemplo, quando tem uma informação que tem um país na África onde aconteceu isso, mas essas pessoas pensam que é em toda a África que acontece essa coisa. Por exemplo, no meu país não existe uma pessoa que está sem casa, mas aqui eu já vi muitas vezes. Então isso diz que tem a pobreza nos todos lugares do mundo. E como outras perguntas tem as coisas como as maneiras de se vestir. O que eu acho sobre a liberdade das brasileiras. Para acabar posso dizer também que tem as perguntas sobre se eu estou aqui só para estudar algo ou pra fugir, por exemplo, de uma guerra civil na África.

HEIDE: E o que você costuma responder nesses casos?

Participante 05: Não, que se eu estou aqui, eu tive uma oportunidade de ter uma bolsa para estudar no Brasil e porque também gosto da cultura brasileira.

HEIDE: Mas no seu país você estaria dentro de uma classe média, alta ou baixa?

Participante 05: Posso dizer média. Porque mesmo se a minha família tem algumas dificuldades, mas nós temos tudo que precisamos pra viver. Porque eu tenho o meu pai que é doutor na tecnologia da educação e a minha mãe trabalha no aeroporto nacional do Gabão. Então nós temos as coisas para viver.

HEIDE: Você acha que essas perguntas sobre a África são perguntas preconceituosas?

Participante 05: Posso dizer sim. Porque a verdade que não tem muitas pessoas que tem os conhecimentos sobre a África. Então essas pessoas pensam que a África só é uma floresta grande onde tem as pessoas que se vestem de tanga. Porque uma vez já falei com uma amiga que me disse que estava o pensamento que ela tinha sobre a África porque não

tem muitas informações sobre a África, por exemplo, nos documentários. Se tem, as informações vão ser sobre o turismo onde tem essas florestas, os animais. Esses documentários vão dizer, por exemplo, que num país da África tem uma reserva natural, só esse tipo de informações que nós encontramos nas mídias. Então posso dizer que é uma forma de preconceito, porque essas pessoas não conhecem a África. Elas não tem essa chance de conhecer esse continente maravilhoso.

HEIDE: Muito bem. Você já sofreu alguma situação de preconceito racial aqui em Salvador?

Participante 05: Posso dizer sim. Por exemplo, as vezes quando eu ando na rua a noite tem as pessoas se nós somos sozinhos, elas vão mudar de rua. (risos) Quando elas vão dar que eu sou negro. Mesmo, pra mim, a palavra *negro* é um preconceito. Porque se a língua que eu falo é o francês, e a tradução de negro em francês é *négre*. Mas a gente não chama de *négre*, mas de preto. Porque negro é uma palavra que tem uma relação com a escravidão. Então é uma maneira de manter esse preconceito até hoje, pra mim.

HEIDE: E você acha que já sofreu preconceito por ser estrangeiro?

Participante 05: Por ser estrangeiro aqui, acho que não.

HEIDE: E por ser africano?

Participante 05: Por ser africano, talvez, talvez, talvez... O que posso dizer é que o problema é que tem as pessoas que tem um problema comigo porque elas dizem que nós os africanos nós somos muito conservadores. Então, às vezes é complicado conosco de fazer uma amizade, porque se temos que pegar algumas assuntos como a homossexualidade, nós temos uma outra visão sobre esse assunto. Então quando a gente encontra um homossexual às vezes é complicado. Então tem uma pequena distância nesse caso entre eles e nós. Às vezes.

HEIDE: E o que você acha do racismo no Brasil? Como você avalia isso?

Participante 05: Acho que é um assunto que vai pegar muito tempo pra acabar. Mas o problema é que o problema, pra mim, são os negros. Porque uma pessoa como eu tenho uma educação que diz se uma pessoa não te apresentar um respeito você tem que obrigar essa pessoa pra ter. Não força, por exemplo, na violência, mas sim tem que ser

sobre os estudos. Você tem que superar essa pessoa pra criar uma forma de respeito. Eu sei que as coisas são bem difíceis para as pessoas negras, mas eu acho que essas pessoas podem criar essas situações pra mudar esse racismo. Eu posso dizer também que tem dois tipos de racismo. Tem o racismo direto e indireto. Porque tem as pessoas que não gostam dos negros. Mas também tem outras pessoas porque na educação delas elas não aprenderam a amar os negros. Então quando essas pessoas crescem elas tem o pensamento que já está duro sobre os negros. Aí pra mim eu vejo que não é a culpa dessas pessoas, mas é culpa da educação que essas pessoas receberam. E também podemos dar que o governo tem uma culpa, porque se o governo não cria uma situação, as condições de igualdade, o racismo não vai nunca acabar. Só com uma guerra civil.

HEIDE: Eu tenho um aluno que tinha falado que ele conheceu o racismo quando pisou a primeira vez no aeroporto de Salvador. Você concorda com isso? Aconteceu com você também? Você conheceu o racismo aqui no Brasil? Em Salvador?

Participante 05: Em Salvador sim. Mas aqui em Salvador não aeroporto, mas na verdade também como não conhecia nada do português eu procurei uma pessoa que falava talvez francês. Então eu procurei uma pessoa negra. Mas não foi no aeroporto de Salvador, mas no aeroporto de São Paulo. Lá só vi uma pessoa negra no andar onde eu estava, só uma pessoa negra. Estava um pouco chocada. Mas por que só tem uma pessoa negra, mesmo no avião? Estávamos entre 4 a 5 negros, pra mim estava estranho. Por isso eu posso dizer que nas classificações da sociedade o grande problema é que os negros não tem uma grande posição.

HEIDE: E você já esteve em alguma situação com a polícia?

Participante 05: Felizmente não.

HEIDE: Nunca foi revistado pela polícia de Salvador, nada?

Participante 05: Nada!

HEIDE: Mas você já passou por situações nítidas, além da pessoa atravessar pro outro lado da rua, você já teve uma situação muito nítida, direta, de racismo?

Participante 05: Comigo não.

HEIDE: Aqui no Brasil existe uma lei que obriga o ensino da história e cultura da África nas escolas. Qual a importância desse ensino?

Participante 05: Pra mim, eu vejo que a escola tem uma grande importância, porque também tem um problema na África que diz que uma pessoa que não sabe de onde ela é não pode saber aonde ela vai, porque ela não sabe as próprias origens. Então é importante para cada pessoa de saber as próprias origens. O Brasil tem uma origem africana, então para o povo brasileiro isso tem uma grande importância. E o que essa importância? Porque a história permite explicar porque as coisas estão o que elas estão. Então isso pode permitir de entender as coisas tipo o racismo, tipo porquê os negros tem essa situação hoje. De um outro lado acha que é muito importante estudar o povo africano porque também é um outro continente e porque tem uma outra visão de um outro lugar pode também impactar, e ajudar uma pessoa a ver as coisas diferentemente. Então isso tem também uma importância de a história pode permitir de uma ideologia, um pensamento. Podemos ver que nós todos continentes, a gente pode ver sempre tem as colonizações brancas, as histórias dos brancos, mas se esses programas sempre têm isso, isso pode manter a dominação do povo branco. Porém no Brasil, só não tem o povo branco, tem também um povo negro. Mas se as pessoas só aprendem a história do povo branco isso pode manter a dominação dos brancos.

HEIDE: Ok. Tem mais alguma coisa que você queira falar em relação a essa temática?

Participante 05: Tem uma professora negra brasileira que disse que os negros tem que se rebelar porque seja nas universidades, seja na política, tem negros que tem uma grande inteligência. Então a primeira coisa pelo povo negro é se rebelar para dizer que todas as coisas que os brancos fazem, nós também podemos fazê-las. Como outras coisas posso dizer que o racismo pode acabar, tem dois responsáveis que são o governo e também o povo negro. O povo negro pode mudar o pensamento que as pessoas têm sobre eles, mesmo se as condições são difícil. Mas eles têm que saber que tem outras pessoas que vivem nas condições mais difícil. Então nada é impossível só precisa de vontade pra mudar as coisas.

ÁUDIO 2 - Participante 05:

Participante 05: Uma coisa também, quando a gente toda vez pega satanás como um negro e o Jesus, o branco, o racismo não vai acabar. A gente tem que mudar o pensamento, esses pensamentos que são preconceituosos. É assim que a gente pode superar a etapa do racismo. Posso dizer também que a gente se acostuma a dizer, por exemplo, quando tem uma coisa boa essa coisa é branca. Mas quando tem uma coisa que não é de boa, essa coisa é preta. Isso também é uma forma de racismo. Nós temos que mudar esse tipo de pensamento. E pra acabar posso dizer também uma coisa que eu percebi com a minha pequena experiência na vida é que: a pobreza, primeiramente, é um estado de espírito. E esse estado de espírito vai se revelar fisicamente. Então se a gente pensa que ela não é pobre, esse pensamento vai se desenvolver na vida dessa pessoa. A pobreza é um estado de espírito. Não é que uma pessoa rica, é uma pessoa que tem muito dinheiro, é se ter, mas a gente precisa ter o necessário pra viver, isso também é uma riqueza. Tem também o valor da pessoa. Porque tem as pessoas que tem muito dinheiro mas que sofrem muito. Então ter o dinheiro não significa que você é rico.

HEIDE: Como vocês vêm a impressão dos brasileiros em relação ao ser africano? Como as pessoas aqui no Brasil vêm o africano? Como vocês conseguem visualizar isso?

Participante 01: Pra mim posso dizer que os brasileiros olham as pessoas que são da África como as pessoas que não sabem fazer nada. Porque meu irmão que já fez o ano da língua, ele está estudando arquitetura no Rio de Janeiro, e ele me falou que quando eles fazem uma prova, se você que é negro, você pega uma nota 10, a nota máxima, os outros alunos que são branco vão dizer que você tem a sorte. Mas se outro branco pega uma nota de nove a gente vai procurar ele para aprender com ele. Mas não esse negro que tem 10, a gente vai dizer que você só tem a sorte de pegar 10. E quando você vai pegar 0, ou 1, ele diz que você vai ser o bicho, a besta da sala. A gente vai zombar e zoar de você. E pra mim, acho que os povos brasileiros percebem que o ser humano africano é esse tipo de pessoa. Mas deve ser o contrário, porque lá na África, o que eu já constatei, lá na África tem as pessoas mesmo se ele não foi na escola ele tinha uma *traça* de Deus pra fazer as coisas. Por exemplo, consertar os celulares, os computadores. Mas quando eu cheguei aqui o computador dele quebrou e, nos lugares que a gente foi, ninguém consertou, ninguém consegue consertar isso mas só foi uma pequena coisa que a gente deve fazer, e foi só um outro amigo que está lá no Rio que conseguiu resolver esse problema. Eu acho que a gente deve tentar mudar de mentalidade porque Deus criou todo mundo igual. A gente não pode se permitir dizer que por causa que você é negro, ou você é branca que você não pode fazer uma coisa. Mesmo se você é negro e você vai para alguns lugares, a gente vai te olhar de mal olho, a gente vai te olhar mal porque você é negro, mas não é a sua culpa. É o

desejo de Deus, é o querer de Deus, não é a culpa de nós. Mas também tem as pessoas boas que pensa que todo mundo é igual, só a cor que é diferente.

HEIDE: E, além disso, você acha que essa forma de ver o africano faz você refletir sobre você mesmo como africano? Faz você pensar sobre o que é ser africano, finalmente? Porque as pessoas estão me vendo dessa forma e eu sempre me vi de uma determinada forma. Como isso pode interferir na sua própria análise do que é ser africano?

Participante 01: Rapaz, pra mim isso não influencia porque eu sou uma pessoa muito que tem sabedoria e também eu passo a maioria do meu tempo meditando. E quando a gente me olha assim, eu me digo dentro que eu sou mais inteligente que ele, ou tenho mais conhecimento que ele. E ser um africano tem algumas pessoas, tem algumas brancas que também querem ser africanos. Eles querem mudar a cor dele, eu já vi esse tipo de vídeo pelo Youtube. E pra mim ser africano, ter a cor preta, é a melhor coisa que pode me acontecer, e aí eu não tenho vergonha de ser humano. Mas, muito pelo contrário eu sou muito feliz.

HEIDE: Muito bom, e você Participante 05?

Participante 05: Pra mim, antes de mais nada, tem uma história pra mim que é chocante. Quando tem um branco que tá correndo ele faz um esporte, mas quando é um negro é um ladrão. Mas uma coisa que eu não consigo entender, ser negro não é um pecado. Pra responder a pergunta posso dizer que tem três perspectivas para os brasileiros. Tem as pessoas que dizem que eles nunca podem dizer que são africanos, e a maioria dessas pessoas são os brancos. Isso é uma coisa que eu entendo.

HEIDE: Não entendi. Esses brancos nunca podem assumir que eles são africanos? Que na formação cultural e na sua formação identitária tem uma relação com a África, é isso?

Participante 05: É, eles não tem uma relação com a África. Tem uma coisa que as vezes a gente esquece que a África é um continente. Então tem uma parte branca e uma parte negra. Porque quando a gente fala da África só vê a parte negra. Posso dizer que dessa perspectiva tem uma diferença entre esse fato de assumir que eu sou negro e que eu sou africano, são duas coisas diferentes. As pessoas podem dizer que elas são negras, mas isso não quer dizer que elas se assumem como os africanos. Porque ser africano é ter uma cultura, ter uma cultura na África. Então as pessoas que vão dizer que elas assumem que elas são negras mas se você dizer pra essas pessoas, se você pedir essas pessoas se elas

podem morar na África elas vão dizer: nunca! Mas isso não quer dizer que essas pessoas não se assumem negro. Isso é pra fazer a diferença. E posso dizer que tem um pouco de pessoas brasileiras dizer que elas são africanos. Podemos ver que o Brasil é um país onde com a evolução, com o tempo as coisas mudam. Por exemplo, sobre as orientações sexuais, aqui no Brasil aconteceu uma coisa, mas na cultura africana é uma outra coisa. Mas podemos ver que nesse caso tem as pessoas, como os homossexuais que são negros, que se consideram negros, mas não como os africanos.

HEIDE: Mas como é que as pessoas vêem o africano aqui no Brasil?

Participante 05: Tem dois tipos de visão. Tem as pessoas que sabem ver a África sobre o aspecto cultural. Mas têm também outras pessoas que só ver a África sobre o aspecto da pobreza, e do subdesenvolvimento.

HEIDE: E você acha que essas formas que as pessoas vêem os africanos, essa forma faz você pensar e refletir sobre o que você pensa que é como africano?

Participante 05: Acho que sim, porque quando estava lá na África, tinha as coisas que nunca pensava que um dia poderia refletir sobre essas coisas. Mas quando você muda de lugar isso provoca uma mudança de pensamento, porque você pode ver outros tipos de pensamentos. Mais aqui no Brasil, porque tem uma grande diferença, as pessoas sabem que lá na África a maioria das pessoas as pessoas são conservadoras mas aqui tem uma mais grande liberdade. Então pra mim que sou uma pessoa conservadora, quando cheguei aqui estava um choque. Então isso afetou a minha maneira de ver as coisas, de me considerar como africano. Eu vi que ser africano pra mim tem uma mais grande importância, porque pra mim é uma origem, pra mim é um modo de vida, pra mim é o que eu sou. Africano. Então eu posso ver como tem outras pessoas que tem um outro pensamento sobre os africanos. E aí a coisa que eu me penso é que eu tenho duas escolhas: seja eu desisto pra dizer que eu não sou africano para me acostumar com essa pessoa que tem um pensamento negativo sobre os africanos, ao eu me esforço sobre o meu pensamento que eu sou africano, que eu tenho um valor. Então, tenho que mostrar mais, quando tenho um ataque, que os africanos são assim. Eu tenho que mostrar as vantagens de ser africano.

HEIDE: Ok. Muito bom. Obrigada Participante 05, obrigada Participante 01.

TRANSCRIÇÃO ÁUDIO - Participante 03

Heide: Oi. Vamos começar agora a segunda parte da minha pesquisa de campo do mestrado que é uma entrevista com algumas perguntas pra você e aí você pode ir respondendo e narrando um pouco das suas experiências, certo? O seu nome não vai ser apresentado no resultado da pesquisa, mas somente o corpus do que você disser. Então, queria que você falasse um pouco sobre as suas experiências como aluno aqui no Brasil, com estrangeiro também e falar um pouco de onde você vem e do seu país, fale um pouquinho sobre você.

Participante 03: Eu sou XXX. Eu sou da Republica Democrática do Congo. Estou aqui em Brasil pra estudar, claro. Eu estou fazendo um curso da língua portuguesa, então ser um estrangeiro não é tão fácil porque é uma nova vida. Você tem que criar relacionamento com novas pessoas e isso é uma fase muito difícil. Ela foi muito difícil pra mim, porque sou uma pessoa que gosto muito de conversar, ter amigos. Quando eu cheguei aqui, senti muito sozinho, porque eu não tinha amigos. Mas com o tempo eu me acostumei e consegui fazer amigos. Acho que só isso.

Heide: E o seu país como é? Fale um pouco sobre ele.

Participante 03: Meu país é como aqui no Brasil. É verdade que o Brasil é mais desenvolvido que o meu país, mas ...

Heide: Desenvolvido em que sentido?

Participante 03: No sentido da economia. A economia daqui é mais forte do que do meu país. Também o nível de estudo é mais avançado, e a tecnologia também.

Heide: Mas qual é o país da África que tem um nível muito parecido com o do Brasil? Em termos de economia e em termos de educação?

Participante 03: A África do Sul. É um país muito desenvolvido e meu pai já foi lá e disse que é muito avançado na área da tecnologia, medicina. A economia também avançada.

Heide: Se alguém te perguntasse de que África você vem, o que você responderia?

Participante 03: Hum, eu posso dizer que eu venho de uma África negra, mas também é uma África que eu amo muito, porque o fato de viver aqui com uma outra cultura, eu percebi a riqueza que eu tenho na minha cultura também. Eu posso dizer que eu venho de uma África rica, uma África querida pra mim. E além disso acho que é a mesma coisa que aqui. Eu encontrei muita pessoa que acha que a África é como na floresta, todo mundo sem as roupas, sem sapato, caçando os animais, mas não é assim como aqui no Brasil. Então é a mesma coisa.

Heide: E o que as pessoas costumam perguntar a você sobre a África?

Participante 03: Eu fui pra uma igreja e depois do culto eu estava conversando com um irmão dessa igreja e um deles perguntou “lá na África tem leão?” ele disse “quando você tá em casa o leão pode sair da floresta e pegar uma pessoa?” (risos) Eu disse que não, é uma cidade como aqui tem lugares que tem leão como num jardim zoológico, tem também um parque especial para visitar os animais. Essa pergunta que eu gravei na minha cabeça.

Heide: Foi somente essa, não lembra de outras perguntas?

Participante 03: Além disso, quando eu encontro brasileiros eles acham que África tem pobreza, em casa lugar tem pobreza. Então ele acha que não tem carro nas ruas como aqui, não, ele acha que todo mundo é sem roupas, então é como na floresta. Mas não é assim, a África é verdade que tem pobreza, mas não em todo lugar. Em meu país, especificamente em minha cidade é como aqui em Salvador, tem ruas, tem edifícios, tem tudo isso. Então quando eu tava no meu país eu tava fazendo negocio pra chegar aqui, eu penso “vou no Brasil, vou ver tudo o que eu nunca vi na minha vida”. Mas quando eu cheguei, eu cheguei em São Paulo, na noite e depois eu fui pra Curitiba. Eu olhei e não tem nada de estranho, tem pessoas, as casas, como no meu país. Então eu conversei com meu pai e diz “nada de estranho, tudo como no meu país.”

Heide: Muito bem. Você acha que essas perguntas são perguntas preconceituosas?

Participante 03: Então, depende. E também pergunta preconceituosa, mas também o brasileiro é uma pessoa, que é muito curioso, gosta de aprender. Então quando eu converso com os brasileiros eu já percebi que quando eles fazem pergunta não é para xingar, não. Isso é porque ele tem uma imagem da África e ele quer saber se é verdade ou não. Então

quando eu converso com ele, eu fico muito calmo, converso, diz “não é verdade, isso é verdade”. Então acho que não é muito preconceituoso mas só pra aprender mais.

Heide: E o que é ser africano para você?

Participante 03: Ser africano pra mim é, eu posso dizer que é a minha vida. Porque ser africano é viver a cultura africana, praticar nossa cultura africana. Eu não posso dizer a cultura africana é isso, isso e isso, mas é um modo de vida diferente do que é do Brasil. É uma riqueza, essa diferença faz que quando eu tenho contato com a cultura brasileira eu posso ver onde que a minha cultura tem franqueza, onde eu posso mudar minha maneira de ver as coisas. Mas ser africano pra mim é muito importante, muito importante. Tenho amigos que quando eles chegam no Brasil eles dizem “a partir de agora eu vou esquecer a África” eu acho que eu não posso fazer isso porque, não sei como posso dizer, mas é a minha origem. Então eu sou muito “atachado”, não, muito ligado com a África.

Heide: E como você vê o olhar dos brasileiros, das pessoas, sobre o africano?

Participante 03: Muitos brasileiros acham que o africano são pobres então eles precisam de ser acompanhados. Você pode estar conversando com uma pessoa, ele ta comendo, ele vai dizer “você quer comer?” quando você vai dizer “não, venha”. Mesmo quando você não está com fome eles acham que você... ele olha você como uma pessoa fraca. Mas eu já estou acostumado com isso.

Heide: Mas uma pessoa fraca que não come bem? Ou uma pessoa fraca que a gente chama de coitada? “Oh meu deus, essa pessoa, nunca tem comida, tadinho, passa fome e frio” é nesse sentido?

Participante 03: Isso. Nesse sentido. No sentido de uma pessoa que não tem comida então quando tem comida ele tem que comer.

Heide: Entendi. Então você acha que isso reflete que todo africano ele passa por necessidade então vamos dar comida a ele, que está sofrendo nesse momento. É nesse sentido?

Participante 03: Sim.

Heide: E como esse olhar da outra pessoa interfere no que você pensa sobre você?

Participante 03: Eu sou uma pessoa muito forte, porque eu já encontrei muitas pessoas que tentou de fazer muitas coisas para me machucar, mas eu tinha um costume de me adaptar. Quando estou com pessoas, se eles são boa pra mim eu também vou ser assim. E se eu vejo que uma pessoa é racista, eu vou deixar ele. Porque a minha vida não depende dele. Eu tava no meu país, eu viajei até aqui, eu não sabia falar português, eu aprendi. Então, eu sou muito forte pra viver com os brasileiros mesmo se eles são racistas, porque aqui não é meu país. Eu to aqui só pra estudar. Vou estudar, depois vou voltar. Eu tenho minha família, com eles eu tenho tudo, no meu país tenho tudo. Eu não vou me sentir embaixo dele, menor que ele não. Eu penso que cada um deve respeitar os outros. Então se uma pessoa não me respeita eu vou me afastar dela.

Heide: Tem uma frase que diz, que um aluno meu já falou, que ele só conheceu o racismo quando pisou no aeroporto de Salvador. Mas isso é como se fosse uma metáfora, não que ele tivesse tido uma situação no aeroporto. Mas que ao chegar em Salvador ele pode viver experiências racistas. Isso aconteceu com você também? Você conheceu o racismo, de fato, quando chegou em Salvador?

Participante 03: Sim. No meu país não existe muito, não muito forte. Eu nasci e cresci na capital, então lá não tem muito racismo. Mas eu já conheci que o racismo existe porque eu estudei. Mas quando eu cheguei aqui eu ainda não passei por uma experiência do racismo. Acho que não. Pode ser porque também eu sou uma pessoa muito que cuida só das minhas coisas. Então, se você é racista o problema é seu e não é meu. Então uma pessoa pode ser racista comigo, mas eu não vou perceber isso. Eu não me ligo com isso.

Heide: Você falou que pelo fato de você morar na capital é que você não teve contato com o racismo, mas nas cidades vizinhas a capital isso acontece?

Participante 03: Não muito racismo. Mas quando o pessoal “veja” uma pessoa de um outro lugar, eu posso dizer que é um choque cultural, só isso. Mas não muito racismo.

Heide: Eu ia te perguntar se você já passou por alguma experiência aqui no Brasil mas você já disse que não passou.

Participante 03: Ainda não.

Heide: Acho que você também já respondeu como são as relações raciais no seu país. Então pra gente finalizar existe uma lei no Brasil que obriga o ensino dessa cultura africana, sobre a história africana. Mas sobre a história do Brasil e da África, certo? Você acha que essa lei é importante? E em que sentido ela é importante?

Participante 03: Eu acho que essa lei pode ser importante porque eu já encontrei alguns brasileiros que são brancos mas quando eu converso com ele, eles me diz “nós somos africanos, porque nós temos o sangue dos africanos”. Então acho que seria uma boa coisa de fazer isso, com essa lei de ensino porque quando essas pessoa... essa pessoa quer ser reconhecido como africano, acho que é uma boa coisa deixar de ele fazer o que ele quer, né? Eu fui uma vez visitar um amigo do meu país e depois eu queria voltar pra casa, mas eu não tinha o aplicativo de Uber. Eu encontrei uma pessoa que disse “Venha, eu vou te levar” eu fui no carro dele, e quando nós estávamos indo pra minha casa ele disse “sou africano” (risos) “eu tenho o sangue dos africanos, então aqui em Salvador você está em casa, está bem vindo”. Então eu acho que tem muitos brasileiros negros que se sentem da mesma família que os africanos da África. Eu acho que essa lei é importante pra eles.

Heide: Mas você acha que quando o brasileiro fala “eu sou africano” e ele quer manter essa ligação com a África, você acha que há uma compreensão do que realmente é a África, ou ele está falando isso só por uma questão de reconhecimento mesmo sendo branco ou negro, pela cor da pele, mas você acha que ele sabe, de fato, que está falando? Do tipo “eu sou africano, no meu sangue corre africano” mas que africano é esse? Ele tá falando de um africano que está lá na África nesse momento ou ele está pensando em um africano que foi escravo e veio pro Brasil? O que você pensa sobre isso?

Participante 03: Eu acho que essa coisa nasce com o racismo. Porque quando uma pessoa se sente rejeitado ele vai querer ser reconhecido em um lugar. Como na história os escravos vinham da África pra cá e aqui tem o racismo, quando uma pessoa se sente mal ele vai dizer “eu tenho ancestrais que são africanos, então sou africano”. Acho que também só pra ser reconhecido, porque quando você vai conversar com ele você vai perceber que ele tem uma imagem da África antiga. Ele não conhece o que é a África agora. Então ele fala só isso para ser reconhecido.

Heide: Muito bem. Tem algo mais que você queira dizer sobre essa temática? Algo que você queira nos contar?

Participante 03: Acho que essa experiência de estudar longe do meu país é uma experiência muito rica pra mim, porque eu aprendi muitas coisas diferentes. As vezes eu converso com o meu pai e eu pergunto “porque na África nós fazemos assim, ou assim?” e eu percebi que mesmo a religião é adaptada na cultura. Porque quando eu encontro uma pessoa da mesma religião que eu mas que são brasileiros você vai perceber algumas diferenças na maneira de praticar a religião. Eu já conversei sobre isso com o meu pai. Então acho que é muito importante porque depois dessa experiência eu tenho uma visão diferente do mundo. Acho que é uma visão melhor do que eu tinha quando eu tava no meu país porque agora já posso dizer que eu já tenho duas culturas, a cultura do meu país e a cultura brasileira. Então eu acho que isso vai me ajudar muito na minha vida. É só isso.

Heide: Ta bom. Muito obrigada.

TRANSCRIÇÃO ÁUDIO - Participante 07

Heide: Oi Eunice, nós vamos fazer hoje a segunda parte da pesquisa de campo para o mestrado, eu vou te fazer algumas perguntas e você responde pra mim. É importante lembrar que eu não vou apresentar nem utilizar o seu nome nas pesquisas mas somente as suas respostas. Inicialmente eu queria que você falasse um pouco da sua experiência de ser aluno estrangeiro aqui em Salvador e também de onde você vem e falasse um pouco do seu país.

Participante 07: Meu nome é Eunice eu sou Beninesa. O Benim é um país da África oeste. Então eu sou de lá. Lá no meu país as pessoas são bem legais e o custo da vida é um pouco melhor, se eu comparo o custo da vida aqui e no meu país. E também lá no meu país tem umas coisas que são um pouco parecida aqui. Algumas comidas como acarajé e alguns cultos tradicionais como candomblé. Mas é um pouco diferente. Eu acho que aqui dentro do candomblé tem muitos deuses e lá no meu país é Voodoo e dentro do voodoo tem muitos deuses como Iemanjá, Olodum. E minha experiência aqui vou dizer que é uma boa experiência, porque graças a Deus já fiz aqui seis meses e quando eu cheguei aqui estava muito difícil de falar a língua portuguesa. Mas graças ao contato dos brasileiros agora eu posso falar um pouco

do português, escrever, entender mesmo se no início foi muito difícil para fazer a adaptação. Graças a Deus, agora tudo está indo bem.

Heide: Ok. Se alguém te perguntasse de que África você vem, o que você responderia pra essa pessoa?

Participante 07: Vou dizer que eu venho dessa África, o berço da humanidade.

Heide: Legal. E o que significa ser o berço da humanidade?

Participante 07: O berço da humanidade é... Todos sabemos que o primeiro escolhido do homem foi descoberto lá em África. Então segundo os pesquisas e os primeiros homens apareceu lá em África, então por isso África é considerado o berço da humanidade.

Heide: Ok, muito bem. E o que as pessoas costumam perguntar pra você sobre a África?

Participante 07: Tem as vezes eu fico chateada com algumas perguntas. Um dia eu fui para o shopping da barra para fazer as compras com os meus amigos, aí uma pessoa perguntou assim “lá em África tem leões na rua?” Eu fiquei muito chateada.

Heide: E o que você respondeu?

Participante 07: Eu falei que lá em África tem leões mas não tem leões na cidade. Uma parte muito longe da cidade que tem os leões e os animais. Como aqui temos o zoológico. Então lá no meu país tem também zoológico e também tem uma parte muito, muito longe onde tem os animais da floresta.

Heide: Você lembra de outra pergunta que fizeram a você sobre a África?

Participante 07: Tem uma pessoa que perguntou assim “como você fez para chegar até aqui? Você vem aqui nadando?” Eu falei assim “foi meus pais que comprou a passagem para mim”.

Heide: E aí você não veio nadando obviamente. Ok, beleza. Você acha que essas perguntas são perguntas preconceituosas?

Participante 07: Sim, eu acho. Porque tem mais pessoas que acham que lá na África não tem nada, que as pessoas estão morrendo por causa da fome, não tem dinheiro. Eu acho que é assim.

Heide: Certo, muito bem. O que é ser africano para você?

Participante 07: Pra mim ser africano é... eu sou muito orgulhosa de ser africano. Porque é uma sorte.

Heide: Que legal. E como você acha que as pessoas aqui em Salvador elas olham, elas vêem os africanos?

Participante 07: Isso depende das pessoas. Mas eu acho que o Brasil é um país que tem um mistura. Então para mim eu acho que tem algumas pessoas que considera os africanos muito, mas tem algumas não.

Heide: Mas como essas pessoas vêem o africano. Elas olham o africano e pensam o que?

Participante 07: Às vezes, ela pensa que lá na África as pessoas não são muito inteligentes. Que lá a gente não conhece nada.

Heide: Sim, e como essa forma que as pessoas vêem você faz você refletir sobre ser africana?

Participante 07: Pode repetir?

Heide: Posso. Como é que a forma como os brasileiros vêem os africanos faz você refletir sobre ser africano?

Participante 07: A maneira de olhar e também algumas vezes para fazer amizade com algumas pessoas, isso é muito difícil. Por exemplo, às vezes eu vou lá na biblioteca. Quando eu cumprimento alguma pessoa elas não me olham. Às vezes eu fico muito chateada, mas não posso fazer nada.

Heide: Mas você acha que essas pessoas te olham porque você é africana ou porque elas tem preconceito racial?

Participante 07: Eu acho que são as duas coisas. Um porque eu sou africana e também porque tem essa ideia de preconceito racial.

Heide: E você já sofreu outras situações de preconceito racial aqui em Salvador?

Participante 07: Eu acho que mesmo se eu sofrer, não me lembro. Porque no início aqui não falava nada de português, então não percebi isso.

Heide: Ok, muito bem. E como são as relações raciais no seu país?

Participante 07: Lá no meu país eu acho que as relações raciais não têm essa coisa. Mesmo se uma pessoa é branca e vai lá no meu país as pessoas vão receber ele com muita alegria, eu acho que essa diferença de branca, preta, não é muito forte. E não existe porque lá no meu país as pessoas gostam muito das brancas.

Heide: Certo. Tem uma lei aqui no Brasil que obriga o ensino sobre a cultura africana e a África e também a afro-brasileira. Você acha que uma dessa é importante?

Participante 07: Sim, eu acho que é muito importante porque eu acho que esse continente está sendo esquecido de algumas pessoas. As vezes na rua as pessoas perguntam assim, você é de Angola ou você da África? Eu me lembro no sábado passado eu estava lá na Av. Sete para fazer compras e uma pessoa, uma mulher falava assim “Você é do Senegal ou você é da África?”. Eu falei assim para ela “África é um continente como o continente Americano e Ásia também, e dentro desse continente tem muitos países. Então Senegal fica lá, Gana, Nigéria, Benim. Então eu sou do Benim.”.

Heide: E ela reagiu como depois dessa aula de história?

Participante 07: Ela ficou assustada.

Heide: Você no seu país estuda a cultura dos outros países africanos também?

Participante 07: Sim, no meu país estudamos isso. Sobre Gana, Senegal, muitas coisas.

Heide: Tem algo mais que você queira dizer?

Participante 07: Hum. O que eu quero dizer, eu gosto de Salvador, as pessoas são bem legais, agradável, muito obrigada. E graças a elas eu estou falando um pouco do português mesmo se às vezes com dificuldade.

Heide: Muito bem, eu que te agradeço. Obrigada!

TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO – PARTICIPANTE 06

Heide: Bom José, a gente vai fazer a segunda parte da minha entrevista para o mestrado e eu vou te fazer umas perguntas e você responde livremente o que você quiser. Não se preocupe que o seu nome não vai ser apresentado na minha pesquisa, apenas as suas respostas. Eu gostaria que você falasse um pouco sobre você, o que você está fazendo no Brasil, sua experiência e um pouco sobre o seu país.

Participante 06: Primeiro eu gostaria de me apresentar. Eu sou José, sou da Republica democrática do Congo, estou no Brasil para estudar. Precisamente aqui em Salvador para aprender a língua portuguesa, porque para estudar aqui eu tenho que saber a língua portuguesa que é a língua oficial daqui o Brasil. Quando fui no meu país já estava na faculdade, como tenho também alguns amigos e irmãos que está aqui no Brasil, me falou um pouco sobre o Pec-G. Achei isso interessante, e eu fui na embaixada do meu país, pedi as informações para participar, e foi assim que eu fiz para participar. Vou falar também sobre o meu país. O meu país é legal, a sistema política é presidencial, nós temos o presidente. Também tem a democracia, mais ou menos. Mas no meu país o sistema de achar um bom emprego é assim, você tem que estudar muito bem nas universidade que são muito conhecidas no país, as universidade que formam bem os estudantes. Também é melhor estudar fora do país, num país onde o ensino superior é mais avançado e considerado no mundo, aí vai ser muito fácil para você arranjar um emprego melhor. É por isso que eu preferi vim pra cá estudar, continuar com meus estudos. Se deus quiser vou até a pós graduação.

Heide: Legal, massa. Se alguém perguntasse para você de que África você vem, o que você responderia pra essa pessoa?

Participante 06: De que África eu vim? (Risos) Isso eu achei um pouco complicado, mas se a pessoa não precisar melhor eu poderia responder que eu sou da República democrática do Congo aqui na África central.

Heide: E como você diria pra ela impressões e características desse seu país? Positivas, negativas, o que você diria sobre isso?

Participante 06: O meu país não é mais positiva, também não mais negativa mas estamos numa classe média, porque nós estamos lutando também para estar um país emergente no mundo. O que eu responderia pra ele também é um país com influência da natureza também muito grande como aqui. Nós temos também o segundo floresta maior do mundo depois do floresta Amazônia. Temos rio também, praia, tem o mar, tem as coisas legais no meu país.

Heide: Muito bem. E que tipo de pergunta as pessoas fazem sobre a África para você?

Participante 06: Normalmente quando eu encontro os brasileiros ou dos outros países, porque aqui tem muito estrangeiro, a maioria das pessoas pensa que lá na África... primeiro a maioria pensa que a África é um país. Segundo as pessoas pensam que é uma floresta. (risos) E que as pessoas estão sempre na miséria, mas quando eu encontro essas pessoas eu tento de explicar pra elas, porque eles não são bem informados. Eu tento explicar para eles a questão que eles me fazem normalmente.

Heide: E você acha que são perguntas preconceituosas?

Participante 06: Não, porque quando eles me perguntam assim e depois eu diz pra eles a verdade eles me respondem que eles foram mal informados.

Heide: Então, tem uma lei no Brasil que obriga o ensino da história da África e da relação com o Brasil. Você acha então que essa lei é importante para as escolas aqui no Brasil?

Participante 06:: É muito importante. Também no meu país tem. Eu me lembro quando eu fiz o terceiro humanidade (?) eu estudei quase mais de dez países da América latina, América do norte, Europa, quase todos os países dos cinco continentes do mundo. Eu acho que essa lei é muito legal.

Heide: Você já passou por alguma situação de racismo aqui em Salvador no Brasil?

Participante 06: Sim. Um dia nós fomos com os meus amigos numa festa de o dono da casa onde eu moro. Nós estávamos ouvindo as músicas brasileiras e nós pedimos também se é possível pra nós colocarmos as músicas africanas e as pessoas aceitavam. Mas lá dentro teve um menino que se retou “nada da música, que porra da África aqui, aqui é Brasil, nós estamos muitos brasileiros aqui, por que ouvir a música brasileira” e quando um dos meus amigos tentou responder para ele foi uma briga entre eles. E eles teve armas, mas nós estávamos sem nada. Isso foi muito pior esse dia, nós tentamos de escapar disso, foi assim.

Heide: Ok. Você tem mais alguma coisa a dizer sobre sua experiência aqui, sobre ser africano?

Participante 06: Hum, a coisa que eu posso dizer que eu achei nos povos brasileiros são as pessoas, aqui no Salvador porque ainda não andei no Brasil, tenho que falar da experiência que eu tenho aqui no Salvador, achei as pessoas muito legais, elas são receptivas. Quando você tem um problema e tenta de pedir ajuda, se é possível pra eles de ajudar eles ajudam. E também eu posso ajudar a adicionar que os brasileiros podem se informar ainda mais sobre a África.

Heide: E como você acha que os brasileiros enxergam os africanos?

Participante 06: Normalmente quando os brasileiros enxergam os africanos eles olham os africanos com o olho, como se diz? Está se preocupando com ele, os africanos são as pessoas miseráveis (risos). É assim que as pessoas às vezes olham os africanos quando chegam aqui.

Heide: Isso, que é olhar de piedade. E como esse olhar da pessoa de Salvador, sobre você, o africano, faz você pensar sobre a sua identidade africana? Sobre você ser africano?

Participante 06: Eu não me importo com isso, quando se faz... Eu acho normal porque é como as pessoas pensam disso. Eu acho normal porque os outros também são mal informados sobre a África.

Heide: Ok, muito bem. Obrigada José.

TRANSCRIÇÃO DE AUDIO – PARTICIPANTE 02

Heide: Oi. Vamos fazer nossa entrevista agora. É a segunda parte da minha pesquisa de mestrado, a primeira foi o questionário. E é importante ressaltar que o seu nome não será utilizado durante a pesquisa, mas somente as respostas, tá bom? Gostaria que você falasse um pouco sobre você, a sua experiência aqui no Brasil, e um pouco sobre o seu país.

Participante 02: Ok, eu nome é XXX, sou de Gana, tenho 28 anos. Já tenho uma graduação, mas não quero. Então eu quero mudar, então fui pra aqui para fazer outra graduação. E minha experiência aqui é boa, porque quando eu cheguei aqui na primeira vez, eu sabia nada português, na língua portuguesa. Não poderia falar com as pessoas, não poderia fazer nada, mas agora eu posso falar, posso conversar com as pessoas e já tentei comer algumas comidas daqui, já visitei todos lugares aqui, e eu acho que é bom. Eu gosto muito, minha experiência aqui é muito boa.

Heide: Muito bem, se alguém te perguntasse de que África você vem, o que você responderia pra essa pessoa?

Participante 02: Ah! (Risos) Gana! Mas as pessoas, muitas pessoas aqui pensam que África é só um país, mas não é verdade, África é um continente que tem muitos países, acho que tem 58 países dentro. E muitas pessoas, como eu já falei, pensam que a África é um país. Mas quando eles me perguntou eu corrigi isso.

Heide: O que as pessoas costumam perguntar a você sobre a África?

Participante 02: Você tem internet lá? Você tem carro lá? Eu falo sim, tem! Porque todas as coisas que você tem aqui no Brasil a gente tem lá, porque o mundo está mudando. Não é antes, lá não tem muitas coisas. O país que já avançou. Mas agora a gente tem tudo, todas as coisas. Às vezes, como tecnologia de desenvolvimento como sobre os telefones. Sim, a gente tem tudo lá. Então quando eles me perguntam isso eu falei que... Eu falo que a gente tem sim essas coisas lá.

Heide: E você acha que essas perguntas são preconceituosas?

Participante 02: Eu acho que eles não tem conhecimento sobre África. Então eles não acostuma pra saber o que ta acontecendo lá no África. Então eu não se preocupei quando eles me perguntam sobre essas coisas.

Heide: Tem uma lei aqui no Brasil que obriga o ensino da história da África e da cultura africana e afro brasileira. Você acha que desta maneira essa lei é muito importante para a educação?

Participante 02: Sim, é muito, muito importante, porque eles precisam saber o que África é sobre, e o que ta acontecendo lá. Eu acho que quando eles tem conhecimento sobre África eles vai viajar pra lá e também encontrar as pessoas que vivem lá e aprender o... ter conhecimento sobre o que eles fazem lá.

Heide: O que é ser africano pra você?

Participante 02: Ah, africano? Pra mim, eu sou uma pessoa africano. Africano é muito legal, é muito amigável, não tem racismo lá no África. A gente gosta de qualquer pessoa que vai viajar para lá e se você viajar pra lá você vai saber que as pessoas lá é muito amigável. Então africano é muito amigável.

Heide: E como as pessoas vêem, enxergam o africano aqui no Brasil?

Participante 02: Oh, ok. Eu acho que às vezes, aqui no Salvador tem mais pessoas que é preto, então eles pensam que a gente são juntos, sim. Mas quando você vai pra outras cidades como Rio, São Paulo, eles não tem muitas pessoas... muitas negros lá, então eles tem vêem como uma pessoa que não é humano. Eu acho que isso é ruim.

Heide: E você que essa forma que as pessoas enxergam você, mudam alguma coisa na sua identidade africana?

Participante 02: Não, não, não. Eu sou africano, isso não vai mudar nada.

Heide: Independente de como as pessoas pensam isso não vai mudar, você acha? Não faz você pensar na sua importância?

Participante 02: Não, não. Porque no meu país eu sou mais importante. Se você pensa que eu não é importante aqui, quando eu voltar para o meu país sou

importante. Estou aqui para estudar e o que você vai falar não vai ter nada sobre o que eu quero fazer aqui. Então eu acho que sem problema.

Heide: Você já viveu alguma situação de preconceito social em Salvador?

Participante 02: Sim, sim. Simm, foi uma vez que eu fui pra passear e uma mulher me viu e ela chama outra pessoa e falou com ele que eu sou ladrão. E eu fui pra ela e perguntei “por que você vai achar que eu sou ladrão, eu sou estrangeiro aqui, mas é por causa que eu sou preto?” E ela falou que não mas ela pensou que eu sou. Mas se você não sabe eu, você não conhece a pessoa não pense que ela ou ele é outra pessoa. Você precisa encontrar ele e falar com ele. E ela me falou “desculpe” e tudo acabou.

Heide: E que lugar foi esse que ela fez isso com você?

Participante 02: Aqui na Federação.

Heide: E ela chamou quem?

Participante 02: Eu estou andando e ela estava andando do outro lado. E quando eu estou andando perto pra ela, ela foi rápido, pra conversar com outra pessoa. E ela me apontou. Então quando ela me apontou eu fui pra lá e perguntei “o que você falou com ele?”. O outro homem falou que ela pensou que você é ladrão.

Heide: O outro homem era negro também?

Participante 02: Não. E eu falei que não, por que você vai pensar que eu sou ladrão?

Heide: E qual foi a sensação que você teve nesse momento?

Participante 02: Foi mal. Foi ruim. Eu parei pra andar e eu fui pra casa. E quando eu fui pra casa eu falei com meu amigo Abraham que isso aconteceu hoje e eu não gosto. Mas acho que ela é brasileira, então ela fez isso, mas não é nada.

Heide: E como são essas relações raciais no seu país? É igual no Brasil?

Participante 02: Não, no meu país a gente gostar de outras pessoas que viajam lá. A gente não tem racismo lá. Você vai, se você vai pra lá, encontrar pessoas que vai

falar “homem branco”. Então quando você está lá você vai gostar porque ninguém vai fazer alguma coisa que você vai pensar que é racismo.

Heide: Entendi. Então as questões raciais lá não são tão evidentes quanto no Brasil. Tem um ex aluno que disse que conheceu o racismo quando chegou no aeroporto de Salvador. Que até então ele não conhecia o racismo. Como você também foi igual? Você só veio entender o que era racismo no Brasil?

Participante 02: Não.

Heide: Você já passou por outra experiência?

Participante 02: Não, não, só um.

Heide: Sem ser no Brasil, você já teve outras experiências de racismo? Ou a sua primeira experiência de preconceito racial foi no Brasil?

Participante 02: Ah, ok. Sim, quando eu fui pra Rio um fim de semana. E quando a gente estava no ônibus, uma mulher, eu pedi a ela se podia sentar e ela falou que não, que ela não queria sentar comigo. Ta bom, se você não quer não tem problema.

Heide: Uau. Mas essas experiências só aconteceram no Brasil, no seu país nunca aconteceu isso? E você já viajou pra outro lugar que aconteceu?

Participante 02: Eu viajei pra Dinamarca. Mas não ficar com muitas pessoas. Então eu não tive a experiência.

Heide: Ok, tem mais alguma coisa que você queira falar?

Participante 02: Não.

Heide: Não? Tudo bem? Ta bom, muito obrigada.

TRANSCRIÇÃO DE AUDIO – Participante 08

Heide: Oi. Nós vamos fazer agora a segunda parte do meu projeto de pesquisa do mestrado. Eu vou fazer umas perguntas pra você, em relação a sua experiência como aluno estrangeiro africano no Brasil e você pode responder o que quiser. Mas é sempre importante lembrar que não vou utilizar dados pessoais nesse resultado. Então, gostaria que você falasse sobre você, seu país e sobre a sua experiência aqui no Brasil como está sendo.

Participante 08: Oi, meu nome é XXXX. Eu sou de Benim. E eu faço parte de um programa chamado Pec-G, e lá no Benim a realidade não é a mesma do que to vivendo aqui. Porque o Benim é um país pobre, então decidi chegar aqui porque eu tive a oportunidade, primeiro de graça, porque a parceria entre o governo Brasil e de Benim é estudar de graça depois voltar para ajudar o desenvolvimento do país. Então quando cheguei, é certo, eu tive choques culturais. Mas eu me acostumei pra isso, e agora acho que a integração aqui é melhor do que o início, cheguei primeiro.

Heide: Que choques culturais você teve quando chegou?

Participante 08: Ponto de vista, relacionamento, as pessoas. O que me chocou muito é a liberdade de ser gays, lésbicas, tudo isso em totalidade, liberdade.

Heide: E no Benim não tem?

Participante 08: Não, não tem. Não tá proibido, só que as pessoas por causa da cultura conservadora... nós estamos conservadores da cultura. Então isso é mal visto para a população, é por isso não acontece lá.

Heide: De que cidade você é do Benim?

Participante 08: Eu sou do Sul, perto da Nigéria. Eu sou Iorubá (?).

Heide: Show de bola, muito bom. Mas o título do meu projeto é “De que África você vem”. E eu vou fazer essa pergunta pra você. De que África você vem? Além da questão territorial, além de você me dizer que vem do sul, perto da Nigéria. Como a questão sentimental mesmo, subjetiva, de que África você vem?

Participante 08: Eu venho da África que simboliza paz. Porque pra todo mundo, as pessoas aqui acham que a África tem guerra, tem tudo. Só que o meu África, meu

país tem paz. Muito paz. Eu venho da terra do Voodoo. Meu país é o berço do Voodoo lá na África. E eu venho do Benim que é um povo de alegria. De compreensão às pessoas, e por isso não tem guerra, nós não temos medo de tudo. Então que mais?

Heide: Você pratica o Voodoo no seu país?

Participante 08: Eu sou de uma família de Voodoo. E o nome é um nome de Voodoo. Só que eu não cresci com minha pai, do lado do pai então não conheci muito o significado do nome, só sei que é o nome de um voodoo lá e tem período para fazer festa pro Voodoo. Só que como eu cresci na família da minha mãe, ela é católica, então eu cresci com o catolicismo.

Heide: Massa. Interessante. Você costuma ouvir que tipos de perguntas sobre a África? O que as pessoas perguntam sobre a África?

Participante 08: Eu ouvi várias perguntas, até um dia quando voltava do shopping barra uma mulher me falou “por favor, por favor, diga qual é a diferença entre África e Jamaica?” Eu falei “Porra”. Cara, Jamaica... Eu dei a resposta que a África é um continente de 152/157 países, mas que Jamaica é um país da América. Então isso é continente. Você não pode comparar continente e país.

Heide: Por que você acha que ela perguntou isso?

Participante 08: Porque pra ela África, como pra maioria das pessoas, acha que África é um país. Porque já quando eu cheguei primeiro, eu saí, e eu encontrei as pessoas que me falou “você é de onde? você é de África ou de Angola?”. Eles não sabem que Angola faz parte da África. Então falei, expliquei pra ele que Angola faz parte da África. E ele falou “Ah, ta bom, não sabia”. Acho que isso acontece por causa da ignorância das pessoas. A visão que ele teve da África desde criança é a mesma até hoje. Mas ele não sabe que isso já mudou. As pessoas me perguntam “lá tem casa grande?” as pessoas acham que lá na África o meio de transporte é o cavalo. Isso porque eu sai muito pra ir pra festa pra praticar muito o português. Então eu ouvi muitos questões dessa forma.

Heide: Teve alguma que mais te marcou? Que alguém fez uma pergunta e você pensou “meu deus, não acredito que estou ouvindo isso”?

Participante 08: Um dia, não aconteceu comigo, mas aconteceu com uma amiga que me falou. Ela foi a UPA e a mulher que estava do lado dela falou “porra, como você fez pra chegar aqui? você fugiu pra entrar no avião?” tipo, você é um ladrão? Uma fugitiva, ela estava chocada mesmo. Porque a visão que essa pessoa tem sobre a África é a pior possível.

Heide: É como se todo mundo da África fosse fugitivo de alguma guerra.

Participante 08: É. Se você chega aqui é porque você está fugido de alguma coisa. Mas não é. E aí ela me falou quanto custa pra chegar aqui, eu perguntei se ela queria ir pra África e ela falou não sei. E por curiosidade ela perguntou quanto era a passagem pra ir, e eu falei R\$ 6000,00. E ela falou “Oxe”.

Heide: E aí falou “você é rico”?

Participante 08: Não é brincadeira. Então, assim ela pode imaginar que o nosso povo não é só o que ela pensa. E isso vai servir de testemunho para outras pessoas quando ela vai encontrar outras pessoas e vai falar “não, não, a África já mudou, encontrei um menino que falou tal e tal, ele me mostrou foto”. Eu fiz uma apresentação na aula sobre meu país, então eu sempre uso isso.

Heide: Você tem guardado no celular? Que maravilha.

Participante 08: E quando você me fala um pouco do seu país eu pego meu celular e mostro, aí a cultura, tradições, qual o tipo do país... Tudo pra ele sair do ignorância dele.

Heide: É como se a sua experiência no Brasil fosse sempre estar mostrando pro outro...

Participante 08: De onde eu vim de verdade!

Heide: Em relação a isso, como você acha que o brasileiro, de uma forma geral, enxerga o africano? Como ele vê o africano?

Participante 08: Ele vê o africano, eu acho como uma porra.

Heide: Como uma porra? Como assim como uma porra? No sentido negativo?

Participante 08: É, eu já tive uma conversa com um amigo, e ele me falou uma coisa que eu não gostei. Eu falei “não, não é isso, não aconteceu assim, as coisas não acontecem assim” e ele falou “não, é assim. Você não vai chegar aqui, volta pra seu país da merda, pobre pa porra”. Eu fiquei muito chateado, mas não falei nada.

Heide: A forma que as pessoas vêm você aqui no Brasil, você acha que é de uma forma muito ruim. E você acha que essa forma como as pessoas vêm você modifica o que você pensa sobre você?

Participante 08: Não, essa forma de olhar deles, me leva pra mostrar... me dá determinação pra mostrar pra ele que nós não somos o que eles estão passando. Então quando na primeira vez vou ficar chateado, mas eu digo que ele não sabia, e é por isso que ele tá falando assim. E no dia que ele vai saber ele vai parar de falar assim. É assim, então eu acho que isso é missão pra mim dá informações sobre o meu país.

Heide: Sobre o seu país e sobre ser africano, né? Que vai além disso. Agora, aqui no Brasil que obriga o ensino da história da África e a história afro-brasileira nas escolas. Você acha que essa lei é importante?

Participante 08: Eu acho! Pra sair as crianças. Porque todo mundo era criança. As crianças dessa época não recebeu a lembrança disso. É por isso que eu acho muito importante, daqui vinte, trinta anos novos alunos que vão chegar aqui pelo Pec-G não vai encontrar esse fenômeno.

Heide: Verdade. Vão encontrar uma sociedade mais informada.

Participante 08: E vai ficar mais feliz. Porque já tem conhecimento sobre de onde ele vem. Não vai falar, não vai perguntar besteira dessa.

Heide: E você já sofreu alguma situação de racismo? De preconceito racial no Brasil?

Participante 08: Claro! (risos) No rio de Janeiro, eu passei duas semanas lá. Eu tava no ônibus, e tinha uma branca, e tinha um espaço para sentar. Então eu peguei esse lugar. O problema é que esse lugar fosse perto dela. Então ela ficou com medo quando eu sentei. Ficou com medo, olhando assim. Depois de alguns minutos ela

levantou e ficou levantada. Eu pensei que ela tava chegando no lugar onde ela vai, mas não é isso. Ela ficar levantada, esperando alguém sair pra pegar lugar dele. Então falei “porra, o que ela acha? Com certeza ela acha que eu sou um ladrão” eu sou um negro então ela tem medo. A ideia que ela tem de preto, um negro é ruim. Por isso ela se levantou.

Heide: Mas você acha que existe um racismo muito forte no Brasil?

Participante 08: Existe!

Heide: E como são essas questões de raça, essas questões raciais no seu país?

Participante 08: Não tem nenhuma diferença. Você é uma pessoa. Apesar de você ser branca ou negra, você é humana. As pessoas vão receber branco da mesma forma vai receber preto, não tem diferença.

Heide: E você acha que você só conheceu o racismo na hora que você pisou, botou o pé no Brasil? Aí você conheceu o racismo? Você acha que sim?

Participante 08:É. Eu já ouvi falar sobre racismo, mas acontecer comigo só aqui no Brasil.

Heide: Você já tinha saído do Benim pra outros lugares antes?

Participante 08: Sim. Já fui no estados perto do Benim, Togo, Gana e não tem isso, não tem. Já fui pra pra França, e a França também não tem assim. Deveria ter, mas pelo visto não teve.

Heide: Qual o sentimento que você tem quando passa por essa experiência do racismo?

Participante 08:Eu fico muito chateado, muito, muito!

Heide: Eu tenho uma curiosidade de saber qual é o sentimento mesmo assim.

Participante 08: É, não sei como explicar. Mas quando a pessoa faz isso assim com você, o sentimento é ruim, porque você pensa “se fosse ela eu não ia me comportar dessa forma com ela” então porque ela... Isso dá um raiva. A raiva mesmo. Só que aqui, você não pode brigar, levar mão. Então eu guardo tudo.

Heide: Então você passa pela situação em silêncio. Observa mais. E aí sofre aquilo. E algum dos outros meninos já tiveram alguma situação de racismo?

Participante 08: Sim. Durante o carnaval nós fomos pro carnaval, e Timbory tinha um telefone novo de 7 mil reais, um iPhone X. E aí ele foi abordado pela polícia, por que ele tinha um iPhone X. Você é um africano e você tem isso? Você é negro, claro que você roubou. E aí, ele dá uma arma em todo mundo “PARA”. Todo mundo fica com medo, foi a primeira vez que isso acontece com eles. Todo mundo fica com medo

Heide: E aí vocês explicaram como para a polícia?

Participante 08: A gente começou a falar francês pra ele ver que nós não somos daqui.

Heide: Que horrível ter que explicar que você não é ladrão. E que você não é daqui pra você ter que sair da situação. E a polícia fez o que?

Participante 08: A polícia percebeu que nós não somos daqui. “Ta bom, vá, vá, vá.”

Heide: Porque aqui no Brasil tem a cultura que assim, o africano, ele é refugiado. É muito difícil para as pessoas terem o reconhecimento. Quando eu falo para as pessoas que eu dou aula para africanos. E aí normalmente elas me perguntam “da Nigéria, né?” E eu digo que não.

Participante 08: Todo mundo conhece Nigéria porque ela vem pra copa do Mundo. Eles conhecem os países que vem pra copa do mundo.

Heide: Conhecer os outros países não, eles só conhecem Moçambique, Angola e Nigéria.

Participante 08: Pode ser Gana! Benim? Nada, nada. Porém, Benim faz parte do candomblé e candomblé... Ela é de candomblé, mas não conhece Benim. Porra é essa?

Heide: Que porra é essa, né? É a história da religião. E você já foi em algum terreiro de candomblé?

Participante 08: Eu ainda não. Eu tenho uma amiga que é de candomblé, que é do meu país. Em Salvador, ela falou uma coisa de Salvador que acho que tem lugar específico.

Heide: Isso. Seria legal você ter contato com Voodoo, anos depois que mudou pra candomblé, pra pensar na relação. Seria interessantíssimo. Mas você pratica o lorubá? Você fala lorubá?

Participante 08: Não, eu não falo bem, mas consigo entender.

Heide: Que massa, quem eu falei que eu queria que me desse uma aula de lorubá era Jelil. Eu tenho vontade de aprender. Tem um instituto aqui em Salvador que dá aula de lorubá. Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar sobre a sua experiência? Pode abrir o coração.

Participante 08: Tem uma coisa, uma dica que um velho me deu. Ele me falou pra viver sem problema, percebe isso. Um negro correndo na rua ele é ladrão, mas um branco correndo da mesma forma, ele é atleta.

Heide: Quem te disse isso?

Participante 08: Um velho. Eu comprei geladeira com ele. Ele me falou.

Heide: E ele era negro também?

Participante 08: Era. Pra viver bem aqui, pra evitar todos os problemas melhor meditar isso. Pra não se achar no lugar onde você não deveria estar.

Heide: Isso é forte, não?

Participante 08: É isso que ta acontecendo.

Heide: Na verdade é como se tivesse cortando o seu direito de viver naturalmente. Mas vocês sempre precisam estar atentos a tudo.

Participante 08: TUDO. É assim. Eu não saio da casa livre.

Heide: Isso é tão diferente do seu país, né? E aí? Como foi pra se adaptar a isso?

Participante 08: Não tem outra coisa pra fazer, não tem escolha, né? Eu preciso fazer isso pra sobreviver.

Heide: Mas diante desse contexto, você escolheria outro país pra viver? Menos racista? Você acha que se você tivesse opção de novo de escolher um país, você escolheria outro?

Participante 08: Sim, um país mais desenvolvido que o Brasil.

Heide: Menos racista? Que você possa ser mais livre?

Participante 08: É. Mas você sabe, a gente, as pessoas são mais livres no país deles. Então se você for pra outro país, isso vai te incomodar sempre. Só voltar pra seu país pra ficar livre de tudo.

Heide: Isso é verdade. Porque você é estrangeiro, você é diferente daquelas pessoas então você é realmente... Isso que você falou é muito interessante. Você só é livre no seu país... E olhe lá, depende da situação. Obrigada!